This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

1636

Digitized by Google

2122 e. 3/1

Digitized by Google

T2-12-30

MEMORIAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÕES DE MINHAS VIAGENS

POR

JOSEPHINA NEUVILLE

DEDICADAS A MINHAS FILHAS

OFFERECIDAS A***

Charité envers les autres;
Dignité envers soi-même;
Sincérité devant Dieu.

Telle est l'epigraphe du livre que j'entreprends.

GEORGE SAND

VOLUME I.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1864

Digitized by Google

BODLEIAN
26 AUG 1977
P
LIBRARY

Digitized by Google

A autora reserva o direito de traduzir esta obra em francez e em inglez, e protesta perseguir, em virtude da lei de propriedade litteraria, qualquer contrafacção ou reimpressão.

Digitized by Google

FOLHETIM

DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, N.º 5021, DE 21 DE JANEIRO DE 1839

EXPLICAÇÃO SOBRE UMAS MEMORIAS

Ha talvez um anno publicou-se na *Revolução de Setembro* um folhetim com o titulo de *memorias* de uma *senhora*, sobre as quaes deu tambem noticia a *Revista universal* e o *Doze de Agosto*.

Desde que em Lisboa constou que a obra era minha, não cessei de receber cartas anonymas em que procuravam atemorisar-me com ameaças para não realisar essa publicação.

A pessoa ou autores da lembrança adoptaram um meio pouco regular e efficaz para me desvanecer a idéa em que estou, e á qual sacrifiquei algum tempo de trabalho que eu tomei como distracção, e que por isso talvez tive a perseverança de acabar.

Como é de mascara que pertendem dissuadir-me, como são ameaças e prevenções latentes que me fazem, declaro que não me assusta essa guerra invisivel, por que nas minhas memorias não me apresento senão com a verdade, e é um escudo que me tornará invulneravel á propria maledicencia.

Os que se escondem teem medo, e não se atrevem a apparecer porque são covardes de mais para qualquer pleito; os que surgirem de rosto descoberto que venham para que os conheça. É o desafio mais amplo, franco e leal que posso fazer. Até aqui podiam não ter verdadeiro conhecimento do meu genio e do meu caracter para se julgarem vencedores enviando-me recommendações pueris, que nunca excitaram mais do que o meu desprezo.

Digitized by Google

Não me faz recuar o medo, e por isso não hesito em afiançar que escrevi as minhas memorias e que desde o dia 7 de novembro de 1857 as acabei, tendo entregue o original em mãos de pessoa de confiança para o fazer passar ao prelo.

Não foi, como já disse, o anno de 1856 nem o de 1857 que me fez tomar a resolução de expor estas memorias ao julgamento do publico.

Se me afoitei n'esta empresa, se não esmoreci no trabalho de coordenar todas as situações porque passei na vida, e de reunir as particularidades mais curiosas das minhas viagens, é porque me comprometti a uma promessa que fiz na infancia, estando ainda no *Sacré-Coeur de Conflans*, e para explicar verdadeiramente a causa, nada me parece melhor do que transcrever aqui este fragmento do meu livro.

«Uma segunda feira que acabava de substituir um agradavel domingo de saida, todas as pensionistas á hora do recreio se juntaram na rua *grande dos castanheiros*, largo espaço sombreado pela vasta ramagem das arvores frondosas, e docemente embalsamadó do perfume das flores que partia dos viçosos canteiros, onde o verde escuro e o verde claro faziam sobresair o matiz d'aquellas variaveis côres

Era ahi que devia ter logar quasi uma revolta. O que motivava porém esta resolução?

É filha de uma novidade da epoca.

Tinha apparecido, ou fallava-se muito em Paris, das memorias de uma senhora

Cada pensionista tinha ouvido fallar a familia n'esta boa nova, e cada uma d'essas cabecinhas começava a exaltar-se no collegio.

Uma senhora que escreve! dizia uma; uma senhora que tem soffrido! repetia outra; uma senhora que tem coragem de arrancar a mascara aos seus inimigos! exclamava aquella; uma senhora que pela sua franqueza se torna superior! murmurava esta.

Digitized by Google

E depois ainda uma outra pronunciou estas poucas e arrojadas palavras, com um enthusiasmo heroico:

Eu heide escrever ainda um dia as minhas memorias.

Eu tambem.

Eu tambem.

E oitenta vozes repetiram — E eu tambem!

Pois contratemos um pacto, avançou uma das mais velhas batendo as palmas.

Valeu! valeu! repetiram todas elevando cada uma a mão ao ar para saudar a proposição.

Aquella de nós que tiver na sua vida extraordinarios dignos de se mencionar, disse a mais velha deitando um olhar serio ao monte das suas condiscipulas; a que tiver mais paciencia, a que fôr menos ingrata, a que se lembrar mais da scena que se passa aqui hoje, hade escrever-nos as suas memorias.

Está dito, exclamou a turba cheia de contentamento.

Approvaram? disse a que tomara a palavra.

Sim! sim! repetiram todas a uma voz.

As santas não podem escrever, disse Sophia de*** com a sua meiga voz, assomando-lhe aos seus graciosos labios um angelico sorriso, e fitando nas suas collegas um olhar terno, como se fosse o de um cherubim.

Sophia, como nós outras, vestia o uniforme do convento, mas ainda assim, com aquelle vestuario não muito airoso, parecia um d'esses anjos que baixam do ceo entre nuvens.

Seus olhos da côr do ceo quando está claro e sereno, seus cabellos moldurando-lhe em alouradas ondulações um rosto branco, levemente tinto de purpura desmaiada, seu ar tocante e singelo, que fazia estremecer as fibras do coração, formavam d'aquella alma innocente e pura um thesouro de encantos.

As santas não podem, nem devem escrever; repetiu ella sorrindo engraçadamente.

Pois tu julgas-te santa? perguntou-lhe maliciosamente Adéle de N***

Digitized by Google

Oh! não, replicou Sophia; eu não disse isso por mim, foi por Josephina.

Por mim! exclamei eu.

Sim, sim, Sophia tem razão; repetiram algumas d'ellas.

Sophia disse bem, redarguiu Luiza de ***; se me não engano, Josephina hade ter que soffrer muito; olhem, parece que ella quer desafiar o infortunio; atravez da sua alegria, diviso-lhe sempre um raio de melancolia occulta; as almas assim logo nos mostram o que hãode passar no futuro, e a energia com que affrontarão os seus pezares.

Se Josephina sair do *Sacré-Coeur*, ella tem um coração predilecto e dedicado, perseverança, e muita generosidade de sentimento; almas assim são sempre victimas no mundo.

Josephina fica pois emprazada; ficamos sabendo desde já, que será ella a primeira a escrever-nos as suas memorias, e a não se esquecer do voto que mutuamente fazemos aqui.

Pois bem, disse eu; acceito essa especie de convite e preferencia que me fazem, mas ponho só uma condição.

Qual? qual? bradaram todas.

E' que, se com effeito tiver que contar, quando essas memorias apparecerem, todas aquellas que se acham agora á sombra d'estas arvores, sitio da nossa convenção, e forem vivas, rezarão pela alma da autora do livro tres *Padre Nossos*, e tres *Ave-Marias*.

Vale! vale! gritaram todas, mettendo-me no centro de uma roda, e apertando-me em seus braços. Nada recusaremos á santinha, como diz Sophia; mas vamos ver agora se ella nos alcança até ao fim d'esta rua.

E eil-as ahi todas correndo como um rancho de sylphides, e eu seguindo-as sósinha em distancia, fazendo o possivel para as apanhar antes de chegarem á extremidade da immensa rua .....»

Digitized by Google

Luiza, já repousas no ceo, anjo de meiguice e de candura! Por tanto não exijo de ti a satisfação do nosso pacto; mas peço-te que ajoelhada aos pés do throno do Omnipotente, lhe rogues incessantemente piedade e misericordia para mim!

Em quanto a ti, minha interessante Sophia, se ainda vives, sê fiel á promessa a que te ligaste voluntariamente debaixo da sombra d'aquellas arvores, onde nos dias da nossa infancia tantas vezes corriamos abraçadas, tu, enleando-me o braço á cintura, eu pegando-te ligeiramente na outra mão que apertava entre as minhas.

Tu Adéle, tuas irmãs, e as nossas companheiras, já se terão esquecido de mim? Formosas, ricas, nobres, como vos terá restado, no meio da felicidade e das illusões do mundo, uma lembrança, uma unica recordação de mim? Sim, é impossivel essa reminiscencia; ha muito que estou esquecida nas vossas memorias, mas o meu coração guarda perfeitas as vossas imagens, e é quanto me basta.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Já se vê pois que a resolução de escrever as minhas Memorias é de epoca anterior, o que prova que nunca me esqueço, tarde ou cedo, de cumprir a minha palavra quando a empenho.

Desde aquelle dia comecei a reunir os meus apontamentos, e chegou com effeito o dia de eu começar a obra.

Em 1855 estando em Bellas aconselharam-me que escrevesse as minhas Memorias.

«E' essa a minha intenção, respondi, e a prova são os apontamentos que tenho feito.»

No fim d'esse mesmo anno comecei a escrever, e no meio de desgostos e de transtornos conclui como já disse a 7 de novembro de 1857.

Digitized by Google

Essas Memorias não são para accusar ninguem, são uma collecção de factos e nada mais.

Não creio que as ameaças e os anonymos *conselheiros* sejam dos meus parentes; esses, se quizerem confessar, conhecem-me e sabem que toda a minha vida tenho perdoado a todos.

Para socegar esses espiritos inquietos, agitados, anciosos que esperam na espectativa tão ameaçadores pelo susto que tiveram de lhe tocar alguma verrina descabellada, soceguem, acalmem, e leiam pacificos esta epigraphe da historia de George Sand:

«Charité envers les autres;
«Dignité envers soi-même;
«Sincerité devant Dieu.
«Telle est l'épigraphe du livre que j'entreprends.»

. . . . . .

Estas mesmas palavras foram justamente as que escolhi para o frontispicio do meu livro.

Soceguem, tranquillisem-se pois; é verdade que n'essas Memorias não fallo só de mim; seria ridiculo e excepcional, se não mesmo impossivel.

Se juntei ao livro algumas breves analyses geographicas e historicas, não se sobresaltem as litteratas do paiz que não irei disputar glorias que não ambiciono, por que não foi para conquistar gloria que escrevi.

Descancem, não sou poetisa, nunca pude fazer em toda a minha vida senão uma unica quadra sem rima.

Por tanto não sigo o caminho para que me alistem na fileira.

Transcrevendo aqui a introducção d essas Memorias, espero que descançarei essas almas que tanto se affligem sem causa, e tanto se incommodam para me affligirem com anonymos que só me divertem.

Digitized by Google

INTRODUCÇÃO

Quando emprehendi escrever estas minhas Memorias, asseguro que não foi com o intento de me justificar, porque só os culpados procuram esse meio para escudarem as faltas dos seus erros e loucuras.

Estas paginas que o leitor vae abrir foram escriptas no meio de desgostos, inspiradas pelo soffrimento.

Pareceu me que n'este ligeiro trabalho acharia uma distracção que pozesse termo aos meus pezares. Effectivamente assim foi. O coração não mente!

Outra idéa se juntava tambem ao meu desejo de realisar este esboço de livro da vida; é que minhas filhas por elle aprendessem de sua mãe a coragem que é preciso para lutar com as adversidades do mundo, com as afflicções que d'ellas nos surgem, e finalmente com a esperança viva, e confiança animada, que as boas christãs devem depositar em Deus. Eis o que me fez ter perseverança de escrever estas recordações, difficil tarefa para uma creatura do meu sexo, que infallivelmente tem de sujeitar-se aos golpes que as inimizades lhe hãode descarregar com ira implacavel.

Já se vê, pois, que não é a idéa de ser *un bas bleu*, que me excitou a ser tão corajosa.

Afianço tambem que não entrou n'esta empresa arrojada o intuito de me crear um nome na litteratura. O estylo da obra prova esta verdade. Da primeira a ultima pagina a narração exhibe se d'um modo singelo, e o dialogo passa quasi sempre á maneira d'uma conversação entre duas amigas.

Esta innocencia escudar-me-ha do ferimento do es-

Digitized by Google

calpello dá critica. Não houve aqui ambição de gloria, pertenções a foros que me considero longe de possuir. Até conheço os meus erros, e como dizia Almeida Garrett: O sentimento paterno não impede de conhecer o defeito ás creanças — confesso-os sinceramente.

A linguagem tem desprimores talvez; mas d'aquelles que nascem da falta do conhecimento pratico da lingua, porque não foi n'este paiz que nasci, nem tampouco onde a minha educação se formou.

Logo a falta de principi s da cultura d'este idioma, pouco facil, faz-me crer que não hãode ser as bellezas litterarias, mas sim a franqueza e a veracidade das circunstancias que darão desculpa a este livro, não lhe negando comtudo o pequeno valor que por este lado pode merecer.

Dizem que em Portugal as senhoras não escrevem, exceptuande alguns versos e historietas, e que são raras aquellas que se occupam de ler.

Se não apparecem mais obras das bellas lusitanas, é que a fragilidade do seu sexo aqui é maior, fazendo que prefiram antes bolos e enfeites a buscarem na leitura o meio de se fazerem apreciar n'uma reunião pelos dons do espirito e da intelligencia.

Estas vantagens são de certo mais valiosas do que as banalidades de Cintra e do Chiado.

Escrevendo estas Memorias e apresentando-as a publico, sei de consciencia ao que me vou sujeitar.

A critica de sala vae aguçar os dentes, vae ter que devorar! A sua mordacidade não hade envenenar; tenho tambem essa convicção.

É arrojo n'este paiz, bem conheço, querer dar o segundo passo no caminho, que, no tempo do marquez de Pombal, encetou essa nobre marqueza de Alorna.

Mas eu estou em duvida se o atrazo então era maior do que o da nossa epoca.

Comtudo, as memorias d'essa grande fidalga di-

Digitized by Google

ziam respeito a uma vida toda politica, e onde entravam em jogo as principaes figuras do reino.

Não é, repito, para d'algum modo querer egualar essa dama da côrte de D. José I, que tive a resolução de imitar o seu exemplo.

Depois dos meus apontamentos reunidos em ordem de ter já escripto sobre elles, tive de esquecer penna e papel para oito mezes passar a chorar no meio da maiores mortificações, e de uma longa e impertinente doença, suggerida por dois annos de martyrio de desgostos e de transtornos.

Por isso advirto—se o leitor pega n'este livro para encontrar perolas de litteratura, feche-o depressa, porque eu não tenho esses talentos, e julgo me feliz por ter conseguido traçar simplesmente a vida intima, e poder por fim dizer: *nunca se deve julgar pelas apparencias!*

Foi uma vida tão intima, que, apezar de tudo, ninguem a conheceu, nem a pôde comprehender.

Sendo o primeiro livro que escrevo, espero merecer do publico aquella complacencia necessaria para quem se afoita tão sobranceira aos escolhos da sua propria temeridade.

Estas introducções não são do gosto d'esta epoca, que antes de absolver condemna quem faz comprimentos ao publico que lê. Não foi a minha intenção ir fóra das regras do tempo; mas quiz unicamente aclarar aos genios escrupulosos, e á critica imperdoavel, que o meu intento não foi entrar no dominio da litteratura, podendo cair em grave risco de censura, se antes da obra não apparecesse esta explicação sincera.

A AUTORA

Digitized by Google

CAPITULO I

Meu pae — Minha mãe — A escrava — O meu nascimento — Meus manos e irmãs — Morte de minha mãe — Madrasta sem authorisação da egreja — Principia a apparecer minha tia — Tenho a sorte — Primeira viagem — Recordação de uma queda — Minha boneca afoga-se — Chegada a Lisboa — Meu tio o Sr. Levaillant — Primeira entrevista com minha tia Clementina Levaillant — Substituição da minha boneca afogada — Decisão e resposta de Salomão — Immortal Malbrouck — Principio a ir ao theatro — Recordação do explendor dos brilhantes de minha tia.

Meu pae, C. G. Neuville, casou-se com uma filha da familia Lasseuce, natural da Belgica; como tivesse, por motivos que eu nunca soube, perdido toda a sua fortuna, resolveu-se em 1832 a ir estabelecer-se no Rio de Janeiro, para poder adquirir o que a sorte lhe havia roubado.

Quando emprehenderam a viagem, já minha mãe tinha tido dois filhos, minha mana Clementina, que era a mais velha, e meu irmão Carlos.

Quatorze mezes depois de estarem no Rio, foi o meu nascimento. D'essa epoca, principiaram as indifferenças da parte de meu pae, para com minha mãe, que achando-se então de saude muito fraca, resolveu tomar para sua casa uma ama para me criar, e como deitasse vistas sobre uma de suas escravas, que havia dias tinha tido uma mulatinha; grande foi a sua admiração, de ouvir meu pae dizer positivamente que não queria que a preta me criasse.

D'esse dia fatal, minha mãe não depositou tanta confiança em meu pae, e não tardou muito que ella não soubesse algumas verdades, que a mortificaram, mas que pela bondade do seu coração, ella soffreu até seu ultimo suspiro com a resignação de uma santa.

A escrava de dia para dia ia sendo mais arrogante,

Digitized by Google

e minha pobre mãe ia, pelas suas virtudes, tornando-se mais meritoria aos olhos de Deus.

Eu, que era o fructo ainda do seu amor, amor que ella até ali julgava puro e constante, e que acreditava ideal, era eu a sua maior consolação!

Tres annos depois teve minha mãe um filho (Eli) e d'ahi a mais dois annos, teve uma menina (Elisabeth).

Os desgostos que depois de alguns annos minha mãe tinha tido, não a deixaram resistir aos soffrimentos de seu parto doloroso; subiu ao ceo, aonde de certo recebeu a recompensa de suas virtudes, de seus martyrios, seu amor e resignação!

Foi então que meu pae conheceu, mas já tarde, a victima que tinha feito por seus erros, e para poder compensar o mal de que elle só tinha sido o unico autor, resolveu fazer a nossa felicidade, cumprindo com as ultimas vontades de minha sempre chorada mãe, tomando para casa uma senhora franceza, a quem encarregou de cuidar em seus filhos; por que estando de continuo no seu estabelecimento, era infallivelmente necessario uma senhora de capacidade para nos servir de mãe, já que Deus nos quiz roubar aquella que tanto adoravamos.

Pouco tempo depois da entrada d'essa senhora em nossa casa, era considerada como dona de tudo, ella é que mandava, que punha e dispunha, e meu pae era escravo de qualquer desejo que ella manifestasse.

Foi tudo bem durante alguns annos, nos quaes meu pae adquiriu uma grande fortuna, que o punha no caso de voltar a França, se essa tivesse sido a sua vontade; mas como estava acostumado ao Rio, não pôde decidir-se a deixar uma terra de que elle gostava tanto, já por seus usos e costumes, como pelos muitos conhecimentos e relações que tinha.

Alguns mezes depois da morte de minha mãe, recebeu meu pae uma carta de minha tia, M.me Levaillant, na qual lhe mandava dizer os sentimentos que ella tinha pela noticia da morte de sua irmã, e visto ella não

Digitized by Google

ter filhos, se me queria mandar para o seu poder, que me adoptava por sua filha, e que me daria um dia toda a sua fortuna.

Meu pae, como bom pae, e amante de seus filhos, considerando que tinha cinco, e que uma fortuna repartida por tantos não era sufficiente, determinou mandar-me para Lisboa, pois não queria cortar a felicidade que elle acreditava que eu ia ter.

Esperou algumas semanas, para me confiar aos cuidados da esposa de um capitão que vinha viajar á Europa, a qual me recebeu em seus braços, ainda com as lagrimas da minha familia.

Completei os cinco annos no mar, em dia de immensa tempestade, e em que o navio esteve quasi perdido, mas eu em tão curta edade, que poderia comprehender n'um perigo d'aquelles?....

Não sabia para aonde me levavam, e eu como uma creancinha que era, estava satisfeita por que me via livre do mau tracto que me dava meu mano Carlos.

Recordo-me de um caso que aconteceu um anno antes da morte de minha mãe.

Estavamos, toda a familia n'uma casa de campo, que meu pae n'esse tempo possuia, a pouca distancia da cidade, minha mãe divertia-se a ver-nos correr pela quinta, e a quem primeiro chegasse a um portão de ferro que havia no fim de uma rua toda cercada de arvores, dava ella em premio uns bolos de que nós gostavamos muito. Um dia que eu já tinha ganho umas poucas de vezes, meu mano Carlos, como possuido de inveja, deu-me um forte empurrão, que me deitou redondamente no chão; d'esta queda resultou ficar-me sempre um pequeno signal na testa. D'este dia por diante, minha boa mãe não consentiu mais que usassemos aquelle innocente divertimento, senão um por cada vez; d'ahi ávante, resultou meu mano conservar-me uma grande inimizade. Quando me viu embarcar ficou muito satisfeito, e eu estava tambem muito contente, porque me haviam dado umas poucas de bonecas, e uma de que eu gosta-

Digitized by Google

va muito, a tomei por minha favorita; e como estivesse acostumada a ver minha mãe tomar banhos do mar, fiz tambem tomal-os á minha escolhida, atando a por uma corda, e fazendo-a mergulhar.

Assim passei os dias da minha primeira viagem: feliz edade em que não sonhava o que ía passar, nem imaginava tampouco os tormentos que vinha ter á Europa! Edade em que embaladas pelos doces pensamentos da meninice, se occultam as illusões do mundo! D'este mundo apparente e falso! Oh! que se eu tivesse sonhado um só instante, e visse entre sombras o caminho espinhoso que me destinava a sorte, eu teria então amaldiçoado a vida!... E quem ha que a deseje, sendo votada a um continuo soffrimento?!! Oh! minha infancia, minha infancia! que me fizeste chorar tres dias, quando a minha querida boneca, desprendendo-se da corda, foi boiando sobre as crespas ondas. Os meus cinco annos! os meus cinco annos, que cercados de flores, me faziam sentir loucos pezares! aonde estão minhas flores? acaso foram ellas as illusões da minha existencia?! Minhas rosas aonde estão? Só me deixaram espinhos!!!

Depois d'uma longa viagem, estavamos quasi sem mantimentos; chegámos a Lisboa; meu tio o senhor Levaillant, veiu a bordo para me buscar, gostou logo tanto de mim, que me levou desde o desembarque até á rua de S. Francisco (Chiado) nos seus braços; eu estava um tanto adoentada, e elle não consentiu que ninguem, senão elle, tivesse incommodo, que para elle era um gosto.

Quando chegámos a casa, ao ver-me, minha tia pozse a chorar, e a chamar me sua filha; eu não lhe prestava muita attenção por que meu tio me tinha dito pelo caminho quando lhe contei o desastre da minha boneca, que logo que chegassemos a casa, elle me daria uma mais bonita do que aquella que tinha tido a infelicidade de se afogar no mar. Com a curiosidade de creança queria ver se realmente era verdade o que me promet-

Digitized by Google

tera. Quando entrámos no armazem de modas de minha tia, logo reparei que havia muitas bonecas e brinquedos nas prateleiras de cima dos armarios, por isso quando minha tia me abraçava a chorar, eu puxava pela mão de meu tio, para elle cumprir a sua promessa: elle abraçava-me dizendo que gostava muito que eu tivesse boa memoria, chego-me perto dos armarios, afim de eu escolher a que mais me agradasse; minha tia foi a propria que procurava ver a que eu desejava, mas de tudo que ella me mostrava eu nada escolhia, porque queria que fosse a vontade de meu tio que decidisse, como assim aconteceu.

Fiquei muito contente, principiando logo a saltar: quando chegou a hora do jantar, houve uma discussão entre minha tia e eu; perguntando-me que logar eu queria, não lhe quiz responder porque temia que ficasse mal comigo, preferindo estar ao pé de meu tio; resumia a minha resposta, em dizer que queria ficar entre elle e ella, e como minha tia dissesse que isso era impossivel, dei a solução, dizendo que fizessem um buraco no meio da mesa, para assim ficar junta de ambos; meu tio, conhecendo o meu desejo, decidiu que eu ficasse ao pé d'elle, dizendo-me que cada vez gostava mais de mim, e deu mostras, até ao ultimo dia que esteve em casa, d'uma verdadeira amizade. Todos os dias, quando acabavamos de jantar, elle me levava da mesa ao collo, por toda a casa, osculando-me e cantando: *Malbruk* etc. etc. etc.

Depois de me testemunhar tantas caricias e afagos, já não podia estar longe d'elle nem um instante. Estava sempre ao seu lado, no seu escriptorio, e quando eu já sabia contar, ajudava-lhe muitas vezes a contar o dinheiro que tinha em saccos, pelo chão; e quando estava aborrecida, punha-me a saltar por cima d'elles, por isso desde a minha tenra infancia fui costumada a ver muito dinheiro, e eis o motivo por que elle nunca me espanta. No seu escriptorio é que meu tio me fazia applicar a fazer riscos. Minha tia, pela amizade que pa-

Digitized by Google

recia dedicar a seu esposo, gostava tambem cada vez mais de mim, e como eu quasi todas as tardes saisse com Mr. Levaillant, tinha ella o maior prazer de me vestir e enfeitar elegantemente, e como soubesse que meu tio gostava de me ver assim, era rara a semana em que me não mandasse fazer um ou dois vestidos novos.

N'este tempo trabalhava o theatro francez, e como meu tio fosse assignante d'um camarote, muitas vezes me levava.

Gostava immenso de ver adornar-se minha tia, com um rico adresse de brilhantes que tinha; uma vez perguntei-lhe porque me não punha aquelle enfeite, ella me respondeu sorrindo-se: que eu era ainda muito pequena, mas que tão depressa fosse crescida ella m'o daria.

CAPITULO II

S. Magestade a senhora D. Maria II — Tenho a grande honra que ella me chame sua patricia, e de me dar muitos beijos — Sem ceremonia deixo cair o licor sobre o vestido de S. Magestade — Famosa quinta de Camarate — N'um tanque meu primo e eu, tornamo-nos lavadeiras — Os saloios fazem respeitar o Santissimo Sacramento. — Vejo Cintra, Mafra etc. etc. etc. — M. elle Isaure — Georgetta tem um conde por padrinho — Desapparecimento de meu tio — Apparecimento do Sr. Alfredo Martin — Maria, Joanna, e S. Magestade Imperial Duqueza de Bragança — Sou rainha — Admiro Lucrecia Borgia, Roberto do Diabo etc. etc. etc. — Diademas que não podem ter dramaticos resultados — A rainha chora, mas dá beija-mão — A rainha, cantoras, e dançarinas, tudo chora — Principal Potencia — A rainha é qualificada Diabo — O Sr. Martin toma a rainha nos seus braços — Terrivel *cabeça de burro* — Principio a ter resolução — — Fujo á cabeça de burro — As Francezas espantam-se — Resultados de ser rainha — Segunda viagem.

Poucos mezes depois de eu chegar do Rio, minha tia, que n'esse tempo ía muito ao Paço, como modista que era de S. Magestade a Sr.ª D. Maria II, que gos-

Digitized by Google

tava então mais de se entender com èlla, levou-me um dia, e quando S. Magestade me viu, deu-me muitos beijos, e disse para minha tia: «Esta é quasi minha patricia» perguntando-me se tinha saudades do Rio; como eu já ía com a lição dada, respondi que não, e que eu queria que S. Magestade gostasse de mim; S. Magestade, pela bondade de seu coração, ficou satisfeita com a minha resposta, sentando-me no seu collo, e dando-me muitos doces, entre os quaes havia pastilhas cheias de licor, e que eu ignorando, esmigalhei uma, entornando o liquido sobre o seu vestido. Como ficasse envergonhada, S. Magestade riu-se muito dizendo: «melhor para sua tia, que tem que me fazer outro.»

Quando esta infeliz senhora morreu, chorei muito, e pedi durante algumas missas que mandava dizer, que Deus recompensasse as suas virtudes, e a sua bondade para com os seus subditos; e estou certa que o Eterno tem ouvido todos aquelles que tem pedido por a virtuosa rainha.

Minha tia foi passar um verão a Camarate, e como a casa que tinha arrendado tivesse uma bella quinta, foi para mim uma memoravel epoca, porque estava cá um dos meus primos, chamado Eduardo, que corria comigo pela quinta, e que me ajudava a apanhar fructas nas arvores, e a lavar o fato da minha boneca, n'um grande tanque que havia perto do portão.

Uma vez que viemos a Lisboa, n'um lindo caleche que tinha então minha tia, acompanhados por meu primo Eduardo, que vinha a cavallo ao nosso lado, ao chegarmos a S. Sebastião da Pedreira, encontrámos o Santissimo Sacramento, que saía da egreja, e como meu primo se não apeasse para ajoelhar e tirar o chapeo, uns saloios que ali estavam, quizeram obrigal-o a isso, ao que meu primo respondeu que não queria, por que em França não era costume; os saloios só replicaram, levantando seus cajados para castigar, como diziam, aquelle *cão francez*, e meu primo não deveu talvez a vida, senão á agilidade com que fez galopar seu cavallo.

Digitized by Google

Depois d'este caso, era elle sempre o primeiro a pôr-se de joelhos quando encontrava o Santissimo.

Minha tia levava-me a toda a parte com ella, fosse a Cintra, ou a Mafra, ou a outro qualquer divertimento. Assim passei dias felizes, sem lagrimas, e sem penas! querida de todos da casa, que para estarem sempre bem com meus tio, bastava fazerem-me festas e caricias, e estarem no meu agrado; eu era (L'enfant gaté) sobretudo de M.elle Isaure, que gostava muito de mim. Ella namorava um ourives, e como não podesse estar na janella, pedia-me que a chamasse na occasião d'elle passar; fazia tudo quanto ella me pedia porque eu tinha seis annos, e ella me tinha dado um bonito par de brincos, para uma boneca muito grande que eu havia recebido em presente de um dos filhos do conde *** e que m'a dava com a condição de eu lhe pôr o nome de «Georgetta».

Alguns dias depois de a possuir, minha tia lhe mandou fazer um lindissimo enxoval, e no domingo seguinte lhe fizemos um baptisado, pondo-lhe o nome exigido.

Meu tio, n'uma viagem que fez a França, não quiz voltar a Portugal, e o Sr. Alfredo Martin tomou a direcção da casa.

Se eu sentia a ausencia do meu querido tio?!... O Sr. Martin empregava tudo para m'a fazer esquecer; não havia bondade que elle não tivesse para mim; não havia caprichos meus que elle não satisfizesse promptamente, de maneira que elle era tão meu amigo, que em breve me fez dedicar-lhe a amizade, que outr'ora consagrava a meu tio.

Como o Sr. Martin soubesse que eu gostava de ter vestidos bonitos, estava continuamente a mandar-m'os fazer. Passeava muito comigo; levava-me a tomar muitas vezes neve; contava-me muitas historias; e não saía vez alguma, que me não trouxesse alguma lembrança, como tambem ralhava quando eu não estudava as lições com attenção.

Digitized by Google

Maria e Joanna eram para mim uma grande distracção. A minha Georgetta achava-se um tanto abandonada, por motivos que me não competem dizer, pois iam tocar em segredos alheios, e eu só quero escrever lances da minha vida, e não descobrir casos, ainda que interessantes, mas indifferentes ao ponto principal d'estas memorias.

Maria e Joanna eram filhas de um espingardeiro allemão, que se tinha suicidado por diversos transtornos de seus negocios. Minha tia tomara por dó as duas raparigas mais velhas; a terceira filha d'este homem, obteve minha tia, por S. M. a imperatriz duqueza Amelia de Bragança, senhora de tantas virtudes como de caridade e religião, que fosse mettida n'um collegio, e que os dois filhos entrassem para a casa pia.

Maria e Joanna eram pois, para mim, duas companheiras em casa de minha tia, nas horas em que eu voltava do collegio inglez, na rua da Horta-Secca, onde eu andava, até decidirem de me fazer conduzir para o *Sacré Cœur*.

Esta decisão proveiu do seguinte:

Como minha tia me levava algumas vezes ao theatro comsigo, nos dias seguintes acompanhada de Joanna e Maria, entrava para a casa do jantar, fazia puxar a mesa contra uma parede, e collocando sobre ella um banco, cobriamos tudo isto com quantos chales apanhavamos, destinando os que sobejavam para cobrir o chão em ar de tapetes.

Principiavamos a vestir-nos com os fatos que as francezas nos emprestavam.

A mim, como sobrinha da casa, davam-me um vestido de seda, que, levantado e prezo adiante no coz do corpo, atraz imitava perfeitamente uma cauda de vestido de rainha, papel esse que eu sempre queria para mim. Os *diademas* que faziamos èram os mais engenhosos e caricatos que se podem imaginar.

Quando tudo estava em ordem, as *francezas* queriam enfeitar a rainha. Uma punha-lhe uns brincos e uns

Digitized by Google

broches; outra enfiava-lhe umas pulseiras; aquella deitava-lhe um collar ao pescoço, e ás vezes era tal o carrego dos adereços, que a rainha, sem paciencia para os supportar, desesperava se do peso da sua grandeza e dizia que não queria mais brincar, e sentando-se lacrimosa, exclamava que as joias a tinham feito gemer. Para a rainha subir ao throno e dar o beija-mão, tiravam-lhe uma grande parte dos enfeites; por isso quando se davam as tres palmadas, que, por meio d'um cordão, era o signal de se fazer correr as cortinas que de um lado ao outro dividia a casa, era com muita ligeireza e alegria que a rainha estendia a dextra, erguendo a cabeça com toda a magestade soberana, parodiando tudo quanto vira fazer em S Carlos.

Então principiava a Dama e o Conde (Maria era sempre rei, conde, marquez, senador ou carrasco) e em grande confusão de notas encatarroadas, o lindo par expunha os seus comprimentos á rainha. Depois estava enfastiada da immobilidade do throno, vinha sem orgulho juntar-se aos seus vassallos. Principiava então a segunda scena; era um mixto da Lucrecia Borgia, implorando Gennaro de tomar o contra veneno; com o Roberto do Diabo, etc. etc. etc. e acabava o drama por um *baillet* em que a maior parte das vezes, no meio de uma engenhosa piroeta, caía a figura de nariz no sobrado, tomando parte na peripecia os soluços e os gemidos motivados pela dôr da queda, que faziam, ora a parte dos *sustenidos,* ora a parte dos *bémoles*. A confusão era geral, o pranto subia gradualmente a escala do alarido, e no meio de um berreiro insupportavel vinha quasi sempre o panno abaixo.

Então minha tia, que estava com o Sr. Martin e as francezas, a admirar-nos atraz de uma porta de vidraça, entrava no palco, e no meio d'um *foguete*, fazia entrar a rainha e a sua côrte em ordem, como potencia principal dos estados geraes.

Um dia havia flores na sala do throno; essas flores estavam em ricos vasos que minha tia estimava muito e

Digitized by Google

que a rainha com o seu manto fazia rolar pelo chão. Minha tia ouviu o tinir, empurrou rapidamente a porta; Joanna e Maria, atemorisadas, se esconderam debaixo do throno da sua rainha, que deixaram ficar isolada no meio da sala com a corôa na cabeça e a fronte erguida, como convem sempre a uma soberana.

— Onde se esconderam ellas? gritou minha tia; quero castigar essas *mazettes* por me quebrarem uns vasos que eu tanto estimava.

—Para onde fugiram? tornou minha tia, em mais alta voz e batendo com o pé no chão.

O mesmo silencio existiu da parte da rainha.

— Então respondes-me tu, ou não me respondes?

— A uma rainha não se dá um *tu*, respondi eu, nem se lhe pedem explicações, por que ella não as dá, muito mais quando d'ellas resulta damno aos seus vassallos.

— Basta de tolices, Josephina, onde foram ellas?

— A rainha é que partiu os vasos, exclamei eu, mas ainda que tivessem sido ellas, não diria onde se esconderam.

—Ellas é que teem a culpa de tu seres um diabo.

—Oh! minha tia, chama diabo a uma rainha! bradei eu começando a chorar.

—*Petite bête*, clamou ella de novo; diga, diga onde estão?

—Espere, minha tia, respondi eu, tirando a corôa da cabeça e as joias de cima de mim, e deitando-me a seus pés; agora como já não sou rainha, posso pedir-lhe perdão de ter quebrado o vaso, e peço tambem de não ralhar com Joanna e Maria.

N'isto o Sr. Martin abriu a porta, e tomando nos seus braços a rainha desthronada, disse com voz commovida:

— Esta creança é um anjo!

— Um diabo, gritou minha tia, uma hypocrita!

Vieram chamal-a, e ella saiu do quarto, em quanto que Joanna e Maria deixavam o seu esconderijo.

Digitized by Google

No dia seguinte, minha tia já se não lembrava do espectaculo que tinha acabado em tragedia.

Passados alguns dias, cai no desagrado de minha tia; já me não lembro se foi em consequencia de nova maldade, ou por alguma outra jarra quebrada.

—Não, eu não ralho com ella, disse minha tia ao almoço, mas mando dizer á mestra que a castigue e que lhe ponha a *cabeça de burro*.

A ameaça da tal *cabeça de burro* era para mim horrorosa, pois tinha feito uma aposta com as minhas companheiras de nunca a levar por castigo.

Ouvi a ameaça, não respondi nada, almocei.

Depois quando minha tia me atou o chapeo para sair, disse-lhe estas palavras:

— Não mande dizer nada, não? Porque eu não quero levar a *cabeça de burro* que é tão feia!

— Mando dizer, mando, respondeu ella dando-me um beijo na testa.

—Não, repliquei eu, e saí.

No caminho ía o criado dizendo-me:

— Hí! a menina que vae levar a cabeça de burro.

— Não; respondi.

Quando cheguei á escada da mestra, logo no primeiro lance disse para o criado:

— Dê-me o cesto, e vá-se embora, porque eu posso entrar sósinha.

O criado, estimando bem que o dispensasse de subir áquelle quarto andar, deu-me o cesto e retirou-se.

Quando eu já lhe não sentia os passos, e que julguei que elle teria tempo de ter saido da rua, desci pé ante pé a escada, e chegando á porta perguntei a mim mesmo: onde irei?

Vou por ahi fóra, pensava eu; mas no collegio é que não entro, porque aquella *cabeça de burro* faz-me medo.

Fui andando pelas ruas, mas fosse o destino ou o costume, vim ter á rua de S. Francisco, cheguei á en-

Digitized by Google

trada da casa de minha tia. Oh! subir é que eu não subo, exclamei comigo; ella bater-me-hía

Então cuidei ouvir a sua voz, julguei até vêl-a ante mim com o braço alçado e o olhar ameaçador e furibundo.

Tive medo, e entrei na primeira porta aberta que vi, passei pelo centro de alguns cavallos, e só muito depois é que me achei ao collo d'uma pobre mulher que costumava alugar os burrinhos para as Francezas irem ao domingo passear.

A mulher chorava e fazia-me engulir algumas colherinhas d'agua com assucar.

—Então que é isso, que é isso? disse o Sr. Martin que acabava de apparecer, visto a pobre mulher o ter mandado chamar á pressa.

— Oh! Sr. Martin, exclamei eu, não levo a *cabeça de burro*, não?

— Não, filhinha, não; mas como estás tu aqui?!

Contei-lhe o meu terror e a minha fuga.

Abraçou-me muito, e quando elle viu que eu confiava bastante na sua protecção, para evitar a ameaça da *famosa cabeça*, levou-me pela mão, foi-me comprar bolos, e conduziu-me á mestra.

De volta para casa ás quatro horas, na occasião do jantar, contou minha tia esta historia e todos olharam para mim.

— E sua sobrinha não tem ainda oito annos! disse uma voz.

—E' espantosa essa energia, e essa força de resolução n'uma creança tão novinha, murmurou outra voz.

— Se ella crescer com esse caracter, ha de ser uma mulher admiravel, proseguiu uma terceira falla.

—E' mais é um diabo, é o que ella é!! respondeu a tudo minha tia.

Uma das vozes, temendo logo cair no desagrado de sua soberana, exclamou:

— Oh! é preciso muito cuidado com as creanças d'este genio.

Digitized by Google

—O que me parece é que vou seguir o conselho que me dá o Sr. Martin, de a levar para Paris.

E' verdade que era esse o conselho que lhe dava o excellente Sr. Martin, dizendo-lhe sempre que essa separação era necessaria, pois que só em Paris eu podia adquirir uma brilhante educação. Aqui em Lisboa, educada n'algum collegio inglez, a sua sobrinha nunca passaria de ser um genio mediocre, e que só as instituições de Paris dariam o desenvolvimento que a cabeça e a alta fronte de sua sobrinha exigia.

Effectivamente, alguns dias depois dos ultimos acontecimentos que acabo de narrar, um botesinho sulcava as brandas ondas do Tejo, conduzindo ao paquete a creancinha temerosa da horrivel *cabeça de burro,* sua tia que a acompanhava, e o Sr. Martin, que assistiu ao *bota-fóra,* dizendo-nos adeus do barco para o vapor que nos separa d'elle.

Como creança, depressa me consolei, distrahida pela segunda viagem que fazia.

CAPITULO III

Inglaterra — Calais — Paris — Meu tio J. L. Lassence — Minhas primas Noémie e Clémence e a sua institutrice M.elle Eugénie — Sou cantora — Entro para o *Sacré-Cœur de Conflans* — Carta de minha tia — As religiosas e pensionistas gostam de mim — M.mes de Bremon, de Valois, e de Broin — Regulamentos do Sacré-Cœur — Uma cruz por causa de um tinteiro — Juramento por causa das memorias de M.me Lafarge — Solemnidade da minha primeira communhão — Confirmação recebida pelo Arcebispo no Sacré-Cœur da rua de Varennes — Passeios — Trasladação das cinzas de Napoléon — A senhora Condessa — Mr. Joly — Apparece a fantasma — Em dia claro a fantasma ameaça — A superiora torna-se minha mãe, e não consente que eu saia.

Chegámos a Inglaterra poucos dias depois da nossa partida, porque tivemos muito feliz viagem; de lá em-

Digitized by Google

barcámos para Calais, e d'ahi tomamos as diligencias das postas até Paris.

Pouco notei n'esta curta viagem, por que a minha imaginação estava preoccupada das admiraveis coisas que ía vêr na primeira cidade elegante do mundo.

A' nossa chegada a Paris, meu tio o Sr. Lassence, veio-nos esperar na estação, abraçou muito minha tia, e disse, olhando para mim: «Então esta é que é a Brazileira?» Ella respondeu que sim, e fez-me signal para eu o abraçar; cheguei-me ao pé d'elle, mas não sei por que, seus olhos me causavam medo; acostumada com o Sr. Martin, que tinha a voz tão meiga, e maneiras tão delicadas, muito estranhei uma voz tão dura e modos tão asperos, que parecia quando pedia alguma cousa, que estava commandando soldados. Porém principiou-me a agradar mais, desde que me disse: «Tu vais a ter duas manas, e se aprenderes bem, eu serei muito bom para ti » N'esta conversa apeamo-nos á porta da sna casa (Boulevard des Capucines). A criada que nos abriu a segunda porta, já conhecia minha tia, mostrou-lhe a sua admiração ao vêr-me, dizendo que não sabia que M.me Levaillant tivesse filhos. Respondeu-lhe minha tia que eu era mais que sua filha, visto o terme adoptado, e ser a filha d'uma irmã que tanto estimava.

Vieram minhas duas primas com a *institutrice* que ellas tinham, e que minha tia tambem conhecia (M.elle Eugénie).

Depois de muitos beijos dados reciprocamente, a noite tinha completamente dissipado todas as nuvens que havia, e eu estava com minhas primas com tanta franqueza, como se ha muitos annos nos conhecessemos.

Eu fiquei com minha tia no seu quarto. No dia seguinte minhas primas vieram-me chamar muito cedo, para me mostrarem todas as suas galanterias, e quando nos chamaram para almoçar, já uma das bonecas da minha prima Clemence tinha um vestido quasi prompto, que estavamos entretidas a fazer-lhe; eu o tinha cor-

Digitized by Google

tado, dando a saia a fazer a minha prima mais nova, e as mangas a Noémi, que era a mais velha, e o corpo reservei-o para mim; de maneira que um quarto de hora depois de termos almoçado, fomos levar a boneca com o seu novo vestido á presença de meu tio e tia, e de M.elle Eugénie; ao verem muito bonita a acharam, e renderam-me alguns elogios, dizendo meu tio que eu tinha muita habilidade, ao que M.me Levaillant respondia que se elle me ouvisse cantar, então julgaria ainda mais de mim. Apezar de todos os pedidos que me fizeram, eu não pude resolver-me a cantar; hoje que eu escrevo isto, ainda me é impossivel fazel-o, quando não tenho grande intimidade com as pessoas que me ouvem.

Passados alguns dias, já estava então tão acostumada com a minha nova familia, que cantava sem acanhamento, apezar do pouco ou nada que eu sabia de musica, batia com as minhas mãosinhas (não se esqueçam que eu era creança, então isto não é um elogio que me faço) no piano, e fazia muitos tregeitos, para imitar as cantoras que tinha ouvido em S. Carlos.

Assim mesmo, meu tio gostava da minha voz, e sempre me estava pedindo para parodiar as actrizes. D'ahi por diante, quando elle por qualquer motivo se zangava comigo, bastava para fazermos as pazes cantar-lhe algumas romanças, e logo obtinha tudo quanto desejava.

Pouco tempo depois de estarmos em Paris, meu tio fazia todas as vontades, para me fazer esquecer o meu querido Portugal.

Um dia enganaram-me como tambem a minha prima Noémi, dizendo que iamos ambas a um passeio, e assim nos levaram para o *Sacré Cœur* de Conflans.

Não posso explicar o que o meu coração sentiu, quando entrámos, e que poucos instantes depois vi passar todas as religiosas, com as pensionistas que saíam da capella.

Eu que até ahi receiava tanto de entrar n'esta instituição, cada idéa que tinha era um tormento, cada esperança um soffrimento, cada palavra que soltava se

Digitized by Google

atabafava em soluços e suspiros; minhas faces perderam suas rosadas côres, pelas continuas lagrimas que meus olhos por ellas deslisavam, mas mal sabia eu que esses tormentos não eram nada para o que eu tinha de soffrer!...

Em vesperas de minha tia vir para Portugal, temendo os meus choros e queixumes, não se despediu de mim, e escreveu-me esta carta.

« JOSEPHINE »

«Estou bem triste de te deixar, e de ver que és tão «pouco razoavel, depois de todos os sacrificios que te«nho feito por ti.»

«E impossivel que no *Sacré-Cœur* tu não estejas «contente e feliz! Deve-te lembrar que a educação «que tinhas a receber em minha casa não era suffi«ciente para te distinguires; acredita que é preciso «teres educação para poderes ser feliz »

«Eu parto, e deixo-te entregue ao teu querido tio, «que me prometteu ter para ti as mesmas bondades «que para as suas proprias filhas, e elle consagrar-te«ha a mesma amizade que tem por ellas, se tu te ap«plicares bem. Não podes voltar a Lisboa senão quan«do tiveres feito a tua primeira communhão e a tua «educação estiver acabada.»

«Tambem recommendei ao teu mano que te ama e «estima muito, que te vá visitar amiudadas vezes. »

«Adeus, querida Josephine, minha querida filha, «pensa algumas vezes em tua tia que te ama, e que «nunca se hade esquecer de ti.»

« Adeus; acceita mil beijos, e peço-te que comprehen«das que se consinto em me separar de ti, é porque «a tua educação assim m'o exige, e me é cara.»

«Tua tia do coração — *Clementina Levaillant.*»

«*N. B.* Eu te recommendo de seres muito boa, e «de aprenderes com brevidade e bem, para voltares de«pressa para ao pé de mim.»

«Adeus.»

Digitized by Google

Banhei esta carta com minhas sinceras lagrimas, e guardei a como um thesouro.

A superiora e as religiosas eram tão boas para mim, que depressa ellas e as pensionistas foram minhas amigas, e todas gostavam de me ouvirem fallar o portuguez, e como nada comprehendessem, riam-se muito.

Passados alguns tempos, estava já tão acostumada, e tão feliz, que não me lembrava de voltar a Portugal.

Quando me recordo dos annos que lá passei, dão-me saudades, que não são faceis de extinguir

Ditoso tempo em que via os meus dias passarem sem amargura, cercada de alegria e venturas, querida de todas as religiosas, M^mes^ de Fremont, de Valois de Raisseau, e de Broin, que com especialidade lhe dedicava uma amizade e um reconhecimento, que nada m'a pode fazer esquecer.

Eu era companheira de quarto com minha prima, aonde dormia tambem uma das *d mas*, lá as religiosas tinham o nome de *dame du Sacré-Cœur*); meu tio é que tomou a deliberação do quarto para não estarmos no *dartoir*.

Levantavamo-nos ás sete horas, quando as pensionistas do *dartoir* o faziam ás seis Iamos á reza da manhã todas juntas ás sete horas e meia, depois iamos ouvir missa á capella. saindo d'ahi para o *refertoir;* acabado o almoço, tinhamos meia hora de recreio, quando o tempo o permittia, era na quinta, aonde tinhamos toda a liberdade para brincar A's nove horas tocava-se uma sineta para entrarmos nas salas dos estudos, aonde haviamos de ter toda a attenção por quanto tinhamos ampla franqueza na quinta, que era lindissima. Por isso uma das *damas* ficava em pé para nos vigiar, e todos os domingos se examinava o caderno dos *ontos*, porque uma das pensionistas que era condecorada com a grande medalha, e a fita de *moirée* azul com franjas de prata atravessada no peito, estava sentada n'uma alta cadeira, com o caderno sobre a *pupitre*, para n'elle marcar as que não estavam com atten-

Digitized by Google

ção, e as que se deixavam reprehender segunda vez, fazia-se uma cruz no caderno. e as que no domingo tinham maus apontamentos recebiam uma reprehensão da superiora para se emendarem, e as que tinham boas marcações, dava-lhes conselhos para continuarem, e em recompensa offereciam-lhe bonitas imagens.

Todo o tempo que estive no *Sacré-Cœur*, nunca levei senão uma unica vez a dita cruz, que me foi devida ao tinteiro do meu *pupitre* que por descuido deixei cair nos meus livros e cadernos.

Ao meio dia tocava a sineta para irmos ao *refectoir*, e de lá ao recreio no jardim, era então a occasião do maior prazer Corriamos pela quinta, saltavamos e brincavamos todos os jogos; as mais serias passeavam a conversarem. e as mais traquinhas não cessavam com os seus gymnasticos brinquedos.

Em quanto eu tive curta edade. era uma das mais travessas; porém depois não gostava senão de me juntar com as que passeavam, conversando com ellas, e com a dama que nos acompanhava.

Por fim eu já não queria estar senão com a superiora, ella era tão boa para mim, que me consagrava uma amizade de mãe; em quanto eu viver lhe guardarei uma eterna gratidão

Uma segunda feira que acabava de substituir um agradavel domingo de saida, todas as pensionistas á hora do recreio se juntaram na *rua grande dos castanheiros*, largo espaço sombreado pela vasta ramagem das arvores frondosas, docemente embalsamado do perfume. das flores que partia dos viçosos canteiros. onde o verde escuro e o verde claro fazia sobresair o matiz d'aquellas variaveis côres.

Era ahi que devia ter logar quasi uma revolta. O que motivava porém esta revolução? É filha d uma novidade da epoca.

Tinha apparecido, ou fallava-se muito em Paris das memorias d'uma senhora, de M^me^ Lafarge.

Cada pensionista tinha ouvido fallar á familia n'esta

Digitized by Google

boa nova, e cada uma d'essas cabecinhas começava a exaltar-se no collegio

Uma senhora que escreve! dizia uma; uma senhora que tem soffrido! repetia outra; uma senhora que tem coragem de arrancar a mascara aos seus inimigos! exclamava aquella; uma senhora que pela sua franqueza se torna superior! murmurava esta. E depois ainda uma outra pronunciou estas poucas e arrojadas palavras com um enthusiasmo heroico:

—Eu hei de escrever ainda um dia as minhas memorias

—Eu tambem.

—Eu tambem.

E oitenta vozes repetiram:

— E eu tambem!

—Pois contratemos um pacto, avançou uma das mais velhas, batendo as palmas.

—Valeu! Valeu! repetiram todas, elevando cada uma a mão ao ar para saudar a proposição.

—Aquella de nós que tiver na sua vida extraordinarios dignos de se mencionar, disse a mais velha, deitando um olhar serio ao monte das suas condiscipulas; a que tiver mais paciencia, a que fôr menos ingrata, a que se lembrar mais da scena que se passa aqui hoje, hade escrever nos as suas memorias.

—Está dito, exclamou a turba cheia de contentamento.

—Approvam? disse a que tomara a palavra

—Sim! Sim! repetiram todas a uma voz.

—As santas não podem escrever, disse Sophia de*** com a sua meiga voz, e assomando aos seus graciosos labios um angelico sorriso, e fitando nas suas collegas um olhar terno, como se fosse o de um cherubim.

Sophia, como nós outras, vestia o uniforme do convento, mas ainda assim, com aquelle vestuario não muito airoso, parecia um d'esses anjos, que *baixam* entre nuvens, trajando exquisitas roupas.

Seus olhos da côr do céo, qnando está claro e se-

Digitized by Google

reno, seus cabellos moldurando-lhe em alouradas ondulações um rosto branco, levemente tinto de purpura desmaiada, seu ar tocante e singelo, que fazia estremecer as fibras da alma, formava d'aquelle coração innocente e puro um thesouro de encantos.

—As santas não podem, nem devem escrever; repetiu ella sorrindo engraçadamente.

—Pois tu julgas-te santa? perguntou-lhe maliciosamente Adélè de N . .

—Oh! não, replicou Sophia; eu não disse isso por mim, foi por Josephina.

—Por mim! exclamei eu.

—Sim, sim, Sophia tem razão, repetiram algumas d'ellas.

—Sophia disse bem, redarguiu Luisa de... se me não engano, Josephina hade ter que soffrer muito; olhem, parece que ella quer desafiar o infortunio, atravez da sua alegria, diviso-lhe sempre um raio de melancolia occulta; as almas assim logo nos mostram o que hãode passar no futuro, e a energia com que affrontarão os seus pezares.

—Se Josephina sair do *Sacré-Cœur*, ella tem um coração e predilecto dedicado, perseverança e muita generosidade de sentimentos; almas assim são sempre victimas no mundo.

—A Josephina, fica pois emprazada; ficamos sabendo desde já, que será ella a primeira a escrever-nos as suas memorias, e a não se esquecer do voto que mutuamente fazemos aqui.

—Pois bem, disse eu; acceito essa especie de convite e preferencia, que me fazem, mas ponho sô uma condição.

—Qual? qual? bradaram todas.

—E que se com effeito tiver que contar, quando essas memorias apparecerem, todas aquellas que se acham agora á sombra d'estas arvores, sitio da nossa conversação, e forem vivas, rezarão pela alma da autora do livro tres *Padres Nossos* e tres *Ave-Marias*.

Digitized by Google

—Vale! vale! gritaram todas, mettendo-me no centro d'uma roda, e apertando-me em seus braços. Nada recusaremos á santinha, como diz Sophia; mas vamos ver agora se ella nos alcança até ao fim d'esta rua

E eil-as ahi todas correndo como um rancho de sylphides, e eu seguindo-as sósinha em distancia, fazendo o possivel para as apanhar antes de chegarem á extremidade da immensa rua. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Luisa, já repousas no ceo, anjo de meiguice e candura! Portanto, não exijo de ti o ajuste do nosso pacto, mas peço-te que ajoelhada aos pés do throno do Omnipotente, lhe rogues incessantemente piedade e misericordia para mim.

Em quanto a ti. minha interessante Sophia, se ainda vives, sê fiel á promessa a que te ligaste voluntariamente debaixo da sombra d aquellas arvores, aonde nos dias da nossa infancia tantas v zes corriamos abraçadas, tu enleando-me o braço á cintura, eu pegando-te ligeiramente na outra mão, que apertava entre as minhas.

Tu Adéle, tuas irmãs e as nossas companheiras ja se terão esquecido de mim? Formosas, ricas, nobres, como vos terá restado no meio da felicidade e das illusões do mundo, uma unica recordação de mim? Sim, é impossivel essa reminiscencia, ha muito que estou esquecida nas vossas memorias, mas o meu coração guarda perfeitas as vossas imagens e é quanto me basta.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Minha prima tomou grandes ciumes causados pela preferencia que todas me davam. E as queixas principiaram ao seu pae.

A's duas horas voltavamos para a classe, até ás quatro horas; consagrando este tempo ao piano, canto

Digitized by Google

e desenho; no fim do qual nos mandavam merendar pão com frutas ou com doce, ao jardim, ás quatro horas e meia, era para os bordados. até ás cinco e meia, e depois até ás sete e meia horas, era para o estudo da historia e do cathecismo e historia santa, e d'esse praso ás oito, era a hora destinada á ceia, um instante de recreio e a nossa reza da noite, e depois iamos nos deitar, ficando uma religiosa no *dortoir* para cobrir aquellas que tinham mau dormir, e tomar sentido se alguma precisava dos seus serviços. Tudo ali respirava socego e commodidade.

Assim corria o tempo cheio de felicidade e de prazer, porque a edade mais feliz e os dias mais bellos são aquelles que se passam n'uma instituição como o *Sacré-Cœur*. Toda a mãe que deseje a fellcidade de suas filhas, deve fazer todos os sacrificios possiveis para as mandar lá educar.

Recebi principios de religião, que nos tristes casos da minha vida me teem posto ao abrigo da desesperação, aonde muitos perdem as forças de combater! Feliz quem não sabe quanto é terrivel a desesperação!..

Sempre me confiei em Deus, e elle nunca me desamparou, nem me tem faltado; e n'aquelle tempo ditoso que prazer não era o nosso, quando nos davam por recompensa o enfeitar a capella da Virgem, depositando-lhe aos pés as corôas que lhe offereciamos

Dois annos depois de eu lá estar com minha prima, já nos tinhamos confessado muitas vezes; ficâmos incommunicaveis para fazer os exames para a nossa primeira communhão

As pensionistas que estavam designadas a cumprir o mais santo e sagrado dos deveres, tinham sido separadas e recolhidas n uma grande sala, perto do quarto da superiora para estarem isentas de toda a distracção, para poderem bem entender o valor do acto solemne que iam cumprir.

A dôr que sentiam as que ficavam transferidas para

Digitized by Google

o anno seguinte, era immensa, e eu bemdizia a Deus por me conceder a admissão n'esse anno.

Passámos bem os exames, e quando despontou o sol d'esse dia, já estavamos preparadas com os nossos vestidos brancos, um grande veo que caía até aos pés, e a corôa da innocencia collocada na fronte. Quando cheguei pefto da santa mesa pareceu-me estar transportada n'uma alegria de completa felicidade. Oh! eu pensei, pensei e comprehendi bem o acto que ía cumprir! Uma voz interior dizia-me: «De hora ávante, terás força e coragem para poderes supportar as maldades do mundo »

E assim tem acontecido, porque nas minhas maiores penas sempre tenho achado conforto, recordando-me d'aquelle dia memoravel, e ouço ainda dizer: «*Lembras-te da tua primeira communhão!...*»

Bastava-me esta recordação, para supportar todas as coisas com resignação, e fé em Deus

Como já disse: se alguma mãe de familia ler esta minha biographia, e se tem sufficientes meios, deve ficar certa que a maior felicidade, e a melhor educação que se pode dar a uma filha, é no *Sacré-Cœur;* nada mais agradeço a minha familia que os annos que lá me fizeram passar, e estimo mais este sacrificio que por mim quizeram fazer, do que se me tivessem dado milhões. E que é o dinheiro sem a educação precisa para gozar e viver na sociedade? Passar-se uma vida cheia de receios, sem poder depositar confiança em pessoa alguma; desconfiando de todos, ambicionando sempre mais oiro! Existencia de inferno que se imagina que a amizade, e mesmo o proprio amor é vendido ou trocado por esse abjecto metal!

A fortuna é certamente bella, quando se vale ao desgraçado que geme n'um leito de dôres; quando se vôa a soccorrer o pobre honrado, que exhausto de forças vá perecer á fome; quando se salva a virtude ultrajada pela malvadez; quando se salva uma pobre mulher, que está só no mundo sem fortuna e sem fa-

Digitized by Google

milia. Mas isto só se pode fazer quando se recebem os verdadeiros principios de educação, e sem os quaes, não ha senão uma morte sem sentimento, e um esquecimento total vem sobre os dias d'aquelle que não soube viver! Oh! que os momentos mais bellos n'este mundo são aquelles passados com esses principios, com a fé em Deus, com as esperanças no porvir, com a felicidade no amor, e com a resignação no soffrimento!

Oh! que eu bem conheci o acto solemne que tinha cumprido; promettendo a Deus de nunca mais sair do *Sacré-Cœur*, e de conservar eterno reconhecimento a minha tia, por lá me mandar educar.

No dia da nossa primeira communhão, ficámos com as nossas vestimentas, symbolo de innocencia e de candura.

A' tarde fomos á capella da Virgem, que era situada no fim de uma grande rua da quinta, que ia dar ao *r* o *Seine*, e ahi recebemos o *scapulaire*, e a medalha da nossa communhão na qual se achavam gravadas estas palavras: «Souvenir de la premiere communion. «—11 Juillet 1841.»

Passados oito dias vestimo-nos egualmente, como no dia da nossa primeira communhão, para sermos *confirmadas* pelo arcebispo de Paris, no *Sacré-Cœur* da rua de Varennes em Paris.

A superiora era cada vez mais minha amiga, e eu para lhe compensar, nas horas de recreio sempre estava junto d'ella.

Fui sempre acerrima ao estudo, e nunca levei mais uma reprehensão; essa cruz que me lançaram no caderno foi causada involuntariamente, e a superiora pelo sentimento que tomei deu-me como sufficiente castigo a sua reprehensão, e tenho a gloria de dizer que d'esse dia nunca mais o caderno serviu para mim.

Saíamos uma vez todos os mezes. Meu tio Lassence vinha buscar-nos ás nove horas depois da missa e do almoço, e tornava a levar-nos ás *Ave-Marias* do mesmo dia. Uma occasião porém, sem ser n'um d'esses dias

Digitized by Google

de saida, chegava a carruagem com meu tio, que nos vinha buscar, conforme a licença que tinha obtido na vespera, para irmos ver a trasladação das cinzas do immortal Napoleão.

Tanto a mim como a Noémie, parecia-nos que os cavallos não andavam, tal era a impaciencia da nossa juvenil curiosidade.

Emfim chegámos aos campos Elysios, entrámos em casa d'uma familia ingleza, com quem meu tio tinha intimas relações.

A causa talvez d'essa familia ter agradado a meu tio, e ser a preferida, foi ter sido uma das convidadas a condessa de... viuva ainda joven, bella, cheia de attractivos, senhora de uma boa fortuna, e mãe de uma menina de dois annos, linda como os verdadeiros amores.

Meu tio, apezar da *institutrice*, achava-se apoderado d'uma d'essas mais vivas e phreneticas paixões, que dominam a alma, por essa bella condessinha, ella que até ali tinha sido uma verdadeira parisiense, que gostava de ter o orgulho e a gloria de vêr a seus pés uma ou duas duzias de apaixonados, agradou se a tal ponto do sr. Lassence, que desistíra de todas as mais conquistas, despedindo os conquistadores

Meu tio estava separado ou divorciado de sua mulher, e uma existencia impedia que por doces e santos laços fizesse a felicidade do seu coração; no entanto viam-se... amavam-se! e .. não sei a quanto chegou aquelle amor desesperado.

Pouco tempo depois dos funeraes de Bonaparte, a interessante condessa appareceu morta na sua cama. Algumas pessoas diziam que um seu antigo admirador fôra a causa d'essa morte. Outros murmuravam que a origem d'aquelle fallecimento era o veneno. Fosse o que fosse, os medicos declararam ter sido um ataque, não sei se de apoplexia, e quando esses declaram alguma coisa, ou porque assim o entendem na sua vasta erudição e escrupulosa consciencia.

Digitized by Google

O caso é que a bella condessa foi conduzida á sepultura, deixando o seu inconsolavel amante na maior das amarguras.

Meu tio, apezar de homem rispido, frio, secco e inflexivel, além na sua vida prosaica, amara só a essa mulher com extremo sincero e affecto verdadeiro; depois mesmo d'este infausto acontecimento, aquelle nome pronunciado diante d'elle, fazia com que empallidecesse, e obrigava o a chorar como chora uma creança.

Quando chegámos, estavam todos na sala em roda do fogão, porque o frio era tal, que apezar do chocolate que bebiam, um tremor invencivel permanecia em todos.

Nós que vinhamos de fora pareciamos gelados; mas além d'isso correndo com minha prima Clemence, que estava já com a condessa e com mais duas meninas da nossa edade, fomos abrir uma janella, e na grande varanda aos pulos e corridas, para não sentirmos tanto frio, pudemos no meio da nossa estroinice ver as tropas formadas e aquelle magnifico arvoredo dos *Campos Elysios*, supportando o peso das pessoas que não tinham outras trincheiras, e que sabiam aproveitar-se d'aquellas que lhe davam duas grandes vantagens: a altura, e não terem que agradecer o seu logar.

Dizer o tempo que se passou até principiar a apparecer o cortejo, não sei. Contar tudo que se passou em tão soberba e magestosa solemnidade, é para mim impossivel pela grande analyse, por isso deixo á historia o que á historia pertence.

Em quanto ao coche que conduzia as preciosas cinzas do maior capitão dos tempos modernos, d'esse egual aos eminentes capitães dos seculos passados, o glorioso Annibal, o immortal Cesar, e o glorioso Alexandre, elle o vencedor de Arcole e Rivoli, o victoriado em Austerlitz, que abalou a Europa com seu braço de ferro, e que a fez tremer lançando lhe o seu olhar *d'aguia*, e querendo a governar como um Deus! ninguem pela mais obscura inferioridade de reminiscencia que tivesse assistido áquella pompa funeraria, poderá

Digitized by Google

ter esquecido aquelle brilhante e triste coche que conduzia lentamente pelos caminhos de Paris os restos mortaes do grande homem, que a França inteira saudosa chora, e chorará ainda por muitos annos.

Ao passar o respeitavel monumento das mais invejadas glorias, dos peitos patrioticos d'aquelles milhares de espectadores saiu um só grito, e um só ecco o repetia dor toda a França, um grito de saudade, um grito lugubre, um grito de admiração!

Depois de tudo ter passado, viam-se os homens descerem das arvores e misturarem-se com o povo, seguindo em massa o cortejo, com os lenços nos olhos enxugando as lagrimas, derramadas generosamente pelo heroe que tinha cercado de glorias o brazão da França, e que debaixo do seu dominio foi a mais afortunada e victoriosa nação do mundo.

Se a França tem razão de queixa de Mr. Thiers, deve recordar-se que alguns actos censuraveis, que elle commettêra, eram devidos á implacavel rivalidade que existia entre elle e Mr. Guisot.

Mas a França não pode nunca esquecer-se que a esse homem saido do povo, e dominando o ministerio pelo seu brilhante e profundo talento, valor e grande energia, é que deve a trasladação das cinzas do immortal batalhador.

Encontrando-se no gabinete de *Saint-James* por essa occasião a mais honrosa condescendencia, que se não faz perdoar o seu rigor pelo illustre prisioneiro de *Santa Helena*, faz ao menos ser-lhe grato, por ter restituido á França o que só á França devia pertencer: — As cinzas de Napoleão!

Como eu dizendo, no *Sacré-Cœur*, saiamos uma vez todos os mezes, e n'essas occasiões é que meu tio nos conduzia a passear a *S. Cloud*, *Versailles*, etc. etc, minha prima que já tinha muios ciumes de mim, forjou tantas intrigas para com seu pae, que determineime dizer á superiora, que preferia ficar com ella, e tanto pedi, que passei as ferias no *Sacré-Cœur*.

Digitized by Google

No ultimo passeio que dei com meu tio e primas, tive depois de jantar umas terriveis dôres de estomago; fizeram-me deitar, e mandaram chamar o medico da casa (Mr. Joly) que lhe pareceu não valer de nada o meu padecimento, mas que talvez tomasse á noite o caracter de uma inflammação. Meu tio mandou dar immediatamente parte á superiora afim de a livrar de cuidados.

Como ficasse de camã, levei até á uma hora da noite a conversar em diversas cousas com minha prima, porque o somno não me apoquentava, e como já por fim não recebesse resposta d'ella, voltei-me para o lado da parede, e ahi fiquei dormitando levemente até ás duas horas, momento em que fui despertada por uma especie de *phantasma*, que se chegou perto do meu leito. Sobresaltada estendi os braços, e chamei minha prima: o vulto pareceu não gostar, e quando a segunda vez gritei por *Noémi*, apertou-me com tanta força a mão, que fiquei por alguns dias sem me poder servir d'ella. A institutrice que dormia no quarto immediato, e que tinha o somno muito leve, correu logo a perguntar o que havia acontecido. Noémi não podia fallar de susto em que estava, e eu contei a apparição do phantasma, que desappareceu aos meus segundos gritos. A institutrice passou o resto da noite contando historias para nos dar animo.

A' hora do almoço, quando me cheguei ao pé de meu tio, para lhe dar os bons dias, encontrei-lhe a physionomia bastante carregada, e disse-me com voz firme: *petite s tte*, tu m'as pagarás!

Não fiz maior caso d'isto, pensando que tinha sido motivado pelo alevantamento da noite, mas o tempo me tem mostrado.....

A institutrice é que nos acompanhou n'este mesmo dia para o *Sacré-Cœur*, porque meu tio disse ter muito que fazer, e fechou-se no seu escriptorio, sem ao menos nos dizer adeus, quando fomos para nos despedirmos.

A M.elle deu ordem ao cocheiro de nos conduzir depressa, desejando voltar a casa antes do meio dia.

Digitized by Google

Logo que chegámos, não esperou a superiora como era costume, foi se immediatamente e como esta estranhasse tamanha pressa, mandou-nos entrar para o seu quarto, perguntando se tinha acontecido alguma coisa.

Contei-lhe tudo, m strando-lhe a minha mão ainda bastante magoada, e dizendo-lhe a chorar, que não sabia que phantasmas fizessem mal a pessoas que rezavam todas as noites! Ella beijou-me dizendo:

—És ainda muito pequena, para poderes comprehender certas coisas!..... até aqui, tu é que não querias saír nem na- ferias, nem no fim dos mezes, d'aqui por diante já não é um capricho de creança, é a minha vontade que tu fiques comigo

Se até aqui a superiora era minha amiga, d'aqui por diante se mostrava para mim a mais carinhosa mãe que se pode imaginar

Este caso do phantasma é um enigma que não explico devidamente, porque ha circumstancias que assim o exigem.

CAPITULO IV

Desejo fazer-me freira. — Ciumes de minha prima. — Os resultados d'esses ciumes fazem-nos entrar na instituição de M.me Morel. — Premios ganhos n'esta instituição. — Novo ataque de ciumes. — Minha prima sae do convento. — Acabo a minha educação. —Tenho que deixar a França como uma ingrata.

Muitas occasiões manifestáva á minha querida superiora o desejo que tinha de ser freira, e ella me respondia:

—Se era a minha vocação, que seria sem duvida uma das maiores felicidades para mim gozar semp e aquella vida toda de socego e prazer; que mais podia eu desejar?. ....

Minha prima, vendo que suas queixas não serviam os seus desejos, fingiu se um domingo doente do que resultou levarem-n'a para casa, e eu fiquei só no *Sacré-*

Digitized by Google

Cœur, para onde ella mais não voltou; e meu tio passados dois mezes veiu buscar-me, para depois ir eu e Noémi para a instituição de M.me e M.elle Morel, no faubourg Poissonier.

Meu tio fallou muito tempo com a superiora, e disse-lhe mesmo na minha presença que eu devia sair infallivelmente n aquelle dia, para ver minha prima que estava doente.

— Esta creança deseja fazer-se freira, disse a superiora com voz commovida.

— Qual freira, nem meia freira, respondeu meu tio com a maior sequidão; ainda que ella o queira, eu não quero, está dito.

— De certo, nós não podemos obrigar a sua vontade, lhe replicou a superiora com toda a humildade; porém, hade permittir que lhe diga: tirando esta menina d'aqui, corta a sua vocação, e por este facto terá que dar contas a Deus.

— A Deus, ou ao diabo, gritou meu tio impaciente.

A superiora curvou a cabeça, e beijou a cruz de prata que trazia pendurada ao peito.

As lagrimas saltavam-me dos olhos, e disse comigo na minha dôr: — que tio que eu tenho! Piedade para este herege, meu Deus!

Conheci quando disse adeus á superiora, que ella estava apoderada de uma grande tristeza.

Como podia eu imaginar que não voltaria mais para o *Sacré Cœur?!!!* . ...

Foi immensa a minha admiração quando cheguei a casa e vi as minhas primas soltarem ás gargalhadas, dizendo: *aqui vem a religiosa!*

Creanças, que não comprehendiam os sentimentos da minha alma

A' noite, como ficavamos no mesmo quarto, contaram-me que tinham feito meu tio decidir-se a retirar-me da *Sacré Cœur*, por todas as damas me darem a preferencia.

Que de lagrimas então chorei, meu Deus! Julguei

Digitized by Google

não poder resistir áquelle golpe tão fatal para mim, e de tantas glorias para as minhas antagonistas

Oh! que nem sequer pensava que este desgosto fizesse brotar novos espinhos na carreira que já tinha atravessado, e que principiava a florir .. . .

Quatro dias não saí do quarto, todas as minhas idéas se executaram em lagrimas resultando-me uma grande inflammação nos olhos; e apezar dos meus pedidos de voltar para a *Sacré Cœur*, fizeram-me saír no quinto dia, e no meio de tanta dôr, com minha prima me conduziram para outra instituição.

Quando M.me Morel me viu toda banhada em lagrimas, disse-me:

—Não chore tanto! é bom mostrar sentimentos de deixar o *Sacré-Cœur*, onde era tão querida; porém, se continuar assim ficará doente, o que me causará muita pena; mostra ter uma alma sensivel, e um coração bem formado, mas penso que tudo isso será por não gostar de mim.

Tantas consolações me deu, que prometti não chorar mais d'esse diá em diante, e como tivesse feito esta promessa, não desabafava meu peito senão quando estava deitada exhalando então as lagrimas comprimidas; assim padecia muito mais, porque escondia no coração um soffrimento extraordinario

Não posso porém deixar de dizer que estas senhoras eram tambem muito boas, e que me testemunhavam uma amizade, e um interesse particular.

Minha prima que tinha sido a causa d'esta mudança desesperou totalmente quando viu que depois de mim era a segunda, e que nas occasiões dos premios eu tinha os primeiros, e ella os inferiores.

Este estabelecimento tinha differença do *Sacré-Cœur* em não haver missa todos os dias, e nos estudos de historia, geographia, arithmetica, musica, canto e desenho, serem ensinados por professores, quando no *Sacré-Cœur*, como já disse, o eram pelas *damas*.

Os primeiros exames que fizemos, tive os primeiros

Digitized by Google

premios de histori., geographia, arithmética e canto; de piano, desenho e inglez tive os segundos; de composição e orthographia, o setimo; e de astronomia o trigesimo quarto; de bordado tive o premio *exclusivo* que quer dizer unico e superior aos primeiros; podendo admittir nos outros umas poucas de meninas, mas no *exclusivo* uma só!

D'isto resultou minha prima tornar a persuadir meu tio de a levar para casa, e acabar lá a sua educação com minha prima *Clémence*, que tinha institutrice e mestres em casa; assim juntas adquiriram uma das mais brilhantes educações.

Um anno depois da saída da minha prima, veiu minha tia buscar-me a Paris, e alguns dias antes de partirmos da capital da França, e de deixarmos a casa do Sr. Lessence, deu este uma grande *soirée*, onde por ultima vez me ouviu tocar e cantar.

Não me deixaram ir despedir-me das damas do *Sacré-Cœur*, e do *Père d'Abady*, nosso confessor, e tive que abandonar a França com esta saudade no coração, não poder deixar ao menos como penhor de amizade que me consagrava, um adeus! um beijo!..!

Soffri, soffri muito, porque tinha uma alma ardente, um coração amante, e queriam que eu fosse insensivel.

A unica esperança que me consolava d'esta magoa, era a fixa idéa de voltar logo que podesse, para jámais me separar das minhas queridas religiosas, de quem tinha na imaginação os vivos retratos de todas, e conservava as imagens que me tinham offerecido, e sempre as tenho guardado como recordação dos annos mais felizes da minha vida, tempo de ventura que passei n'aquelle paraiso!....

Minha tia parecia mostrar me a mesma amizade, mas não comprehendia o que n'ella havia de mudança.

Ao despedirmo-nos das minhas primas, de meu tio, e de M.elle Adarie houve muitos choros; da minha parte pouco me custou esta separação, porque não ficando no *Sacré-Cœur*, desejava grande mudança.

Digitized by Google

CAPITULO V

Havre de Grace—Bonito brigue Liberdade—Capitão Passos—Primeira tempestade no mar—Sr. Martin—Fatal mudança—Chamam-me princeza—Boa conselheira—Procissão do Senhor dos Passos—Primeiro amor platonico—Primeira carta de amor—Amor declarado n'um cemiterio, debaixo d'um cypreste—Irei, ou não irei para o Rio de Janeiro—Amigas que deixam de ter amizade quando teem caleche—Soffro por ver injustiças—Parto para o Rio de Janeiro.

Chegámos ao *Havre de Grace*, e passados alguns dias de ahi estarmos, embarcámos n'um navio que possuia minha tia, chamado a *Liberdade* (capitão Passos). Tivemos uma viagem magnifica até estarmos na altura de Vigo, aonde então houve um grande temporal, que nos ia arremessando sobre as costas da Hespanha, mas graças á energia das repentinas ordens do capitão, conseguiu-se pôr o navio fóra dos cachopos, em que ia ficando entallado.

Minha tia mostrou sempre grande presença de espirito, e uma coragem a toda-a prova, e não me fez conhecer o perigo eminente a que escapámos, senão quando tudo tinha passado: porque ella me havia fechado, para eu me não assustar, vendo a desesperação em que todos estavam.

O Sr. Martin veiu buscar-nos a bordo, ficando immensamente admirado de me ver tão crescida tendo deixado tão pequena a cidade de Lisboa, e regressando a bem dizer uma mulher Prometteu desvanecer as minhas tristes idéas, e fazer tudo quanto podesse para a minha felicidade.

Se antes de ir a França tinha amizade ao Sr. Martin, no meu regresso eu lhe tributei um excessivo amor filial, eu que desgraçadamente nunca tinha experimentado o que era amor de um pae!

Ao chegarmos a casa, minha tia conduziu-me a um

Digitized by Google

quarto que mandara arranjar junto ao d'ella, e conheci que me queria fazer feliz; mas que fatal mudança para mim, meu Deus!

Passar do *Sacré-Cœur* para uma casa d'aquellas, aonde se vivia em continuas intrigas, a quem me havia de confiar, com quem desabafar os soffrimentos do meu coração, quem me comprehenderia?!... Se as pessoas que lerem esta minha historia condemnarem algum acto da minha vida, que se recordem d'esta transição; então certamente comprehenderão que eu educada no *Sacré-Cœur*, não podia, oh! não, não podia viver em casa de M.me Levaillant!...

Apenas uma só pessoa conhecia as minhas lagrimas e as penas que suffocava no intimo d'alma, e encobria com sorrisos!.... Esta pessoa era o Sr. Martin. Quantas ve es elle me dizia, tratando-me como na minha verde infancia: « osephina, em bem conheço que so res muito; tu poderias fazer um ornamento brilhante na sociedade, pela eximia éducação que recebeste! tu aqui!... ninguem te quer dar forças e consolação!... acredita, acredita Josephina, que sempre serei o mesmo que fui, quando tu me chamavas papá! eu farei tudo que estiver ao meu alcance para mudar a tua posição, tu não podes viver aqui!...»

Depois de ouvir estas palavras tão cheias de verdadeira amizade, não tinha segredos nem prazeres que não confiasse ao Sr. Martin

Quantas vezes procurando elle sondar a minha tristeza, me di ia: «Tem coragem, isto hade mudar...» Quaes seriam as suas idéas e planos? nunca o pude saber porque nunca m'o confiou e eu esperava não sei o que, esperava que a mão de Deus me salvaria de uma casa aonde não era possivel uma pessoa de sentimentos viver.

Minha tia mostrava-se boa para comigo, mas não nos comprehendiamos..... Dava-me tudo que eu desejasse, mas eu preferia menos enfeites, e que me fallasse mais ao coração.

Digitized by Google

Raras vezes saía, passava os domingos e dias santos à copiar as lembranças que tinha trazido do *Sacré-Cœur*; os dias de semana empregava-os a bordar, a tocar piano, ou a desenhar no meu quarto.

Nunca apparecia no estabelecimento senão quando minha tia me mandava chamar para me mostrar á algumas senhoras, como se eu fosse alguma boneca de figurinha; uma senhora que n'esse tempo estava aqui em Lisboa, não acreditando que os meus vestidos não tivessem algodão, disse que só se me despissem acreditaria, mas eu pedi a minha tia licença para fazer cessar a experimentação. D'este dia por diante todos me chamavam a *princeza*.

Uma modista de casa, velha e feia, dizia-me continuamente que o remedio estava nas minhas mãos, e que fugisse com o conde de***, que lhe havia dito ter por mim uma grande paixão.

A procissão do Senhor dos Passos deu-me logar pela primeira vez a poder-o ver, pois elle se punha parado defronte das janellas da rua de S. Francisco. eu estava n'uma d'ellas com M.me B. A., quando a modista me puxou pelo vestido, e mostrando-me um velho, disse-me: «aquelle é que é o conde de*** que a adora » olhei, mas quando vi a figura que era, não pude resistir aos meus risos promovidos pela perspectiva de uma celebre caricatura.

M.me B. A. vendo-me rir com tanto gosto. quiz que lhe dissesse o motivo da minha inesperada alegria; contei-lhe tudo, e tivemos de retirar-nos da janella para podermos com mais liberdade soltar as nossas gargalhadas.

Voltámo-nos para uma janella do *Chiado*, porque se nos tornava impossivel conservarmo-nos defronte.

Quando á noite a diabolica e impertinente da velha me pedia a resposta, dei-lh'a, dizendo lhe que se casasse com elle, porque de boa vontade lh'o cedia.

Se a casa da minha tia até este dia me era aborrecida, d'aqui por diante tornava-se-me detestavel

Digitized by Google

O Sr. M. J. d'O. B. que morava defronte d'esta casa, dizia que me estimava; eu que não sabia comprehender esta palavra *amor*, julguei que olhar como elle olhava, e não se importar de mais nada do que estar á janella para me ver, era uma paixão, e a velha tentadora da modista não se descuidava de me perguntar se eu queria casar com aquelle rapaz. ao que respondi, pela idéa de me ver d'ali fora, que me parecia boa pessoa, e que se me salvasse d'aquelle inferno de casa, a minha gratidão para com elle seria eterna.

Alguns dias depois disse-me ella que acceitasse a carta que elle me queria entregar, e que para isso me servisse á noite de uma linha com pedrinha atada.

Conforme estes conselhos assim fiz; na primeira carta encontrei logo altos protestos de amor, e affirmava-me por fim que se a sua posição mudasse casaria immediatamente comigo.

Eu, pobre creança, acreditei tudo uma verdade, e correspondi-lhe com a viva esperança de me ver salva d'aquella casa.

Dois mezes se passaram, quando a modista me veiu dizer que elle me desejava fallar, porque lhe tinham dito que eu ía visitar meu pae ao Rio de Janeiro; e que no domingo depois da missa, nos ajustassemos para nos encontrarmos no cemiterio dos Prazeres.

O ajuste cumpriu-se de parte a parte, e ao principio do encontro perguntou-me logo se eu acreditava no que elle me tinha mandado dizer; eu, timida por similhante entrevista, respondi parecer-me tudo verdadeiro.

Colheu então um raminho de cypreste e offereceu-m'o, dizendo que era para eu me lembrar do que elle me tinha affirmado

Admirei-me bastante d'esta offerta; mas elle me fez reparar que ali não havia *amores eternos*, e que aquelle raminho triste era o symbolo do seu amor, porque me não deixaria de amar senão além da morte

Peguei no raminho e mettiu-o entre as folhas do meu livro de missa; e regressei para casa triste e pen-

Digitized by Google

sativa; entrei no quarto de M me Marcon com ella, contei-lhe o que o Sr. B... me tinha acabado de confidenciar; riu-se dos meus presentimentos sobre o cypreste.

Passadas algumas semanas, minha tia decidiu positivamente que eu fosse ao Rio de Janeiro; fiquei satisfeita de ir visitar meu pae, e fiquei com pena de deixar Lisboa.

Minha tia visitava se então n'esse tempo com a familia do Dr. E., e quando lá fui pela ultima vez, quem me diria que suas filhas que se fingiam tão minhas amigas, haviam alguns annos depois não me conhecerem mais, porque ellas iam recostadas nos seus trens, não se recordando que annos antes se diziam tão minhas amigas!

Ordem do mundo, o esquecimento na opulencia!...

Nas vesperas da minha partida para o Brazil, fiquei contentissima quando minha tia e o Sr. Martin me disseram que depois de meu pae ver que eu já estava *une grande demoiselle* eu voltaria, para nunca mais deixar Portugal.

Fui recommendada a uma senhora que ia fazer a mesma viagem, e que voltaria tambem comigo

Patenteei a minha satisfação a M me Marcon, que me advertiu que no entretanto o meu noivo arranjaria uma posição regular.

Eu achava este, como mais diversos pareceres deliciosos; todavia o que mais me agradava sobretudo era a idéa de me ver livre de toda a gente d'aquella casa, das intrigas que ali abundavam em demazia, e de tantas *scenas desagradaveis*.

Eu soffria, soffria porque não podia ver injustiças, nem correr lagrimas sem as poder enxugar, nem tampouco ver os risos triumphantes do culpado, zombando ainda do pobre que aniquilou: estas circunstancias originavam-me um viver de angustias e de martyrios.

Senti na verdade grande prazer quando vi fazer os preparativos para minha viagem pensando que meu pae me saberia tratar com a mesma delicadeza com que

Digitized by Google

tinha sido acostumada no *Sacré-Cœur*. Separei-me do Sr. Martin, com lagrimas de saudade, e de minha tia direi com alegria; esta separação custou-me bastante, mas consolava-me a lembrança de ir estar junto de meu pae, de meu irmão, emfim, de uma familia.

CAPITULO VI

A linha—Festas ao Sr. Neptuno—Chegada ao Rio de Janeiro—Meu pae—Alegria que todos me manifestaram—Sr. Botelho—Sr. senador ...—Guinchos dos macacos—Vozes das escravas—Admiração que causam umas botinhas—Sou nomeada anjo tutelar—Minha irmã e meu cunhado—Resolvem que eu vá morar com elles.

Depois de uma viagem de cincoenta e quatro dias chegámos á linha, e muito gostei de ver aquella festa do costume, feita pela tripulação; um dos marinheiros figurava de Neptuno saindo das ondas do mar, e os outros os deuses que o acompanhavam em cortejo; isto era a coisa mais caricata que se póde imaginar. A conclusão d'esta brincadeira encerrava-se afinal em pedir aos passageiros dinheiro para o sr. mestre Neptuno repartir entre os seus metaphoricos companheiros.

Tivemos ainda de demora vinte dias, primeiro que chegassemos ao Rio.

Ao entrarmos a barra a minha imaginação se recreiava em formar poeticos pensamentos sobre aquellas áridas montanhas, e espessos rochedos.

Meu pae veiu logo a bordo, e mais o marido da senhora que me acompanhava, para nos receber. Subiram ao mesmo tempo que subiu *la visite*.

Estava eu recostada quando ouvi a senhora a quem tinha sido encarregada, dizer-me: ahi vem o meu marido e seu pae. Voltei-me logo e vejo dois velhos, porque apezar

Digitized by Google

de meu pae ter só quarenta e um annos, tinha a cabeça toda branca.

Confesso, quando elle me deu um abraço e um beijo, que fiquei envergonhada, e nem sequer lhe disse: meu pae! isto é facil de comprehender, porque uma filha que havia oito annos estava separada do autor de seus dias, que a tinha deixado uma creancinha, para a encontrar depois uma senhora, havia infallivelmente ao encontral-o de o olhar como um estranho, porque aquella franqueza e intimidade que fazem a ventura de uma familia, só pode existir aonde não ha separação.

Como já viessem munidos de uma licença escusando a *visite*, não nos demorámos mais a bordo; despedimo-nos logo do capitão e dos passageiros. e o bote foi nos dar o desembarque no caes do Largo do Paço. D'ahi fomos para casa de meu pae, que era mesmo situada defronte, e lá encontrei toda a familia reunida, que me cobriram de festas, e mostravam o seu contentamento. Estavam tambem o Sr. e Sr.ª Botelho, que eram padrinhos de minha mana mais nova, e o senador Sr. G*** amigo intimo de meu pae

Carlos, meu irmão, n'esta occasião não estava no Rio, tinha ido receber um dinheiro que deviam a meu pae em Montevideo.

Assim que entrei em casa não pude deixar de me rir muito, quando ouvi uns mysteriosos guinchinhos que pareciam de macacos; passados alguns minutos vejo surdir por todos os lados pretos e mulatos de ambos os sexos; ria-me ao vêl-os de longe, mas quando os via chegar para me beijarem a mão, sentia uma especie de receio. Uma me puxava pelo vestido, outra me agarrava no pé para lhe dar um beijo, dizendo muito admirada: olha o pé da *nhãnhã*, olha o pésinho da senhorita! Como estava calçada com umas botinhas azul ferrete de botões brancos, que ainda tinha de Paris, fizeram estas a admiração de toda aquella pobre gente, e foi preciso para me ver livre d'ella prometter de lhes dar muitas coisas, apenas desembarcassem os meus ba-

Digitized by Google

hús, ficaram então muito contentes, e desceram para a casa de baixo, batendo palmas, e dizendo: agora já o José não nos hade bater, já não havemos de ser castigadas, porque a *sinhasinha* que chegou hade ser o nosso anjo, ella que parece ter tão bom coração, hade ser a nossa mãe e defensora!

Passada esta scena subi ao segundo andar, aonde meu pae tinha mandado arranjar um lindo quarto para mim, que ficava contiguo ao de minha irmã, sempre prompto para quando ella queria ficar na cidade, e como meu pae não quizesse logo á minha chegada separar-se de mim, deu causa a que minha irmã e seu marido lá ficassem mais dois mezes; devendo eu no fim d'este praso acompanhal-os para S. Domingos Meu pae já me havia dito que visto ter a sua casa ligada ao estabelecimento, eu não poderia assistir ali, e que tinha ajustado com meu cunhado de lhe dar um tanto por mez, e que lhe exigira a minha propria soberba este contracto, sabendo que eu não iria para a companhia d'elles senão d'esta maneira.

CAPITULO VII

Vou para S. Domingos — Chamam-me a romantica — A familia Constant — O almirante e os officiaes da fragata La Gloire — O almirante á similhança de meu tio agrada-se da minha voz — Resposta de creança á primeira proposta de casamento.

Fui com effeito para S. Domingos promettendo-me meu pae de me ir visitar todas as semanas.

Dei-me bem com minha irmã, mas ella sempre me mostrava uma frieza extraordinaria quando eu lhe fallava sobre o *Sacré-Cœur*, e as saudades que conservava; as lagrimas não podiam deixar de me chegar aos olhos, por ver a indifferença com que ella escutava todos os meus segredos.

Digitized by Google

Um dia, meu cunhado estava presente, e não pôde deixar de lhe dizer que muito se admirava d'ella se não mostrar commovida, quando elle sendo homem se sensibilisava; a sua resposta foi que não era romantica a que seu marido mais seriamente lhe redarguiu, que podia sem o ser mostrar que sabia sentir mas que não estranhava isso, porque ella nunca tinha saido do Rio; educada n'um collegio inglez. devia ter o *spleen* Depois d'esta conversa minha mana me mostrava ainda maior frieza.

Meu cunhado destinou um dia para irmos fazer uma visita á familia Constant

Minha mana e as filhas d'essa familia que tinham sido condiscipulas no mesmo collegio. Essa familia gostou tanto de mim que poucos dias depois deram um grande e magnifico baile, para festejar a minha chegada, baile a que assistiu o almirante e todos os officiaes da fragata *La Gloire.*

Elles ficaram, como disseràm a Mr *Delphim, meu cunhado*, contentissimos com a presença da sua joven compatriota.

Depois de passar alguns dias vieram fazer nos uma visita; no fim de uma longa conversa o almirante pediu-me que lhe cantasse alguma coisa porque tinha ouvido dizer que eu tinha uma argentina voz. Eu não podia cantar diante de pessoa de fóra porque o acanhamento fazia-me rir, mas fui obrigada a ceder, e a chegar-me para o piano, pelos signaes que minha irmã e cunhado me faziam

O almirante gostou tanto de me ouvir cantar a romanza — *Le Soleil de ma Bretagne*, que m'a fez repetir segunda vez; afinal cantei uma modinha franceza de que elle se agradou tanto, que enthusiasticamente repetia em voz baixa. Nunca nos veiu visitar que não pedisse para lhe cantar a tal modinha.

Em minha irmã germinava uma especie de inveja, por ver que todos me elogiavam, e principiou a sua rivalidade, ora porque estava muito preparada, ora por-

Digitized by Google

que eu sempre cantava, e afinal dizia que depois de ter estar em casa já não havia afagos e cumprimentos senão para mim Muitas vezes lhe dizia que fosse amavel. e conversavel e que não mostrasse sempre uma cara de zangada, que já isso lhe não aconteceria.

Antes da fragata *La Gloire* partir para França, o almirante convidou-nos para um almoço a bordo, e com prazer foi acceito.

Eu fui n'uma *charmante toilette*, do que resultou ser gabada por todos. O almirante que me desejava ouvir pela ultima vez no seu *Bordo*, tinha mandado vir dias antes um piano; satisfiz a sua vontade, e cantei n'essa occasião apossada de bastante coragem Um dos officiaes com quem o almirante tinha desejado que eu me casasse, perguntou-me, se eu me decidia. que lhe desse ao menos uma esperança; que o almirante retardava a partida; eu lhe disse que daria a resposta ao mesmo almirante; com franqueza confessei a este que me era impossivel dar o meu consentimento a um homem com cabellos encarnados. e de mais a mais coxo; que eu era ainda muito nova, e que tinha muito tempo de pensar primeiro que me casasse O almirante gostou da minha ingenuidade, mas observando-me que eu fazia muito mal, porque Mr de La *** (nome do tal official) me adorava, e que eu devia considerar que sem *dote* seria difficil de encontrar um partido tão vantajoso, mas que esperava que eu pensaria, e lhe mandaria uma resposta favoravel ao meu pretendente. e deu-me o seu adresse para eu lhe escrever para *Cherbourg* para onde iam

Depois de repetidas despedidas, sempre com a esperança de nos tornarmos a encontrar, descemos para o escaler que largou immediatamente; tres vezes antes de desembarcarmos accenou meu cunhado com o seu lenço, em quanto que todos de bordo lhe correspondiam, e especialmente o almirante que me tinha mostrado sempre uma verdadeira amizade de pae e que me prometteu de sempre se recordar de mim com saudade.

Digitized by Google

Tivemos muita pena d'esta separação, já porque depois da fragata saír do Rio, a familia *Constant* substituia os grandes bailes que dava por pequenas soirées, e tambem porque eram os officiaes da mesma fragata as unicas pessoas, e a familia Constant, com quem meu cunhado se visitava mais intimamente.

CAPITULO VIII

Meu cunhado decide os passeios a cavallo — Sr. Chi* M*** Sr. W*** — Serios arrufos n'um baile — D. Maria R*** S*** — Familia Guido, embaixador de Bonoyarès — Pilarcita Guido — Segunda resposta de creança, a segunda proposta de casamento.**

O Sr. Delphim decidiu que para distracção minha e de minha irmã, saíssemos a cavallo.

Fiz constar este projecto a meu pae, que deu o seu consentimento, com a condição porém de me não deixarem galopar muito, porque sendo eu um *demonio de inquieta*, me arriscaria a algum desagradavel desastre.

Dias depois, estando já as nossas casaquinhas promptas, saímos com effeito com as M elles Constant, e varias pessoas mais, que formavam parte da cavalgada; como o Sr. Chi*** M*** que amava muito a M elle Caro... Const...., e o Sr. W*** que tambem tinha os mesmos sentimentos por M elle l'an.. . O. Ia com esses senhores Mr. Lev.... T. com quem meu cunhado desejava que eu me casasse d'ahi a tres annos.

Eu não me inclinava a essa idéa; o que desejava unicamente era ir aos bailes e passeios, e brincar com meu sobrinho que tinha nascido tres mezes depois de eu chegar ao Rio; e me entretinha a bordar-lhe touquinhas, vestidinhos e sapatinhos Minha irmã estava contente de ver o amor que eu tinha para seu filhinho, e podia ser que ella me tivesse tomado mais amizade, se tres ou quatro mezes depois, por occasião do baile dado

Digitized by Google

em casa de D. M. R. S. me não visse trajando um vestido de seda azul de furta côres, que eu ás escondidas tinha pedido a meu pae.

Que inveja e admiração foi a sua! ella que me esperava ver vestida de branco como era costume, e apparecer-lhe de azul-claro, com pulseiras e laços da mesma côr, pendendo-me do pescoço uma cruzinha de brilhantes, suspensa por uma fita tambem azul; tinha uma toilette simples, mas com tanto gosto que todos me fizeram elogios.

Minha mana esteve toda a noite tão zangada, que me não deu uma só palavra, e como não podesse disfarçar aquelle baixo sentimento que a enfrenesiava, não quiz dançar, dando a desculpa de estar incommodada. Uma senhora que percebeu o motivo do seu descontentamento, perguntou-lhe porque razão tinha vindo ao baile. A resposta d'ella limitou-se a dizer que fôra por minha causa.

Era uma hora quando queria saír do baile, mas eu como prevenção, já tinha pedido a D M. R S que nos desse logar a demorar-nos mais, por consequencia esta senhora pediu a varias pessoas para levarem meu cunhado para a sala do jogo; isto foi o narcotico para o adormecimento das idéas de sua mulher; tudo foi feito com tanta sagacidade e disfarce que ella nada comprehendeu, e eu diverti-me porque dancei até ás tres horas.

A Sr.ª D M. R. S. mostrava-me uma preferencia que fazia os ciumes de varios convidados

Instantes antes de nos retirarmos teve a bondade de nos apresentar á familia Guido embaixador de Bonayarès). Ali mesmo recebemos de M.me Guido um convite para um baile campestre, que ella dava no sabbado seguinte.

No outro dia escrevi logo a D. M. R S., mandando-lhe dizer que meu cunhado não iria a casa de M.me Guido, se lhe não mandassem um convite em fórma, porque elle assim m'o havia dito. Eram tres horas do mesmo

Digitized by Google

dia quando o recebemos, e meu cunhado já nada havia a negar.

Com que impaciencia esperei esse dia! que receios não tive de algum extraordinario me privar do baile! eu que tinha tanto gosto de conhecer com intimidade M.elle Pilarcita Guido, e que sentia uma tão forte sympathia por ella! e que alegria tive de ver brilhar os olhos d'esta bella joven, assim que nos viu na sala! o meu coração batia agitadamente de ver o seu contentamento, e disse cheia de prazer comigo mesmo: eu vos agradeço, meu Deus, de me haverdes dado uma amizade; eu que nunca tinha conhecido o que era uma affeição verdadeira! minha irmã não amava senão seu marido; meu pae não vinha visitar-me senão todos os oito dias; não sabia a quem devesse confiar as aspirações da minha alma! o meu coração necessitava uma pessoa que o soubesse comprehender!

Até ao ultimo dia que estive no Rio, consagravamos uma reciproca amizade que nada nos podia separar.

Nos bailes dados por sua familia, queria ella estar vestida egualmente como eu, se eu era mais festejada, mais *recherchée*, nunca mostrava essa ridicula inveja que essas senhoras de pouca intelligencia teem umas para com as outras; esse despique que tomam a quem é mais recherchée, e outras coisas mais.

Pilarcita, ao contrario, sempre me mostrava agrado, e sempre procurava occasião de me fázer brilhar. Nas soirées, como di iam que eu tinha uma bonita voz, podia d'aqui resultar alguma rivalidade; mas ao contrario ella é que me pedia para cantar, porque era para mostrar, dizia ella, que a irmã do seu coração tinha uma voz que tocava n'alma

N'uma grande soirée musical, fui cantar depois d'ella; como levei muitos applausos, o embaixador de *** acompanhou-me do piano ao pé de M me Guido, perguntando-me se era da minha vontade acceital-o por esposo, que elle ha muito tempo me amava, e que já havia fallado n'isso a M.me Guido, para que ella me consul-

Digitized by Google

tasse, e visto aquella occasião ser tão favoravel, elle pessoalmente o fazia, contando com a minha desculpa, e com uma resposta decisiva que lhe desse a sua felicidade.

Ao embaixador só pude sorrir, mas respondi a M me Guido, fazendo-lhe observar que eu não queria casar, e no caso que me decidisse, nunca seria com um velho. Ella advertiu-me, que para mim sem fortuna, tinha ali uma posição brilhante, e que muitas meninas acceitariam. Eu que já me estava aborrecendo a conversa, disse-lhe que preferia ficar com ella toda a vida, do que casar-me. M me Guido como uma senhora espirituosa, viu o que isto queria dizer, e mudou de conversação. Quasi no fim da soirée, ouvi-lhe dizer ao embaixador que não perdesse o seu tempo, que era uma creança e não queria entender a razão.

Os olhos que elle deitou para mim foram tão sentimentaes, que a Pilarcita que estava assentada ao pé de mim, e a quem acabava de contar tudo, não pôde deixar de sorrir-se, porque aquelles olhos que pareciam implorar piedade de amor, n'aquella cara já um tanto enrugada, era de fazer morrer de riso a pessoa mais sizuda.

Era exacto que eu por este casamento adquiria uma bonita posição; mas o que resultaria ao meu coração?! Na materialidade ter a então que me consumir n'uma vida de felicidade de riquezas, mas uma vida sem animação, sem idealismo; em uma palavra, uma vida morta!....

Oh! não, eu não podia consentir em tão grande sacrificio, e positivamente o declarei a M.me Guido.

Digitized by Google

CAPITULO IX

Vou com a familia Guido para o campo—Divertimentos pastoris, e innocentes corôas—Verdadeira felicidade—*Chateaux en Espagne*—Volto para casa de minha irmã—Principio a ver nevoeiros—Minha mana chama-me romantica—Meu cunhado chama-me créole exaltada.

Alguns dias depois d'esta soirée foi esta familia para o campo, e como tivesse obtido licença de meu pae para eu ir com ella, foi uma grande alegria para mim, porque a casa que possuiam era fóra da barra, onde os banhos do mar eram mais fortes, e produziam melhor resultado, e isto tornava-se indispensavel á saude de M.me Guido

Passámos duas semanas no centro dos maiores prazeres; levantavamo nos muito cedo para o banho, e á volta tornavamo-nos a deitar, depois do almoço até ao meio dia; a esta hora arranjavamo-nos, desenhavamos, ou tocavamos piano até ao jantar; depois iamos passear pela quinta a colhermos algumas flores, e quando os irmãos de Pilarcita nos podiam acompanhar, atravessavamos as montanhas, e corriamos a apanhar as borboletas que doidejantes pousavam de flor em flor; quando estavamos cançadas, procuravamos uma gruta, logar já nosso escolhido e favorito, aonde iamos descançar da fadiga. Então ali traçavamos corôas com as flor s colhidas, e muitas vezes voltavamos com ellas cingidas na fronte, e os nossos grandes chapeos desabados nas mãos: M me Guido gostava d'esté innocente brinquedo.

Um dia voltavamos de um d'estes passeios acompanhadas por Carlos e Eduardo Guido, que vinham na frente tocando flauta; Pilarcita, Daniel e eu vinhamos cantando, (note-se bem que isto passava-se no campo); todos que formavam este grupo de folguedo, traziam ra-

Digitized by Google

mos na mão e no peito. Estava M.me Guido ao principio da quinta á nossa espera conforme era o seu costume; ralhou-nos dizendo que já estava assustada, porque viemos mais tarde do que os outros dias; demos-lhe por resposta o offerecimento dos ramos das flores, ao que ella retribuiu com um beijo em cada um dos regressantes. Mas eu como não achasse sufficiente aquelle beijo, tirei a minha corôa da cabeça, e lh'a offereci, e ella tanto gostou e se commoveu com esta acção, que as lagrimas lhe vieram aos olhos, quando ella me apertou nos seus braços, dando-me innumeraveis beijos, chamando-me sua querida filha.

Se eu n'esse tempo podesse julgar o que era a vida, teria pedido a Deus de m'a dar dez annos n'aquella existencia, embora morresse depois.

Era a epoca mais feliz em que a Pilarcita e eu faziamos os nossos *chateaux en Espagne*, ou detrás d'um veo de illusões; sim de illusões, porque n'este mundo a propria felicidade não é mais que uma illusão ligeira e fatal. Mas que importava se dez annos d'aquelle viver de innocencia; dez annos de socego e suavidade ao coração valiam uma existencia longa de amarguras, preoccupações e de lagrimas'...

Mas eu pobre creança não comprehendia nada d'isto; julgava que a minha sorte futura seria sempre de festas, de prazeres, sem lagrimas! Julgava que os meus tormentos nunca seriam maiores do que quando eu queria apanhar uma borboleta e me fugia, voando pelos ares apressada!... Pobre louca que era! .. O meu coração se enchia de tristeza de a ver desapparecer tão longe de mim.

Mal sabia eu então que n'este mundo de sociedade quando se não quer pertencer a infames tratados, se é victima do desprezo, e a subjeição de intrigas ignobeis que tecem esses esplendores materiaes, que não respeitam virtudes nem sentimentos!...

Quando voltei para casa de minha irmã ia inteiramente mudada; de creança sempre desejosa de brincar,

Digitized by Google

passara quasi ás diplomacias de uma senhora; já sentia no coração a necessidade de uma affeição; aquella impossibilidade de viver só e isolada, sem poder desabafar o que sentia n'alma, e que mesmo nem eu o sabia explicar; era uma coisa vaga, mas que me fazia soffrer!

Meu cunhado parecia comprehender-me, porque dizia a minha irmã quando ella pretendia accusar-me de sentimentalismo, que ella me não poderia entender porque era uma rustica prosaica, e que eu tinha uma natureza susceptivel a delicados e insondaveis sentimentos, de uma fortaleza excessiva e demasiada; que eu franceza, mas nascida no Rio, era uma *creoula*, alma ardente que fazia que muito soffresse.

CAPITULO X

Uma filhinha de D. Maria R* S*** tem a febre escarlatina—Provo a minha amizade—Meu cunhado louva-me; minha mana zanga-se—Sou enfermeira—Emilinha está salva!—No meio de uma walsa fico atacada—Daniel Guido—Dr. Fou....—Meu pae—Perigo de vida—Salvamento.**

Elle não se enganava; dez ou quinze dias depois de voltar novamente para casa de meu cunhado, uma senhora do nosso conhecimento, que me tinha grande affeição, e que morava ao pé de minha irmã, tinha uma filhinha de tres annos muito doente com a febre escarlatina: a pequenita dava-se tão bem comigo que não queria tomar coisa alguma que não fosse dada por minha mão

Minha irmã zangou-se muito d'isto, dizendo que eu não devia lá ir porque a febre era contagiosa, e que arriscava a sande de seus filhos. Ella aqui deixava conhecer que era boa mãe, mas tambem deixava conhecer que por mim, sua irmã, não lhe dava isso o menor cuidado.

Digitized by Google

Decidi então a ficar em casa de D. M. R. S. visto ella se ver na afflicção de sua filha não querer nada senão comigo.

Meu cunhado louvou a minha resolução caridosa, em quanto que minha irmã escrevia a meu pae mandando-lhe contar tudo; ao que elle respondeu, que era um pouco arriscar a minha vida, mas que me não podia prohibir, o que elle em identicos casos estimaria que lhe fizessem por uma filha estimada, e n'uma doença d'aquellas.

Duas horas depois de receber esta resposta estava já em casa de D M. R. S. que me abraçava a chorar, dizendo que só eu era capaz de lhe valer com tanta coragem e consolação.

Mostrou-me ainda os perigos em que ia correr, e eu de nada me importava n'aquella occasião; estava resolvida a morrer se necessario fosse, para conservar uma filha adorada nos braços extremosos de sua carinhosa mãe.

Exigi que me fizessem uma cama ao pé da doente, que ao ver-me que ia ficar com ella, n'aquelle estado de somnolencia, seus olhos tomaram um brilho repentino e animado, e quando o medico chegou achou-a n'um estado de grande agitação Contaram-lhe então tudo; elle olhou para mim admirado de uma coisa que na verdade era tão natural.

No dia seguinte deu-me uma garrafinha com um certo liquido, para eu tomar a porção de uma colherinha de vez em quando, no caso de eu sentir tonturas, e a vista turva.

Quinze dias depois declararam os medicos que a pequenita Emilia estava livre de perigo. Tive excessiva alegria com isto, e principalmente quando vi os olhos da pobre mãe fixos em mim cheios de lagrimas, manifestando aquella gratidão suffocada quanto comprehensivel.

Lembrava-se que me tinha sacrificado para lhe salvar a filha, porque nem as criadas, nem a ella mesmo a

Digitized by Google

creancinha attendia; só a mim se abraçava, só eu a fazia tomar o banho e os diversos remedios que lhe destinavam. E sempre, sempre o agradecimento de sua afflicta mãe eram as lagrimas, que indicam muitas vezes o sentimento mais poderoso de uma boa creatura.

Vinte dias depois deu esta senhora um grande baile para festejar o restabelecimento da pequena Emilia.

Havia já dias que me sentia adoentada; tinha por segunda vez acabado de contradançar, e andava a walsar quando de repente me deu uma fortissima dôr que fiquei sem sentidos, e teria caído no chão se o Sr. Daniel Guido me não tivesse amparado. O doutor Fourg*** medico da familia declarou que eu tinha todos os symptomas de febre escarlatina.

Fizeram-me conduzir a um quarto, e o baile ficou interrompido porque todos ficaram com pena de ver assim o resultado da minha dedicação

O doutor e D R P. e suas cunhadas ficaram toda a noite ao meu lado; escreveram a meu pae que veiu immediatamente, querendo levar me para sua casa. mas o medico declarou que isso era impossivel no estado em que me achava

D R P. fez advertir que ainda que isso fosse possivel, não o consentiria, por isso que eu me havia sacrificado por amizade, ella o queria fazer por gratidão.

Declarou então o marido d'ella que ficaria com sua irmã e uma de suas cunhadas, para não ficar ella só com as escravas

Minha irmã ficou tão receiosa que partiu ao meio dia com seus filhos, marido e escravos para a cidade, deixando só um preto que lhe tomasse conta de toda a casa. N'esta acção nem uma unica pessoa de S. Domingos pôde deixar de reparar ...

A segunda junta de medicos que se me fez, declarou que seria um milagre o poder escapar .

Meu pae, que estava presente, escreveu logo para a cidade mandando dizer que não esperassem por elle, que só voltaria quando eu estivesse boa ou morta.

Digitized by Google

Ficou-se uns poucos de dias na espectativa, porque eu estava no maior dos perigos, e esperava-se de um instante para o outro que deixasse de existir

Estava n'um tal estado n'esta doença, que nada soube senão pelo que a depois me contaram, e os signaes dos causticos que me ficaram

Na noite de 20 para 21 d'aquelle mez estive tão mal, que os medicos julgaram que eu não chegaria á madrugada

O doutor F*** que dizia ter por mim uma paixão, pediu então a meu pae e aos mais doutores que lhe dessem livre arbitrio de fazer tudo quanto julgasse conveniente, o que lhe foi concedido

Tirou de uma garrafinha um liquido e pelo cano de uma palhinha assoprando me fez engulir algumas gotas. Os medicos que não viam resultado, diziam que era melhor elle deixar me morrer em paz; mas elle ateimando deu-me novamente mais algumas porções do dito remedio. Reanimei-me um pouco, e elle aproveitando-se d'isto mandou-me dar uma fomentação, e meia hora depois fizeram-me tomar outro medicamento que me fez dormir alguns instantes, e que na verda e foi a minha salvação.

No outro dia pelas tres horas declararam os medicos que havia algumas esperanças de vida. o que effectivamente se realisou, porque quarenta dias depois já eu andava na convalescença.

Não se pode imaginar a bondade de D Rosa para mim; o seu cuidado, as suas incançaveis vigilias, os seus carinhos, só se receberiam de uma boa e terna mãe, e de uma amiga sincera e verdadeira como ella era

Digitized by Google

CAPITULO XI

Partida de caça em que o Sr. Chi* M*** passa de dandy a pato—Das rizadas d'esse acontecimento, ganhei um par para todas as walsas—Das gargalhadas d'essa catastrophe, ganhei uma declaração—Conselhos de meu cunhado—A rua fica bem calçada—Impressão da palavra morrer, no meio de um baile—Uma rosa branca sim, uma violeta não—No Rio de Janeiro, a ultima vez que vou *dans le monde*—Meu ultimo passeio a cavallo no Rio.**

Passados tres mezes fomos fazer uma partida de caça com toda a familia Constant: eu já estava tão forte que não deixava ninguem passar-me adiante.

O Sr. C*** M*** que era o adorador de M.elle C. C. apostou que seria capaz de o fazer; eu ignorava que elle fosse tão firme e excellente cavalleiro: fingi que se tinha desarranjado o estribo, para dar com este disfarce alguma folga ao meu cavallo, afim de elle me não deixar ficar mal, de sorte que quando lhe larguei as redeas partiu com a rapidez de uma frecha. Outra aposta tambem se havia feito entre M.elles Paulina e Carolina de C.***, meu cunhado, e Mrs V*** B***, porém ficaram-nos muito atraz, e eu já estava tão cançada que reflecti para comigo, e entendi que perdia se não usasse de uma estrategia.

Ao passar de uma azinhaga vi a alguns passos diante de mim um poço de agua que se tinha ajuntado da chuva que havia caído dias antes, fiz com que o meu cavallo tomasse quasi todo o espaço do caminho não restando para o cavallo em que montava o Sr. C. M. senão caminhar atraz do meu, e saltar por cima do lago o que elle fez, mas não tendo calculado bem o alcance, e estando já o cavallo cançado saltou, e curvando os joelhos caiu juntamente com o cavalleiro no lamaçal: quando vi que não se tinha ferido, não pude assim como as mais pessoas que nos seguiam, deixarmos de

Digitized by Google

rir muito da triste figura que o pobre *dandy* tinha feito.

Ora imagine-se um *petit maitre*, um *janota* enlameado, em quanto que o cavallo corria á desfilada, se esta scena era ou não de promover gargalhadas?....

Apparecer n'uma tal figura aos olhos da sua bella, era para amaldiçoar esta aposta.

Quando viu as lagrimas nos lindos olhos de M.elle Carolina C*** pareceu ficar mais contente, e quando tornou a montar não deixou de se rir da celebridade do acontecimento.

Dois dias depois a familia Co*** deu um baile, aonde o Sr. C. M. foi meu par seguido em tres contradanças, no espaço das quaes me fez a sua declaração amorosa. Fiquei bem admirada de o ouvir, e perguntei-lhe se aquella catastrophe da caçada é que lhe tinha inspirado taes sentimentos, sendo eu a causa de elle lançar-se no lamaçal; com franqueza lhe disse que nunca seria rival de uma amiga.

Vim sentar-me ao pé de minha irmã e contar-lhe esta conversa, e ella disse me:

—Porque não o deixaste continuar para metter ferro á Carolina?

—O que eu não queria que me fizessem, não o faço, respondi-lhe eu.

Ella encolheu os hombros murmurando: tola!

Quando iamos para casa meu cunhado disse-me que não desse apreço a essas palavras porque o Sr. C M. era um seductor!. .. que andava enganando a Carolina C***, e que enganaria toda aquella que se deixasse illudir por suas declarações .. que eu já tinha o meu casamento justo com um amigo seu Mr. L. V.... Respondi-lhe que não me casaria por ajuste, e que não suppozesse isto uma impossibilidade da minha parte.

D'esse dia em diante o Sr C M andou a medir a rua em que moravamos, indagando de um escravo aonde iamos á noite.

Finalmente como viu que eu nunca apparecia á ja-

Digitized by Google

nella, não quê eu não tivesse vontade; eu como creança desejava rir, mas não apparecia por meu cunhado m'o prohibir com razões que me convenceram, mas a minha *coquetterie* me fazia tocar piano em quanto elle estava de cabeça levantada.

O ultimo baile em que estive na casa da familia Con*** não faltei nem a uma contradança nem a uma walsa: ao acabar uma d'estas estava tão cançada que me assentei ao pé de uma senhora que estava ao pé de uma janel a, e para abrandar o meu calor tomei um sorvete Os Srs. W*** e C. M. que estavam ao nosso lado, advertiram-me que era uma imprudencia que fazia e que poderia morrer.

Não sei porque, esta palavra morrer, no meio de um baile, no centro de tantos festejos, fez-me opprimir o coração, e para esconder as lagrimas que me deslisavam pelas faces, foi preciso levantar me e encos ar-me á janella: lembrava-me não sei do que.... O horisonte, as estrellas que brilhavam no firmamento, tudo, tudo me indicava uma nova idéa, tudo me trazia um novo pensamento sem alentação de uma esperança.

O Sr. C. M. passou ao meu lado, perguntando se lhe concedia uma resposta ao que ja me tinha dito do seu amor, dando lhe o consentimento para me pedir a meu pae. Respondi-lhe que além de não atraiçoar uma amiga, não tinha vontade de me casar; ao que elle interrompeu dizendo, que eu respondia á vontade de meu cunhado, o que lhe não admirava visto elle ter lhe tão grande antipathia, e disse muitas coisas que em egual posiç o, todo o homem de orgulho diz. Vi C. C com os olhos fitos em mim. quasi desmaiada, e com a pallidez da morte Fiquei com tanto dó d'ella, que me fui assentar a seu lado, e contei-lhe tudo; ella ficou tão satisfeita e gostou tanto da minha sinceridade que me apertou a mão n um transporte de agradecimento; tirei-lhe uma rosa branca do seu ramo, e quando tive occasião fui offerecel-a ao Sr. C. M. dizendo-lhe que só se devia lembrar da pessoa que lhe mandava aquella flôr.

Digitized by Google

a sua resposta foi que gostava mais de violetas, porque eram até mais raras: conheci o sophisma empregado por causa do ramo d'estas flores que eu tinha na mão; tirei uma e lh'a dei, dizendo-lhe que ella exigia que se não esquecesse da rosa branca, e lhe pedia de fazer a sua felicidade; gostou em fim tanto da minha replica que não pôde deixar de sorrir se; porém no resto da noite não tornou a dançar, e eu fiquei contentissima quando vi que elle se assentou a conversar ao pé de Caro*** C***

Já havia dito a esta pobre joven o que pensava sobre o caracter de C . M ..; d'ahi por diante ella é que devia ter concluido a obra que eu tinha principiado, e hoje estaria casada com elle; mas o seu amor foi mais violento do que a razão e por isso ella tem soffrido bastante, e vertido muitas lagrimas sem consolo e sem esperanças.

A ultima vez que fui *dans le monde*, fui com a familia Guido a um baile dado pela familia Mac***, e alguns dias depois saí pela ultima vez a cavallo com a Pilarcita e seus irmãos a uma partida de caça.

CAPITULO XII

Carlota—Sou rival de uma escrava—Uma carta n'um livro—Meu pae zeloso—Engulo uma carta—Uma carteira em perspectiva é a reconciliação—Vence-se mais pela doçura que pela autoridade.

Vim ficar coisa de tres dias com meu pae, quando no dia seguinte a escrava Carlota que governava todas as outras, se chegou ao pé da minha cama dando-me uma carta, e pedindo que lh'a lesse porque era de um seu admirador. Eu que gostava muito d'ella, porque sempre me adormecia contando me diversas historias e não só isto, a minha curiosidade de ver como um *dandy* (como ella me disse que elle era) escrevia a uma escrava,

Digitized by Google

sentei-me na cama e abria-a: principiava por M.elle não tendo outro meio para lhe dizer o que o meu coração sentia; fiz pensar á Carlota que a carta lhe era dirigida; depois seguia se uma declaração em forma, perguntando-me se eu acceitava a sua sorte, e que no caso de assim acontecer que me iria pedir a meu pae em casamento Fiquei admirada da carta que não sabia o que devesse dizer a Carlota; desculpei-me emfim por ella estar escripta em francez, e que não podia traduzil-a de repente. Já dizendo-lhe as palavras propicias que me occorriam, até que ella se lançou de joelhos para que lhe fizesse uma resposta, ao que me não recusei porque era bem determinativa. Não me escreva mais; não acceitarei as suas cartas; não acreditando no seu amor nem nos seus protestos, nem em coisa alguma do que dizia, porque quem usa de um subterfugio, e de uma traição, pode em tudo ser o mesmo.

Alguns dias depois estando assentada ao bastidor a bordar um bonet para meu pae, para descançar um pouco tomei um livro que tinha a meu lado, e ao voltar algumas folhas vejo uma carta que me era dirigida. Eu que não estava certa na lettra abri-a, e achei-a na verdade tão interessante que a li tres vezes; quando ao final da ultima senti mexer perto de mim: levanto a cabeça e vejo meu pae olhando fixamente para mim. O meu primeiro movimento foi fechar o livro, mas elle se apressou dizendo-me:

—Josephina, dae-me esse livro.

Disfarcei com naturalidade deixando caír a carta no colo, e entreguei-lhe o livro: quando o vi entretido a folheal-o metti a carta no peito, movimento que elle observou attentamente pedindo-me outra vez a carta. Vendo que já não tinha recusa alguma, e que meu pae ia conseguil-a por meio de factos, tirei-a n'um repente e mettendo-a na bocca mastiguei-a toda. Ficou tão admirado d'isto que se retirou immediatamente sem me dizer uma palavra, ficando quatro dias mal comigo, que nem se quer vinha á mesa: no fim vendo que eu por

Digitized by Google

mim não cedia, e tendo-me grande amizade não pôde deixar de me vir pedir que lhe bordasse uma carteira; fiquei tão satisfeita e cheia de contentamento que me lancei ao seu pescoço dando-lhe muitos beijos, e chamando-lhe meu *papázinho*, elle tambem me abraçou muito, e mais de duas horas levou a fallar sobre a obediencia das filhas, ao que só lhe respondi que me pedisse tudo, fosse o que fosse, que lhe obedeceria promptamente, mas não com uma ordem imperiosa propria para escravos, porque similhantes jugos não os supportaria de ninguem, mas que cumpriria todos os seus desejos e vontades, uma vez que fossem exigidos com aquelle afago que um pae deve sempre empregar para uma filha.

Elle só respondeu:

—Es muito boa, Josephina, e farás todas as pessoas que te saibam comprehender, felizes!

Ainda uma terceira carta me veiu parar ás mãos, e que fui logo entregar a meu pae, que ficou satisfeitissimo, e me disse então, que se visse que o podia amar, lh'o dissesse, para elle lhe escrever e vir-lhe fallar; mas eu pedi-lhe que não fizesse tal, porque eu por em quanto não queria casar; tinha medo de me ligar, porque via que minha irmã adorava seu marido, soffria dos seus ciumes, e eu receava se viesse a amar de participar esse martyrio.

CAPITULO XIII

Casamento do imperador—Casa-se a princeza D. Januaria—Casamento por amor da princeza D. Francisca com o principe de Joinville—Espanto de um homem saír a pé—Espantam-se de um charuto—Espantam-se de umas calças sem prezilhas—Capitulo em que se diz que um homem pode ser principe e democrata—Vou ficar com D. Maria B***—Um marido comparado ás furias do tufão—Un peu de raisonnement—Illusões e desejos.

Por esse tempo celebrou-se o casamento do impe-

Digitized by Google

rador D. Pedro II, para o qual se fizeram grandes festejos na cidade do Rio. Grandiosos e magnificos arcos de flores, muitas illuminações brilhantes, e por todos os lados se liam os nomes dos augustos esposos entrelaçados; as despezas foram avultadas: eu teria achado essas sommas mais bem empregadas se tivessem levantado um bello monumento no largo aonde devia desembarcar uma princeza que deixava patria, familia, e costumes para se tornar brazileira; monumento que teria ficado ás gerações futuras em memoria.

Vi tambem os casamentos das duas irmãs do imperador, D. Januaria com S. A. o conde de Aquilla, e D. Francisca que se casou por amor, (o que foi muito extraordinario) com o principe de Joinville.

Alguns dias depois de estarem ligados foram visitar as fragatas que os deviam conduzir para França O principe de Joinville sem mais cortejo tomou D Francisca pelo braço; principiava a chover, elles pareciam indifferentes a isto, e continuaram a caminhar até chegarem ao escaler.

No dia seguinte não se fallava no Rio em outra coisa, senão que o principe de Joinville passeava a pé com a princeza, de charuto na bocca, que trazia calças sem prezilhas, etc , etc.

Os brazileiros ainda eram da antiga epoca, que julgavam que um homem por ter nascido principe, não era como os mais, e que devia sacrificar as suas vontades á etiqueta para satisfazer á subjeição. Ora como o principe de Joinville conhecesse o seu logar como homem, e como quem era, tinha sufficiente intelligencia para saber desprezar tudo, e de só se importar com sua esposa que idolatrava. Elle ficou satisfeitissimo no dia em que deixava com ella o Rio de Janeiro, cidade que ainda não comprehendia a liberdade de costumes e de sentimentos varonis.

Por esta occasião sentia me bastante incommodada; o medico aconselhou a meu pae de me mandar para o campo, e decidiu-se que iria para casa da familia Bra***,

Digitized by Google

a senhora era muito minha amiga; fiquei satisfeita porque ella tinha uma menina de dois mezes, e eu sempre o estava quando me davam uma creança para brincar. Passei lá alguns mezes completamente feliz, e assim continuaria se não fosse o desgosto que observava em que vivia D Maria, que era uma flor delicada e mimosa, subjeita a um marido voluvel e caprichoso, que melhor não posso comparar que ás furias do tufão que fazem curvar as melindrosas hastes de encantadoras flores, e quando não as rojam no chão ao repentino sopro, vão-lhes roubando folha por folha, até só ficar a desbotada petala emmurchecida, e exhalar resequida os ultimos signaes de existencia ao declinar do sol, que jámais tornará a despontar para a illuminar.

A' similhança d'isto são certos homens que não querem ou não sabem comprehender os sentimentos delicados do coração de uma mulher.

Certos homens ha que fazem d'esse coração uma coisa inerte, e que atabafam muitas vezes o espirito que o cerca com esse poder estupido que elles mesmos ousaram tomar na civilisada sociedade.

N'estas alliaças vulgares e apressadas não ha aquelle estudo natural e indispensavel ás creaturas que se vão juntar para sempre. porque ha mulheres que nasceram propriamente para no estado conjugal viverem debaixo de absurdas determinações que ellas não avaliam nem comprehendem, e outras para serem correspondidas com eguaes direitos, affagos, doçuras e caricias; as primeiras trate-as embora o marido *comme maitre et seigneur!* as segundas que só quebram as suas vontades com a força magnetica de um verdadeiro e poderoso affecto, merecem ser tratadas com tanto cuidado e delicadeza, como as creanças que só obedecem com meiguices Se alguns homens soubessem conhecer a differença dos sentimentos que se encontram no coração das mulheres, nenhum se arrependeria um dia da sua escolha, nenhum seria infeliz, nenhum amaldiçoaria a vida e tentaria contra os seus dias!....

Digitized by Google

Esta falta de comprehensão caracterisava o Sr. Pedro Bras***, e era isto que tornava sua esposa infeliz, e que a fazia soffrer incessantemente

Quando fui para casa d'esta familia é que o Sr. J. Dupey*** principiou a escrever-me todos os dias, e por fim chegou a nossa correspondencia a tres cartas por dia. Elle era dotado de uma alma franca, nobre, leal e dedicada; gostava da sinceridade do meu coração, porque eu escrevia-lhe tudo que na verdade sentia. Confiei-lhe as minhas penas, as minhas lagrimas, e as profundas saudades de ter perdido uma mãe idolatrada; eu que teria sido tão feliz se Deus m'a tivesse conservado, ter-lhe-hia patenteado o fogo que sentia no peito, a vehemencia do meu filial amor, e a necessidade que tinha minha alma de *amor*, não amor como se entende vulgarmente esta palavra, raras são as pessoas que sabem entender verdadeiramente este sentimento superior a todos; e eu sentia essa necessidade de me ligar a um ente que me comprehendesse; que visse que era uma mulher exaltada, sim, mas capaz de todos os sacrificios para quem me soubesse corresponder; um ente que não vivesse senão para mim, assim como eu vivesse só para elle.

Oh! se houvesse duas almas que sentissem a mesma força e sympathia de amor e dedicação, haveria decididamente um paraizo sobre a terra.

Digitized by Google

CAPITULO XIV

Quando nasce cupido, as cartas desejam passar a expressões verbaes—Poeticas conversas ao luar—A's vezes os relampagos e a chuva obrigam a fechar a janella —Tenho cuidado na minha escrava—Um homem com amor n'alma e honra no coração—Meia palavra—Meu mano Carlos—Justa indisposição de meu pae—Dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales—M.me Carlota continua a ser boa mãe para meu irmão—Trabalho para uma reconciliação—Dote que é necessario a uma mulher de orgulho.

Depois de mais algum tempo já as nossas cartas não eram sufficientes, nossos corações incendiados não achavam já expressões para descrever o immenso affecto de que eramos apoderados.

J. G. Dupey*** dava-se então ao incommodo de andar tres leguas, duas ou quatro vezes todas as semanas para vir para debaixo da minha janella para conversar comigo até ao romper do dia. Quanto estas conversas eram poeticas, meu Deus! ás vezes eram por noite serena em que o ceo se ostentava cercado de estrellas deslumbradas á claridade da lua que nos alumiava, sem que nem sequer um sopro de aragem podesse levar para longe o debil eco das nossas vozes.

Outras vezes por escuras noites de medonhas trovoadas, em que só a claridade do relampago podia offerecer a occasião de nos vermos; a chuva caindo a cantaros sobre elle, sobre elle que se esquecia de tudo para gozar algumas horas de feliz conversação

O ceo era testemunha d'estes momentos passados tão docemente, ainda mesmo em occasião de maior tormenta, e os catraeiros que ficavam na margem do rio, deitados no barco que se achava distante coisa de vinte passos defronte da minha janella, e a mulata criada do meu quarto, que dormia no mesmo n'uma pequena cama aos pés da minha, porque eu era então muito medrosa, e se me perguntassem porque, não o saberia dizer, era

Digitized by Google

uma coisa inexplicavel! mas eu desejava ter uma voz á noite que me respondesse quando eu chamasse, e não ter de puxar o cord o da campainha quatro ou cinco vezes antes de virem saber o que precisava Quantas vezes por noites invernosas receando que ella tivesse frio, fazia primeiro puxar o meu leito para fóra do cortinado para collocar-lhe a cama debaixo d'elle, fornecendo-lhe mais todos os meus cobertores, e antes de ir para a janella fechava bem as cortinas e pregava-as, afim de ella ficar ao abrigo do vento: isto fazia ter-me uma dedicação que ella me teria dado a sua vida se lh'a tivesse exigido

Quando estes preparos estavam feitos chegava-me então para a janella, pregando as cortinas d esta por detraz com um grande alfinete para que o vento não podesse apagar a lamparina, e assim descançada na minha escrava e n'aquella luz, ficava satisfeita, e o meu primeiro olhar dirigia ao céo um profundo agradecimento que meu grato coração tributava a Deus.

Oh! n'esse tempo que eu não sabia o que era amor; que não conhecia senão o desejo de ter uma amizade verdadeira, julgava-me tão feliz n'essas noites!

Quando J G Dupey*** me dizia que a sua maior felicidade consistia no dia em que se julgasse ligado a mim, perguntava-lhe ainda com a inexperiencia d'aquella edade:

—Então porque não hade ser este mez o nosso casamento?

—Conheço que é uma menina de merecimento, dizia elle, e para eu a fazer feliz, é necessario possuir uma brilhante fortuna para lh'a offerecer É dotada de uma alma superior de mais para entrar em questões materiaes do mundo, e não pode ajuizar bem o que é o dinheiro; se a não amasse como sinceramente a amo, casariamos agora, embora o futuro fosse destinado para só verter lagrimas, quando não podesse satisfazer um dos meus desejos. Conheço e não posso duvidar da da promessa que me faz de esperar dois annos, e não

Digitized by Google

acceitar a côrte nem o partido de alguem. O meu amigo L. V F., quer pedil-a a seu pae; elle fez-me a confidencia do amor que lhe tem, e de certo que seu pae se não recusa a um partido tão vantajoso. Qual será a sua resposta?

A minha resposta, lhe respondi eu, é que se não fossem os nossos corações comprehenderem se tão bem, e formarem uma mutua correspondencia, nunca acceitaria a mão de um homem que se dirigia primeiro a meu pae, sem procurar saber a minha vontade e ter o meu consentimento: mas o senhor que acaba de dizer que me ama, e que eu tambem o am....

Fiquei aqui; não sei o que me impediu então de concluir a phrase; senti que um excessivo calor me acabava de subir ás faces, e eu não ousei dizer que o amava. Elle comprehendeu a minha interrupção porque me disse palavras satisfatorias.

Oh! creança que era então, que julgava que esse sentimento que encerrava no coração era o amor! Gostava de revelar tudo que pensava, os sonhos que formava nas nossas conversações, e julgava que tudo istó era esse amor! Sempre o julguei até o dia em que o conheci, e pelo qual offereci a Deus a minha propria vida, para salvar a do ente que devéras sabia amar! e só assim conheci que este amor que tinha ido no Brazil, era completamente uma creancice.

Meu irmão Carlos vinha amiudadas vezes visitar-me: nós que tinhamôs estado em Paris ao mesmo tempo e gostavamos bastante de fallar sobre nosso tio tia, primos, etc., estavamos ligados por uma forte amizade; fazia-lhe todas as vontades para esquecer um pouco a inimizade com que estava então com meu pae, que o tinha incumbido de ir receber um dinheiro que lhe deviam a Montevideo

Meu irmão como rapaz novo, saindo apenas dos seus estudos, achando-se com tão grossas sommas de dinheiro, principiou a extravaganciar, e taes foram as suas esturdias que em poucas semanas deu cabo de tudo,

Digitized by Google

não achando depois n'esses que se diziam seus amigos, um que verdadeiramente merecesse este titulo.

O mundo é assim: em quanto se encontra dinheiro, duram amigos que rendem toda a homenagem e que se dizem indissoluvelmente ligados; á menor mudança d'esse objecto que constituia tão intimas relações, e a que vulgarmente se chama fortuna, esses mesmos que por toda a parte se jactavam de serem seus amigos, são os proprios a voltarem as costas, e a caminharem talvez com um sorriso de escarneo e de desprezo nos labios!

O proverbio: dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales, realisou-se para meu irmão.

D'estes caracteres está cheia a sociedade moderna, que tem as suas pretenções ao progresso da civilisação, e se julga por irresistivel força de vontade tocar já a meta determinada!

Epoca feliz na verdade!... São tão infames estes procederes como dignos de lastima, e não vale a pena encommendar maldições para os vilipendiar; basta um rigoroso desprezo.

Meu irmão Carlos, vendo que meu pae não lhe mandava dinheiro, voltou para o Rio; mas como meu pae não o quizesse mais ver, foi para o hotel de M.^{m} e Carlota, e o motivo que o fazia ir visitar-me amiudadas vezes, era porque sabia que meu pae me idolatrava, talvez que por mim conseguisse fazer as pazes com elle, mas meu pae foi inexoravel aos meus pedidos; respondia quando me via chorar:

— Tu choras por teu irmão te haver usurpado o dote? Verte antes essas lagrimas por ti, pobre creança.

Dizia-lhe então eu que não me importava o dote, mas que sómente desejava a sua reconciliação com Carlos; mas meu pae pela primeira vez foi surdo aos meus rogos.

Verdade que elle não era muito indulgente, mas tinha um excellente coração, e se elle me tivesse po-

Digitized by Google

dido destinar um dote, eu não teria soffrido tanto nem vertido lagrimas de profunda desesperação!.. ...

Todo o pae ou mãe de familia deve adquirir um dote para suas filhas, porque se ellas tiverem orgulho e sentimentos elevados no coração, o dia em que um marido disser: não tinha dote!.... n'esse dia, se fôr uma mulher decisiva e de alguma intelligencia, deve quebrar todos os laços e tornar-se independente de um dominio que a abaixa.

CAPITULO XV

Cedo o meu quarto—As pedrinhas acordam o casal—O portador das violetas vae-se embora triste—As violetas estão repartidas—Confissão resultada d'essa repartição—Meu cunhado admira a energia—Minha mana chora—D. Maria abraça-me—Verdade sobre minha irmã—Um alfinete de peito—Sympathia fraternal por conveniencia—O portador das violetas apresentado por meu cunhado — Planos—Desejos de viagens — Despedidas—Ultima visita á familia Guido—Inuteis cartas de recommendação—Meu defeito dominante é um peccado mortal.

Meu cunhado veiu com minha irmã fazer-me uma visita; a Sr.ª D Maria Bra*** tinha sido collega d'ella no mesmo collegio, e sempre foram ligadas de uma forte amizade: como a fizeram decidir a ficar uns dias para o festejo dos annos da pequenita, tive que lhe ceder o meu quarto, e passar para outro mais pequeno que ficava sobre o jardim. Esta mudança foi tão repentina que não tive tempo de o mandar dizer a Mr. Dupey***, e isso deu motivo a minha irmã e meu cunhado acordarem pela meia noite ao bater das pedrinhas que Dupey*** atirava á janella. Minha irmã querendo affirmar-se embrulhou-se em um chale e abriu a janella; Mr. Dupey*** perguntou-lhe se estava doente, ao que ella respondeu que sim; pedindo-lhe elle que deitasse uma linha como era costume, recolheu-se e abriu a minha banca de costura, e como não a achasse pegou em um

Digitized by Google

novello de lã e atando-lhe o meu dedal, o deixou caír, e quando a puxou viu um lindo ramo de violetas que elle tinha a constancia de me trazer cada vez que vinha fallar-me. Minha irmã fechou a janella, e elle foi-se embora triste de ella lhe dizer que estava doente.

No dia seguinte conheci que os novos moradores do meu quarto estavam ao facto de tudo, não me importei, mas senti meu coração oppresso quando vi minha irmã tirar o ramo da algibeira, repartindo por todos as minhas delicadas e mimosas violetas; não pude deixar-me ficar sentada porque nunca fui senhora de impedir o meu primeiro movimento; levantei-me, e com as lagrimas nos olhos lhe disse:

—É mau, Clementina, o que estás fazendo; não só torturas o meu coração, mas até estás dispondo de um objecto que te não pertence! Esse ramo é meu, e peço-te que m'o entregues.

Ella principiou a rir despropositadamente; vendo isto sentei-me e voltando-me para a Sr.ª D. Bra*** lhe disse socegadamente:

—Ha alguns mezes que estou em sua casa, e tenho hoje a pedir-lhe perdão de ter escondido um sentimento que tem dominado bastante meu coração e as minhas acções; esse segredo não era meu só; eis o motivo do meu silencio. Hoje que minha irmã falta á delicadeza, zombando de tudo que é superior a certas comprehensões.... não espero a sua narração estupida. Eu vou explicar tudo.

E assim principiei contando como se haviam passado aquellas noites de trovoadas e de luar

Conheci na physionomia de meu cunhado a admiração que lhe causou a minha energica resolução, sendo eu tão nova, de revelar tudo tranquillamente primeiro do que o fizessem.

Minha irmã vendo que seu marido não tinha gostado da sua calculada maldade, principiou a chorar; D Maria abriu-me os braços aonde me lancei, promettendo-lhe d'então em diante nunca mais ter um segredo sem

Digitized by Google

lh'o confiar. Passado este dia ella começou a mostrar frieza á minha antagonista, que pouco depois deixou de lá ir.

Minha irmã todavia era boa e tinha por vezes agradaveis sentimentos, era dotada de um genio incomprehensivel, e mesmo a seu proprio marido, que ella adorava phreneticamente, não consentia que lhe desse a menor reprehensão.

Um dia meu irmão, que era muito meu amigo desde que meu pae estava mal com elle, disse-me que ia a uma soirée, e pediu-me que lhe emprestasse um pequeno alfinete de peito que eu tinha de oito brilhantes, cercando uma esmeralda em pequeno quadrado; de boa vontade condescendi ao seu pedido, mas o que sei em resultado é que nunca mais m'o tornou a entregar; á proporção d'este fez-me uns poucos de abusos de bom espirito, mas já lhe tenho perdoado e esquecido.

No fim das recusas de meu pae a seu respeito fez-me escrever uma carta a minha tia M.me Levaillant para obter d'ella o elle vir para Lisboa, e como esperasse a resposta cada vez parecia mais meu amigo; era uma verdadeira sympathia fraternal'

Quando chegou a carta de M.me Levaillant, em que dizia que elle podia ir juntamente quando eu voltasse, ficou meu irmão Carlos muito satisfeito.

Mr. Dupey*** depois do acontecimento d'o ramo com minha irmã, declarou todas as suas intenções a meu cunhado que o apresentou á familia Bra***, observando-lhe primeiro que não devia oppôr-se a eu voltar para Lisboa, visto minha tia não ter filhos e ter-me declarado sua herdeira, ao que elle respondeu que nunca se havia de oppôr á minha felicidade, e que um anno depois de eu largar o Rio, elle viria para Lisboa contrahir o casamento e partirmos então para a sua terra natal que era *Bordeaux*, na Gascunha, em França.

Este anno que elle pedia era para realisar tudo que tivesse no Rio, e eu tão creança que não sabia que os

Digitized by Google

desejos dos que nos estimam verdadeiramente são os que mais raras vezes vemos realisar!

Quem me teria dito então, que se da primeira vez que vim para Portugal não encontrei senão desgostos, da segunda não encontraria senão martyrios!...

Tudo quanto fosse mudança e variedade satisfazia a minha ardente imaginação, por isso desejava anciosa esta volta porque tinha um desejo, e um desejo profundissimo de viajar, correr terras, conhecer os diversos usos e costumes de cada uma d'ellas; isto era para mim, como deve ser para toda a gente de senso commum, o viver verdadeiro gozando dos conhecimentos do mundo.

Depois dos nossos preparativos estarem concluidos, tive que me despedir das minhas amigas, reservando a minha ultima visita a Pilarcita, passando na sua companhia o dia todo, recebendo os bons e apreciaveis conselhos de M.me Guido, que já m'os havia principiado oito dias antes pela occasião do ultimo passeio que demos na sua caleche.

Forneceram-me umas cartas de recommendação para varias pessoas residentes aqui em Lisboa, das quaes nunca fiz uso, porque de volta para Portugal conheci que a minha posição tinha mudado inteiramente, e que em casa de M.me Levaillant não podia ser o que tinha sido no Rio; *re herchée* nas mais altas sociedades, graças ao amor e protecção de M.me Guido, e á minha intima amizade com Pilarcita.

O dia em que reflecti sobre a mudança da minha situação, subi ao meu quarto e queimei todas as cartas que me poderiam ter aberto as portas de muitas familias, e as relações de amizade mais ligadas e sinceras; fiz isto porque me não quiz subjeitar a que alguma d'ellas julgasse fazer-me uma grande honra em me receber nos seus salões.

Reconheço que isto foi uma grande prova da minha soberba, mas eu o confesso, nunca pude dominar o meu orgulho, e isto tem sido por muitas e repetidas vezes a origem dos meus males.

Digitized by Google

CAPITULO XVI

Deixo outra vez a minha patria—*Que Dieu te conduise a ton bonheur*—Ao ver uma pallidez, foge-me a palavra; ao apertar uma mão fria estremeço—A medalha da minha primeira communhão é um penhor.

Meu pae veiu acompanhar-me a bordo com a familia Bra*** e o Sr. Dupey*** que lhe tinha declarado as suas boas intenções; meu pae não pôde ficar até o navio levantar ancora, porque elle não queria demonstrar o seu coração opprimido; depois de me apertar em seus braços e de dizer-me: *que Dieu te conduise a ton bonheur*, desceu para o bote, em quanto que eu ficava encostada no parapeito do navio com um oculo fixo nos olhos até o perder de vista.

Meu irmão Carlos andava conversando com alguns dos seus amigos que o tinham ido acompanhar, e Mr. Dupey*** estava ao meu lado, e quando eu não pude avistar meu pae, voltei a cabeça para lhe fallar, mas as palavras fugiram-me quando o vi pallido e os olhos fixos em mim; perguntei-lhe se estava incommodado, ao que elle respondeu que de repente sentira uma oppressão no coração, e uma voz dizer-lhe que eu nunca seria d'elle, que a esperança lhe restara até ali, mas que succumbia n'um temeroso receio!

Com algumas palavras pude desvanecer estas negras idéas, dei-lhe a mão em signal da minha palavra; senti quasi desfallecer-me ao tocar aquella mão humida de um frio suor, e estremeci; então elle disse-me:

—É ainda joven de mais para poder avaliar o que soffro; hoje cumpro um dever que é de não cortar a sua fortuna em Portugal, mas para o executar como na verdade devo, tenho o coração torturado, e se estivesse em terra, ou se o navio não estivesse a levantar ferro,

Digitized by Google

depois do experimentar o que sinto, não teria forças de a deixar embarcar; se é uma mulher que todo o homem que a comprehender hade adorar ... um anno, um anno apenas, espere por mim, sim?

—Esperarei, lhe disse eu, e para prova da sinceridade da minha palavra aqui tem um penhor.

E puxei pelo cordão que trazia ao pescoço aonde estavam as minhas duas medalhas de communhão e confirmação, e dei-lhe a primeira d'estas, jurando elle de nunca mais a largar; pediu a meu irmão que fosse sempre meu amigo, saiu do navio, e nunca mais o tornei a ver!!!... .

Não me retirei d'aquelle logar em que tinha trocado um juramento, tinha saído a barra e senti-me n'esta occasião tão incommodada que Carlos deu-me o braço para descer ao quarto e ir-me deitar.

CAPITULO XVII

Acostumo-me aos baloiços — A familia Kingloffer—Uma ingleza formosissima—Contravento na altura de Cabo-Verde—Tempestade—Admiravel movimento dramatico que tem M.me Ramos—Mysterio—Bandeira bordada.

No dia seguinte já costumada aos baloiços do navio reflecti que tinha ainda quarenta e cinco ou cincoenta dias de viagem, e de que modo havia de empregar aquelle tempo; arranjei o meu bastidor e principiei a bordar: muitas familias vinham n'esta occasião de todo para a Europa, e entre as quaes se contava Mr. e M.ma Kingloffer e seus filhos; esta senhora era allemã e possuia os sentimentos mais delicados e uma instrucção brilhante.

O capitão do navio e do qual era proprietario, tinha-se casado com uma senhora ingleza que era formosissima, e adorava seu marido; tinha um menino de dez mezes, uma creancinha que era uma perfeição.

Digitized by Google

Meu irmão foi então muito bom para comigo; sentava-se ao pé do meu bastidor para me ler sempre alguma coisa. Teriamos tido a mais deliciosa viagem se não fosse na altura do Cabo de S Vicente termos um pé de vento fortissimo, estava do sudoeste, tornou-se sem alternativa do nordeste, o que motivou as velas voltarem-se, e algumas irem desfeitas em pedaços para o ar.

O choque foi tão violento que todos que estavam a dormir levantaram-se assustados, uns pozeram-se a gritar e a chorar, e outros a rezar em fervente supplica.

M.me Ramos, a esposa do capitão; deu um estrondoso grito por seu marido, e saindo logo da sua camara subiu ao convez a abraçal-o, exactamente como se levantara da camara e sem ao menos ter tempo de calçar umas chinellas.

Gostei de ver aquelle movimento de M me Ramos, todo de fogo e amor, que se esquecia de tudo, de seu proprio filho que estava dormindo a seu lado, das vagas que a encharcavam, que a iam talvez levar á sepultura; uma mulher que desprezava os perigos e se esquecia absolutamente de tudo para ir morrer nos braços de seu marido!! Oh isto é digno, grande e nobre.

Não são certas senhoras que se encobrem com a capa do beatismo e da hypocrisia para enganarem seus esposos, ou as pessoas que as amam, capazes de comprehenderem a grandeza da acção de M.me Ramos n'aquella noite tempestuosa. Ella não desceu senão quando viu que seu marido podia vir descançar e tomarem juntos o repouso e agasalho de que tanto necessitavam

Foi assim que tive que deixar o Rio de Janeiro, terra do meu nascimento, e aonde jaziam os restos de minha adorada e infeliz mãe. Tive que deixar minhas amigas, uma vida feliz, para voltar para a companhia de uma tia que desde a minha saida do *Sacré-Cœur* só parecia odiar-me. Tive que abandonar uma existencia

Digitized by Google

suave cercada de flores, para uma vida escura e incerta.

Então porque deixou o Rio, me dirão. Eis o motivo em bem poucas palavras.

O meu casamento com J. G. Dupey*** não podia de modo algum ter logar senão dois ou tres annos mais tarde.

Eu demorar-me no Rio de Janeiro era impossivel. O motivo não o posso dizer: esse segredo não me pertence

Escrevendo estas memorias, o meu dever é declarar os factos que me dizem respeito, e os segredos do meu coração. Porém o meu dever tambem me impõe que não declare os alheios.

E de mais esse segredo é tão tenebroso, tão horrendo, tão repugnante, que ninguem que se achasse no meu caso, teria a força, o animo, e a coragem de o divulgar.

Guardei sempre esse mysterio, e constantemente tenho pedido a Deus perdão para o autor da minha forçada retirada do Brazil.

. . . . . .

Voltamos á noite da tempestade.

Poucos dias antes de chegarmos a Lisboa M^me^ Ramos e eu acabámos de bordar uma grande bandeira que se içou no mastro grande á nossa entrada.

CAPITULO XVIII

Chegada a Lisboa—Sr. Alfredo Martin—Promessas de amizade—Lagrimas de minha tia—Bondade paternal—Agradeço a minha tia—Annette—Fecho a minha alma—Toco piano, o Sr. Martin toca rebeca—Comprehendemos mais do que tesouras e agulhas—Fazem de mim uma figurinha—Declaram-me que minha tia tem ciumes—E' uma difficuldade para mim admirar as bellezas e as caricaturas.

O Sr. A. Martin é que nos veiu buscar a bordo; a

Digitized by Google

nossa alegria ao vêl-o foi immensa, elle gostou de meu irmão e prometteu ser seu amigo.

Ao chegarmos a casa, minha tia abraçou-nos muito, mas encolhendo os hombros e pondo a mão no queixo como tinha por costume. Olhava fixamente para mim sem me dizer palavra, até que lhe disse o Sr. Martin:

—Acha-a muito crescida, não é verdade?

Ao que ella só respondeu:

—E' verdade, está uma mulherzinha.

Fomos para os nossos quartos porque estavamos cançadissimos, e grande foi a minha alegria de ver o que tinham preparado para mim. N'este tempo minha tia occupava o primeiro andar da casa que está ao lado da rua de S. Francisco.

No arranjo dos meus quartos reconheci a paternidade e o bom gosto do Sr. Martin; a minha alcova era toda branca; a cama de ferro verde debaixo de cortinados brancos; na minha salinha, (assim é que eu lhe chamava, mas era mais um quarto de estudo) tinha o meu piano, já sobre elle as musicas e romanças das mais modernas; tinha uma estante com sua caixa de lapis ao pé, um bonito bastidor junto da minha costureira, e sobre esta um cesto com tudo para bordar; n'um canto ao lado do sophá estava uma pequena bibliotheca.

Via este quarto arranjado a meu gosto, quero dizer que n'elle podia ter uma felicidade conforme o meu desejo, que é a felicidade *caseira*.

Agradeci a minha tia e ao Sr. Martin as suas bondades e delicadas attenções, e principiei com a criada a abrir os meus bahús e a guardar nas commodas o fato que tinha trazido, em quanto se apromptava o banho; depois de o tomar fiz uma bonita *toilette*, e vieram-me chamar para jantar.

M.me Levaillant ao ver-me gostou do meu arranjo, e disse para as francezas: *Vous voyez qu'a Rio on se mets bien;* ao que M.elle Annette respondeu: *M.elle votre nièce oui parce qu'elle a été elevée à Paris.*

Digitized by Google

Por estas poucas palavras conheci que ali era uma casa aonde não se olhava mais que ás toilettes, sentimentos não tinham valor n'essa casa, mas sim aquellas roupas vistosas que depois se reduzem a trapos.

Immediatamente vi que não devia fazer expansão do que meu coração sentia, e que devia debaixo de uma frivolidade esconder os pensamentos de minha alma.

No dia seguinte perguntei ao Sr. Martin o que minha tia determinava de mim, ao que elle me respondeu:

—Tua tia não te mandou educar no *Sacre-Cœur* para servires ninguem; tens aqui quartos sufficientes para te distrahires; quando te faltar alguma coisa pedem'a, que satisfarei os teus mais minimos desejos.

Na tarde d'esse dia o Sr. Martin mandou trazer as suas rebecas ao meu quarto, e acompanhei-lhe ao piano a peça *Lucia de Lammermoor;* elle ficou satisfeitissimo, e todos os dias á tarde era essa a sua maior distracção.

O Sr. Martin era um homem de fina educação, e estava contente de poder n'aquella casa conversar com alguem que entendesse mais do que de *agulhas* e *tesouras*.

Ao principio tudo eram rosas, e eu era ahi como um figurino que se mandava chamar a cada instante para se mostrar a todos

Notando em minha tia de dia para dia a maior frieza, perguntei ao Sr. Martin o motivo, ao que elle me respondeu:

—Tua tia tem ciumes de ti.

Olhei para elle, e disse-lhe rindo:

—Ciumes, de que?

—Ciumes de tudo, tornou elle; de te ver bonita, de te ver tão distincta, o que faz aqui um grande contraste, e de ver que eu nunca estou satifeito e feliz senão ao pé de ti.

—Isso é verdade? lhe perguntei muito admirada.

Elle só respondeu:

—Hoje não te digo nada, Josephina, trabalho para a tua felicidade, quero mostrar-te um dia quaes são os meus sentimentos.

Digitized by Google

Não dei maior attenção a estas palavras e continuei a estimal-o e a amal-o como se fosse meu pae.

Se por acaso alguma das francezas me vinha dizer que tinha chegado uma senhora bonita, ou alguma caricatura, a minha curiosidade me fazia descer para as ver, mas isto contrariava minha tia; eu subi immediatamente e fazia no bastidor as minhas reflexões.

Na realidade via ás vezes lindas senhoras, porque nas senhoras portuguezas ha bellezas; mas se eu pertencesse ao genero masculino não casaria com nenhuma d'essas coquettes que perdem a sua formosura pela presumpção de que se assenhoream, ou pelo affecto em fallar, nas diversas man iras de empregar os movimentos; em uma palavra tudo n'ellas é calculado, o modo de pôr o chapeo, de collocar o chaile, de segurar um lenço; estudam isto tanto ao espelho que se embacia o aço, e que em logar de fazerem de tudo uma coisa natural, ridicularisam-se pela pretenção extravagante e exotica; todavia isto é pena porque as senhoras portuguezas seriam sem duvida as mais bellas mulheres.

Eu passei muitos dias n'estas observações, durante os quaes meu irmão principiou a ter alguma rivalidade porque todos me amavam e festejavam.

CAPITULO XIX

D. Emilia Pereira da Costa é minha amiga—Scenas que me affligem sem as poder remediar—Minha alma afogada—Quero descobril-a a meu irmão—Esperança—Ter fé, e esperar—Minha posição está mudada—Dou as minhas corôas—Principio a ter philosophia—Quero ser freira—Viagem—Desastre sem maus resultados—Minha resignação aborrece minha tia—Sr.ª O... alma poetica—Uvas verdes, e a raposa sem vontade de as devorar.

D. Emilia de A. P. da Costa que morava na rua de S. Francisco, mostrou ter por mim uma grande ami-

Digitized by Google

zade, sempre me andava a fazer presentes, sendo o primeiro um riquissimo annel com nove brilhantes; gostava muito de me ouvir tocar piano: mais para diante direi o que pensava d'esta senhora.

Em casa de M.me Levaillant passei uns dias tristes, uns dias mortos, que eu não sabia se vivia, senão quando presenceava as scenas que minha tia fazia ás francezas; eu acostumada a doçuras, era-me penoso tudo que via, mas como não podia dar remedio calava-me. A minha vida parecia a de uma pessoa que tinha estado nas mais altas regiões celestes, alumiada pelos raios do sol, e que de repente se precipitava n'um profundo abysmo; tudo o que ali via era me incomprehensivel: em uma palavra estava como vendida, não ousava fazer um movimento, acabar uma phrase, soltar um ai! porque ali ninguem me comprehendia, só o Sr. Martin; mas esse mesmo estava *martyrisado*, soffria bastante, e eu não devia contribuir para o augmento de suas penas narrando-lhe a dôr de minha alma; soffri! e só uma pessoa de sentimentos pondo-se no meu caso o pode avaliar!... Do *Sacré-Cœur* para casa de M.me Levaillant! Oh!. ....

Mas como no *Sacré-Cœur* tinha aprendido a ter resignação, aqui a saberia ter se não tivessem offendido o meu orgulho.

O que me servia de distracção e divertimento era sair com meu irmão; então encostada ao seu braço lhe dizia:

—Tu vês que sou infeliz, que não posso viver aonde não se comprehende a delicadeza; aonde irá isto parar, Carlos?

—Paciencia, Josephina, me dizia elle, tu tens uma esperança, o teu casamento d'aqui a um anno; mas eu?!..

Elle tinha razão de me dar esperança n'esta esperança, porque via as cartas que Mr. Dupey*** me escrevia, e conhecia-se que ellas eram de um homem capaz de vencer tudo, unicamente para se ligar comigo.

Vivia n'essa esperança, mas de dia para dia sentia afrouxar-se á similhança de um navio arremessado pelas

Digitized by Google

ondas, e batido pelas furias do tufão, em o qual perde o viajante a esperança de bonança; assim soffria o meu coração n'esses transtornos; abatida pelas tempestades d'aquella casa, e os tufões de minha tia, perdia as idéas do meu salvamento'....

A educação do *Sacré-Cœur* fazia-me ter fé e esperar que a mão de Deus me livrasse de tudo!.... Dei as minhas corôas dos bailes do Riô, dei os meus enfeites, e dei até a ultima corôa que me tinha offerecido M.me Guido, (porque Pilarcita e eu estavamos egualmente vestidas), dei tudo emfim!! Comprehendi que a minha posição estava mudada, e não queria nada que me fizesse avivar recordações e saudades.

De tudo isto o meu piano e os meus lapis eram as coisas que me entretinham e consolavam; com elles tirei um esboço das minhas amigas, e só queria considerar n'elles, revêl-os como se revê um ente morto com as lagrimas nos olhos e a saudade no coração! Tive bem clara a imaginação quando comprehendi que em casa de M me Levaillant eu já não pertencia ao mundo! Tinha conservado a doce illusão que um dia seria esposa de Mr. Dupey***; ao conhecer que elle podia considerar esse casamento como uma honra que me fazia, d'esse dia em diante jurei que nunca seria d'elle; queria casar me com um homem que julgasse que essa honra a recebia de mim.

Ao ver perderem-se assim todas as minhas esperanças umas sobre outras, não conservei senão uma no coração, voltar para França, e nunca mais sair do *Sacré-Cœur*, por isso estava anciosa esperando pelo verão para ir com minha tia a Paris como ella m'o havia promettido.

Chegando esse dia respirei! custou-me deixar o Sr. Martin sem lhe dizer que o não tornaria mais a ver; se lh'o tivesse dito, não me teria deixado partir; tive a coragem de me calar e de supportar um sentimento occulto.

Embarquei com minha tia com o coração opprimi-

Digitized by Google

do e os olhos inundados de lagrimas, de deixar, para nunca mais o tornar a ver, um amigo, um bom pae, mas com a consolação de ir para casa de quem dá forças para tudo.

Tivemos uma boa viagem, sómente ao entrar quasi a barra de *Southampton* é que houve um desarranjo n'uma das rodas do vapor, mas como já estavamos no porto de salvamento, não houve o menor perigo.

Foi uma curta viagem de quatro dias, aborrecidissima para mim, porque minha tia estava comigo como acanhada e não me dirigia uma palavra; ella bem sabia o meu genio para supportar-lhe todas as suas *borrascas*, mas com uma simples palavra minha fazia-lhe conhecer os seus despropositos, e como já me tinham dito em casa, diante da minha resignação ella ficava envergonhada; e quem é que não comprehende que uma pessoa pode tudo perdoar a outra, excepto quando ella faz subir ás faces o rubor do pejo e da vergonha? Eis ahi o motivo, não direi do odio, mas do genio de despique de M.me Levaillant.

A bordo ia o Sr. On... que levava comsigo seu irmão que teria perto de doze annos, para se ir educar n'um collegio em Hamburgo. O Sr. O.. era um homem de um caracter excentrico, e possuia um coração cheio de bellos sentimentos; principiámos a travar conversação sobre os passaros que voavam por cimas das ondas, as estrellas que scintillavam no firmamento, os reflexos da lua produzidos e alongados pelo vasto e sereno mar. Deu este caso tão insignificante azo para dizerem a bordo que nos namoravamos; não reflectiram na sinceridade de nossas comprehensões tão bem entendidas; eram dois genios eguaes que se haviam juntado ali, e sabendo apreciar os bocadinhos poeticos passados n'uma embarcação vogando sobre as mansas ondas á claridade do luar. Julgavam d'isto o amor! Amor, o sentimento mais inconstante, que qualquer sopro pode quebrar... Eu julgava ter uma paixão no coração, e elle tinha uma egual no fundo d'alma por uma pessoa que ficava em

Digitized by Google

Lisboa; não que elle me confiasse esse segredo, mas eu conheci-o Um dia seu irmão como creança, ou talvez porque trazia a lição dada por alguem, chegou-se perto de mim, no fim de uma conversa, e me disse: não o namore, M.elle, porque elle adora uma pessoa em Lisboa, e as uvas estão muito verdes; ao que n'aquelle repente lhe respondi: Se ellas estão muito verdes é porque a raposa não fazia gosto d'ellas, se ella as quizesse assim mesmo verdes, dava um pulo e apanhava-as, e comendo-as, rir-se-hia de quem estivesse por debaixo da parreira.

O espertinho do rapazinho não ficou atraz e não tardou a responder-me, mas eu não querendo dar-lhe importancia desci para a camara, porque achei que não podia dizer-lhe, que seu irmão era um cavalheiro, mas que já tinha dado a minha palavra a outro promettendo-lhe a minha mão, e ainda que isso não fosse que descançasse; mas dizer isto a uma creança que ainda para bem dizer ía aprender o b, á, bá, era uma asneira completa, e assim retirei-me deixando um entregue ás suas meditações, e o outro com a sua esperteza.

CAPITULO XX

Chegamos ao Havre—Uma S.ra á procura de seu marido—Meu tio conserva rancor—Uma pensionista de S.t Demz, transformada em *petite maitresse*—Uma condessa rival de uma institutrice—Provo que a minha vontade pode mais que um passeio—Meu tio recusa-me uma licença—Intervenção de minha prima—Principio a desconfiar que não posso viver com minha familia—M.elle Octavie comparada a uma mosca.

Depois de desembarcarmos no Havre nunca mais o tornei a ver; d'aqui tomámos o caminho de ferro, que nos levou em vinte e quatro horas a Paris. Tinha tomado egualmente o mesmo comboy uma Sr.ª brazi-

Digitized by Google

leira que tinha feito a viagem comnosco, e que ia a Paris em procura de seu marido! á procura de seu marido! e o caso é que ainda ha mulheres que voltem o mundo, pensando que podem agarrar o amor, quando voluntariamente elle foge!!!

Eu não comprehendia ainda bem as lagrimas d'esta Sr.ª, mas compadecia-me d'ella, e durante as horas da nossa ida do Havre a Paris, procurei pelo meio das minhas conversas sobre o Rio de Janeiro, fazer minorar a sua dôr, mas tudo foi em vão.

Ao apearmo-nos dos wagons, meu tio nos recebeu em seus braços, mas as suas demonstrações de amizade já não eram para mim com aquella força de outr'ora, pareciam as de um estranho que me visse pela primeira vez, e que me fazia afagos por comprazer a minha tia.

Não me importei com isto por que estava anciosa por ver minhas primas; chegando a casa, (rua de Santo Honorée, para onde meu tio se tinha mudado) ao abraçarmo-nos, grande foi a admiração de nos acharmos tão crescidas, e ainda mais me espantei de M.elle Octavie, que a tinha deixado uma pensionista saida apenas de S. Diniz, transformada em uma *petite maitresse*, em uma grande coquette, que apenas se voltava quando alguem lhe dirigia a palavra, que nada achava conforme a seu gosto, que de tudo desdenhava, não encontrando talvez para os seus especiaes desejos mais do que o amor que meu tio lhe tinha, por que d'esse amor podia aproveitar-se como M.elle Eugenie tinha feito, e elle de dia para dia mais affectado para ella, e não sei se jámais tornará a tomar as redeas de seu coração em seu poder.

Meu tio antes de eu sair do Sacré-Cœur gostava immenso de me ouvir cantar; agora tornava-se esse seu prazer em uma paixão, porque dizia que eu já tinha mais uso do mundo, e cantava com mais desembaraço.

Minhas primas moiam se de inveja por todos me comprimentarem do meu canto, não por que tivesse

Digitized by Google

uma voz theatral ou estridente, mas sim como o diziam, uma voz agradavel pela harmonia e fazia chegar as lagrimas aos olhos quando executava alguma melodia.

A condessa de*** a quem meu tio fazia *(apezar da institutrice)* uma côrte assidua, dizia-me muitas vezes: vous avez ude charmante voix de salon. Isto que parecia um elogio, não o repito senão para mostrar que essas festas que meu tio me fazia, devia-as eu á minha voz. Os dias que elle dava soirée, estava muito bem comigo.

Eu via tudo com indifferença, porque andava n'esse tempo muito melancolica, e como não havia de ser assim se eu me considerava tão só no centro de minha propria familia.

Já havia dias que eu ouvia combinar o projecto de um grande passeio fóra de Paris; minha prima, Clémence me dizia então: se queres ir, hasde pedir ao papá; a isto só lhe respondi: pois minha amiga, se tenho de pedir então não vou, por que não peço. Ella repetiu isto a meu tio, que disse: então ella ficará.

Não pedi; não fui; vi todos almoçarem muito alegres, rirem muito satisfeitos e dizerem no auge do maior prazer, vamo-nos divertir muito, e voltaremos bastante tarde. O jantar devia ter logar n'uma casa de campo de uma familia intima de relações com Mr. Lessence meu tio.

De nada me importei; quando vi minhas primas de chapeos esperarem por minha tia, cheguei-me perto de Mr. Lassence, e lhe disse: Como sae e eu fico aqui só, tenha a bondade de me permittir que vá passar o dia ao Sacré-Cœur. Não, M.elle, me respondeu elle movendo seus olhos furibundos, e franzindo as sobrancelhas, já que preferiu ficar em casa, a pedir-me para vir ao nosso passeio, então não sae. Não lhe respondí nada, e vim para ao pé de minhas primas que estavam por detraz da porta a escutar, e que eu as ía quasi deitando ao

Digitized by Google

chão ao abrir a porta dizendo lhes: é muito ridiculo escutar, e quem escuta... Olha a tola, interromperam ellas, que nos quer agora reprehender. Deus me livre, disse eu, mas Noémi não devia esquecer-se que no *Sacré-Cœur* levou sempre *cruz,* por causa d'esse defeito N'este instante entrou meu tio dizendo: *Venez;* e ellas saíram sem me dizerem uma só palavra nem um adeus!...

Eu achava-me offendida por tudo: por meu tio que queria quebrar á força os meus orgulhos, e que infelizmente empregava pessimos meios; por M^me^ Levaillant, que para agradar ao seu irmão, não ousava punir por mim; e ainda mais por minhas primas que como creanças sem tino gostavam de brincar comigo, como se fosse algum saguim, mas o desprezo que eu mostrava em tudo as fazia enraivecer, e isso é que ellas me não podiam perdoar.

M.^elle^ Octavie, essa conhecia tudo isto, mas o que podia aquella pobre mulher, á sim lhança de uma desgraçada mosca caida n'uma teia de aranha?! quando ella viu que ninguem sequer me dizia adeus, chegou-se para mim, deu-me a mão, e ía a dar-me um beijo, mas estremeceu ao ouvir a estrondosa voz de meu tio bradar-lhe: então M^elle^ Octavie, vem ou não? Ao fugir ainda me apertou, immensamente a mão, foi o unico adeus que recebi...

Aqui no centro de Portugal, entre pessoas estranhas nunca tinha recebido similhantes afagos; n'estas terras aonde a civilisação não havia ainda adquirido o grau da franceza, nunca, nunca soffri desprezos tão ridiculos como dignos de lastima.

Era esta familia que vivia em Paris, que consagrava relações com algumas familias verdadeiramente socialistas, que gozavam do trato da sociedade illustrada, que esqueciam todos esses deveres que a ordem da educação exige, para se portarem tão deslustrada e grosseiramente. Oh! então queria disputar a civilisação das pessoas das terras estranhas por quem fui tão bem aco-

Digitized by Google

lhida, com a d'estas que se jactam da sua elevada illustração, e algumas são falsas, mentirosas e repugnantes!...

CAPITULO XXI

A *femme de chambre* de minhas primas—Vou abraçar as minhas queridas *Damas do Sacré-Cœur*—A superiora ainda é minha amiga—É mais agradavel aos olhos de Deus, uma boa mãe de familia, que uma freira—Confesso-me ao padre d'Abady—Fé e esperança—Fico tão satisfeita, como se me nomeassem rainha de França.

Qual seria a minha amargura vendo a indifferença dos meus parentes?!!... Estava ainda encostada n'uma poltrona junto de uma escrevaninha, quando *la femme de chambre* de minhas primas entrou e me disse:

—Porque está triste, M.elle? Foi melhor ficar, sabe como são suas primas, e o que ellas gostam sempre de judiar com alguem; ficando, M.elle está livre d'ellas todo o dia. Eu digo-lhe isto, e espero d'aqui a bem pouco já não estar cá.

Eu não chorava mas as consolações que ella me dava fizeram-me verter algumas lagrimas.

—Acredite, lhe dizia eu, que não é a pena de não ir ao passeio que me consome, mas sim de não poder ir ao *Sacré-Cœur*.

—Pois se quer, me disse ella; eu tenho algum dinheiro, manda-se buscar um *fiacre* e levo a a visitar as religiosas, pois temos tempo sufficiente para estarmos de volta, antes da entrada da familia.

Eu que me temia disse:

—Mas se meu tio o sabe?

—Não hade saber de nada, replicou ella, e abalou immediamente.

Julguei que isto não fosse mais do que uma brin-

Digitized by Google

cadeira para me distrahir, e já não pensava n'isto, quando a vejo passado meia hora e dizer-me:

—Vamos, M.elle, aqui esta o seu mantelete e o seu chapeo; vamos depressa, para termos tempo de estar de volta.

Quando vi as coisas n'este ponto, n'um minuto me arranjei, e pouco depois estava com ella sentada no *fiacre*, que partiu a galope.

Quando chegámos ao *Sacré-Cœur* já estavam saindo do *refectoir* todas as religiosas; a superiora e as freiras que estavam do meu conhecimento, ficaram immensamente alegres por me verem. Desci ao quarto da superiora, contei-lhe toda a minha viagem do Rio e o que soffria em casa de minha tia, e de não a poder ter ido ver, e de ir n'essa occasião sem licença de meu tio, e do receio da minha volta e de seus ralhos. Perguntou-me se eu ainda queria ser freira, ao que eu respondi, que era o meu maior desejo. Tirei uma carteira da algibeira, aonde tinha as cartas de Mr. J. G. Dupey*** e mostrei-lh'as; ella leu-as e disse depois:

—Vê-se por estes escriptos, minha filha, que esse rapaz tem-lhe uma grande amizade; não é por certo este um amor voluvel, acabando momentaneamente; é um amor pensado e reflec ido; elle não pensa só no presente, considera tambem o futuro, sabe que foi educada aqui e deseja-a sempre feliz, é mais agradavel aos olhos de Deus uma boa mãe de familia, do que uma freira, consulte bem primeiro o seu coração.

Ella levou me depois de eu ver tudo que estava mudado, á capella da Virgem, que era situada no fim da grande rua da quinta, capella aonde eu tinha recebido o meu *scapulaire;* seguiamos por todas as ruas, e voltavamos do Calvario quando sentimos tocar para as vesperas, justamente era o domingo do grande orgam; quando acabou disse-me a superiora:

—Como me manifesta desejos de se confessar, vae descer para a capella do *Enterro* com o *Pere D'Abady* e M.me de Valois; quando acabar hade vir então ao

Digitized by Google

sermão, e como se vae entoar um cantico á Virgem, espero que acompanhará a primeira parte de: — Oui nous l'avon juré, etc., quero ver se ainda conserva a bonita voz que tinha

Desci com M.me de Valois, e já o padre D'Abady estava no confessionario; fiz uma confissão geral desde o dia que tinha saído do Sacré-Cœur, ao acabar me disse elle:

- Ccontinue minha filha a ter a mesma fé e esperança em Deus, que elle nunca desampara seus filhos, e tenha sempre resignação.

Nos desgostos mais fortes da minha vida, levantando os olhos para o ceo, tenho dito, ainda que com voz suffocada: Meu Deus, o padre D'Abady fez-me uma promessa em vosso nome, pois que nunca desamparaes vossos filhos, então não me abandoneis meu Deus, por que vos conservo a mesma crença, o mesmo amor e dedicação, como quando estava no Sacré-Cœur, e Deus tem ouvido as minhas supplicas, e tem enxugado as minhas lagrimas

Quando fui para a sala, estava a superiora fallando com o confessor, que ao ver ella dar-me a mão e fazer-me sentar junto de si, lhe disse: *Oui aimez la biem ma soeur, car elle en es digne.*

Eu ainda era creança, não comprehendi a verdadeira significação d'estas palavras, mas fiquei tão satisfeita como se me tivessem feito rainha de França.

A superiora quiz que eu merendasse antes de me ir embora, e ella foi fazer a carta de desculpa para meu tio.

Ao despedir me de todas aquellas boas Sr.as levava no coração uma tristeza indefinida, porque conhecia bastan'e meu tio, para ficar sciente que elle me não deixaria voltar lá mais, e para o não fazer sem o seu consentimento, elle me levaria comsigo aos passeios d'ali por diante.

Digitized by Google

CAPITULO XXII

A familia já está em casa—Botanica no meio da tempestade—Da tempestade surgem trovões e raios—A phantasma carrega a atomosphera—A *femme de chambre* não tem coragem de resistir á tempestade—Viajo n'um caracol—Minha coragem não resiste a um rato—A ordem tem mais força, do que o pedido—Suspiro por um fiacre—A porteira recebe-me nos seus braços, e as freiras levam-me á superiora—No horisonte escuro descubro o ceo azulado.

Quando ao apear-nos á porta de casa o porteiro nos disse que a familia já tinha voltado, senti um tremendo estremecimento. Eu era capaz de affrontar com tranquillidade um perigo, mas não de supportar maus modos, e ouvir palavras desconcertadas e asperas.

A *femme de chambre* deu-me o braço para eu poder subir as escadas, dizendo-me: coragem M.elle; se o seu tio a vir n'esse estado de desanimação, é quando implica mais, se pelo contrario a encontrar forte, abranda immediatamente.

Quando entrei estavam todos no *boudoir;* minha tia sentada ao pé do fogão, estendida n'uma cadeira a Voltaire; minha prima Clemence estava ao seu lado, Noemé e M.elle Octavie sentadas perto de uma meza, aonde estava um candeeiro acceso, apezar de ser ainda dia claro.

Estas duas separavam flores, para depois M.elle Octavie fazer os assentos no seu livro botanico pois tinha por isso grande paixão. Meu tio passeava pela casa de lá para cá, e de cá para lá, na fórma do seu costume quando estava raivoso; não reinava mais do que um silencio religioso inglez!

Apenas fiz girar a porta sobre seus debeis gonzos, voltou-se de repente, e me disse:

—Ah! sois vós M.elle, aonde fostes?!

Digitized by Google

—Como meu tio me promettia de dia para dia de me deixar ir ao *Sacré-Cœur*, lhe respondi logo e como esse dia nunca chegava, hoje que todos saíram, sem que me dissessem adeus, e sabendo eu que minha tia está por poucos dias em Paris, pareceu-me acertado aproveitar-me d'esta occasião para ir visitar aquellas damas que sempre me trataram tão bem, e para quem não podia ser ingrata; demais que meu tio esta manhã não me disse: prohibo-a de sair; se m'o tivesse dito, bem sabia que não iria contra uma das suas ordens, mas se n'isto fiz mal, peço-lhe perdão, e se elle não basta, aqui tem esta carta da superiora que será a minha desculpa.

Elle até aqui tinha escutado tudo com bastante attenção, mas ao ver apresentar lhe a carta, disse todo furioso para minha tia que estava como uma estatua, e que me tinha voltado a cara quando ia para dar-lhe um beijo:

— Vê Clementina, uma creança que não tem ainda quinze annos que vae ao *Sacré-Cœur* dizer que nós fazemos d'ella uma victima!...

— Perdão meu tio, lhe disse eu, fui cumprir com um dever de gratidão, e não fui fazer queixas da minha familia; mas meu tio que diz isso é porque vê talvez que eu teria motivos para me queixar...

—*Petite affrontée*, me replicou elle, responder-me... *tenir tête* a seu tio.

—Isto não é *tenir tête*, lhe tornei eu; é unicamente dizer-lhe...

Ia para acabar quando o vejo pegar n'uma cadeira para me atirar; minhas primas que até ali tinham sido umas monas de palha, em vez de distrahirem seu pae com algumas palavras ou meiguices, levaram me para fóra do *boudoir*, seguindo-nos M^elle^ Octavie, que deu uma chave a Noemi, tornando a voltar para junto de meu tio, fechando bem a porta sobre ella.

Todos estes movimentos foram de uma extraordinaria rapidez, e o leitor estará lembrado d'aquella noite

Digitized by Google

da *celeb e phantasma* apparecida no meu quarto, que se sumia tão veloz, e que parecia perseguir-me n'esta occasião debaixo de outro espectro, com a sua vingança!...

Iamos pelo corredor, quando encontrei a *femme de chambre* que me disse:

—Adeus M.elle, despeço-me agora por que logo talvez m'o não deixem; e vão dizer que procurem outra pessoa para o meu logar. Estou satisfeitissima por me aproveitar d'este pé para poder sair d'esta casa de despropositos. Peço-lhe perdão d'esta scena, porque se a não tivesse aconselhado para ir ao *Sacré-Cœur* nada teria acontecido.

—Bem sei, disse eu para Noémi; para livrar-me d'esta falta, quer criminar-se a si propria!... é para meu tio não ralhar comigo, e sim com ella, que de nada me aconselhou...

Não pude acabar porque senti meu tio abrir a porta e chamar pelas viajantes. do corredor. Noémi levou-me depressa para o seu gabinete de vestir, e metteu na porta que dava para uma escada secreta, a chave que M.elle Octavie lhe havia dado, dizendo para mim: espera aqui; se meu pae te chamar não responda; eu te virei buscar quando elle estiver mais socegado. N'isto deu-me um beijo e fechou-me no gabinete.

Quando me vi só o desespero apertou-me o coração; abri a porta da escada e achei-me n'uma medonha escuridão, fui tratando de lançar as mãos ao corrimão, afim de não ir contar os degraus em resultado da funcção. Havia dez minutos que assim estava, e sem que apparecesse esperança de salvamento, quando vou ouvindo pouco a pouco a voz de meu tio aproximar-se, que de certo não era para me livrar d'aquella cafua *infernal*; eu fui dizendo logo para comigo: deixar-me ficar aqui como exemplar sentinella é asneira e tolice declarada; minha prima não tem sufficiente inergia para recusar a chave, e é capaz assim brincando de me fazer levar alguma *tapona*, de que ninguem depois me livra.

Digitized by Google

Estava fazendo estas reflexões, quando sinto um bicho, que julgo ter sido um rato, passar sobre o meu pé! e para resistir a esta qualidade de vivente, é que me não senti com coragem, e principiei a descer a escada que me era inteiramente desconhecida, o que eu ia fazendo ás calculadas apalpadellas que tentava empregar, porque de mais a mais a maldita era de caracol; quanto mais descia mais sentia aproximar-se a voz de meu tio, até que emfim cheguei ao pateo; eis para mim outra nova difficuldade a vencer, sem saber se devia tomar á esquerda ou á direita. A final divisei uma pequena luz na janella do porteiro, e para lá me encaminhei, outros embaraços para que elle me puxasse o cordão sem primeiro me reconhecer. Deitei a saia do meu vestido pela cabeça e chegando-me ao pé da portinha, disse-lhe com voz de commando: *Tirez le cordon*, elle logo obedeceu Reconheci que tinha ido bem com este imperio, porque se lhe tivesse pedido com branda voz, havia de querer ver-me a cara, e assim não poz a menor difficuldade.

Apenas saí a porta d'aquella habitação dei um prolongado suspiro, respirava livremente, pois já não temia as bofetadas e os furores de meu tio.

Uma ternura inexplicavel se apoderou de mim; depois de dar alguns passos sem destino, parei; não sabia se devia tomar á direita que ia dar aos *boulevards*, ou á esquerda que ignorava onde iria parar. Vi as pessoas que passavam, pasmarem para mim e continuei a andar, tomando pela minha esquerda, porque não via por ali nenhum *fiacre;* mais adiante deparei com um, chamei-o e fez signal de ir occupado: continuei a andar, até que vejo brilhar as lanternas de outro *fiacre* que vinha caminhando com todo o vagar devoluto, tomei animo e quando se aproximou fiz-lhe signal, e por felicidade parou.

Entrei mais morta do que viva, e disse logo para o cocheiro:

— *Double course, allez a toute bride.*

Digitized by Google

— Aonde, M.elle? perguntou elle.

— A Conflans, ao Sacré-Cœur.

Ainda bem não tinha acabado de lhe responder, já os cavallos partiam a galope

Eu ia suffocada e teria beijado as mãos a quem me tivesse dado um copo de agua, não ousei pedir ao cocheiro com receio que elle vendo que eu não levava dinheiro não quizesse ir para diante, fui supportando a minha sêde; quando chegámos ás *Portas*, puz a cabeça para o lado e adormeci.

Tinha passado o dia com tantos desgostos, que a minha consciencia me permittiu o somno para poder descançar minhas lagrimas.

Acordei quando senti parar o *fiacre*, e o cocheiro tocar a sineta do portão do Sacré-cœur D'ali a bocadinho veiu a porteira com a lanterna na mão ajudar-me a descer.

Ella me susteve até entrar, e apenas cheguei a casa d'ella, caí sobre uma cadeira, quasi sem sentidos; tocou logo para annunciar ás religiosas a visita, que tinha chegado, ellas já estavam a dormir, mas d'ahi a poucos instantes chegaram duas *Sœurs*, levaram-me para ao pé da superiora nos braços da qual me deitei banhada em lagrimas, e dizendo-lhe que me livrasse da minha familia; ella prometteu que sim, e tudo máis quanto concorresse para meu bem, mandou-me deitar para um quarto contiguo ao d'ella, fazendo-me tomar um calmante, porque estava com os nervos extraordinariamente agitados, uma das *damas* teve a bondade de ficar á minha cabeceira.

O meu quarto tinha duas janellas rentes que deitavam para o jardim, e parecia-me de vez em quando ver apparecer em sombras na vidraça a cara de meu tio, com os olhos inflammados, e o braço alçado com a cadeira na mão para me atirar; eu estava tão alterada que me achava n'um estado convulso, que obrigou a boa dama a vigiar-me continuamente toda a noite, como uma extremosa mãe vigia um filho enfermo; em

Digitized by Google

quanto eu recebia este santo agasalho, passava se em casa de meu tio uma revolução á minha procura: minha tia arguia seu irmão da minha morte, meu tio estava arrependido, e implicava com todos. M.elle Octavie que me conhecia melhor, pretendia acalmar estes desassocegos, dizendo que eu lhe tinha participado, que ia para o *Sacré-Cœur*.

Correram logo a mandar lá, e tão sublimes cuidadosos da minha vida só se entregaram ás delicias de *Morpheu* quando o criado voltou, dizendo que ficassem descançados porque eu estava em Conflans.

CAPITULO XXIII

Promessa de minha tia á superiora—M.elle Louise* é mais um anjo no ceo—M.elle Octavie é embaixatriz—Recebo a benção das religiosas e do meu confessor—Saio do Sacré-Cœur—Noémi espion, Clemence anjo—Despedida de minha familia—Havre de Grace—Mr. e M.me Vi.....y—Tempestade e naufragio visto de um rochedo—Capitão Passo—Embarcamos para Portugal—Uma infeliz—Uma exaltação qualificada de loucura.**

No dia seguinte minha tia acompanhada de M.elle Octavie, dirigiram-se ao *Sacré-Cœur;* a superiora não quiz que eu apparecesse, e quando voltou do *salon*, me disse ella: agora, minha querida filha, ficas comigo, tua tia disse-me que eras muito exaltada, eu só lhe respondi, que as pessoas do teu temperamento não se levam por mal, mas sim pela doçura, o que ella me prometteu de fazer d'ora ávante.

Depois d'esta conversa deu me ella um rico manto já principiado, para eu acabar de bordar a ouro; tinha-lhe dado principio M.elle Louise*** que não o pôde concluir por Deus a ter chamado para junto de si. M.elle Louise ganhava sempre a grande medalha de honra, e bem a merecia, tanto pelas suas virtudes, como pela bondade do seu coração.

Digitized by Google

Se as santas habitam no ceo M.elle Louise*** tinha lá logar reservado. Nunca me recordo d'ella sem sentir uma especie de amor e adoração, adoração que ella sabia inspirar a todos que a conheciam.

Fiquei por dois mezes no *Sacré-Cœur*, dois mezes de doces recordações, dois mezes de felicidade e paz de espirito! quem me diria então que um tempo tão ditoso, jámais teria a passar?!...

No fim d'estas oito semanas, era um domingo, pela volta das quatro horas da tarde, estava com M.me de Bremont, a arranjar umas flores, n'uma pequena capella no meu quarto; flores que tinhamos ido colher ao jardim, quando M.me de Valois entrou com uma carta na mão, dizendo-me que a superiora estava na sala com M.elle Octavie, que tinha sido a portadora d'aquella carta do meu tio. N'ella me dizia elle, que devendo M.me Levaillant voltar para Portugal em tres dias, voltasse eu n'aquelle mesmo dia, para principiar no seguinte as nossas visitas de despedida; e o eu querer ficar no *Sacré-Cœur* era uma asneira, visto minha tia me ter adoptado por sua filha e eu dever ser sua herdeira.

Verti muitas lagrimas porque eu tinha formado idéa de lá ficar até ao dia do meu casamento, e a lembrança de voltar para casa de minha tia, repugnava-me.

Despedi-me de todas aquellas boas *damas*, e do meu confessor; saí d'esta casa do *Senhor* com as bençãos de todos, levando as promessas, que nunca haviam de me esquecer nas suas rezas, e serão essas sem duvida que me teem protegido nos meus dias de amargura?!... Talvez eu não tenha merecimento para Deus me livrar dos perigos, como sempre o tem feito, senão fosse no *Sacré-Cœur* implorar a sua clemencia para quem ia viver só no mundo.

Quando cheguei a casa de meu tio, tia e primas estavam constrangidos, e trataram-me como estranha, ou peior; minha prima Clemence que era quem estava ali mais sincera e franca, pegou-me na mão e levou-me

Digitized by Google

para o seu quarto; apenas tinha fechado a porta, lançámo-nos nos braços uma da outra a chorar; estariamos assim coisa de um minuto, quando me disse ahi vem Noémi, não digas nada diante d'ella porque vem observar-nos para depois ir repetir tudo.

Effectivamente abriu a porta, e Noémi disse com seu ar *jesuitique:* que segredos são estes?... Estão fechadas!... Fez muito mal Joséphine, me disse ella, em ter ido para o *Sacré Cœur* fugida de cá!

Como principiasse a chorar, lhe disse Clemence; e tu Noémi é tambem muito feio quereres fazer de *Dama de Sermões;* o papá não lhe disse nada, e tu vens aqui de proposito para a mortificares... Noémi voltou as costas e retirou-se, seu costume quando não sabia como devesse de implicar, porque Clemence tinha mais juizo e discrição do que ella, e julgava Noémi que voltando-lhe as costas, era uma prova que lhe dava da sua superioridade.

Cinco dias que ali estive pareceram-me cinco seculos; eu estava como estranha em tudo, e por isso quando vi arranjar os bahús para a nossa partida senti o coração palpitar de alegria e satisfação.

Noémi quiz ter o cuidado de ir buscar todas as minhas musicas e romances para a *femme de chambre* não se esquecer de as metter na minha mala, não dei maior attenção a isto, só quando em Lisboa as procurei, e as não achei, é que reconheci o cuidado calculado que Noémi teve sobre ellas.

Despedimo-nos da familia na estação do caminho de ferro que nos levou ao *Havre de Grace,* aonde nos veiu esperar Mr. Vi*** correspondente ali de minha tia. Mettemo-nos na sua carruagem e partimos para sua casa aonde fomos muito bem recebidas pela sua senhora, que se não era o modelo das esposas, era infallivelmente o das amabilidades.

Minha tia foi algumas vezes com esta senhora ao theatro, e como eu preferia ficar em casa, quando teimavam para as acompanhar, dizia ella para Mr. Vi***

Digitized by Google

não faça caso, ella prefere ficar por que está com idéas de ser freira. Não é por isso, respondia eu; o motivo que me obriga a não ir, é por me sentir adoentada.

Effectivamente eu tocava na epoca critica em que passava de creança a ser mulher, estava muito envergonhada e não ousava dizel-o mesmo a minha propria tia e por isso ella não suppunha qual fosse a causa do meu incommodo, e ella imaginava isto capricho.

Estivemos perto de duas semanas no *Havre*, esperando que melhorasse o tempo que era então terrivel; n'algumas tardes mais tempestuosas, gostava eu de ir com M.me Vi*** sobre o *Plange*, para olharmos com uma *longue-vue*, os navios que lutavam com o vento e as ondas para poderem entrar a barra.

Uma tarde que ali tinhamos ido, vimos espedaçar-se uma barca que bateu contra os fortes; felizmente como era mesmo na entrada, principiaram a deitar cabos, e assim pôde escapar toda a tripulação.

Depois d'este dia fiquei tão horrorisada que quando ouvia um grito, um gemido, ou um choro, figurava-se-me sempre ver aquelles olhos espantados pela afflicção, os cabellos caidos pelo rosto, e uns braços nervosos combatendo com as ondas para alcançarem salvamento. Oh! isto é horrivel! sinto gelar-se-me o sangue nas veias quando penso n'este triste espectaculo de que fui testemunha

O dia em que o Sr. Passos, capitão da *Liberdade*, veiu avisar minha tia que o navio podia sair ás tres horas da tarde, e que era preciso aproveitar o tempo antes que elle mudasse, foi para mim um dia de grande alegria.

Minha tia nada mais teve a fazer do que fechar todas as malas, e despedir-se de Mr. e M.me Vi***; a elle foi um adeus eterno, porque poucos mezes depois estava riscado da conta dos viventes, e ella, não sei .....

Achámos a bordo já todos os passageiros reunidos, e immediatamente o capitão ordenou que se levantasse ferro. Bem não tinha o navio caminhado um par de

Digitized by Google

milhas, quando já todos estavam com o enjôo do mar, eu como me sentia forte, e sem o menor incommodo, repartia-me a tratar de minha tia e d'uma Sr.ª franceza que vinha para Lisboa; todos que a viam diziam em baixa voz: é a doida!

Quando vi que a pobre Sr.ª principiava a sentir-se mal, fui obrigada a beber chá, e como olhasse para mim com um ar de agradecimento e doçura, assenteime a seu lado, e perguntei-lhe se se sentia melhor; ella me disse:

—Sim; mas minha pobre menina, não me acredita doida, não é verdade?

—Não, lhe respondi eu, mas sim muito infeliz.

— Oh! sim, me tornou ella, apertando-me as mãos e banhada em lagrimas; minha creança soubestes-me adivinhar!

—Sim, creança, lhe repliquei, mas que sabe bem o que é o soffrimento, e o que pode n'elle consolar!

Ella conheceu que eu tinha a alma mais velha do que a physionomia, e principiou a contar-me a sua historia, que aqui não narro porque me não pertence; n'ella se deixava conhecer até que ponto de infamia podem chegar certos homens. Se similhante historia tivesse tido logar com uma mulher de energia, ella ou o homem devia deixar de existir; elle para evitar um remorso, ella para terminar um soffrimento mil vezes mais cruel do que a morte!

A pobre mulher preferiu a vida com suas lagrimas, a cruz do seu desespero e a exaltação da sua dôr ainda mais avivada quando a faziam passar por doida, quando doidos estavam aquelles que não podiam comprehender os seus martyrios.

Digitized by Google

CAPITULO XXIV

Chegamos á barra—Doce manifestação de amizade—*Tenha paciencia!*—D. Emilia Pereira da Costa é sempre minha amiga—Anette—Tomo um logar vago—Esperamos Mr. Dupey***—Condessa de L***—Sobrinha da baroneza da Ré **—Resultados do vestido de uma condessa—Minha tia quebra a promessa feita á superiora—Segunda coruja dos Mysterios de Paris—Sr. Martin quer que eu não tenha energia—Soffrer tudo.... humilhar-me não—Bom irmão—Cabelleireiros e barbeiros em afflicção—Papel queimado é quasi um remedio—Minha tia é a sentinella.

Tinhamos chegado á barra e já a *visita* estava a bordo quando principiei a conhecer a mudança de minha tia, dizendo-me que procurasse a sua touca de dormir, e como a não achasse disse lhe que visse se se recordava aonde a tinha guardado, ao que ella replicou com certo tom.

—Minha tia, disse eu, talvez por engano a pozesse n'alguma caixa ou bahú.

Pobre de mim, que ainda não tinha concluido a phrase, quando senti uma bofetada retinir-me na cara. Não lhe disse nada e tive força de supportar o meu sentimento não chorando n'aquella occasião, nem depois, que ella me podesse ver com os olhos inchados, e disse comigo, quando á entrada da barra tenho tão boas manifestações de amizade e parentesco, desembarcando terei duplicadas; principiarei a considerar M.me Levaillant não como minha tia, mas como uma severa madrasta de bom genero . ....

Ao desembarcar despedi-me da pobre senhora que me havia revelado todos os seus soffrimentos, com a tristeza de um medico que não pode salvar o seu doente. Sei que passados poucos mezes a tornaram a levar para França, mas então effectivamente doida.

O Sr. Alfredo Martin veiu com a sua costumada alegria buscar-nos a bordo; apenas olhou para mim co-

Digitized by Google

nheceu logo que estava desconsolada; levantou os olhos para minha tia, e n'um repente encolheu os hombros, como quem me dizia: tem paciencia.

Ao entrarmos em casa fizeram-me todos grande festa, porque eram muito meus amigos e estimavam-me.

O Sr. Martin tinha-se esmerado no arranjo dos meus quartos; se tinha deixado ali os meus quartos bonitos, vim encontral-os agora com nova mobilia. A minha salinha sobretudo estava linda.

Poucos dias depois da minha volta a Lisboa, ali recebi D. Emilia B. A P. D. Costa, que sempre me mostrava a mesma sympathia.

Passei tres mezes que posso dizer feliz; verdade era que minha tia se não descuidava de me mostrar os seus *bons modos* e de ser sincera para comigo.. .. O Sr. Martin esse não ousava fallar-me com receio de olhar para minha tia, e de lhe mostrar as sobrancelhas enrugadas.

Uma historia de suspeitas aconteceu com uma costureira franceza (dos vestidos) de que resultou minha tia mandal-a tomar ares para França; (o Sr. Carlos Neuville deve recordar-se perfeitamente de M.elle Annette.. .....

.....

Depois d'este acontecimento M.me Levaillant disse-me:

—Josephina, colloca-te nos ateliers dos vestidos, e toma conta de tudo em quanto não chega a nova mestra.

Fiquei satisfeita d'estas palavras, eram as primeiras que me dirigia com agrado depois da nossa volta de Paris, eu lhe respondi:

—Com muito gosto, minha tia, mas não sei se eu saberei fazer vestidos, porque é coisa que não me ensinaram no *Sacré-Cœur*.

—Bem o sei, me respondeu ella, mas estou tambem sciente que tu fazes tudo quanto queres.

Dei-lhe um beijo e fui para a casa dos vestidos.

Deram-me logo alguns para cortar; a rapariga que os ia provar, que era portugueza, e se chamava Ger-

Digitized by Google

trudes, dizia-me sempre quando vinha dé cumprir a sua missão:

—A M.me está muito contente, porque não teem emendas a fazer.

Eu ficava tão satisfeita com isto, como se me tivessem dito que tinha conquistado a Criméa, até que meu irmão me disse uma vez:

—Então tu queres-te fazer costureira?

—Sim, lhe respondi, porque uma rainha tambem se pode tornar pastora.

Depois d'isto quando elle me tornava a dizer alguma coisa, achava mais prudente não lhe dar resposta

Por este tempo recebi duas cartas do Rio em que me annunciavam a chegada de Mr. Dupey*** mais breve do que elle me tinha promettido.

A esperança que me dava esta idéa, fazia-me supportar muitos momentos de desesperação, principalmente quando teve logar uma certa scena que me fez dizer: o que pode um vestido, assim como a bordo tinha dito, o que pode uma touca'....

Minha tia tinha trazido um rico vestido de seda, dizendo-me que a Sr.ª condessa de L*** o viria provar no dia seguinte. Perguntei-lhe se tinha algumas explicações, respondeu que não.

Fiz a Gertrudes procurar os moldes da condessa, e cortei immediatamente o vestido.

No dia seguinte quando disseram que se fosse provar o corpo, peguei n'elle e desci muito satisfeita, porque a condessa de L*** parecia gostar muito de mim, e eu a estimava muito porque era uma senhora que apezar de ter filhas mais velhas do que eu, sempre estava alegre, e sempre tinha alguma palavra meiga para me dirigir, conversando muitas vezes sobre o *Sacré-Cœur*, porque um dia que ella se juntou em casa de M.me Levaillant, com a sobrinha da baroneza de R*** que tinha vindo do *Sacré-Cœ r*, da rua de Varennes, soube que eu tambem havia sido educada no *Sacré-Cœur*.

Digitized by Google

Provei com effeito o vestido á condessa, que me disse reparando n'elle:

—Oh! menina, que se enganou! eu tinha pedido o vestido a fio direito adiante, e elle está enviusado.

—D'isso não tenho eu culpa, minha senhora, lhe respondi, porque não me explicaram.

Minha tia que me ouviu pronunciar estas palavras, chegou-se para mim já toda inflammada, e me disse em francez:

—És uma mentirosa, eu expliquei-lhe tudo

—Peço perdão minha tia; lhe repliquei eu, porque se me tivessem feito observações, eu teria cortado á vontade da senhora condessa.

Antes de acabar de dizer isto, já via minha tiá suffocar-se; principiei silenciosamente a tirar o vestido, quando as lagrimas principiaram a deslisarem-se-me pelo rosto, ao que minha tia observando chamou me tola e outras coisas mais...

Não podendo já resistir a tão civilisadas finezas, peguei no corpo do vestido que tinha na mão, e o puz em cimà da mesa, fiz uma cortezia á condessa e fui-me embora. Minha tia como pasmada para mim, deixou-me ir sem me dizer uma só palavra, mas ia apenas no corredor quando lhe sinto os passos; volto-me e vejo-a correr com toda a ira sobre mim, e dizer-me com voz tremula:

—Aonde vae?!

—Eu vou para o meu quarto, porque não sendo educada com grosseria, não me é possivel habituar-me a ella.

Ainda bem não tinha acabado a ultima palavra, quando a sinto agarrar-me pelos cabellos, e como eu já tinha subido dois ou tres degraus, deitou-me d elles abaixo, principiando á bofetada a mim e aos empurrões, e deu-me um tão violento no peito, que me fez soffrer bastante e não consegui senão dizer:

—Ai! quem me acode!

Ouvindo ella isto, deu me mais, de sorte que as

Digitized by Google

criadas e costureiras que me tinham ouvido pedir soccorro, levantaram se para me acudirem de similhantes *furores*, como ellas o disseram, e quando conseguiram tirar-me das mãos de minha tia já me não podia suster nem estancar o sangue que me caia do nariz.

Gertrudes e sua irmã levaram-me para a cama onde me deitaram exhausta de forças, e tão atordoada que me parecia estar lutando n'um sonho aonde o diabo me perseguia.

Diga agora o leitor imparcial se isto não era uma similhança de *Coruja* e *Flor de Maria* (Mysterios de Paris) que apparecia inesperadamente no *palais de modes* da rua de S Francisco?

Quando o Sr Martin veiu de fora, e lhe contaram a graciosa bondade de M.me Levaillant, immediatamente subiu ao meu quarto, e quando me viu assim, repentinamente um turbilhão de lagrimas lhe saltaram dos olhos, e pegando-me na mão em tom de piedoso sentimento, disse:—Pobre Josephina!.. Depois d'isto bem sabes, minha filha, que se torna necessario tomares uma decisão, pede perdão a tua tia, minha boa Josephina, e asseguro-te que d'aqui a tres mezes serás feliz.

—Perdão, lhe disse eu, quando estou innocente?! A minha consciencia de nada me accusa, senão de ter dado a minha tia uma resposta desafogada, do meu sentimento exaltado pelos seus insultos Perdão! perdão, quando M me Levaillant se esquece para mim do seu titulo de tia e até de mãe como m'o havia promettido, para me maltratar d'este modo? Aonde está a sua dignidade de senhora, esbofeteando-me como qualquer regateira? Seria isto porque eu não posso fazer *laia* com os sentimentos varios e desatinados?! Oh! isso não farei eu, Sr. Martin, estou resolvida a tudo, tudo, mas nunca a abaixar-me a minha tia. Isto que me podem tomar por soberba, é porque me acho offendida gravemente. Se me perseguissem os remorsos de ter sido culpada, não recusaria humilhar-me e pedir-lhe perdão, mas assim, nunca, Sr Martin.

Digitized by Google

—Tens razão, Josephina, me disse elle, mas vaes soffrer muito! ...

—É verdade, Sr. Martin, irei soffrer muito, mas que importa. Aqui terão a victima resignada, venham os algozes sacrifical-a, venham que a acham tranquilla a soffrer as torturas que lhe destinarem; mas o que não conseguirão é que me abaixe a quem não sabe comprehender o sentimento delicado de um coração!... Se não prezarem este meu pensar, prezarão talvez o vilipendio que se não resente, ou o perpetuo descaramento que se torna mais repugnante e tedioso ao proprio que o recebe em troco da sua reprehensão.

O Sr. Martin deixou-me desesperado por ver que não podia conseguir de mim uma acção que inteiramente me repugnava, mas que o meu futuro reclamava.

Tres ou quatro horas depois do Sr. Martin me ter deixado, veiu meu irmão Carlos, e como verti muitas lagrimas durante a conversação que tive com elle, e isto me originasse umas fortes dôres de cabeça, tinha-me recostado e posto um lenço molhado em agua e vinagre na cabeça; meu irmão vendo-me assim, sentou-se aos pés da cama dizendo-me:

—Pareces uma velha, se Mr Dupey*** te visse.. ...

E principiou a rir-se sem poder acabar o que ia dizer.

—E tu, covarde, lhe respondi, pareces vir insultar com esse riso tua irmã no leito onde ella soffre e chora.

—Tu soffres e choras, replicou elle, porque assim o queres; pede perdão a tua tia da resposta que lhe deste; ella tem uma *pancada* muito forte, mas passa-lhe depressa Ora da-lhe um beijo, e vê se d'ahi a dez minutos, ella e tu se lembram de alguma coisa.

—Dize o que quizeres, lhe tornei eu; pois que não és mais que um tolo; tu bem sabes que eu ainda que se passassem annos, me não esqueceria do que ella me disse e me fez; eu tenho vergonha na cara, e sentimentos no coração. Queres que peça perdão a minha tia? Pois digo-te positivamente que não quero, porque não

Digitized by Google

fiz mal algum, e estou decidida a não praticar uma acção de covarde humildade.

—Mas creança, tornou elle, pensa que é o teu futuro que estás a jogar, e que infallivelmente o hasde perder.

—Por esse lado, lhe respondi eu, menos me decides ainda, porque estás sciente que eu por fortuna não commetto uma vilania; e de mais Carlos, deixa-me socegada porque estou realmente com muitas dôres de cabeça.

Principiou então a dizer mil asneiras, umas mais estupidas do que outras, ao que eu mais zangáda respondi:

—Tudo isso é bom e até proprio para tu ouvires; não tens barba, e cara sem barba é typo sem vergonha.

Elle levantou-se desesperado, e eu muito tranquilla voltei-me para o lado da parede sem lhe dar nem mais uma palavra.

D'esse dia em diante não havia coisa alguma que elle não pozesse na cara para lhe nascer barba; andava continuamente pelos barbeiros e cabelleireiros, e muitas vezes eu ia dar com elle no seu quarto com um papel torcido e acceso, a queimar o logar da pera e do bigode, porque um dos caixeiros para o desfructar tinha-lhe dito que assim lhe cresceria a barba que elle tanto desejava.

Como Carlos viu que não podia conseguir abaterme, retirou-se do meu quarto, aonde tornei a ficar só, sem saber o que seria de mim.

Dez minutos se haviam passado, quando minha tia me mandou dizer que me decidisse a pedir-lhe perdão, quando não que me mandaria immediatamente para meu pae.

Como não dei resposta a tão obrigativo e arrogante mandamento, deixaram-me em santa paz por tres dias. Tres dias que fiquei sem uma só pessoa que me desse uma palavra, sem ver senão minha tia que vinha ás horas do almoço e do jantar, e quando vinha a criada

Digitized by Google

fazer o serviço indispensavel, pôr-se de sentinella escostada á hombreira da porta, de maneira que eu entava como uma prisioneira, mas essas ao menos dizem-lhe o seu crime, e a mim não me davam explicações. Sabia-se que era um capricho de M.me Levaillant, e diante de um genio tão *excentrico* todos abaixavam a cabeça sem ousarem sequer murmurar!

Oh! eu chorei bastante diante de um ente que possuia um coração de insensibilidade; se elle fosse susceptivel de se resentir de alguma compaixão, mover-se-hia na presença do soffrimento de uma joven sem mãe, sem pae, sem mais parentes ou amigas em quem se podesse confiar; só entregue ás suas bondades, aos carinhos d'ella, irmã de minha mãe!! Oh! e aquelle coração não se saciava de prazer senão quando me fazia chorar! não sentia felicidade senão quando com os seus sardonicos risos augmentava um vivo e profundo sentimento! Meu Deus! quanto passei de amargura n'essa casa! se n'ella eu tivesse commettido alguma falta a justiça divina me perdoaria pelo que soffri! e nunca ousei blasphemar ou lançar maldição sobre aquella casa infernal.

Uma creatura por muita estudada maldade, ou por muita bondade de coração, n'este singular extremo perde muito na sociedade; a maldade arruina esta mesma, a bondade demasiada torna-se lhe nociva e até perigosa ao possuidor de tal dote mal estimado e comprehendido.

Digitized by Google

CAPITULO XXV

O governador civil está informado—Justiça—Interrogação—Combate entre a religião e os laços do sangue—Eu accusada de envenenadora—Tiram-me de casa de minha tia—Familia Armand—Um casamento salva-me da coruja—Caro vestuario—Folhas caidas—Estou casada—Desespero—Entro na minha casa—Franca explicação—Aos quinze annos um cãosinho e uma boneca fazem esquecer tudo—Sr. Alfredo Martin pede-me perdão.

Não sei ainda, apezar de se terem passado alguns annos, quem foi que teve a feliz lembrança, inspirada talvez pela compaixão, de por escripto relatar ao governador civil o que se havia passado comigo em casa de minha tia.

Tal foi a impressão que infundiram as palavras que continha esta caridosa carta, que no dia seguinte inesperadamente me vieram abrir a porta do meu quarto, e me fizeram descer dizendo que eu ia ser interrogada perante as autoridades, mas que não dissesse que minha tia me havia batido, quando não ella ao depois com a sua raiva seria capaz de me matar.

Senti-me toda tremula e quasi sem forças para dar um passo, tudo me era tão extraordinario e singular, que me espantava, e ainda mais quando me fizeram entrar n'uma sala (casa que ha apenas um anno que M.me Levaillant a elevou ás honras d'este titulo, é ao entrar da cancella á mão esquerda, as duas ultimas janellas do lado da rua de S. Francisco). Eis que deparo com oito ou dez homens, uns de pé, outros sentados, todos dirigiram a vista para mim; corei logo e abaixei os olhos, sentindo o peito tão opprimido, que apezar do meu coração parecer estalar pela forte violencia com que batia, julguei que este movimento viria a cessar, e que eu caisse desmaiada; mas o meu anjo da guarda velava por

Digitized by Google

mim, reanimava-me as forças, alentava-me o espirito, e pude conseguir chegar até junto da meza aonde estava um homem que escrevia; ao encostar-me a ella para poder sustentar de pé o corpo que minhas fracas pernas renunciavam sus er, foi tal o balanço que dei na mesa, que o papel em que se estava escrevendo ficou riscado, e o screvente levantou a cabeça para olhar para mim: a desmaiada côr do meu rosto, as olheiras que circundavam meus olhos pizados pelo pranto que tinha vertido. as minhas lagrimas que a custo pretendia conter lhe fizeram compaixão; o meu coração sentia reconhecimento por aquelles olhares de dó de pessoas que não me conheciam, e que apezar de não serem individuos *distingués*, avaliavam qual era o meu soffrimento.

Oh! M.me Levaillant, M.me Levaillant, quanto eu soffri n'esse dia.... .....

.....

Ha muito tempo que lhe perdoei, e este perdão datou d'esse mesmo dia, resta-lhe o de Deus!....

Um sujeito que parecia o principal de toda aquella gente, ve u sentar se perto da mesa, e principiou a dizer-me:

—Deve declarar toda a verdade, menina.

—Educada no *Sacré-Cœur*, lhe respondi, não aprendi a mentir.

—M me Levaillant, perguntou elle, bateu-lhe muito?

Quando elle me dirigiu esta pergunta, senti em mim uma luta violenta: ou devia mentir, o que já tinha promettido não fazer; ou devia accusar a irmã de minha infeliz mãe, que me faltava no mundo para com seu braço materno me desviar de todos esses acontecimentos de graves resultados: a religião pôde mais que a ligação de familia, e eu respondi:

—É verdade! mas M me Levaillant tendo-me adoptado por sua filha, estava no seu direito.

—Pode ser, respondeu elle, mas calcal-a aos pés e fazer-lhe a cara n'esse estado é que não! Ora diga, diga

Digitized by Google

com franqueza, deu-lhe muito? Responda, não tenha medo porque está debaixo da nossa protecção.

—Oh. sim. respondi eu. suffocada em choro, e querendo remediar este allivio da minha dôr, continuei: Minha tia é para bem dizer minha mãe, e não admira que ella me castigue.

M.me Levaillant não querendo supportar a idéa de eu a desculpar, não cedendo a este orgulho, levantou-se do canapé com uma furia, que até os folhos da sua touca se voltaram para traz, e disse:

— É verdade, eu dei-l e, mas ella quer envenenar-me para ficar com a minha fortuna!

Ouvindo proferir estas palavras fiquei como inerte, depois tomei coragem, levantei-me da minha cadeira, e voltei-me para o principal dos que ali estavam, e lhe disse:

—Ouvindo o senhor similhante accusação, deve comprehender que eu não posso ficar mais aqui ...

Senti-me agoniada, e caí sobre a cadeira mais morta do que viva. Elle com os olhos compadecidos, disse-me:

—Esteja descançada, está debaixo da nossa protecção, e nós havemos leval-a d'esta casa.

M.me Levaillant, cheia de raiva e furor, soltou tremendas arguições, porque julgou que eu é que tinha combinado tudo para virem a sua casa salvarem das suas pancadas.

Pobre creança que eu era! não comprehendia coisa alguma, e fiquei bem desconsolada d'aquella triste e vergonhosa scena.

Quando a criada veiu trazer-me um chale e um chapeo, observou bem a tremura, o susto e a magoa em que eu estava, e de que maneira minha alma recebia todos estes golpes.

Quando me lembrava que minha tia, que me havia adoptado por sua filha, era a causa das minhas lagrimas e de todos os soffrimentos que me podessem succeder, palpitava meu coração de alegria pois deixava uma casa aonde ninguem, excepto o Sr. Martin, comprehendia o

Digitized by Google

póder de sentimentos delicados que na habitação de M.me Levaillant nunca podiam ter entrada nem acceitação.

Estas reflexões que fazia comigo punham-me n'um estado nervoso que me tornava como insensivel. Por isso quando aquelle bom velho, que me interrogava e que olhára para mim verdadeiramente commovido, me offereceu o braço, agarrei-me a elle como a uma taboa de salvação! Levou-me depressa para fora da sala para me evitar de ouvir as palavras de um ente desatinado que fazia lançar sobre mim, pobre rapariga, todos os furores da sua colera, que o bom velho comparava á ovelha nas garras do abutre esfaimado, ou como outro qualquer observador, a pobre *Fl r de Maria* entregue aos rigores da *Coruja* dos *Mysterios de Paris*.

O Sr. Martin veiu collocar-se junto á cancella, dizendo-me:

—Josephina, não saias, humilha-te a tua tia, e fica ..

—Não, não, Sr. Martin, respondi eu, já é tarde, n'esta casa jámais viverei!

Continuei a descer a escada e bem me custou a recusar este pedido ao bom Sr Martin.

No *Sacré-Cœur* sempre me diziam que era dotada de sentimentos, e eu para ficar n'aquella habitação da rua de S. Francisco, casa tediosa e de engraçados mysterios, era necessario que fosse caracterisada de uma qualidade vil e misera el!...

Conduziram-me para a rua nova do Almada, onde era a casa de Mr. e M me Armand Martin; esta senhora ao ver-me acompanhada por tanta gente, ficou espantadissima; entrei com ella na sala, e nos sentámos juntas, encostando minha cabeça aos seus hombros, para poder supportar o peso que já não podia suster.

Ao acabar de lhe narrarem tudo, disse ella:

—Era de esperar, porque de M.me Levaillant nada admira!...

M.me Armand voltando-se para mim, continuou:

—Não quero que a minha amiguinha chore; deve

Digitized by Google

consolar-se porque eu farei tudo para lhe merecer o titulo de boa mãe.

Estas palavras fortificaram-me o pouco animo que me restava e fui adquirindo coragem; julgava que n'ella teria uma amiga! Meu Deus! quem me diria que ella havia de contribuir para a minha infelicidade?!

M.me Armand! M.me Armand, para que a conheci eu?! para a minha vida não ser depois d'essa epoca senão desespero e soffrimentos! para amaldiçoar o dia em que me abriu as portas de sua casa! para eu acabar por desprezal-l por desprezal-a sim, porque me havia dito que era minha amiga, para me atraiçoar, promettendo-me até o extremo materno!!!

Um dia me disse M.me Suzanne Armand Martin que não tinha outro partido a tomar senão o de pedir perdão a minha tia, ou o de me casar.

Respondi que visto não quererem que eu esperasse pelo Sr. Dupey***, me deixassem entrar para um convento.

Então ella com a hypocrisia e falsidade de um Judas me disse que lhe entregasse o meu futuro, e me faria feliz.

Eu pobre inexperiente acreditei todas as suas palavras, e dei-lhe o consentimento que me pediu para fazer-me um ditoso consorcio.

Fez-me querer que por este meio me veria para sempre livre de minha tia, e que a pessoa que tinha em vistas, era um francez senhor em Paris de uma boa fortuna, mas que por se ter namorado de uma *ecuyerè do cirque de Paris*, tinha vindo para Portugal atraz d'ella, e como sua familia lhe não quiz dar nada para esta extravagancia, tinha entrado n'essa direcção.

Fui credula em tudo isto, e dei o meu consentimento.

Este senhor que M.me Armand me destinou, deu-lhe a quantia de seis mil francos para os preparativos, vestuario para o casamento e mais roupas que necessitava, visto que M.me Levaillant guardara todo o enxoval

Digitized by Google

que eu já trazia do Rio, mas o que de tudo isto me fez mais pena foi ella ter-me tirado uma caixa carteira que eu estimava muito

Mr. Armand Martin que devia ser meu padrinho, foi quem tratou dos papeis, e sua esposa que devia tambem ser minha madrinha, e devia comprar os mais objectos, entre os quaes um vestido para mim de *gros d'Afrique* branco que importou em trinta e oito moedas, um veo de renda de vinte e cinco moedas, uma corôa de cinco moedas e um ramo para o peito de tres moedas, estes preços parecem extraordinarios, mas M.me Armand comprou estes objectos em casa de M.me Levaillant, esta que depois do meu casamento blasphemavad'elle, foi a propria que os vendeu por tão razoaveis quantias, sabendo positivamente que eu ia ser infeliz!

M.me Levaillant prestou-se a deixar contractar este consorcio, promettendo a M.me Armand cem mil réis no dia em que elle se concluisse!

E não só isto! aquelles mesmos objectos d'ali saidos iam sellar a minha desgraça, e por isso os vendera por dobrado valor!

Era M.me Levaillant, ella que prodigalisava tão puros favores á filha de sua irmã!...

Assim que despontou esse dia de liberdade, quanto fatal para mim, veiu M.me Armand sentar se sobre minha cama, acordando-me com um beijo, e di endo:

—Já se vê o sol que illumina todo o horisonte, começa a raiar o dia de liberdade para a minha cara amiguinha.

Traidora que ella era! ... enganar assim a innocencia de uma pobre creança com palavras tão doces como falsas! não direi mais nada sobre esta mulher, Deus castigou-a bem!

Ella é que me quiz vestir, e vendo as lagrimas que no maior silencio se me deslizavam pelas faces, e que revelavam a oppressão que sentia no peito, não se commoveu! vendo que ia a esse casamento sacrificada, não teve dó!! nada podia tocar aquelle coração *blasé!!!*

Digitized by Google

Quando o cabelleireiro veiu para me pentear, pôr a corôa e o veo nupcial, estava tão pallida, que M.me Armand não tendo sentimentos nem compaixão, chegou-se para mim dizendo-me palavras de coragem e de esperança; ajudou-me a sentar, e dava sua opinião sobre os figurinos; eu não levantei os olhos para o espelho senão quando ouvir dizer:

—*C'est fini.*

Olhei então; eu estava da côr do meu vestuario, e disse comigo mesma: pareço mais uma defunta que lhe acabaram de comprar a *toilette* (mortalha) para o enterro, do que uma noiva que espera a sua felicidade! E como não havia de ser isto assim, se eu ia como para um sacrificio, mas um sacrificio que me conservava a vida, porque se eu tivesse ficado em casa de M.me Levaillant mais alguns mezes, ter-me-hia suicidado n'um momento de desesperação em que continuamente me precipitavam! Oh! quanto devo a Deus ter-me salvado de similhante casa!....

Quando entrámos na sala todos se calaram como por encanto; o proprio que ia ser meu marido não me dirigiu nem uma palavra, conheceu que eu estava tão insensivel como aterrada! M.me Armand Martin que percebeu o martyrio que infundia os minutos que retardavam o hymeneo, disse para as testemunhas:

—Vamos, vamos depressa, que estão á nossa espera.

Quando saí a porta da saleta, umas vizinhas de M.me Armand me esperavam, e inundaram de folhas de rosas, que o contemplal-as assim caídas a meus pés, considerava-as com symbolo de uma esperança desfolhada e quasi fenecida.

Entre estas vizinhas havia uma rapariga bonitinha, e a quem um certo signal lhe dava muita graça.

N'esse tempo, coitadinha, nem se sabia vestir, pois que a cada instante ia a casa de M.me Armand pedir-lhe os seus conselhos, os moldes, figurinos, etc.

Digitized by Google

Esta rapariguinha tinha estudado no conservatorio, mas depois que principiou a namorar um certo rapazote, resolveu-se a aprender em casa. Essas lições fizeram um tal progresso, que em pouco tempo o padrinho da rapariga achou-a bastante adiantada para lhe pôr uma casa, e fazer-lhe o casamento com o seu apaixonado.

Casaram-se, e o marido principiou logo a pular, a trepar, a marinhar, e sente-se tão ufano, coitado, que nem um perú em vesperas de Natal.

Como ella tinha marido, (quero dizer capote, porque o que é o capote? é o que encobre, logo o marido é considerado o *salva apparencias!*) não temendo o frio de tão rigorosa estação, principiou a contar no seu thermometro o grau de calor e de frio de differentes nações.

Houve tempo em que se apaixonou pela temperatura da *China ingleza;* de repente mudou de gosto, e só quiz a portugueza, bem portugueza, portugueza na gemma! Teve a felicidade de contar logo no seu laboratorio com o barometro de alguns condes.... que gloria para o marido!! receber em sua casa os senhores condes!!! comprimentar amigavelmente os senhores fidalgos!!! a esses illustres personagens!!! ser convidado para os seus concertos e soirées!!! que gloria! que honra! que prazer!

E a sociedade recebe este par em toda a parte; a aristocracia abre-lhe as portas dos seus esplendidos salões... não só porque esta esposa é bonita, engraçada, e canta bem! mas porque tem um marido, um capote, esse apreciavel salvador das apparencias!!!

Eis a sociedade!

.....

.....

.....

Descendo os degraus d'aquella escada, meu coração já apenas podia esforçar um movimento, custava-me a respirar, as debeis forças que me restavam iam-me abandonando; em tão triste estado um feroz carrasco

Digitized by Google

teria tido dó de mim, mas n'este acompanhamento ninguem ia que se importasse com as minhas lagrimas, quem avaliasse o meu soffrimento, quem comprehendesse a repugnancia que me causava o acto solemne que me ia ligar a um homem de quem desconhecia as qualidades e intenções. Havia entre os interessados d'este consorcio um vivo jogo de especialidades, uma apaixonada luta de interesses, esperanças de um dote, e os resultados d'elle!

Aguardava-se em conclusão a esperança da recompensa promettida; se me fizessem contrahir este casamento! esperança de fazer recair sobre outras cabeças a fortuna que me tinha sido promettida na occasião da morte de minha mãe! esperança de vingarem poderosamente o meu orgulho, de não querer abaixar-me a M.me Levaillant.

Fizeram-me conduzir a um sitio muito distante, a que denominaram *o casamento civil*, subi as escadas de uma grande casa e diante de uns homens vestidos de preto, fizeram-me assignar o meu nome n'um papel ou n'um livro, o que não posso affirmar, porque fiz tudo machinalmente, sem prestar attenção alguma, pois a minha imaginação preoccupada não me dava logar a reflectir sobre o que fazia Concluido isto levaram-me para a egreja dos Martyres, aonde foram obrigados a suster-me, pois me sentia exhausta de forças. A egreja estava só porque se abriram as portas á nossa chegada; já estava tudo illum nado. Depois da ceremonia dos anneis de alliança, encaminhámo-nos para o altar-mór; em quanto o padre proferiu as palavras do matrimonio, meu coração parecia esmagado de um pezadello horrivel, e estive a ponto de soltar um dilatado ai! de dizer ao padre, ao ministro de Deus, que ia ali sacrificada por não poder permanecer em casa de M.me Levaillant, que tinha abusado da minha situação para fazer contrahir esse casamento, que eu não acceitava senão como um meio de me ver livre das pancadas e maus tratos de minha tia, mas que ali dentro da casa do Todo Poderoso lhe

Digitized by Google

pedia que me salvasse porque ia tornar-me infeliz, e que me collocava debaixo da sua protecção abençoada! .. Mas o orgulho, o orgulho que foi sempre causa de todas as minhas desgraças, tornou-me muda e immovel como uma estatua. Assim se concluiu a união em que me tinham promettido descanço, e que se n'ella não encontrava grande fortuna ou felicidade, tinha ganho a paz e o socego do espirito.

Quando me voltei para saír, grande calor senti subir-me ao rosto, que de certo m'o havia tornar vermelho, vendo tanta gente na egreja, que tinha entrado por curiosidade. Desejava voltar com a madrinha, porém Mr. Armand Martin disse-me que isso era impossivel, e tive que regressar para casa só no trem com um homem que se dizia meu marido, sem ao menos ter consultado os meus sentimentos.

Elle ia tão afflicto por observar a minha frieza de marmore, que me não disse uma unica palavra, e que em todo o espaço do caminho não trocámos um olhar! um signal, um movimento, não denunciava o sacrificio de duas existencias?!

Mr. Armand Martin deu-me a mão para me apear, mas apenas tinha avançado dez passos senti-me suffocada, e os soluços e as lagrimas pareciam devorar-me o peito. Todos que estavam presentes lançaram-me um olhar de compaixão, mas como em quasi todas as coisas do mundo era já tarde!....

Ao jantar só assistiram as pessoas de maior intimidade da familia Armand; porém, á noite houve uma soirée, aonde se ajuntou grande numero de pessoas.

Desde que o padre me tinha posto a alliança no dedo, havia-me tornado insensivel, quasi sem existencia porque não sabia bem o que fazia nem tampouco o que dizia, foi só depois de todos se retirarem, e que M.me Armand veiu ao meu quarto para me despir, empregando palavras em que me fazia conhecer a enormidade do meu sacrificio, que n'um momento de desesperação arranquei o ramo virginal do peito, e o atirei aos pés

Digitized by Google

d'aquella mulher que acabava de me fazer perder os meus direitos, e que se tinha vendido para m'os arrancar a troco da minha propria desgraça, e n'um impeto de allucinação e de colera ousei proferir algumas blasphemias'... Oh! mas ellas eram perdoaveis pela espinhosa corôa do sacrificio!....

Passados oito dias levou-me meu marido para sua casa; ahi respirei, porque em casa de M me Armand, em todo esse tempo não pronunciei uma duzia de palavras, tal era a minha indifferença e timidez!.... Não havia porém coisa alguma que não fizessem para me alegrar; theatros, passeios a cavallo fóra da terra, nada d'isto me fazia trocar a amargura concentrada que me dominava por um simples sorriso, ainda que contrafeito.

Ao entrar com Mr. e M.me Armand na casa que meu marido tinha destinado para habitarmos, me disse elle:

—De hoje em diante é dona d'esta casa.

Abaixei a cabeça em signal de agradecimento.

Depois de Mr. e M.me Armand sairem, meu marido veiu ao gabinete aonde eu tinha ficado, e sentando-se ao meu lado n'um sophá, pegou-me na mão, dizendo-me:

—Porque está tão triste? Não sabe que isso me faz soffrer demasiadamente?!... Não lhe prometti eu, e não lh'o juro agora mesmo aqui a seus pés, de a tornar feliz?!! Serei d'ora ávante a sua familia já que por sorte lhe coube uma que só lhe originou soffrimentos! que venham agora que eu os affrontarei! venham que receberei tudo quanto lhe fôr dirigido, porque só quero que seja feliz!... Não chore, que me mortifica muito... A paixão cega-me.. perdão, perdão! mas eu tambem soffro..

—Escute-me pois, lhe disse eu então: somos duas pessoas de coragem; eu tenho sufficiente resignação e fé em Deus. para saber supportar o peso da minha cruz; agradeço os sentimentos que diz sentir por mim, cumprirei religiosamente os deveres de uma esposa, mas corresponder ao seu amor, amor que só nasce n'alma quando é verdadeiro, não posso!

Digitized by Google

—Oh! não me diga isso, replicou elle; o meu amor será tão verdadeiro como cheio de sinceridade: mas diga, diga, que um dia ainda me poderá amar!...

—Perdôo lhe tudo, lhe disse eu, mas nunca me heide esquecer que abusou indignamente da confiança de uma creança que ainda não conta quinze annos!... Pedir-me o meu coração é inutil; apagou lhe a esperança pouco viva que já lhe restava, tornou-m'o inerte, não deve ousar reclamal-o! elle está frio, e frio ficará sempre. O senhor tem-se portado bem em algumas coisas, não o nego, assim como tambem lhe digo, que nunca lhe heide dar motivo de se queixar de mim... isto não é para merecer a sua approvação nem elogios, é porque o requer o meu dever.

Meu marido levantou-se e saiu da sala; pouco depois senti-o descer a escada; chamei uma criada e pedi-lhe que me trouxesse um copo de agua com flor de laranja, e o meu lindo *mylord*, um cãosinho inglez que fazia os meus encantos, e já cheia de alegria, fui vestir a minha boneca, dando-a depois á criada para a guardar n'um armario, e assentei-me ao piano por duas ou tres horas.

Que feliz e venturoso é na verdade o tempo em que um cão, uma boneca e um piano, pode transtornar as preoccupações e soffrimentos da vida! feliz tempo em que um piano nos faz esquecer tudo.

Passados alguns dias depois do meu casamento, veiu o sr. Alfredo Martin a minha casa pedir-me que lhe perdoasse por ter contribuido, apezar de involuntariate, para a minha desgraça.

—Julguei que seria o meu socego, Sr. Martin, lhe respondi eu em certo tom, e vem dizer-me que é a minha desgraça!... Se julgam isso, porque deixaram contrahir esse casamento?... Não importa, meu marido jurou de nunca me dar motivos de arrependimento, e como d'aqui a quinze dias talvez já não estejamos em Lisboa, serei feliz porque tenho genio para por mim mesmo o ser.

Effectivamente quatorze dias depois iamos no paquete para Southampton.

Digitized by Google

CAPITULO XXVI

Deixamos Lisboa — Oito dias em Londres — Estamos em Paris — Minha sogra — De que nação serei eu? — Já não sou rainha, nem princeza, nem diabo, sou *un bi ou* — O nariz retorcido, e o queixo arribitado de minha sogra, faz-me lembrar a coruja — Meu sogro — Mr. Joly da-me um conselho — Meu marido parte para a Austria — Mr. e M.me Rodin — M.elle Julia — Annos da irmã de minha sogra — Aos oito annos fugi de uma cabeça de burro, aos dez fujo de um phantasma, aos quinze quero fugir do desespero — O que eu vi quando cheguei ao *Pont de Henri IV* — Meu sogro e seu cunhado á minha procura — Carta d'Austria.

Durante esta viagem não me levantei um só instante, em consequencia de ter passado muito incommodada.

Ao desembarque fomos para o hotel aonde eu já tinha estado com minha tia, e aonde me receberam com a maior cordealidade possivel.

No dia seguinte meu marido, querendo fazer-me uma agradavel surpresa, apresentou-me a chave de um camarote para o theatro; ficando-lhe grata á sua intenção recusei porque estava realmente doente; e só passadas tres semanas é que pudemos seguir a viagem para Paris.

Haviamo-nos demorado oito dias em Londres a ver tudo que se pode ver em oito dias! a minha curiosidade não estava excitada porque já tinha visto tudo com M.me Levaillant.

D'ahi embarcámos para o Havre d'onde eu quiz partir immediatamente porque não gostava de estar n'uma cidade immunda e marujenta.

Chegámos a Paris ás dez horas da noite; estava eu muito bem descançada sentada ao pé do fogão da sala da espera, em quanto meu marido olhava pela bagagem, e assim se passaram perto de tres horas quando o vejo caminhar para mim de braço dado com um velho, e este me disse:

Digitized by Google

—Seja bem vinda a Paris, em casa da sua nova familia, que fará tudo para se fazer querida de vós.

Em signal de agradecimento dei-lhe a minha mão, sem poder proferir palavra; depois d'isto subimos para um trem que em poucos instantes nos levou a sua casa, perto dos boulevards *des Italiens.*

Ao entrarmos ouvi o porteiro dizer:

—É a portugueza.

Logo depois em seguida a mulher d'elle duvidosa replicar:

—Não, ella é brazileira.

E a filha responder:

—Disseram-me que era *creoula.*

Ouvi qualificar-me de tantas maneiras que não pude deixar de rir e de voltar para as tagarellantes e de lhes dizer:

—Não sou de nenhuma d'essas nações, mas sou um pouco de cada uma.

Riram-se muito e eu fiquei com a nova qualificação de *bijou,* dizendo d'este dia em diante a visinhança: M.me é uma joia, falla, ri-se comnosco, sem nenhuma soberba, etc.

Minha sogra que nos esperava com todo o ceremonial na sua sala, não deu nem um passo ao encontro de seu filho; este correu a abraçal-a, e eu estando de braço dado com meu sogro, observei com todo o meu vagar sua mulher; esta recepção não me agradou nada, e muito menos quando ao pé d'ella lhe vi bem as feições e principalmente o seu nariz retorcido e queixo arribitado, beiços estreitinhos e sempre cerrados, olhos pardos sem franqueza, palavras pronunciadas e sem significação podendo-se entender de duas maneiras, movimentos *guindés,* e eis aqui um verdadeiro esboço da sua figura. Em quanto a seu marido, havia servido na guerra de *Napoleon,* debaixo do dominio d'este contra a Russia; ferido em Moscow, teve de dar baixa Era um verdadeiro militar, que expunha sempre com graça as suas idéas simples e claras.

Digitized by Google

A mulher esposa d'este bom velho apenas me viu fixou em mim os seus olhos pardos e incertos, e disse-me:

—Meu filho casou-se sem meu consentimento; prometteram-lhe trezentos e sessenta mil francos, e não lhe deram nada, e guardaram o seu proprio fato! Podem contar que da minha parte nunca hão de ver nem *um sou*.

O bom velho ia a replicar, quando ella disse com voz *arrogante:*

—O senhor cale-se, quem manda sou eu.

Voltou-nos as costas, foi pôr o seu chale e chapeo, e saiu dizendo que ia ao theatro com sua irmã que estava á sua espera havia mais de tres horas.

Eu estava tão estupefacta de tudo quanto via e ouvia, que depois de sentir fechar as portas, e de observar que meu sogro me fazia sentar a seu lado, é que eu reconheci a verdade da minha falsa posição; depois de me animar com as suas palavras cheias de sinceridade, e conhecendo que não conseguia tirar-me d'aquella desanimação que me apoderava, disse-me então:

— Vou contar-lhe a minha historia para melhor poder acreditar que não tenho sido nenhum fracalhão ou covarde, vendo que minha mulher é tão despotica.

Elle começou da maneira seguinte:

—Minha familia perdeu toda a sua fortuna, em consequencia da guerra fatal que tem devastado a França; quando eu namorei a mulher que escolhi para consorte, restava-me a esperança de obter, senão tod , parte da fortuna que me pertencia, e que infelizmente estava tão mal parada; comtudo não succedeu assim, e eu conhecendo o genio orgulhoso da mulher que estimava, não me destinava a casar com ella senão desfructando certa independencia; não havendo outro meio para a adquirir, alistei-me debaixo das bandeiras de Napoleão, e fui combater contra a Russia, com tenção de voltar cheio de gloria; mas as malditas balas que me atravessaram a ilharga e a perna, me obrigaram a voltar de Moscow á minha bella França, d'onde tinha saído cheio

Digitized by Google

de esperança para regressar cheio de desespero. Estive perto de quatro mezes de cama, ou para melhor dizer, ás portas da morte.

Um irmão de minha mulher, homem de honra e probidade, fez conhecer-lhe que me devia acceitar por marido, visto ter me sacrificado por ella, emfim, tanto fizeram que deu o seu consentimento, e pude obtel-a. Com o seu dote quiz collocar-me no negocio para adquirir uma fortuna, infelizmente tudo me ia para traz, e tudo perdi. O genio de minha mulher com isto tornou-se insupportavel e despotico, e quando ha dois annos meu filho, pelo seu extravagante pensar, se namorou de uma rapariga que o obrigou a deixar a familia para a seguir, sua mãe recusou-lhe protecção, e elle não se subjeitando a estar ás sopas da mulher que amava, seguiu a mesma carreira que ella seguia. Depois d'isto sua mãe fez tudo para elle tornar aos estudos, mas dotado de um genio indomavel e orgulhoso a nada cedeu; por varias vezes elle tem sentido faltas de dinheiro, sua mãe tem-lh'o mandado, e elle recambia-lh'o; e uma vez que eu sabia que elle estava em grandes apuros, mandei-lh'o do meu bolsinho ás escondidas da minha *boa serva de Deus*. Acceitou, mandando dizer que não queria que eu fizesse sacrificios por sua causa, e que não supplicasse para elle coisa alguma a sua mãe, porque d'ella não queria favores, enviando-me tambem uma renunciação de tudo que pudesse vir a pertencer-lhe a favor de seu irmão que estava na Africa. Até agora tenho louvado o procedimento de meu filho; mas hoje, para vós, minha filha, elle deve mudar.

—Não, não, lhe disse eu, deitando-me nos seus braços; se seu filho até ao presente fez o que o seu orgulho lhe ordenava, muito mais agora o fará porque esses serão os meus conselhos

A narração da historia concluiu-se, ficando todos os tres a chorar.

Assim ficámos por alguns minutos quando senti minha sogra; recolhemo-nos para os nossos quartos como

Digitized by Google

tres conspiradores, afim de ella não perceber que nós já tinhamos dado as explicações que nos eram tão necessarias.

No dia seguinte não foi possivel levantar-me: os incommodos que tinha passado durante a viagem, o effeito da recepç o que tivera eram soffrimentos physicos e moraes de mais para a minha natureza.

Mandaram chamar o medico, e por uma extraordinaria casualidade, era o mesmo que já tinha sido de Mr. Lassance, (meu tio) e que se chamava, como disse, Mr. Joly.

O doutor ao ver-me ficou admiradissimo. Contei-lhe tudo, e observando a minha oppressão e o meu abatimento, disse tratando-me como quando eu estava no *Sacré-Cœur*:

—Sempre lhe hei dito, *ma chere enfant*, que tem uma natureza fortissima; mas que as dôres d'alma sempre a fazem soffrer muito. Para ser feliz deve-se tornar de ferro, ou ser indifferente a tudo, e primeiro que tenha dó dos outros, tenha dó de si mesma. Sempre lhe dei este conselho, e repito-lh'o agora, pois vejo que vive n'uma luta, mas tenha esperança que tudo isto hade acabar, e em quanto assistir em Paris prometto-lhe vir visital a amiudadas vezes.

Agradeci-lhe tão grande obsequio e acceitei.

Depois d'elle sair, minha sogra perguntou-me sobre o que tinha constado a nossa tão comprida conversação, porque eu e o bom doutor conservámos o *bom* costume que já tinhamos em casa de meu tio; conversámos em inglez, e como minha sogra nada comprehendera, estava zangada. Respondi lhe que tinhamos fallado sobre tantas cois s que me seria difficil responder. Isto foi resposta sophismada, mas como depois de a dar encostei a cabeça á cadeira á voltaire aonde eu estava meia deitada, livrei-me da grande massada que de certo me estaria destinada por parte d'ella.

Meu marido partiu d'ali a oito dias para Vienna de Austria; eu fiquei com sua familia.

Digitized by Google

M.me Rodin, irmã da minha velha e rabujenta sogra, testemunhava-me uma forte sympathia. Eu correspondia-lhe na mesma, assim como para sua filha Julia, a quem tinha uma forte amizade; nós eramos quasi da mesma edade; porém, com a differença que ella se havia casado por grande amor, e eu por grande desesperação. Ella revelava me as illusões que ainda tinha do casamento, e eu só lhe fallava do tempo ditoso que passara no *Sac é Cœur!!*

Eu vivia, sim, mas sem saber porque, ou para quem; meu coração jazia ainda no somno tranquillo da indifferença. Paixão, julgava que era uma palavra que só se achava nos diccionarios, ou nas imaginações ardentes e cheias de idealismo dos poetas.

Saía muitas vezes com M.me Rodin, seu marido e sua filha, e quasi sempre era aos domingos, para ir com elles passar o dia n'uma casa de campo que possuiam em *Melun*.

Passei uns poucos de mezes uma vida narcotisada, nunca saía com minha sogra, caso que a fazia indignar muito, mas eu não podia constranger-me, e a sua presença era me sempre desagradavel Nos dias em que ella estava de mau humor, não saía dos meus quartos, e a criada servia-me para dizer que me achava incommodada.

De dia para dia minha sogra ia gerando contra mim um odio figadal, em consequencia de ver que sua irmã, seu cunhado, sua sobrinha, e seu marido me estimavam. Chegava o dia dos annos de sua irmã, em que estava destinado para o solemnisar um grande jantar, quando minha estimavel sogra principiou oito dias antes a fazer-me toda a casta de judiarias. As bondades de seu marido deram-me a força de me collocar acima de todas essas bagatellas, ainda que algum tanto tormentosas; mas a minha organisação nervosa me poz n'um tal estado de phrenesi impossivel de descrever. Chegando esse dia, a criada vendo a minha agitação, deu-me o conselho de não ir, e de agarrar me á desculpa de estar doente; porém, como o não estava rejeitei a lembrança.

Digitized by Google

Durante o jantar não se imagina qual foi o meu soffrimento! em que martyrios e constrangimentos estava mettida!... Não podendo já aturar o diabolico movimento dos olhos de minha sogra, que pareciam faiscas, levantei-me e fui para um gabinete A doninha havia escapado ás garras do sapo.

M.elle Julia veiu dizer-me d'ahi a poucos instantes que voltasse para a sala porque todos reparavam na minha repentina ausencia. Ao acabar de pronunciar isto, vejo entrar minha sogra com as faces pallidas, e os beiços tão apertados que apenas se distinguiam:

—*Allons petite sotte*, me disse ella; entre na sala, agora pode-se fazer de victima, para que o odioso caia sobre mim!...

A tranquilla insolencia com que eram proferidas estas palavras, fez-me verter amargas lagrimas que se me deslisavam pelas faces, conservando com sangue frio este sobresaltado sentimento, sem exhalar um suspiro!

Levantei-me vagarosamente e apenas lhe disse que voltaria com M.elle Julia. Logo que saiu, pedi a esta que me fosse buscar agua de colonia, e em quanto ella ia satisfazer o meu desejo, abri a porta de um gabinete, aonde estavam os chales e os chapeos, tirei os objectos que me eram necessarios para saír, e que me pertenciam, desci devagarinho as escadas; estava n'um tal estado febril que nem sentia os meus proprios passos, nem tampouco sabia o que ia fazer; tinha uma idéa fixa na imaginação, acabar com a existencia, e ella me levou a atravessar as ruas de Paris como uma louca, até *le Pont de Henri IV*, mas no momento me que chegava para me suicidar, vi uma multidão tamanha de pessoas que corriam e gritavam, que, apezar da minha irresistivel vontade, encurtei o passo, tornei a mim, e olhando em redor, fiquei espantada do que via e ouvia.

Era uma joven de vinte e dois annos que se queria matar por já não poder encobrir a seus paes o estado de gravidez em que se achava, e o infame que a enganara, tinha partido para a Italia. Algumas pessoas

Digitized by Google

davam esperanças de lhe salvarem a vida; mas apezar d'isso fiquei tão horrorisada, que considerando no acto que ia commetter, pedi sinceramente a Deus perdão, jurando-lhe que em qualquer circunstancia de minha vida nunca tentaria contra os dias que elle me havia concedido.

Sube cumprir esta promessa, apezar dos maiores desgostos e transtornos d'este mundo.....

Metti-me n'um *fiacre* e ao voltar uma esquina vejo meu sogro com meu cunhado a andarem a passos apressados; fiz parar e d'um pulo lancei-me nos seus braços. Ao verem-me, soltaram ambos ao mesmo tempo um grito de alegria, e eu, sem poder proferir uma palavra, fiz signal para continuarmos para diante.

Elles admirados deixaram ir o *fiacre*, comprehenderam tudo vendo tanta gente seguir uma rapariga que ia deitada sobre um *brancard*.

—Que ias tu fazer? me disse elle, apertando as minhas mãos quasi geladas entre as suas de um fogo ardente.

Minha resposta cifrou-se em derramar abundantes lagrimas.

Mr. Rolin, cunhado de meu sogro, lhe disse:

—Então, vês que acontece o mesmo que a minha mulher, quando vivia com sua irmã. Digo-te clara e positivamente que ninguem pode aturar tua mulher, e se vives com ella, é porque quando a vês nos seus momentos de irritação, saes de casa, e quando voltas, é depois de se terem dissipado todos os furores da sua tempestade; aqui não resta senão um unico meio, que é a Josephina vir para a companhia de minha familia.

N'isto chegámos a casa. M^elle^ Julia correu para mim, assim como sua mãe; só a boa de minha sogra se deixou ficar, com todo o imperio do seu genio exaltado, immovel; depois olhando machinalmente para seu marido, levantou o seu curvilineo e extravagante queixo em ar de interrogação.

—Não me pergunte nada com os seus mysteriosos

Digitized by Google

movimentos, exclamou o pobre velho; á similhança de um demonio quer aniquilar quantos anjos lhe possam apparecer.....

.....

Ella não o deixou continuar, levantando-se logo, e dizendo que queria immediatamente voltar para sua casa.

Despedimo-nos e aproveitámos o *fiacre* que tinha mandado esperar á porta.

Quando entrámos em casa, apenas meu sogro me disse: boas noites; terminando assim aquelle dia, em que tive de lutar com uma insoffrivel mulher, que com suas imbecis e absurdas lembranças me ia fazendo precipitar n'um acto de fraqueza, que só uma desesperação violenta me concedia a idéa de o executar

Passei tres mezes sempre no mesmo estado de apoquentações, quando recebemos uma carta d'Austria, em que nos mandavam dizer que meu marido estava quasi á morte; decidiu-se então que eu partiria com meu sogro immediatamente.

CAPITULO XXVIII

Partimos—Passamos por Meaux, Chateau-Thierry, Châlons, Bar-le-Duc, Luneville, Strasbourg, Charlsruck, Stuttegard, Vienna —Meu sogro regressa a Paris—M.me Wilsk, primeiro conhecimento da Allemanha—Ao descer o Danubio o coração palpita— —Pesth—Bellas mulheres—Conhecimento de Mr.r e M.me Selly —Minha voz torna a entrar no capitulo—Pesth.

Cinco dias depois tomavamos o caminho de ferro, passando por Meaux, Chateau-Thierry, hâlons, Bar-le-Duc, Luneville, Strasbourg, Charlsruk, Stuttegard, pois eram estas as cidades aonde deviamos parar.

Em consequencia da minha saude, n'um bello dia passámos de Stuttegard para Vienna, parando só nas estações, e tendo outras vezes de tomar o vapor. Che-

Digitized by Google

gâmos a esta nova cidade ás onze e meia, e fomos para o hotel aonde se achava meu marido, que apezar de estar de cama, e bastantemente enfermo, ficou muito contente de nos ver, e este contentamento o restabeleceu em pouco tempo.

Meu sogro ficou dois mezes comnosco em Vienna, vendo tudo que se podia encontrar de magnifico n'esta bella capital.

No fim d'este praso regressou a Paris, devendo eu e meu marido d'ahi a oito dias partir para a Hungria, o que assim se não realisou por causa da repentina doença que me atacou, e como se elle retivesse a sua partida, lhe resultaria uma grande perda, effectuou-a ficando eu só, mas por felicidade tinha-me ligado em estreita amizade com uma senhora russa já de edade que ia para Varsovia Polonia), e que me prometteu que apenas estivesse restabelecida me levaria até Pesth, onde me havia de encontrar com meu marido. Em tres semanas achei-me perfeitamente boa; embarcámos no vapor e descemos o Danubio, viagem mais linda que se pode fazer, porque as margens do Danubio é tudo quanto ha de mais pittoresco. Quanto tocam a imaginação aquelles altos castellos! quanto palpita o coração ouvindo contar aquellas legendas amorosas! quanto horrorisa ouvir a descripção dos crimes que se commetteram?!... Fica-se triste quando o vapor na sua carreira faz perder tudo de vista, não podendo depois recordar-se do que viu e ouviu, pelo embrolio das variedades, não parecendo tudo mais do que um sonho!....

Pesth é uma pequena, mas linda cidade, cheia de amores, encantos, e flores!.... Nos primeiros dias que lá estive, parava amiudadas vezes a examinar as formosas mulheres que encontrava a todo o instante É uma cruzadella de brancura das allemãs, perfis gregos e olhos das circassianas, principalmente na gente ordinaria é que se encontram maiores bellezas.

Passados alguns dias depois de estarmos em Pesth, encontrámos Mr. e M.me Selly (inglezes), intimos amigos

Digitized by Google

de M.me Wilks, a senhora russa com quem eu tinha vindo de Vienna. M.me Selly tomou-me logo tão grande amizade, que convencionou com seu marido de irem para onde eu fosse, e de se não separarem de mim; elle a tudo annuiu.

M.me Selly deu um baile para o qual fomos convidados, n'elle fiz um grande contraste, porque todas as senhoras estavam cobertas de ricas joias; a minha simplicidade fez admirar, e todos diziam: a francezinha está muito bem vestida Nos intervallos das contradanças cantou-se, e como M.me Selly dissesse que eu cantava bem, não pude recusar-me aos pedidos que geralmente me faziam; fui assentar-me com coragem ao piano e cantei algumas romanças, que gabaram muito.

Sempre conservei uma doce lembrança de Pesth. Lá não tive senão contentamentos, alegrias e prazeres.

Foi com grande pezar que deixei a cidade de Pesth; os seus bosques encantadores, os seus campos floridos, as suas aguas cristallinas, o seu horisonte sereno e bello de um azul celeste, as poeticas alcantias de suas montanhas mostrando o seu escuro roxo, animado pelos doirados raios do sol ao declinar da tarde, aviventando tambem a verdura de um magico solo! Oh! como era bella a cidade de Pesth!. ..

CAPITULO XXVIII

Bekes—As abelhas—Comorn—Voltamos para Vienna—O Prater—Casa romantica—Os viados sabem agradecer—Prefiro os viados ao amigo de meu marido—Uma romança vale-me uma declaração—Principia a apparecer M.me Qall—Um amigo que se despede de seu amigo—Pedem-me um souvenir—Illusões de um retrato—Converso com elle.

Era de noite quando entrámos em Bekes, e só no dia seguinte é que podemos ir visitar as ruinas de um

Digitized by Google

antigo castello, que muitas pessoas affirmavam que n'elle se haviam passado coisas do arco da velha.

Beks é uma terra bastante exquisita, quando alguem deseja passear por alguma quinta, deve prevenir-se antes de um grande leque e andar a abanar se sempre, pois tanta é a quantidade de abelhas que infestam aquellés logares.

Pouco nos demorámos em Beks e seguimos para Comorn.

A unica coisa notavel que achámos ahi, foi a cidadella mandada construir por Mathias Corvin e augmentada em 1805, a qual passava pela mais forte de todas as da Europa.

Partimos logo no outro dia para Vienna, e ahi chegámos tendo já antecipadamente mandado alugar uma casa, afim de não irmos para o hotel; por felicidade a dita casa ficava dentro do *Prater*. Quem não viu *Prater* de Vienna, não sabe o que é verdadeiramente lindo e romantico.

Uma casa baixa, pintada de branco, com telhas encarnadas e taboinhas verdes, foi a que serviu para a nossa habitação durante tres mezes.

Quanto eu estava tranquilla n'esta mimosa e doce morada! de manhã quando a criada vinha abrir as taboinhas das janellas do meu quarto, via logo as cabeças dos veados, encostadas quasi ás vidraças para receberem de minha mão a ração que eu tomei por costume de lhe distribuir todos os dias. Muitas vezes me levantava, e embrulhando me apenas no chambre corria logo a uma mesa sobre a qual na vespera havia collocado as comidas que lhe destinava, e chegava com ellas ao parapeito da janella aonde elles vinham comer na maior satisfação. Quando viam que não havia mais nada a devorar, davam uns poucos de pulos em ar de agradecimento é depois fugiam, não apparecendo senão ás cinco horas para receberem a segunda ração.

Parece incrivel o tino d'aquelles animaes, e a sua recta exactidão; durante tres mezes nunca faltaram um

Digitized by Google

só dia ás horas costumadas. A's vezes quando não ia á janella com brevidade, com seus altos e bellos chifres, batiam debeis marradas nas vidraças, afim de lhe apparecer. N'esses dias elles estavam zangados comigo e quebraram muitos vidros, e deixaram de acceitar o comer na minha mão.

Quando tive de abandonar Vienna, chorei com saudades dos meus queridos veados; isto parecerá uma creancice, mas era o pezar de me apartar d'elles, que durante tres mezes foram os meus constantes amigos, e as distracções das minhas meditações

N'essa terra estranha estava quasi sempre só, porque meu marido nunca se demorava em casa depois que eu lhe disse que não queria receber os seus amigos, nem as pessoas que fingiam sel-o para me fazer a côrte, como um que muitas vezes vinha para fallar com elle, tinha a pachorra de fazer as partidas; e de fingir-se apaixonado pelo jogo, fazendo sempre como quem se applicava muito, e deixando meu marido ganhar incessantemente. Assim adquiriu a confiança e amizade de seu parceiro.

Certa occasião veiu para fallar a meu marido, mas elle não estava. Eu que já havia alguns dias percebia o magnanimo calculo de seu jogo, mandei dizer-lhe que me achava bastante incommodada e impossibilitada de lhe poder fallar.

Quando voltou meu marido contei-lhe a visita que seu amigo lhe tinha vindo fazer: o resultado foi zangar-se de o não ter recebido. D'esta occasião em diante jurei de receber fosse quem fosse que o viesse procurar.

Effectivamente cinco dias depois tornou o mesmo fingido amigo, e resolvi mandal-o entrar.

Estava bordando um lenço, e achando que me não devia estorvar, continuei; elle sentou-se n'uma poltrona junto de mim, conversando sobre muitas banalidades; mexia na minha costureira e em tudo que n'ella se achava; ora endireitava os engommados collarinhos de sua camisa, ora compunha o laço da sua gravata. Eu estava

Digitized by Google

tão enfrenesiada pelo constrangimento em que me achava, que creava na idéa quasi odio contra meu marido, e preferia mil vezes os mansos veados a todos os seus amigos.

Depois de alguns instantes de silencio, levantou-se dizendo:

—Por felicidade tem o seu piano aberto, o que me faz tomar a lib rdade de lhe pedir para tocar a minha peça favorita a *Norma*.

Pensando assim ver-me livre mais depressa de um ente que me era tão antipathico, levantei-me e fui para o piano. Apenas acabava de tocar a musica pedida, instou-me para que cantasse uma romança: tomei a primeira que encontrei, intitulada *oest soi*, da qual o segundo couplet é o seguinte:

«Ce qu'il me faut à moi,
«Quand la brise du soir,
«Caresse avec amour,
«Les fleurs de la vallée,
«Quand je t'appele en vain,
«De ma voix desolée
«Comme un rayon d'espoir!
«Pour ramener em moi,
«Ma croyance envolée
«Ce qu'il me faut à moi
«C'est toi! C'est toi, ah! c'est toi!

Ainda mal acabava este ultimo verso quando vejo o dito amigo levantar se, e deixando-se logo caír de joelhos, erguendo as mãos, dizendo com voz tremula e suffocada:

—Eu vos amo, bem o sabeis! oh! mas sois uma mulher fria e inflexivel! meus soffrimentos não vos tem commovido! oh! dizei-me com a vossa costumada franqueza, nunca tereis dó de mim?

Era a primeira declaração *à brûle pourpoint* que eu recebia na minha vida, e confesso que fiquei embara-

Digitized by Google

çada; não quiz, nem pude responder coisa alguma; estendi simplesmente o braço direito e pegando no cordão que estava atraz do piano, toquei apressadamente a campainha; elle levantou se rapido como um raio, porque não esperava por similhante conclusão, quando entrou a *dama de companhia* de M.me Selly, que estava comigo, em consequencia de assim o ter exigido esta cara senhora, que era para ficar mais certa de que eu não me iria embora de Vienna sem ella ter chegado.

Apenas vi que ella tinha apparecido, disse-lhe tranquillamente:

—Toquei duas vezes para a chamar, porque este senhor parte d'aqui a tres dias para a Russia, e como me testemunhou desejos de lhe fazer as suas despedidas, por isso toquei para ter o incommodo de aqui vir.

Ella voltou-se como penhorada, e disse-lhe:

—Agradeço muito a delicadeza, mas esta partida foi uma decisão muito repentina, porque encontrando-o hontem, disse-me que iria a Paris quando nós partissimos.

—M.me Qall não se engana, disse elle balbuciando, mas entrando em casa encontrei uma carta de um dos meus amigos de Paris que se deve achar em poucos dias em S. Petersbourg, e como tenho a minha palavra compromettida, disse elle olhando para mim, não posso de maneira alguma faltar a ella. Eis o que explica a rapidez d'esta partida. Vou ver, tornou elle, pegando no chapeo, e comprimentando-me, se encontro seu marido para me despedir d'elle, e no caso de o não achar, escrever-lhe-hei uma carta.

—N'esse caso, respondi eu, seria mais conveniente voltar ámanhã ás tres horas, que eu o prevenirei para que não saia.

Elle retirou-se.

No dia seguinte foi pontual Meu marido admirou-se muito d'esta inopinada partida que o privava do seu mais caro amigo; elle deu a mesma explicação que na vespera havia dado a M me Qall, e que o convenceu.

Digitized by Google

No dia seguinte recebi pelo correio uma carta que me entristeceu durante algum tempo.

N'ella se conhecia a paixão de um ente desesperado, que comprehendia os meus deveres, que conhecia o meu caracter, e sabia que eu era incapaz de faltar a elles; por isso resignava-se obediente á minha ordem, pedindo-me unicamente como recompensa do seu sacrificio *um souvenir*.

Soffri muito, porque pela primeira vez conheci que me seria impossivel viver n'aquelle estado narcotico em que tinha vivido até ahi! pela primeira vez senti meu coração despertar-se do sonho tranquillo em que jazia! pela primeira vez alfim fiz reflexões sobre o meu coração, sobre a minha felicidade, e sobre o meu futuro, entregue nas mãos de um homem que não conhecia, e a quem me tinha ligado, pela desesperação em que minha tia me tinha lançado.

Meditando assim, encostei-me sobre o sophá, dizendo entre sentidas lagrimas e profundos soluços: Meu Deus! meu Deus! eis a vida que me destinastes! só no mundo, sem carinhos de mãe, sem conselhos de pae, sem amigos, sem ter uma unica pessoa em quem confie!..... Quanto soffro meu Deus ninguem a quem possa dizer o que meu coração sente, quanto elle necessita amar, mas amar com paixão, com idealismo!!! Se não devo encontrar este ente com quem sonho, esta visão que me apparece nas horas do meu descanço, e que me sorri de amor; levae-me antes para junto de vós, meu Deus! a morte é mil vezes preferivel a esta somnolencia de phreneticos sentimentos de uma paixão sem destino e sem limites!!!....

Estas exaltações misturadas com as lagrimas que derramava faziam-me cair n'um lethargo; então fosse a minha imaginação, ou fosse o que fosse, quasi sempre parecia ver-me n'um navio que caminhava sobre as ondas do oceano, e a cada instante distinguir as negras e altas serras do meu querido Portugal! então!... no meio de todos estes combates da exaltação, via um rosto sympa-

Digitized by Google

thico, como meu coração desejava, apparecer, e a sua bocca divina dizer-me: Eu te amarei, tanto como tu o desejas, porque eu saberei comprehender-te!

E assim adormecia nos doces sonhos da esperança!

Fizeram-me tanta impressão estes sonhos que um dia os revelei a M.me Qall, ao que a pobre senhora respondeu que andava n'isto um mysterio de Deus, e como nós estavamos em breve a partir para a Bohemia, lá eu obteria as explicações.

Ri-me d'isto porque era muito incredula no disparate dos feitiços das cartas.... e outras phantasmagorias adivinhatorias!...

CAPITULO XXIX

Algumas palavras sobre a cidade d'Vienna—Artilheria serve para um sino—Olmutz—Wesceslau III—Lafayette—Brunn serve de quartel a Napoleão—Palacio dos principes de Dietrichstein—Munich—Prague—A senhora bohemia—A lingua ingleza não me serve, a franceza prega-me a mesma peça—Dou as minhas mãos, e guardam-me a esquerda—Desmaio no meio da verdadeira prophecia—M.me Gall principia a ser minha mãe—O pé escorrega-me no gelo—Prague pittoresca—Palacio do conde Czernin—Tumulo de S. João Nepomuceno.

Vienna é uma rica cidade onde se respira nobreza e magnificencia

Quanto mais abastada é uma familia, mais cordeal e amavel é o seu modo de tratar. O luxo é immenso, e aquelles que não podem lutar sem grande sacrificio, com o fausto do trajo, privam-se das maiores necessidades hombreando com os apaixonados da moda que sempre saem á rua na conformidade do ultimo figurino.

A's vezes (e quasi sempre) com o luxo exterior as mães conseguem fazer bons casamentos ás filhas, ou por meio de diversas transacções alcançam em poucos annos uma bella fortuna. Mas em quanto não chega essa

Digitized by Google

felicidade, o estomago sente diabolicos calafrios, e soffre-se muito.

As ruas de Vienna são estreitas, e as propriedades constam quasi todas de cinco ou seis andares. Ao contrario das mais cidades, é ali nas ruas mais feias que habita a nobreza, e as pessoas ricas, deixando a parte nova da capital para os estrangeiros que se não podem acostumar a viver n'uma especie de canudo longo e sombrio.

Das egrejas a mais bella é a cathedral de S. Etienne, que tem um enorme sino, que dizem ser o maior de toda a Allemanha, e que foi fundido com a artilheria conquistada aos turcos pela occasião do livramento da cidade.

A egreja dos Augustinhos é a mais favorita da côrte, n'ella existe o monumento da archiduqueza Maria Christina, monumento que foi levantado pelo celebre Canova.

Dos theatros, aquelle aonde vi representar melhor, foi no *Leopoldstadt*.

Vienna é na verdade uma rica e bella capital.

Partimos d'esta cidade de imperadores, e fomos para Olmitz, paiz antiquissimo, e que já foi capital da Moravia.

Dos bellos monumentos que possue Olmutz, o que merece especial menção é a cathedral mandada construir por Wenceslau III, aonde elle proprio jaz subterrado.

Frederico o *Grande* em 17 8 soffreu ahi uma desfeita.

Esta terra é ainda mais celebre por Lafayette ter sido n ella prisioneiro em 1794.

Havia coisas bem curiosas para serem examinadas, e tive pena de sairmos d'ali tão depressa, para seguirmos para Brunn, cidade notavel por ter servido de quartel general a Napoleão antes da famosa batalha de Austerlitz. De todos os palacios que ahi visitámos, o do principe de Dietrichstein pareceu-me o mais esplendido pelos seus magnificos orñamentos, o que muito me

Digitized by Google

fez lembrar o palacio de S. Christovão no Rio de Janeiro, quando o fui ver depois de preparado para o casamento do imperador com a princeza Christina.

Deixando Brunn, tinhamos tencionado ir directamente para Prague, mas ainda bem não tinhamos feito dois dias de jornada, apoderou-se de mim uma tal tristeza que não fazia senão chorar.

Hospedando-nos n'um hotel em Iglau, os medicos consultados declararam que não comprehendiam absolutamente nada do meu soffrimento, que estava de perfeita saude, e que eu era uma mulher fortissima, porém que reconheciam que soffria, e não podiam definir melhor essa doença, senão dizendo: *c'est le mal du pays*. Que n'esse caso não deviam contrariar-me em coisa alguma, prometterem-me sempre que voltaria em breve para Portugal, e até então satisfazerem-me todos os meus desejos.

Quando me achei mais forte, e que ouvi decidir que iamos partir para Prague:

—Ainda não, ainda não, exclamei eu, lançando-me nos braços da minha querida M.me Qall.

—Porque não ainda, minha amiga? disse ella sorrindo e enxugando as minhas lagrimas

—Porque antes de subir mais ao norte da Allemanha quero ver Munich, redargui eu cheia de resolução.

—Mas minha querida tontinha, como é isso agora possivel? como havemos de decidir seu marido?

—Não sei, nem quero saber; diga-lhe tudo que quizer, diga que eu ouvi o medico dizer que não contrariassem as minhas vontades, finalmente, quero ir a Munich.

Com effeito ella tinha todo o poder e arte para decidir meu marido a tudo quanto eu desejasse. Por isso, depois de alguns dias de jornada, chegámos a Munich, a essa bella capital da Baviera, aonde logo no dia seguinte fomos ver a bibliotheca real, que tinha fama de ser a primeira depois da de Paris.

Visitámos todas as egrejas e não pude, lembrando-

Digitized by Google

me da mãe de Eugenio Beauharnais, deixar de verter algumas lagrimas sobre o tumulo d'este homem, existente na egreja de S Miguel.

—Agora que lhe fiz a vontade trazendo-a a Munich, hade amar-me, não é assim? disse um dia meu marido.

—Estimo-o, tenho-lhe amizade, mas amal-o, nunca o espere. Fico-lhe agradecida de me ter feito ver Munich, mas por tão simples condescendencia, não conte de certo com o meu amor, porque elle não se vende, nem se deixa render com a affeição de um mimo, a troco de um bonito, ou adherencia a um pequeno capricho. Lembre-se, recorde-se como o nosso casamento foi feito, e não me peça mais o que é impossivel.

—Não quer ser minha por amor, hade sel-o por força! d'aqui em diante quando precisar dinheiro hade pedir-m'o.

—Como está enganado! exclamei, soltando uma estrepitosa gargalhada; e encolerisando-me interiormente, fui sentar-me ao piano

Entrou M.me Gall; meu marido saiu.

—Safa! parece estar hoje muito zangado, disse a recemchegada abraçando-me.

—Hade passar-lhe, respondi eu.

—Então o que foi? temos novidade?....

Em duas palavras contei-lhe tudo.

—Estamos mal; disse ella depois de me ouvir; o ultimo dinheiro que recebi, mandei-o a meu filho, e agora não torno a ter remessa senão d'aqui a dois mezes. Não importa! como M.me Selly me encarregou de lhe mostrar bem toda a Allemanha, dizendo me que quando seu marido se zangasse de fazer tão avultadas despezas, lhe escrevesse logo, é o que vou tentar n'este apuro, e ella nos fará saír triumphantes.

—Sim, mas no entanto? perguntei eu.

—É verdade .. murmurou ella, e ficou com a cabeça baixa, como quem quer obter alguma idéa feliz

Passados alguns minutos de silencio, exclamou:

—Bem, está tudo salvo! mando vender as minhas joias.

Digitized by Google

—Não consinto, repliquei eu, deixar-lhe fazer um sacrificio d'esses para satisfazer apenas um capricho meu... não, não devo.

Depois de longo silencio, exclamei:

—Bem! já sei! hade ser isso!

—O que? perguntou ella.

—Nada, nada, respondi eu.

E fui sentar-me á escrevaninha, aonde escrevi uma carta. Quando acabei voltei-me, e disse com o sorriso nos labios:

—Venha ler.

Ella aproximou-se lentamente, e passou pela vista as poucas linhas que havia escripto.

—Oh! isso é uma loucura, minha querida, murmurou ella; e se elle o sabe, muito se zangará.

—Hade-lhe passar.

M.me Qall escreveu a M.me Selly; depois mandámos vir um trem, e fomos ambas deitar essa carta no correio para aquelle destino, e entregar a minha á residencia d'uma das mais altas personagens do mundo.

Estava doente, não me pôde fallar; mas veiu uma das suas amigas, dama ou camarista, não sei bem, mas era uma senhora que algumas vezes eu tinha visto em Lisboa, pouco tempo depois da minha chegada do Rio.

D. F*** reune a todas as qualidades moraes, a mais delicada e apuradissima educação, tornando-se por isso predilecta da augusta pessoa a quem foi entregar a minha carta.

Poucos instantes depois, voltou, e deu-me um pequeno cartuxo.

Depois de um affectuoso e apertado abraço, agradeci-lhe e desci para entrar na caleche, aonde disse para M.me Qall:

—Veremos hoje se elle hade persistir na idéa de me obrigar.

Ao jantar meu marido disse:

—Então, foram passear hoje?

—É verdade, respondeu M.me Qall.

Digitized by Google

—E trouxe-lhe de presente este annel, ajuntei eu, tirando da algibeira uma caixinha.

—É uma brincadeira. . bradou meu marido todo enfiado.

—Não é uma brincadeira, atalhou M.me Qall; mas como o medico disse que não se contrariasse esta creancinha, deixei-me fazer presente d'este annel; e estendeu a mão sobre a mesa

—Mas eu comprei outro egual para mim, interrompi no mesmo instante, e estendi tambem a minha mão.

Meu marido abriu a caixa, e viu que o annel que tinha dentro era exacto aos nossos: estava estupefacto!

—É uma lembrança do dia de hoje, disse eu soltando uma estrondosa gargalhada.

—Com que dinheiro? exclamou meu marido todo tremulo e pallido.

—Seguramente não é com o seu, pois que me tirou a chave da carteira, lhe respondi eu com o maior sangue frio.

Elle levantou-se, foi ao meu quarto, abriu a gaveta do toucador, e principiou a contar as minhas joias.

Eu e M.me Qall tinhamol o seguido, e visto os seus movimentos; para brincar ainda, disse-lhe com um riso da mais perfeita zombaria:

—Não lhe vendi nada!...

—Então como obteve esse dinheiro? perguntou elle apertando-me com violencia a mão.

A dôr fez-me soltar um pequeno grito, mas disse-lhe socegadamente:

—Largue-me a mão, e M.me Qall que lhe conte tudo.

—Sim, disse ella, rindo ás gargalhadas.

E eu fui sentar-me ao piano a tocar, até que o estrondo de repetidas risadas me fez voltar a cabeça.

—Deve comprehender esse genio mais que admiravel, estava M.me Qall dizendo a meu marido; não a leve por mal, que é uma creatura que por bem tudo se consegue d'ella, e é capaz dos maiores sacrificios.

Digitized by Google

Meu marido, tirando do bolso uma chavinha, chegou-se ao pé de mim, e disse-me:

—E hoje que comprehendo o seu caracter; perdoe-me, e esqueçamos esta pequena scena.

—Perdão!... disse eu rindo, e estendendo-lhe a mão; mas hade saír comnosco: vamos a uma peregrinação.

—Com muito gosto, respondeu elle.

Quando todos tres nos achámos promptos, abri a carteira, e tirei o dinheiro que faltava á quantia que de manhã recebera, e fomos depois á residencia aonde eu tinha ido n'esse mesmo dia; ao passarmos defronte da sentinella, vimos uma velha a chorar, e a pedir que a deixassem entrar.

—Não tenho ordem, disse impassivel o soldado, e continuou o seu monotono passeio.

—Mas eu posso entrar? perguntei para a sentinella.

—Sim, respondeu ella laconicamente, cedendo me a passagem.

— Já venho, disse para meu marido e M.me Qall.

E pegando na mão da pobre velha, entrei com ella.

No primeiro corredor parei, e voltando-me para a infeliz mulher, disse-lhe:

—Ao seu pranto e á recusa que lhe fizeram de a deixar entrar, sei para que vem; ninguem se arrisca a similhante humiliação, sem grande soffrimento Aqui, recebi esta manhã uma quantia para dar em esmolas; julgo porém, fazendo de todo esse dinheiro uma só, que fica a minha consciencia descarregada do meu dever. Eil-a aqui, pois, continuei eu, tirando o cartuxo da algibeira, e entregando o nas tremulas mãos da pobre mulher, que se desfez em lagrimas, dizendo:

— S. M. imperial é uma santa, que não contente de fazer tantos beneficios, ainda emprega os anjos para cumprir tão grandes obras em favor dos desgraçados que soffrem....

—Ahi vem gente, interrompi eu; vamo-nos embora.

Antes de saír o grande portão, a pobre creatura abraçou-me chorando, e chamando-me novamente seu anjo.

Digitized by Google

Com a consciencia tranquilla, com o coração alegre, fiz que voltassemos para casa

Nunca mais fallámos d'esta anecdota, sem, como tres creanças, soltarmos tres alegres risadas.

Dias depois deixámos Munich para seguirmos para Prague, capital da Bohemia.

Logo no dia seguinte da nossa chegada, M.me Qall mandou chamar uma mulher que já conhecia havia alguns annos, e que lhe havia prophetisado tudo que lhe devia acontecer sobre o seu casamento e viuvez.

Um dos meus grandes defeitos é a curiosidade, por isso esperava com anciedade para ouvir o oraculo da pretenciosa bohemia.

Passadas algumas horas apresentou-se-nos uma senhora de meia edade, sem ser bonita nem feia, nem bem nem mal trajada, e a quem se podia pela boa perspectiva dar-se o titulo de senhora.

Depois de passada a primeira alegria do seu reconhecimento com M.me Qall, explicou-lhe esta ultima o desejo que eu tinha de que ella me dissesse algumas coisas sobre o meu futuro. Com toda a condescendencia se promptificou a dita senhora a satisfazer esse capricho. Em quanto ella preparava um baralho de cartas, disse eu para M.me Qall em inglez:

—Eu consinto n'isto, porque estou aborrecida, e quero rir, mas não que eu acredite ...

A bruxa deixou de baralhar as cartas, e respondeu-me n'um perfeito e irreprehensivel inglez:

—Pois pode acreditar no que lhe vou dizer, porque eu nunca me engano no que uma vez tiver dito.

Como tivesse fallado em inglez, zombando das suas *habilidades* e prophecias de cartas, fiquei tão embaraçada, que não podendo achar desculpa para poder atalhar, disse em francez para M.me Qall:

—Sois uma má! pois podieis-me ter prevenido de que esta senhora fallava inglez.

A M.me bruxa não deu tempo para M.me Qall me responder, e disse-me em excellente francez:

Digitized by Google

—Não lhe dê isso o menor cuidado; visto que eu sei todos os idiomas, seria difficil não a comprehender.

Eu que tinha o genio de uma verdadeira creança, desatei logo ás gargalhadas, e isto foi maravilhoso porque fiquei á minha vontade e sem mais ceremonia, com a estimavel senhora com quem se não podia ter segredos.

Já me não lembrava bem do portuguez, mas querendo saber se o que a bohemia me dizia era ou não verdade, principiei a fallar-lhe em portuguez. A' primeira phrase que soltei, logo ella me fez reparar n'um erro que tinha commettido, explicando-m'o em portuguez correcto. Offereci-lhe as minhas mãos, dizendo-lhe que merecia as competentes palmatoadas; ella riu-se muito, e foi me agarrando a esquerda, voltando a palma para cima, principiou a ler a *buenadicha*.

Ao terminar olhou fixamente para mim, pegou nas cartas que tinha posto em cruz sobre a jardineira, e muito silenciosa deu m'as para partir, estendendo-as depois sobre a mesa. Como era a primeira vez na minha vida que via tanta embrulhada mysteriosa, olhava com curiosidade e estava com medo, porque no *Sacré-Cœur* diziam que taes exercicios e experiencias era um irremissivel peccado!

Tres vezes a celebre bruxa estendeu as cartas sobre a mesa, e outras tantas as tornou a baralhar.

Durante este espaço de tempo estavamos caladas. M.me Qall querendo observar pela minha physionomia as impressões que eu sentia; eu, querendo adivinhar o que me iria dizer aquella mulher que parecia estar sciente do meu coração entregue a profunda oppressão.

—*Ecouter ma pauvre enfant*, foram as primeiras palavras que a bohemia me disse. Vós tendes muito que soffrer, porque não sabeis sentir a meio as impressões; tereis desgostos na vida, e só em Deus achareis forças para os poder supportar. Tende sempre coragem, que esse Deus todo poderoso vos recompensará de tudo. Não sabeis o que é o amor, e não o conhecereis se-

Digitized by Google

não quando repassardes o oceano... N'outros climas sabereis o que é a paixão! encontrareis o ideal d'esses sonhos que vos perseguem! haveis de soffrer muito! muito! *pauvre enfant!!* Haveis de supportar, disse ella com as lagrimas nos olhos, o golpe da morte de uma pessoa, que só uma mulher de energia como sois, pode resignar-se a esse golpe; vosso coração ficará despedaçado, lembrar-vos-heis de Deus! Haveis de fazer um sacrificio, pelo qual vosso orgulho ficará quebrado; então soffrereis ainda mais.... Lembrae-vos de Deus! Sim, sim, fallae sempre com elle, patenteae-lhe o vosso coração, que elle ouvirá vossas supplicas, elle vos dará forças e resignação para tudo!! mas tomae sentido.. dos homens loiros e... dos homens ruivos!.... ai! ai! disse ella de repente pondo as mãos sobre o coração, e reclinando a cabeça.

Quando M.me Qall e eu nos levantámos para a segurar, já tinha perdido inteiramente os sentidos. Fiz tocar a campainha com tanto estrondo que a borla se desprendeu do cordão. Mandei logo um criado chamar um medico, e pouco tempo antes de ter chegado, appareceu meu marido, que ficou admiradissimo.

M.me Qall disse que aquella senhora era sua amiga, e em quanto elle ia pôr o seu chapeo sobre uma mesa, ella agarrou nas cartas e metteu-as na algibeira do vestido da pobre senhora, a quem eu estava dando algumas colherinhas de ether, que sempre tinha em casa, em consequencia dos meus ataques de nervos.

Apenas o medico chegou sangrou-a logo, dizendo que ella havia ser muito subjeita áquelles incommodos, affirmando M.me Qall que já havia alguns que a conhecia, soffrendo sempre d'aquella maneira.

Quando ella tornou a si, olohu para mim, apertou-me a mão principiando a chorar.

Algumas horas depois sentindo-se melhor, disse que desejava retirar-se; mandei o criado dar ordem para chegar o trem que tinha vindo, e disse-lhe que visto ter-me demonstrado tanta sympathia, não me havia de recusar que M.me Qall fosse com ella, e ficasse em sua

Digitized by Google

companhia os dias que quizesse, visto serem amigas, e não se terem visto ha alguns annos.

M.me Qall agarrou me na mão, dizendo-me:

—*Vous êtes un ange; qui vous connait, doit vous adorer.*

Dei-lhe um osculo, e ella foi apromptar-se.

Abracei a pobre senhora que tinha vindo para me consolar e dar-me algumas esperanças, e que se retirava em tão triste estado.

Mandei durante a enfermidade saber todos os dias da sua saude, e teria ido pessoalmente se não fosse o estado nervoso que me impossibilitava durante algum tempo de saír.

Dias inteiros passava perto do fogão a ler, sem me lembrar dos meus la¡ is, da minha musica, nem dos meus bordados. A força do frio era tal que tremia quando tentava levantar-me.

M.me Qall voltando para a minha companhia, achou-me extraordinariamente mudada, pois taes eram as impressões que tinha resentido durante aquelles dias de triste ausencia, e profunda solidão! No dia seguinte veiu o medico saber se M.me Qall estava de saude, pois que da missão de enfermeira lhe poderia ter resultado algum incommodo. Eu percebi que os cuidados maternos que esta senhora tinha para comigo, o fizeram mandar chamar ás minhas escondidas. Receitou-me umas pilulas, e deu ordem formal para saír todos os dias, não de trem, mas sim a pé

Passado um dia, depois de M.me Qall me fazer embrulhar em roupas guarnecidas de pelles, de maneira que podesse resistir á intensidade do frio, fomos passear; ainda bem não tinha dado vinte passos escorrega-me um pé, e teria infallivelmente caído sobre as pedras de gelo, se não fosse o seu desvelado cuidado em me amparar. Esses passeios fizeram-me um bem inexplicavel; a côr de um vivo rosado tornava a apparecer nas minhas faces então desvanecidas como a rosa branca.

Digitized by Google

N'este triste estado da minha alma, e da languidez da minha saude, é que examinei bem, e observei toda essa cidade.

Prague, linda e pittoresca, tem uma formidavel ponte de dezeseis arcos, erguendo em cada extremidade duas magnificas torres. Toda essa ponte é guarnecida de bellas e colossaes estatuas.

O palacio real possue os mais encantados jardins, onde entrando-se uma vez se perde a vontade de saír. Os outros palacios são tantos e tão ricos, que difficil me seria mencionar as preciosas bellezas que lhes admirei. De todos os que mais me agradaram pela combinação do gosto com a magnificencia, foi o do conde Czernin, e o dos principes de Schwarzenberg.

O que é mais recommendavel em Prague é o seu grande numero de magestosas e ricas egrejas, aonde levei immenso tempo a examinar todos aquelles sumptuosos quadros da soberba escola dos grandes mestres.

Ha tambem, não me recordo em que egreja, ricos tumulos de reis e de imperadores, porém o mais notavel é o de S. João Nepomuceno, pois que é todo encrustado de prata.

Deixámos Prague quasi repentinamente por termos que ir para a Silesia.

CAPITULO XXX

Breslau—Primeiras e ultimas palavras asperas—Amo devéras Portugal—Grande resolução—Pequeno documento—Choro ao ver umas laranjas—Como condição, não—Egreja aonde abunda a prata—Egreja de Santa Isabel—Palacio de Schamborn—Bella praça—Oder—Minha alma vive—Kalitz e Plock insignificantes—M.me Qall é um livro—Ostroleka vingativa—Kolno.

Chegámos a Breslau com um tempo lindissimo, que me fez recordar e ter saudades do meu querido Portugal.

Digitized by Google

Olhando para aquelle ceo azulado, as lagrimas vieram-me aos olhos.

Meu marido vendo isto, disse-me n'um tom curioso:

—Porque chora?

—Não vê este ceo? lhe respondi eu; pois tenho saudades de Lisboa!!

—Não admitto, replicou elle, que tenha saudades de uma terra aonde tem uma familia que a abandonou!...

—Não tenho saudades de minha familia, lhe respondi, tenho-as da minha patria!

—Nasceu no Rio de Janeiro, o Brazil é que é a sua patria.

--E que me importa esse direito, se eu o renego para adoptar d'alma e coração o bom Portugal?!

—Pois vá para lá, me respondeu elle, de uma maneira brusca

—Oh! juro-lhe, que irei, porque é lá onde só quero morrer.

É preciso notar-se que meu marido detestava tudo que não fosse Paris, e por isso queria que eu partilhasse tambem do seu odio contra Portugal; e como meu coração não annuia a odiar a terra onde passei os dias da minha infancia, era esse o unico motivo das nossas discussões, que principiaram com um ceo azulado, e terminaram no horisonte da nossa amigavel separação.

D'essa epoca em diante eram raríssimos os dias que se passavam sem se trocarem algumas palavras que longe de me resignarem sobre a ausencia da minha terra de adopç o, não faziam senão tornar mais fixa à idéa de acabar meus dias em Lisboa.

Uma occasião estava a conversação inflammada, e as palavras trocavam-se de parte de parte como na discussão de dois ministros ladrões, um que está no ministerio e outro que foi demittido. Um diz: Tu és ladrão; e o outro responde: Ladrão és tu. O p imeiro brada: Tu abusas O segundo grita: Tu é que abusaste! Foi d'este modo que teve logar entre nós a nossa primeira e ultima questão.

—Bem, disse eu, levantando-me, se está de boa fé

Digitized by Google

em tudo quanto disse, não deve pôr duvida em escrever o que lhe vou dictar.

—Não escrevo coisa alguma, sem saber primeiro em geral de que se vae tratar.

— Deve recordar-se, disse eu, como o nosso casamento foi feito; eu, pobre creança, sacrifiquei-me para me livrar das horriveis pancadas com que uma barbara tia me espancava' O dia em que comprehendi a differença da amizade e do amor, disse-lhe com sinceridade que por si não teria nunca senão amizade. D'essa franqueza resultou zangar-se, e vingar-se em dizer mal de Portugal, d'essa terra que sabe que eu daria por ella a minha vida Separemo-nos amigavelmente, disse eu, estendendo-lhe a minha mão, separemo-nos antes que os nossos corações cheguem a odiar-se, e teremos nas nossas lembranças sempre amizade um pelo outro; escreva pois o que lhe vou dictar.

Passou a mão pela fronte, sentou-se ao pé da secretária, e disse-me com voz firme:

—Oui, oui, dicter' dicter.

Com a velocidade do raio aproximei-me, e disse-lhe:

— Eu abaixo assignado dou o meu consentimento para minha mulher partir quando lhe aprouver: assigne.

Elle assignou, perguntando-me:

—Só isto?

—Só isto, lhe respondi eu.

E tomando o papelinho, dobrei-o bem, e guardei-o no seio

A' noite ao, recolher, disse ás criadas que não precisava dos seus serviços, e fechando-me no quarto, tirei do pescoço o meu *scapulaire*, descosi-o, colloquei dentro o papel muito dobrado, e tornei-o a coser convenientemente.

No dia seguinte estava eu arranjando umas lindas flores que tinha n'uma jardineira, quando vejo meu marido apresentar-me um cestinho de magnificas laranjas; ao vêl-as logo meus olhos brilharam recordando-me de Lisboa.

Digitized by Google

—Que bellas laranjas! exclamei eu.

—São suas, me replicou elle com amabilidade, se me quizer entregar o papelinho...

—Se m'o tivesse pedido sem condição, atalhei eu, talvez lh'o entregasse, porém como vejo uma condição, não o dou.

Elle pegou no cestinho que tinha depositado sobre uma mesa, saiu e não o vi durante cinco dias.

N este pequeno praso é que percebi que devia separar-me, e formei logo resolução de o fazer assim que podesse.

Durante os poucos dias que estivemos em Breslau, vimos tudo d'esta cidade, a sua universidade fundada em 1702, e á qual foi reunida em 1811 a de Francfort-sobre-o-Oder. A sua cathedral é digna de especial menção pelos seus quadros, tabernaculo e altar de prata, obra do seculo XVI, e tambem pelo seu grande relogio que já existia em 1373.

A egreja de Santa Isabel, que foi edificada de 1253 a 1257, é admiravel pelo seu altar, torre, e enorme sino.

Possue muitas mais egrejas dignas de especialidade, assim como lindos palacios, sobre tudo o de Schamborn.

A praça de Franeuzien é notavel pela sua regularidade e por ter no centro a grande estatua do general d'este nome.

N'esta cidade se concluiu em 1742 o tratado de paz que terminou a desastrosa guerra da Silesia.

Nada mais pittoresco do que as margens do Oder que atravessa Breslau, como tambem nada mais encantador do que as suas montanhas verdejantes; quando se está n'essa grande altura e se olha para baixo, é tão interessante ver tantas creaturas passeando, e os lindos botes á vela e a remos, cortando as aguas do Oder! quando o ceo se ostenta limpo de nuvens, e o sol desapparece por entre as folhagens, a mente fica extasiada em profundas meditações, e a alma embriagada em tão ineffaveis gozos!!

Digitized by Google

Quantas vezes aconteceu esquecer-me ali de tudo... de ser pela minha imaginação completamente feliz... ali vive só a alma!! não tornava á realidade senão quando M.me Qall me fazia reparar que já era tarde, cobrindo-me os hombros com um chale que ella tinha sempre o cuidado de trazer. O livro que eu costumava levar era então entregue ao criado, e muitas vezes ia com o mesmo signal que levara na vespera. Repetidos dias succedia de nem sequer o abrir, porque n'esses dias a minha alma vagava em longas meditações, e eu abandonava-me tranquilla a esse irresistivel poder.

Ah! que sonhos que ali tive! que delirios de suave embriaguez! que momentos de felizes e esperançosas lembranças! E não eram mais do que sonhos! se elles se realisassem a terra seria um verdadeiro paraizo de felicidade, e essa ventura pertence unicamente ao ceo onde as flores mais puras fazem o ornamento divino!!!

Acabaram-se estes deliciosos passeios com a nossa partida para Halitz. Ahi nada vi que mereça ser mencionado, e depois de poucos dias seguimos para Plock, cidade que já foi capital dos duques de Massovie, e que nada tem de singular.

Apezar de me aborrecer muito quando chegámos, por não existir alguma coisa que provocasse a minha curiosidade, gostava de ver M.me Qall saír, entrar, e tornar a saír de casa, como levada por instincto de creança, querendo ver tudo, embora fosse monotono e triste.

Tambem se lhe perguntassem quantas ruas tinha uma terra qualquer, não só de memoria dizia os nomes, mas dava as mais insignificantes explicações.

M me Qall era para mim um livro aberto.

De Kalitz passámos a Ostroleka. Quando perguntámos pelas suas curiosidades, responderam-nos: Aqui foram os russos batidos pelos francezes em 1807, e pelos polacos em 1831, mas nós um dia havemos de tirar a nossa desforra!

De maneira que em logar de nomearem monumentos,

Digitized by Google

recordavam as suas proprias derrotas, e satisfaziam-se promettendo vinganças. Vileza das almas pequenas, o castigo! é só a Deus que elle pertence, aos homens só deve competir a indifferença ou o desprezo.

Depois de estarmos ahi dois dias partimos para Kolno, fronteira da Russia.

CAPITULO XXXI

Principio a aborrecer-me devéras—Johannisbourg, aonde entrei e que não vi—Em Quika principia a melancolia—Arys, insignificante — Schimouken — Sou tola — Rastenbourg e Augerbourg passam desapercebidas—Lago de Maner do qual não fallo—Gumbinnen — Tapiau — Em Konigsberg não vamos para o hotel— Admiro as magnificencias construidas pela ordem teutonica— Leiam este capitulo, que saberão por quem esta cidade foi fundada.

Entrei tão doente n'esta cidade, e saí d'ella tão sem melhoras que nada sube e nada vi, nem a minha querida M.me Qall, que ao mais ligeiro incommodo que eu tivesse, esquecia-se de tudo, para só cuidar de mim, e não me desamparava um instante.

Quando me achei quasi restabelecida, quiz logo partir para Johannisbourg mas esta curta viagem fez-me chegar peior ao ponto de não querer saber de nada, e quinze dias depois seguimos para Quika, e eu sempre enferma, mas então não era já o physico, era o moral; uma tristeza profunda que apenas via um sorriso tinha quasi um ataque nervoso.

M.me Qall contou-me depois que comprara os livros mais tristes, para eu ver sempre o seu rosto melancolico ou banhado em lagrimas. Muitas vezes eu lhe dizia que me tinha amizade de mais, e que isso acostumava me mal, porque se um dia a perdesse, ninguem me havia de amar assim. Então respondia ella:

Digitized by Google

—Quando o seu coração amar, então já não hade lembrar-se d'esta pobre amiga.

Quanto ella se enganava! quando dou a minha amizade, *e que a merecem*, ella é eterna.

Deixámos Quika e chegámos a Arys, cidade a quatro leguas de Johannisbourg, e que nada tem de admirar.

M.me Qall e eu gastámos os cinco dias que ahi estivemos a acabarmos nos albuns os lindos pontos de vista do Oder.

De Arys partimos para Schimouken, aonde cheguei n'um tal estado de tristeza que os medicos consultados nada entendiam, dando apenas aquella receita do costume, quando não percebem a causa: Viajar, viajar; distracções, distracções!

Que tolos, meu Deus! que tolos... ou antes eu é que devia accusar-me, porque lia, sem comprehender meu coração, pois elle e a minha ardente imaginação é que me faziam soffrer!

Fomos para Rastenbourg, cidade egualmente da Prussia, aonde nos fallaram de um gymnastico evangelico, mas o meu estado de marasmo não me deixou ir vêl-o

D'ahi fomos para Augerbourg, que é uma pequena cidade do governo de Gumbinnen.

O que eu vi de curioso foram as suas ricas manufacturas de tecidos.

No dia seguinte em que partimos d'esta cidade, admirámos o grande lago de Maner que se acha a poucas leguas distante; seguimos depois para Gumbinnen Esta villa da Prussia, que foi fundada de 1724 a 1732 por Frederico Guilherme I, tem uma famosa bibliotheca publica, que merece menção: é só o que tem.

Dois dias depois estavamos em Tapiau, aonde a unica curiosidade que tem, é o seu grande asylo de mendicidade.

M.me Qall que conhecia uma familia em Konigsberg, tinha mandado alugar um bonito *appartement*, de maneira que ao chegarmos ali, não tivemos o incommodo

Digitized by Google

de irmos primeiro para um hotel, fomos logo para nossa casa.

Em Konigsberg trabalha-se em oiro com muita perfeição. Os edificios mais admiraveis d'esta cidade são o palacio real, que foi construido em 1237 pela ordem teutonica, e a sua bella fortaleza Friedrichsburg levantada em 1657. O governo civil erigido em 1695 é uma bella architectura. A sua magnifica cathedral que foi levantada em 1332, possue os tumulos dos duques da Prussia, e dos grã-mestres da ordem teutonica.

Esta cidade foi fundada em 1255 por Prianislas III rei da Bohemia; tem o titulo de segunda capital do reino, e é bastante forte; tem um quartel general de um corpo do exercito.

A sua universidade fundada em 1544 é composta de quatro faculdades, e disseram-me que em 1836 contava trinta e nove professores. D'esta universidade depende o seminario evangelico, o jardim botanico, que è magnifico, e a collecção.

Além d'isto existe um collegio real denominado Frederick.

A industria ali é prodigiosa, e o hospital dos doidos admiravel.

CAPITULO XXXII

Pillau e o golfo de Dantzick com suas aguas milagrosas—Brandenbourg a instruida—Brannsberg a philosophica—Elbing—Marienbourg, e o seu famoso castello—Dirchau patria de Reinald Forster — Receio de uma ponte de botes — Dantzick — Bella egreja de Santa Maria — Não fallo de Mewe — Marienwader—Grandeuz—Strasbourg—Bromberg a horrenda—Desenhamos—Posen—Custrin.

De Konigsberg fomos ver Pillau, cabo que cercà o golfo de Dantzick, e que se pode chamar o porto d'aquella terra. Separando Frische-Haff do mar Baltiço, fica defronte a cidade de Nehrnugspitz.

Digitized by Google

Havia sobre este cabo uma cantiga que fazia morrer de riso M.me Qall, porque encerrava a superstição de morrerem solteiras as donzellas que se não fossem banhar n'aquellas aguas.

Passámos finalmente a Brandenbourg, de cuja cidade não gostei nada, por ser uma cidade chata como um especione, e não me agradam senão as construidas em amphitheatro.

Eis um dos motivos porque eu sempre adorei tanto Portugal.

Brandenbourg é digna de se mencionar pelos seus estabelecimentos de instrucção publica.

Disseram-nos que em 1836 os seus dezoito gymnasios eram frequentados por 4:441 creanças, o que é sufficiente para attestar o decidido gosto que ali ha pela instrucção.

De Brandenbourg partimos para Brannsberg que foi fundada em 1225, e que não merece mencionar-se senão pelo seu lyceu academico, e a universidade estabelecida em 1808, que tem só duas cadeiras a de theologia e a de philosophia. Esta ultima é indispensavel, visto que a Allemanha é a verdadeira terra dos philosophos, que podem rivalisar com a famosa Paul Janet.

De Brannsberg partimos para Elbing, aonde a unica coisa que me agradou foi ver as construcções de navios.

Não gostei nada d'esta cidade. Sendo M me Qall para mim uma especie de ajudante de ordens, para obter que meu marido fizesse tudo que eu desejasse, obtive que partissemos immediatamente para Marienbourg aonde admirei a sua famosa escola de surdos mudos, e o celebre castello levantado de 1306 a 1309, e que serviu muito tempo de residencia aos grã-mestres da ordem teutonica; a bella egreja de Santa Maria conservava os jazigos de alguns d'elles, jazigos admiraveis pela belleza da architectura.

Tres dias depois partimos para Dirchau, patria do celebre viajante Reinald Forster. No dia seguinte fo-

Digitized by Google

mos para passar o Vistula, sobre a ponte de botes que ali existe; mas ou fosse verdade ou medo, figurou-se-me que tudo se ia encalhar, e no meio do caminho voltei para traz, o que fez M.me Qall chamar-me tres vezes creança Mas a mim parece-me que se deve seguir sempre o dictado: Precauções e agua benta nunca fez mal a ninguem.

De Dirchau seguimos para Dantzick, grande e forte cidade que possue uma magnifica bibliotheca, excellente observatorio e magnifico museu de historia natural. O seu commercio é dos maiores em todo o norte da Europa. Barulho e mais barulho é o que ha muito n'esta cidade, e é um dos motivos porque não gostei nada d'ella visto que adoro a tranquillidade.

A egreja de Santa Maria, que é a sua cathedral, não fica inferior ás mais bellas egrejas dos primeiros paizes.

Pertenceu esta cidade á famosa ordem teutonica, e passou para a Polonia em 1454.

Ella foi tomada pelos francezes, esses desinquietos que não podem deixar os povos socegados, e que serão sempre o *Cabrion* da Europa, Asia, Africa, America, Oceania, e de quaesquer outros novos mundos que appareçam, até acharem quem lhe grite alto e bom som: arreter!

Existia tambem sobre essa turbulenta cidade uma celebre canção que eu não traduzo aqui, por não me recordar bem de todos os versos

Depois de termos observado as bellezas mais especiaes, partimos para Mewe, que foi a primeira possessão da ordem teutonica, e que nem por isso conserva o mais leve extraordinario. D'aqui atravessámos para Marienwader, que nada tem que valha mencionar-se, excepto a sua grandiosa e magestosa cathedral construida em 1255, que se pode chamar um primor d'arte e de belleza gothica

Em consequencia de tudo mais ser muito vulgar, seguimos tres dias depois para Grandeuz, onde apenas nos demorámos quatro horas e partimos logo para Stras-

Digitized by Google

bourg, aonde tudo era ainda mais insipido, sem haver sequer excellentes pasteis, como em Strasbourg, fronteira da França

Victimas de um aborrecimento incrivel, passámos a Bromberg, cidade enriquecida de immensas fabricas, mas que me pareceu tão feia á minha chegada, que oito dias que me demorei ahi não fui á rua uma só vez, e mesmo o frio cortava tanto, que não tinha coragem para me separar do querido fogão, aonde com M.me Qall acabavamos de desenhar os pontos de vista que traziamos de Augerbourg, do lago de Maner, etc.

Com a mesma rapidez chegámos a Posen, que nem pelos seus monumentos, nem pelo seu terreno merece que se falle.

O aborrecimento progredia cada vez mais, e assim nos fizemos transportar para Custrin, aonde nem sequer abrimos a janella.

CAPITULO XXXIII

O espirito continua na semsaboria—Não quero ficar em Francfort—Berlin—Prefiro a rua de Leipzick á bella rua de Unter-den-Linden.

Já se vê que o espirito ia decaindo cada vez mais para as trevas da semsaboria.

Desejando desforrar me de algum modo, partimos para Francfort, aonde não tencionavamos demorar-nos mais do que tres ou quatro dias; mas como a nossa chegada foi no dia da feira de Santa Margarida, que diziam ser uma das mais importantes da Allemanha, era tanto o barulho mesmo com as janellas fechadas, que aturdidos passámos logo no dia seguinte para Berlin.

Berlin pode dizer-se afoitamente que é uma das mais bellas capit es da Europa. Em 18 0 fundou-se a sua universidade frequentada por estudantes de quasi todos os paizes.

Digitized by Google

Quatro mezes ficámos em Berlin, e ainda nos restaria muito que ver se lá nos tivessemos demorado mais.

Moravamos na rua de Unter-den-Linden, que é toda ornada de arvores, existindo n'uma das extremidades d'ella o monumento que levantaram á memoria de Frederico-o-Grande.

De todas as magnificas ruas que possue esta cidade, para o meu gosto prefiro a de Leipzick, aonde morava uma senhora da amizade de M.me Qall, que era louca por andar sempre em passeios e divertimentos; não deixava de lhe dar razão, em consequencia de seu marido ser algum tanto rigido e insupportavel, não pela sua velhice, que sou apologista d'ella, mas porque era muito maniaco.

CAPTULO XXXIV

Tributo só reservado a Frederica, mas aonde digo mais algumas coisas.

Frederica de W*** vinha buscar-nos de manhã, e assim todas tres corriamos a visitar as curiosidades d'esta cidade.

Era um gosto a brevidade com que nós iamos de uma parte a outra, em consequencia da sua carruagem ser puxada por excellentes e fogosos cavallos.

M.me Qall conhecia perfeitamente Berlin, porque já lá tinha estado com seu marido; porém eu com dezesete annos tinha uma grande curiosidade, que dizia ella á sua amiga que era preciso satisfazer, por eu ser *une colleginne e chappée de pension*.

Vinhamos um dia da praça *Mercado dos Gendarmes*, para a praça *Guilherme*, que é toda rodeada de sumptuosos palacios e decorada com as grandes estatuas de marmore dos cinco capitães que se tornaram celebres na guerra dos sete annos.

Digitized by Google

Keith, Seidlitz, Schwerin, Liethen, e Winterfeld, são os nomes d'esses cinco homens celebres.

Um dia estando a admirar essas bellas estatuas, uma mulher chega-se perto de mim, e me diz, olhando fixamente:

—Vinde, quero deitar-vos uma sorte.

Parei, e apertei o braço de M.me Qall; julguei que a pobre mulher estava doida, e tive medo. M.me Qall e a sua amiga disseram-me em inglez que aproveitasse a occasião, porque tudo que ella dizia seria exacto.

Soltei uma gargalhada, e apenas respondi a esta banalidade:

—E' sina minha, vim á Allemanha para em toda a parte me lerem a *buenadicha*.

A minha curiosidade achava-se excitada; n'essa mesma noite veiu a bruxa e prophetisou duas coisas: uma saiu exacta, a outra ainda estou esperando.....

.....

Não me quiz acceitar dinheiro, mas dei-lhe um annel que ella jurou guardar toda a sua vida.

No dia seguinte a este fomos ver fora da cidade o Thiergarten, lindo parque aonde se reune a mais alta sociedade, e que era o proprio favorito do rei.

Não posso descrever o prazer que senti, quando, visitando os lindos jardins de inverno que ha em Berlin, vi caixotes com laranjeiras. O amor que nutria por Portugal tinha-se tornado em mim uma phrenetica paixão, que a vista d'aquelle fructo vinha avivar, e não olhando aos regulamentos quiz arrancar um ramo, mas não podendo em consequencia das estufas, só me restou cobrir os vidros com minhas lagrimas de saudade, lembrando-me que ellas tivessem vindo da terra tão prezada por mim.

Riram-se d'esta puerilidade, mas que me importava isso?! Amava Lisboa, de nada mais queria saber.

A' noite esses jardins são de uma belleza incrivel, e muito apraz vêl-os illuminados, passeando-se ao som de uma agradavel orchestra. Estes jardins são immen-

Digitized by Google

samente apreciaveis, porque todos ali estão satisfeitos debaixo d'aquellas folhagens verdes e viçosas, na agitação da concorrencia, nos logares mais solitarios, vê-se um poeta rimando uns versos para os ir offerecer á sua bella que está ao pé da mamã ouvindo a musica; mais longe o papá d'essa nympha adorada, fallando em politica com seus amigos e consultando os periodicos; os que não possuem a dita de serem namorados, encerram-se na sala do baile; os que se achavam só com as minhas disposições de curiosidade, examinavam tudo e todas aquellas comedias.

Eu tinha desejos de ver a egreja de Santa Hedwiges, mas sempre havia impossibilidade de lá irmos, de maneira que n'esta cidade não pude ver de egrejas senão a de S. Nicolau que é a mais antiga de todas, e a mais digna de menção pelos seus bellos e gothicos ornamentos.

As propriedades em Berlin são todas perfeitamente construidas, e a maior parte d'ellas deixam a perder de vista quasi todos os palacios de Lisboa.

Depois do encontro que tivemos no lago Guilherme, M.me Qall fallava-me algumas vezes na prophecia que me haviam lido.

Frederica de W***, essa endiabrada, ria-se todo o dia, e fallava-me a todo o instante:

—Passe, passe o mar, para o seu coração ser feliz!...

Pobre Frederica! coitada! quem lhe havia de dizer que uma amiga de tão pouco tempo era a destinada a salval-a do que uma senhora tem de mais caro no mundo: *a sua propria estima!*

Frederica amava, e amava extremosamente. A uma rapariga casada com um velho rabugent , á santa conveniencia dos seus parentes, e não á vontade do seu coração, era esta falta desculpavel ou criminosa?

Muitos dirão que estava innocente porque o amor purifica tudo! Sim, é um facto, mas não quando esse amor é uma traição que deita o ridiculo e o desprezo nos

Digitized by Google

cabellos brancos de um homem que lhe confiara a sua honra; de um homem que apresentando-a pelo seu braço nas sociedades, não recebe em recompensa do seu amor octogenario, é verdade, mas do seu amor, emfim, porque o é, mais do que o riso do escarneo!

Tinhamos tido zangas, e ás vezes passavam a contendas fortes, quando procurava dar-lhe conselhos que a podiam salvar de uma horrivel catastrophe. Ella, a pobre louca, chamava-me então a idealista, a santa!

Um dia de eguaes questões, respondi-lhe:

—Não sou santa, mas a traição repugna-me.

—Oh é porque tu não sabes ainda, minha querida, o que é o amor Por elle, entendes-me?... continuou Frederica sorrindo com uma graça admiravel, seria capaz de assassinar meu marido

—Comprehendo isso, Frederica, lhe disse eu com certa seriedade; um momento de paixão, um impeto de desvario, de desespero. . pode obrigar nossas mãos a commetterem um crime' e por essa loucura pode-se obter perdão... porque se não reflectiu! mas esse perdão é de Deus porque o mundo nunca perdoa uma nodoa de sangue! porém trahir todos os dias, enganar sempre, a cada instante... Oh isso é impossivel!

—Mas elle não sabe, nem o hade vir a saber, disse ella fazendo rolar a sua cabeça no meu colo, e chorando commovida Oh! tu não sabes o que é amar, senão não me criminarias; um amor como este que eu dedico a A*** não é possivel arrancal-o do coração, sem levar com elle a vida'...

—Pois tu és uma creança; pensas que por eu ter seis annos de menos, não comprehendo tudo isso?!! Quando o meu coração se abrazar, serei capaz de fazer ainda mais; de deitar a minha honra, a minha reputação á lingua do mundo; de perder posição e fortuna, de lutar com as maiores difficuldades, finalmente, de arrostar com tudo, tudo! mas nunca, Frederica, me verás fazer uma traição, porque no dia em que me tornasse perfida, seria a propria a desprezar-me, e a jul-

Digitized by Google

gar-me indigna de merecer um amor sincero e verdadeiro!

—Mas que queres tu que eu faça, que queres? exclamou ella, estendendo os braços e torcendo desesperadamente as mãos, fitando ao mesmo tempo em mim aquelles olhos vivos e rasgados, nos quaes se tinham seccado as lagrimas.

A pállidez começando a despontar n'aquelle rosto angelico, fez-me recear que a organisação exaltada de Frederica, e fraca de si, não tivesse a força necessaria para abraçar um conselho forte, mas absolutamente necessario.

Apertando aquelle corpo gentil contra o meu peito, e chamando-lhe pelo doce nome de irmã, (de que ella tanto gostava) procurei dar-lhe a commoção bastante para que as lagrimas saltassem das pupillas, e orvalhando as faces, dessem áquelle coração o allivio consolador que devia salval-a.

—Tu, desprezas-me, Josephina? Tu desprezas-me, querida amiga? murmurou ella, occultando o rosto entre as mãos.

—Tontinha! desprezar-te, porque? Não tens em mim a confiança de uma irmã?! Não sabes, agora amo-te mais ainda, se é possivel! eu só desejava, só queria que n'esse coração tão cheio de affecto, não houvesse logar para a traição!

—Eu farei tudo, disse ella, tudo quanto me aconselhares.

—Pois bem, existe um amor verdadeiro, porque nenhuma mulher que tem uma alma como a tua, commette uma traição, sem a provocar grande cegueira. Tu conheces, sabes que esse delicto é uma infamia para com teu marido... pois repara tu, que A*** parte quanto antes.

—Oh! não, não! exclamou ella abrindo muito os olhos, e dando á bocca uma expressão amargurada.

—Escuta, doïdinha! continuei eu; tu tens vinte e dois annos, A*** conta os seus trinta; são ainda bem

Digitized by Google

novos! teu marido tem quasi oitenta ... é provavel que fiques viuva, e então unindo-te a A*** Deus te compensará de teres sido boa esposa. Isto é uma reflexão feita com todo o sangue frio, nas grandes crises... remedio forte! Continuando assim pode teu marido vir a saber.... e terás de arrepender-te vendo o sepulchro aberto aos pés de um homem, que em tão adiantada edade não hade encontrar-se com forças de supportar a sua deshonra!

—Elle hade partir, Josephina, exclamou Frederica depois de longa pausa; juro-te que hade partir!

E abraçou-me com toda a força do seu reconhecimento.

—Então que é isto? disse M.me Qall, que entrava n'aquelle momento; que é isto? Lagrimas, choro, soluços! novo arrufo, aposto eu, e nova reconciliação tambem! é sempre assim de nos zangarmos, de quasi chegarmos a ter odio uns aos outros; chora-se de arrependimento e de alegria! ora viva Deus! contem-me tudo.

E M me Qall sentou-se para ouvir.

Frederica e eu trocámos um olhar, um só, quanto bastou para recommendar silencio de parte a parte.

—Então se me não contam nada, vou-me embora, disse alfim M.me Qall erguendo-se.

—Ora o que é, acudiu logo Frederica; é a Josephina que teve uma grande turra comigo por não querer saír esta tarde a cavallo como é o meu desejo. É mau, não acha?

—N'esse caso Josephina é que está culpada, pague as custas a Josephina; quero-me tornar juiz e vou sentencear. Devem pois saír a cavallo, não só porque lhes faz bem, mas porque contenta com esse sacrificio esta creança chamada Frederica.

—Pois se é sentença de juiz, e de juiz que entende da materia, saírei, disse eu.

—Eu hoje janto com M.me Barthy (uma amiga intima d'ella) vamos depois ao theatro, disse M.me Qall.

Digitized by Google

—E eu mando recado a A***, disse Frederica esquecendo-se já das suas lagrimas, e voltando á sua costumada alegria.

Fiz a criada metter n'uma caixa o meu fato de sair a cavallo, e mandei o a casa de Frederica.

Poucos instantes depois partimos, e quando ahi chegámos já A*** tinha vindo a correr em consequencia de ter recebido a carta da sua apaixonada Frederica.

Pallido e tremulo, perguntou ao dar-lhe a mão, que extraordinario havia.

Frederica ao ver o susto que o preoccupava, soltou uma gargalhada, e batendo com as mãos, disse-lhe:

—Vamos sair já a cavallo, e queremos que nos acompanhe.

E tocando logo uma campainha, appareceu uma das suas criadas, deu ordem para mandar apparelhar os cavallos em que costumavamos sair.

—Então que barulho é este? disse Mr. de W*** marido de Frederica, que appareceu embrulhado n'um grande robe de chambre, e com um bonet grego na cabeça.

Frederica lançou um olhar para seu marido, depois voltou-o para A***, e fitou depois os olhos em mim.

Oh! meu Deus! quanto dizia aquelle olhar!!!

—*B njour. ma chère enfant.* disse-me Mr. de W***, dando-me um osculo na testa, como era sempre o seu costume.

—Forte pachorra que tu tens para aturar estas creanças, disse Mr. W*** apertando a mão de A***

Custou-me realmente ver aquelle velho apertar com tanta confiança a mão que o atraiçoava.

—Vamos sair a cavallo, disse M.me de W*** para seu marido.

E pegando-me na mão, levou-me comsigo, e accrescentou:

—Vamos vestir-nos.

Vinte minutos depois, voltavamos já preparadas de chapeo na cabeça e chicote na mão; achámos meu marido

Digitized by Google

assentado ao pé de uma mesa a jogar o xadrez com Mr. de W***, e A*** a ler no livro que Frederica deixara de vespera aberto sobre o piano.

—Adeus! dissemos nós, dando a mão a apertar a cada um de nossos maridos.

—Tome cuidado, bradou Mr de W***, não as deixe quebrar a cabeça.

E dando novamente a mão a A***, assim ficou com meu marido descançado a jogar, em quanto que nós desciamos ao parque, e montando nos cavallos partimos a galope.

Fóra das portas fiz com que o meu cavallo fosse sempre adiante para deixar aquelles dois namorados conversarem sobre o seu amor, e decidir sobre o seu destino.

De volta para casa, depois do jantar, Frederica sentou-se a tocar ao piano Os dois inseparaveis estavam de novo á mesa, com os seus reis, rainhas e torres; sentada n'uma poltrona, passava eu aquelle tempo, folheando um album, quando A*** se levantou de ao pé do piano, e veiu sentar-se perto de mim.

Meu marido lançou-me um olhar perscrutador.

—Que creatura admiravel, começou A*** em voz baixa, tenho o coração despedaçado, mas cumprirei com as suas determinações, e com o meu dever.

—Eu não determino, lhe repliquei; dei um conselho que salva a nossa Frederica.

—Oh! porque não a conheci eu primeiro, redarguiu elle; um homem que comprehender o seu caracter, não pode deixar de se apaixonar por elle, sendo toda a sua vida seu escravo!

—Cuidado... disse Mr. de W***, sorrindo maliciosamente; aqui ha ciumes, porque me deixam ganhar o jogo.

—Para evitar os ciumes, vou sentar-me entre os dois accusados, exclamou Frederica levantando-se do piano, e sentando-se ao nosso lado.

A's onze e meia A*** despediu-se e saiu.

Digitized by Google

Ia eu e meu marido no caleche de Mr. de W*** que nos conduzia sempre a casa, quando voltando-se para mim, me disse:

—Mr. de W*** julga que A*** lhe faz a côrte, e eu estou inteiramente persuadido que é Frederica que A*** namora.

—Porque não hade crer que A*** não faz a côrte a nenhuma de nós? lhe disse eu.

—Porque as assiduidades de A*** não são de simples amizade.

—Isso é uma suspeita, disse eu, e peço-lhe que a não alimente, pois sabe quanto sou amiga de Frederica.

Elle calou-se.

Dois dias não vi M.me de W***. No terceiro recebo uma carta sua, inintelligivel, e apenas com estas palavras:

JOSEPHINA

«Vem, vem depressa, podes-me salvar!.... eu es-«tou perdida! tudo confio de ti.»

«*Frederi a de W****»

Foi a correr que cheguei a casa d'ella, e achei-a n'um estado que teria feito dó ás pedras.

Mostrou-me uma carta que tinham dirigido a seu marido, e em que denunciavam tudo.

Depois deu me outra de seu marido, com estas simples palavras:

«Se o que dizem é verdade, apezar dos meus «setenta annos, o meu braço ainda tem força para fazer «desaffrontar a minha honra.»

«*W****»

Fiquei abysmada.

—Esperava uma catastrophe, disse eu; mas não a esperava tão depressa... Porque te não dei ha um mez os conselhos de hontem? Appellaste para mim, Frederica, murmurei eu, apertando entre as minhas as suas mãos geladas, não appellaste em vão, eu t'o provarei. Manda apromptar o teu caleche.

Digitized by Google

M.me de W* * puxou a campainha e deu as suas ordens.

—M.elle Jenny (era a demoiselle de sua companhia) que venha comigo. Tu, dá-me essas cartas, e d'aqui a uma hora estou de volta. Deita-te, e dize que estás doente; não falles a ninguem em quanto não voltar.

Sentei-me n'uma cadeira, e fiquei como ella em silencio com a cabeça entre as mãos, até que me vieram dizer que o trem estava prompto.

Então robustecida de uma firme resolução, levantei-me, cheguei-me a Frederica, e apertando-a nos meus braços, disse-lhe:

—Coragem! esperança! sou tua amiga.

Ella não pôde responder, e ficou n'aquelle estado de abatimento, que tanto doe no coração de quem comprehende quanto vale uma crise tão dolorosa.

Subindo para o trem com M.elle Jenny, disse ao cocheiro que parasse em casa de Mr. A***

Parece-me que entrei tão pallida e tão extraordinariamente, que Mr. A*** vendo-me assim, exclamou:

—Oh! que desgraça vem annunciar-me?!

Sem responder uma unica palavra, entreguei-lhe as duas cartas.

—Meu Deus! meu Deus! murmurou elle, deixando-se cair sobre uma cadeira; Frederica! perdida, perdida por minha causa!

—Não, disse eu, porque ainda tem em mim uma amiga!

— Perdida! perdida! repetiu elle de novo.

—Asseguro-lhe que não, porque a amiga sacrifica-se para os salvar! Coragem pois, e esperança! não temos tempo a perder, sente-se á sua secretária, e escreva as cartas que lhe vou dictar.

Elle obedeceu.

Instantes depois tinha na minha mão quatro cartas com datas antigas, cartas com o meu nome, como se eu tivesse no coração d'elle o logar de Frederica.

Digitized by Google

Foi preciso repetir muitas vezes o nome de Frederica, para elle se resolver a escrevel-as.

—É um anjo, disse elle ao acabar a ultima, e deitando-se a meus pés, banhando as minhas mãos com as suas lagrimas.

—Oh! não, não sou um anjo! mas sou a sua irmã, e a amiga mais dedicada de Frederica! Ella por mim faria o mesmo. Adeus, continuei eu, vá logo como o costume; e sobre tudo presença de espirito.

—Comprehendo tudo... disse M.elle Jenny, quando desciamos as escadas: que boa amiga que é!

—Sou amiga verdadeira, eis o que eu sou, disse eu.

—Ser amiga assim é heroismo, balbuciou ella limpando as lagrimas.

Confesso que tambem chorei... o sacrificio era penoso, era forte de mais para as minhas forças; porém tinha jurado a Frederica uma verdadeira amizade, e aquelle momento era o de lh'e dar a prova, salvando-a!

Assim o fiz. Quando entrei no quarto de Frederica, achei-a no mesmo estado.

—Jenny, minha querida Jenny, disse eu, voltando-me para a *demoiselle de companhia*, desejo fallar immediatamente a Mr. de W***: rogo-lhe o obsequio de lhe pedir da minha parte alguns minutos de conferencia.

Jenny saiu. Fiz jurar a Frederica de me não desmentir em coisa alguma. Obtido esse protesto solemne, Jenny voltava, dizendo-me que Mr. de W*** me esperava no seu gabinete.

Quando entrei, Mr. de W*** levantou-se da sua cadeira de braços que ficava ao pé da mesa aonde estavam livros e papeis; dando me as mãos, exclamou com a bondade que o caracterisava:

—Então que temos, minha cara brazileirinha? Vejo-a pallida... diga me tudo.

—Perdão! disse eu caindo no sophá, e escondendo o rosto. Perdão! não me accuse! não me despreze! não me amaldiçoe!

Digitized by Google

Senti que as mãos d'elle estremeciam, e um instante depois disse com a voz quasi suffocada:

—Que extraordinario é esse? Falle.

—Sou muito culpada, fui... não, não o direi... não tenho animo de o contar, por estas cartas poderá ver e saber tudo.

Tirando o maço da algibeira, continuei:

Reconheça quanto foi criminoso visto que pôde accusar um anjo como Frederica, que uma mão malvada não hesitou em condemnar a seus olhos! Eu para lhe parecer virtuosa como ella é, devia por esse motivo deixar accusar sem culpa a minha querida amiga, a minha boa Frederica. Aqui venho pois confiar a minha reputação, e pedir-lhe que faça com que A*** parta com brevidade; será o unico meio de evitar uma loucura.

As mãos de Mr. W*** apenas pareciam segurar as cartas, que a vista devorava

Vendo mudar durante a leitura a sua physionomia, e ás faces assomarem côres diversas, interiormente dirigi á Virgem a mais fervorosa oração, para que aquelle pobre velho não descobrisse a minha mentira, que salvava, a elle da morte, e á minha cara Frederica da maior desesperação.

—Fez bem em vir confiar-me esse segredo; mas como soube que eu accusava Frederica?

—Ha uma hora apenas; quando entrei no quarto de Frederica, vi-a n'um estado tristissimo, e perguntando-lhe o motivo das suas lagrimas, respondeu mostrando-me as duas cartas que lhe mandou entregar. Sem lhe dizer nada fui a casa buscar estas cartas que lhe trago para conhecer o fundo de toda a verdade. Agora deve reparar o erro que fez, o mal que causou a uma esposa que, apezar dos seus poucos annos, o estima e é incapaz de uma traição.

—Sim, disse elle levantando-se, e mostrando na physionomia um certo ar de jubilo, vamos!

—Não, disse eu, deixe-me ir primeiro preparal-a

Digitized by Google

para esta recepção que ella não espera; uma grande alegria, sobre um desgosto como este porque acabou de passar, pode collocal-a n'um estado perigoso. Eu vou, d'aqui a meia hora lá o espero

—Sim, disse elle abrindo os braços e apertando-me n'elles, apezar da sua falta.. ..

Não o deixei acabar. Saí quasi a correr do gabinete. A mim! a mim! dar-me um perdão sem eu ser culpada! Oh!... saí d'aquelle gabinete, receava que mais duas ou tres palavras me revoltassem, e que então não podesse completar o sacrificio que o meu coração de amiga me obrigava a cumprir.

Cheguei ao pé de Frederica, e caindo sobre uma cadeira, depois dos primeiros soluços que me suffocaram, contei-lhe tudo.

—Mas eu é que não heide consentir, exclamou Frederica; oh! não! vou dizer a verdade a meu marido; declarar-lhe que eu sou a culpada, e que não fui bastante covarde para deixar que pese a accusação sobre a innocente.

De um impeto violento ergueu-se com altivez sublime.

—Não farás nada, Frederica, disse eu, apertando-a nos meus braços. Lembra-te que antes de ir ao gabinete de teu marido, fiz dar-te palavra de não me desmentires.

—Oh! minha amiga! minha amiga' exclamou ella, deitando-se nos meus braços, e deixando-se depois recaír com a sua linda cabeça no meu collo, aonde suffocava apenas os seus sentidos soluços.

—Enxuga depressa as tuas lagrimas, lhe disse eu beijando-a, sinto os passos de teu marido, e elle não deve ver-te assim.

Mr. de W*** entrou, e chegando-se perto de Frederica, disse com voz grave e commovida:

—Accusei-a, Frederica, venho pedir-lhe perdão!

Passados aquelles momentos de lagrimas e arrependimento que sempre apparecem n'estas reconciliações,

Digitized by Google

estavamos todos sentados em amplas poltronas ao pé do fogão.

Ali tive de ouvir duas horas os conselhos de Mr. de W***, e as reprehensões onde todo o azedume era coberto pelas palavras de doçura e amizade.

Eu, meu Deus! que estava innocente, sentia meu peito como a tempestade que está para rebentar.... mas um olhar que eu lançava sobre Frederica, um olhar que me fazia ver aquelle rosto angelico, aonde se estampava o reconhecimento da sua alma, fazia sepultar todo o arrebatamento do meu orgulho, e derramava lagrimas que eram um alivio, e que ao mesmo tempo consolavam.

O meu orgulho estava abatido, arrastado, mas a minha soberba não. Porque a alma dizia-me que eu tinha feito uma nobre acção.

Alguns dias depois A*** partia. A' vista do meu sacrificio, nem elle nem Frederica tinham podido recuar diante do unico meio que assegurava o descanço de ambos, e a felicidade de Mr. de W***.

Quando deixámos Berlin, foi para Frederica um golpe cruel; eu tinha me tornado para ella mais do que uma irmã.

Ficámos sempre correspondendo-nos. Foi por uma carta sua que eu recebi a noticia de que Mr. de W*** tinha apparecido morto na sua cama d'um ataque apopletico.

Quatorze mezes depois de eu ter salvado a apaixonada Frederica, tive outra carta em que me dava parte do seu casamento com A***, e dizendo-me que se algum dia me achasse em embaraços, não esquecesse que a sua fortuna era minha.

Realmente achei me em crises bem terriveis, e se me tivesse dirigido a esses dois amigos, estou certa que me teriam salvado de tudo.

Mas acceitar d'elles qualquer beneficio seria quasi uma recompensa do meu sacrificio, e essa só me devia vir de Deus!

Digitized by Google

Um dia, (estando eu já aqui em Lisboa) recebi uma carta lacrada de preto; era de A***. Frederica, esse anjo, tinha dado a alma ao Creador, deixando para consolar o infeliz A*** uma menina, que ella Frederica antes de morrer pediu a baptisassem com o meu nome.

N'esta derradeira lembrança, n'esta prova intima da sua gratidão, tive o maior prazer possivel.

Pilarcita Guido, no Rio de Janeiro, fôra a minha amiga de infancia, amiga de innocencia; mas Frederica, essa fôra minha amiga, amiga como não se pode ser, senão quando existe entre duas pessoas uma leal e verdadeira amizade, ou um sacrificio.

Lá do ceo, Frederica, vê a tua infeliz amiga! vê a tua pobre Josephina, a quem sempre repetias: Prophetisaram-te que devias passar o mar para o teu coração conhecer o amor! vae, vae pois, passa esse infinito oceano para saberes o que é a felicidade e as torturas! Estás na região celeste, ó amiga querida! entre nuvens brancas e salpicadas de oiro, rodeam-te os anjos, entoam-te um hymno de paz e de gloria; pois supplica a Deus piedade, piedade por mim, porque meu coração tão magoado não tem quasi força nem alento. Com as minhas illusões *quasi* perdidas, foge a minha felicidade!

.....

.....

.....

CAPITULO XXXV

Revolta em Berlin

Foi durante a minha estada em Berlin em 1848 que resurgiu n'esta capital a revolta arrebatada em França, revolta que podia ter sido tão gloriosa para o general Cavaignac, e que não foi senão um caminho para Luiz Bonaparte subir os degraus de um throno illustre, throno

Digitized by Google

aonde brilhou o esplendor dos mais deslumbrantes reinados; o throno de S. Luiz, sobre o qual põe na cabeça a corôa imperial de seu tio o immortal Napoleão, o heroe vencedor!!

Essa revolta de Berlin foi horrorosa, porque nobreza e povo, todo o numero dos estudantes se armara e corria amotinado as ruas.

A casa que ficava ao lado d'aquella aonde nós moravamos fazia esquina, e era habitação de um ministro de estado

Toda aquella multidão, já enthusiasmada pelo cheiro da polvora, já hallucinada pelo espirito do vinho, parecia um perfeito rebanho de monstros.

Uns armados com paus, com fouces, e outras qualidades de armamentos, em quanto que muitos d'elles levantavam uma barricada á similhança das que se fazem nas revoluções francezas; esses homens perdidos de cabeça, quebravam todos os vidros das janellas do ministro, arrombavam-lhe a porta aos gritos desatinados de morra o traidor! Felizmente o ministro tinha tido tempo de fugir com sua familia pela porta da quinta, e por ali achou refugio em casa do embaixador de Inglaterra.

Mas esses homens sedentos de sangue, não contentes das cabeças que faziam passear espetadas em lanças, levaram a sua indole desalmada a chegarem estes monumentos da sua fera crueldade ás vidraças dos primeiros andares.

Como M.me Qall, eu e Frederica, abraçadas umas ás outras, espreitavamos tudo pela greta da janella, foi assim que admirámos aquelles monstros, que desesperados e com a raiva de não acharem o ministro, no qual queriam descarregar metade da sua colera, deitavam dos andares para as ruas as mobilias e os ricos espelhos de Veneza, d'aquellas victimas do seu desagrado, que poderam escapar com o corpo ao seu furor diabolico. Os destroços caíam sobre as cabeças dos seus irmãos, ami-

Digitized by Google

gos e partidarios que levantavam a barricada, ferindo uns, maltratando outros, e elles tão perdidos que não reparavam n'este damno á humanidade.

A destruição era uma gloria porque saciava a vingança.

Eram como os lobos esfaimados, matavam e devoravam-se!

Um joven estudante que fazia a admiração dos que o viam pela sua bravura e coragem, ja com uma ferida no lado esquerdo, ferida que derramava abundantes gotas de sangue que tingia de purpura a sua camisa branca com as mangas já esfrangalhadas, era o admiravel original de uma bella pintura guerreira, porque na sua physionomia, cheia de energia, conhecia-se um homem louco, dominado pela paixão, paixão da patria!

No maior conflicto, quando as tropas do rei estavam fazendo fogo sobre os subditos de S. M., arrancou valorosamente a bandeira que estava no alto da barricada, e na qual se lia *Liberdade!*

Com este estandarte na mão, com o rosto animado e a fronte erguida, com a mais corajosa bravura, subiu ao ponto mais alto da barricada, dando com o seu exemplo ardor aos seus amigos.

Oh' que bello quadro era o d'aquelle homem, no meio das balas e do fumo da artilheria!!!

A' sua coragem foi tão grande que lhe deram uns poucos de vivas e bravos, bravos e vivas estridentes que augmentavam o furor. O hurrah! hurrah! tão favorito dos alemães seguia estes brados de enthusiasmo.

Uma bala, atravessando-lhe de repente o coração, fel-o caír d'aquelle throno Levantado no meio do fogo nos braços dos seus irmãos, não viram n'elle mais do que um cadaver.

Sua mãe, sua mãe que correu ali quasi louca de susto e de terror por seu caro filho, sua mãe não abraçou senão um corpo gelado, um corpo sem alma! Oh! pobre mãe!!!

Digitized by Google

Não pudemos ver mais; esta scena fôra sensivel de mais para as nossas organisações nervosas e exaltadas! por isso durante muito tempo fiquei horrorisada d'esse triste quadro, e curada da minha curiosidade, para o resto da minha vida não querer ver mais espectaculos d'estes.

CAPITULO XXXVI

Brandebourg—Potsdam—Ponte de ferro e o passeio Sans-Souci—Magdebourg—Brunswich no Hanover—Celebre Lola Montes—Hamelens—Dos meus sonhos faço um retrato—Holzminden com os seus moinhos—Lippstadt com seu convento fidalgo.

Foi pois quando os dramas sanguinolentos se acabaram em Berlin, e que as ruas e portas tinham passagem livre, que deixámos essa cidade para irmos a Brandebourg, fazendo uma pequena estação em Potsdam, aonde costumava residir a familia real. O que ahi é digno de se mencionar é a egreja que possue os monumentos de Frederico Guilherme e de Frederico o Grande.

Sobre o Havel ha uma linda ponte de ferro, trabalho de uma delicadeza incrivel.

Fora da capital ha lindos palacios, entre os quaes o de Sans-Souci é o mais admirado dos estrangeiros.

Deixámos esta cidade natalicia de Alexandre de Humboldt, para seguirmos para Brandebourg, que então se achava em agitação, em consequencia da reunião que ahi se fazia da assembléa nacional da Prussia

Como nunca gostei d'estes movimentos que trazem algumas vezes a desordem comsigo, formei logo tenção de partir tres ou quatro dias depois, e assim aconteceu passando para Magdebourg, bella cidade que attesta mais uma das glorias francezas, pois que foi tomada em 1806.

Digitized by Google

Entre os seus principaes edificios, o mais digno de mencionar-se é a cidadella construida no seculo XVII.

Tem bellas egrejas, e na de S. João existe o tumulo de Carnot.

Esta cidade é antiquissima, e as mulheres são feias como os corvos.

A nossa demora ahi foi de oito dias, no fim dos quaes tomámos caminho para Brunswich no Hanover, para onde M.me Qall trazia cartas de recommendação para uma familia que não visitei senão duas vezes. Não era porque deixasse de sympathisar com ella, sobretudo com uma das filhas chamada Leonor, mas aborrecia-me ouvir o pae repetir n'uma noite vinte vezes a mesma historia.

Pelas conversações que eu ouvia, conheci que n'esta cidade são muito partidarios dos inglezes, e isto provavelmente porque era, só ramo de George I que subiu ao throno britanico, e o odio á memoria de Napoleão, porque este annexou Brunswich ao reino de Westphalia, que em 1814 levantou a sua independencia.

Foi ali que em 1831 teve logar a pomposa coroação de Guilherme Augusto.

Em Brunswich as mulheres são (ao que diziam) encantadoras no amor, mas falsissimas na amizade.

Foi n'esta cidade que vi a celebre Lola Montes, essa bella e admiravel dançarina, essa encantadora sylphide tão voluptuosa e engraçada no palco, como cheia de arrogancia fora d'elle.

Lola Montes, sendo a favorita do rei da Baviera, chegara a dar n'esse monarcha, um pouco similhante a Luiz XV, uma bofetada por causa de uns cãesinhos que ella estimava, e nos quaes um dia de mau humor, d'esse mau humor comparado á furia do leão, o rei descarregou um pequeno pontapé, pontapé todo real! mas a bella Lola Montes achara um desaforo este mau trato aos seus queridos cachorrinhos.

Mulher incrivel pelas suas doidices e excentricas ex-

Digitized by Google

travagancias, Lola Montes era de uma belleza admiravel. Andando sempre em Munich com os cãesinhos atraz de si, um dia não querendo os guardas deixal-a entrar n'uma quinta real com aquella companhia tão destruidora, lh'o advertiram com humildade Ella não fez mais do que levantar o chicote que trazia na mão, traste de que usava sempre, desde que substituira por elle o leque hespanhol. Com essa arma erguida perguntou ao guarda se elle se dirigia a ella, depositaria dos favores e castigos da côrte.

Os homens tremeram porque sabiam que uma só palavra da favorita era bastante para no dia seguinte serem mettidos n'uma prisão.

Um d'elles curvando a cabeça, respondeu:

—Não a conhecemos, bella senhora.

—Pois aqui está, proseguiu ella, para me ficarem conhecendo.

Por um movimento impetuoso, baixou-se, e pegando n'um d'esses cães, atirou-o sem dó e sem compaixão á cara do homem que lhe dirigira a palavra.

Foi essa Lola Montes, que teve pelos seus disparates, a habilidade de amontoar contra si o odio do povo inteiro de uma cidade, a ponto de declararem ao rei— ou fora com Lola Montes, ou republica.

O rei a fez retirar.

Passando n'uma rua, a bala da espingarda de um estudante atravessou o seu trem, levando-lhe apenas o veo do chapeo.

Como Lola Montes se não podia já vingar, atirou com o chicote para a rua; ultima desfeita que ella podia praticar.

Lola Montes andava quasi sempre vestida de amazona, trazendo ás vezes o corpo e a camisinha tão aberta, que chegava a ficar descomposta.

Mas aquella mulher sem pejo queria mostrar a sua maior belleza, pois realmente o seu collo era de uma alvura rosada, e de uma perfeição que encantava e seduzia.

Digitized by Google

A celebre aventureira era uma das mulheres mais lindas que se pode imaginar, reunindo á sua extraordinaria belleza as maneiras de um verdadeiro *sapeur* e o descaramento mais arrojado que se tem conhecido.

Quando a vi n'esta cidade, estava ella fugitiva de Munich, e fazia a admiração dos que a viam, e eram sabedores das suas proezas.

Não foi muito o tempo que nos demorámos em Brunswich, para seguirmos para Hamelens, cidade que só M.me Qall póde ver.

Foi ahi que eu desenhei o retrato que via nos meus sonhos, e cujo original vim achar em Lisboa.

É um mysterio; explique-o quem quizer; eu não profano os altos destinos, e por isso nada digo.

Holzminden foi para onde partimos. N'esta cidade vi uns moinhos para talhar pedra, que fazem a admiração de todos os estrangeiros.

D'ahi passámos para Lippstadt, aonde existe um riquissimo convento para as senhoras fidalgas.

M.me Qall indo vêl-o, ficou logo amiga de duas d'ellas que a obsequiaram dando-lhe diversas cartas de recommendação para Arensberg, cujo governo é dividido em quatorze circulos, e faz grande commercio em tecidos, pannos e cerveja.

As mulheres são bonitas, é pena serem tão faceis. D'esta cidade foi que fizemos viagem para Dusseldorf, perto da qual o caleche se virou, e, ou fosse susto, ou frieza do gelo, o certo é que perdi os sentidos. Quando tornei a mim, encontrei meu marido e M.me Qall a fazerem-me cheirar agua de Colonia, em quanto os postilhões remediavam os pequenos estragos d'aquella catastrophe.

Um momento gostei de me achar assentada sobre aquella pedra. O chão estava coberto de neve que caía frocos as arvores esbranquiçadas, ouvindo-se de vez em quando o grito de uma ave que chamava pelas outras, para reunidas irem procurar um clima mais ameno.

Digitized by Google

Como começava tambem a sentir o rigor d'aquella frigida atmosphera, subimos para o caleche seguindo para *Dusseldorf*, que é uma das mais bonitas cidades da Alemanha.

CAPITULO XXXVII

Tumulos dos duques de Berg—Aix-la-Chapelle e algumas das suas curiosidades—Alegria da imperatriz Josephina Bonaparte—O diabo de volta com os senadores—O diabo desesperado por causa de um lobo, deixa um signal—Objectos santos.

Os tumulos dos duques de Berg, que estão na egreja de S. Lambert, são obra primorosa pela sua magestosa architectura. Em *Dusseldorf* não gostam nada dos francezes, o que prova que lhe conservam rancor por elles terem destruido em 1795 as suas importantes fortificações.

Foi d'esta cidade que tomámos para *Aix-la-Chapelle*. Pela anecdota que ouvi contar a uma das minhas companheiras do Sacré-Coeur, tinha immenso desejo de ir a esta cidade tão importante dos estados prussianos. No dia seguinte ao da nossa chegada, principiámos a percorrel-a e M.me Qall não me dava descanço nem de um dia, dizendo: Venha, venha, porque nunca mais na sua vida terá occasião de ver tudo isto. Ella tinha razão; e por isso conservei por seu nome um eterno reconhecimento, tanto mais sendo ella quem acabava as paizagens e bordados que eu não tinha paciencia de acabar.

No dia immediato da nossa chegada a *Aix-la-Chapelle*, passando pela praça do *Grande Mercado*, apeámo-nos para examinar de perto a estatua de Carlos Magno, que é toda fundida de bronze.

Digitized by Google

Ao passar em frente do theatro, mandámos parar o trem para podermos examinal-o e admirar o seu frontispicio, que é sustido por magnificas columnas.

O interprete que nos andava mostrando tudo, não fazia senão fallar na *fonte de Elisa*. Decidimos ir lá, e quando ali chegámos, achámos uma riquissima casa de banhos, que é extraordinaria pela sua fachada.

Disseram-nos que a cathedral tinha sido mandada edificar pelo grande Carlos Magno em honra de Nossa Senhora.

Esta cathedral é o edificio mais severo que se pode imaginar. Olhando para a sua immensa e respeitosa altura, ninguem pode conter-se de abaixar os olhos com profundo respeito.

E' n'essa venerada egreja que se vê a cadeira real, sobre a qual tantos imperadores foram coroados, e sobre a qual a imperatriz Josephina se assentou com todo o desembaraço e alegria d'uma *creoula*, em quanto que Bonaparte, que já era imperador, ficava humilde e de chapeo na mão, deixando sua esposa satisfazer aquelle capricho de creança.

Muito nos rimos quando nos fizeram ver o signal do couce que o diabo deu na porta da egreja, depois de ter feito um pacto com o senado que se lamentava por achar-se em grandes embaraços, e faltar-lhe um milhão que ainda era necessario para acabar a egreja, apparecendo transformado n'um honrado viajante e promptificando-se a dar essa quantia.

Os senadores ficaram muito satisfeitos.

—Sim, dou, mas é com uma condiçãosinha.

—Oh! só com uma condição! estamos promptos, exclamaram todos a uma voz; diga, qual é essa condição?

—Quando a egreja estiver prompta, a primeira alma que n'ella entrar hade ser para mim.

—Credo! bradaram todos; estamos fallando com o demonio! excommungo-te diabo, foge!

Digitized by Google

—Sim, sim, vou-me embora, disse elle sorrindo, e a ranger os dentes; mas os senhores ficam sem o milhão, e não acabam a sua egreja.

—Espera... disse um d'elles, agarrando as abas da casaca d'aquelle possuidor de milhões. Finalmente, continuou este voltando-se para os seus collegas; elle não nos pede senão uma alma e dá-nos um milhão.....

—E' verdade! murmuraram todos.

—Pois está o pacto concluido; venha o dinheiro.

Receberam-lh'o, foi mettido nos cofres, e acabada a egreja; porém depois ninguem lá queria ir porque todos temiam que sua alma fosse o preço do pacto.

Principiaram novos e terríveis embaraços para o infeliz senado, pois que ninguem queria entrar na egreja.

Annunciaram festas, repicaram sinos; toda a gente vinha passear de fronte e á roda do edificio; porém, entrar... ninguem.

Estando as coisas n'este estado, juntou-se de novo o senado, e decidiu dar uma vida ao exigente credor.

Como o millionario demonio não declarou a existencia que pertendia, resolveram dar-lhe a d'um lobo.

Foi pois, por causa d'esse lobo que o diabo, quando se abriram as portas da egreja e que esperava apanhar uma alma christã, se viu logrado, dando-se-lhe um só lobo; ficou tão desesperado, que saindo furioso do templo desprendeu aquelle formidavel couce, cujo signal ainda hoje se vê na porta da egreja; signal que nos fez rir da anecdota que ouviramos.

E' justo que fal'e agora um pouco das coisas santas, para que o demonio não fique orgulhoso de me ter occupado d'elle.

Na capella, n'um armario, que faz doer a vista pela quantidade de pedras preciosas que tem engastadas, via-se fechada uma cinta de malha e outra de coiro, retorcida e engelhada, pertencente uma a Nos-

Digitized by Google

sa Senhora, e a outra ao menino Jesus Salvador do mundo.

Egualmente ali existe um pedaço da corda com que ligaram a Christo, e um pedaço da esponja com a qual lhe deram fel a beber.

Quando se acaba de pensar sobre estes objectos, e de rezar n'esta capella, fica a alma satisfeita, e saindo a porta da egreja, respirando o ar frio que vem bater no rosto, sente-se um pouco de philosophia, encarando-se as coisas d'este mundo senão com profundo desprezo, ao menos com profunda indifferença.

No terceiro andar do palacio onde nasceu Carlos Magno, admirámos a sala em que foi celebrado o congresso que poz termo á infeliz guerra de successão d'Austria em 1748.

Aix-la-Chapelle não é uma cidade bonita, mas é muito interessante pela suas monumentaes recordações historicas.

CAPITULO XXXVIII

Em que apenas menciono Maestricht, Ruremonde, Clevès, Nimeone, e Arnheim—M.me Virgine D*** e pequenas noções sobre o casamento—Amsterdam—Rútery, o glorioso rival de Du-Quesne—Rutery arrisca seu filho—Infelizes irmãos de Witt—Pequena mas justa censura de Luiz XIV—Algumas palavras sobre Amsterdam—Hoorn—Alkemar—Haarlem—Leyden—La-Haye.

D'ali partimos seguidamente para Maestricht, capital tomada em 1673 pelo grande rei Luiz XIV.

Oito dias depois da nossa chegada partimos para *Ruremonde*. Como eu estava doente, M.me Qall e meu marido é que iam visitar tudo; d'essas investigações

Digitized by Google

trouxeram-me lindissimos papeis, com que eu escrevi sempre, em quanto ella viveu, á minha cara amiga Frederica.

Deixámos *Ruremonde* para passarmos para Clevès, e logo no dia seguinte fomos ver bem perto d'ali o *Schwamenberg*, chamado o castello do Cigne, que é lindissimo.

Quando partimos fomos para Nimeone na Hollanda. M.me Qall tinha a habilidade de trazer sempre cartas de recommendação, o que fazia com que tivessemos, quando chegavamos, e não eramos hospedados em casas particulares, quartos guardados nos melhores *hoteis*.

Nimeone não é feia, mas é insignificante; porém entre os seus principaes edificios, o velho castello de Valkenof, que se diz mandado construir por *Charlemagne*, não se pode deixar de mencionar.

Poucos dias depois fomos a *Arnhein*, que possue o bello palacio dos duques de Gueldres, e que tem um lindo passeio sobre as muralhas que rodeiam a cidade.

Arnhein já foi cidade anseatica, e por isso conserva ainda alguns do seus antigos costumes. As damas são ahi muito amaveis.

De pittoresco nada ha mais bello do que os arredores d'esta cidade; as suas quintas são todas bellas e magnificas.

Foi ahi que nos ligámos em estreita amizade a M.me Virginia D***, que me fazia muitas vezes recordar a cara de Frederica pela sua doçura, alegria e amabilidade. Sempre conservei de Virginia uma doce recordação. Foi comnosco a *Amsterdam* aonde habitava sua familia.

Dez mezes depois de nos separarmos d'ella, M.me Virginia D*** escreveu-me annunciando o seu segundo casamento com Mr. G***, seu primeiro namorado.

Desejo que Virginia tenha sido e continue a ser feliz, mas duvido. O seu primeiro namorado não tinha fortuna, dizia que a amava e deixou-a casar

Digitized by Google

com um velho, que me confessava ella ser o ente mais repugnante do mundo, mas tinha uma qualidade a que os genios avarentos chamam boa: era milionario. O Rotschild pequeno morreu, e Mr. G*** um anno depois era o esposo dos seus milhões.

Se todas as mulheres pensassem bem antes de darem o *sim* fatal, raras seriam aquellas que se casariam.

Quando um homem se liga a uma mulher, de quatro artigos um é que o conduz a isso. — O primeiro é o muito amor; o segundo, a muita amizade; o terceiro, a grande riqueza; o quarto a ambição.

Ha tambem ás vezes motivos pequenos e baixos que o levam a dar esse passo; o despique, a vingança e... .....

.....

D'esses não fallo: voltemos pois aos quatro primeiros artigos que citei.

O muito amor depois de satisfeito, o que fica? Nada. Ahi estão dois entes encadeados penando em martyrios.

O segundo, a muita amizade, para duas creaturas viverem juntas, é uma coisa tão monotona que depressa se enfastiam, e procura cada um da sua parte a distracção que melhor lhe convem. E o resultado? Martyrio de grilheta ao pé.

O terceiro artigo é a riqueza. Um anno depois do santo hymeneu *Monsieur a des danceuses, et M.me des amants;* o que resulta? Mais cedo ou mais tarde martyrio.

O quarto artigo é a ambição, origem dos bailes, das soirées, jantares, etc etc.

Monsieur está todo na politica, quer ser deputado, chegar a par do reino, alcançar uma pasta de ministro, ser o primeiro no seu paiz.

Por consequencia, faz boa cara a todos os amigos de casa que o possam fazer subir. Na intimidade familiar, conhece que está só, que ninguem lhe falla dos

Digitized by Google

seus projectos, e sae, procura a companhia nas grandes reuniões.

Mais cedo ou mais tarde, o martyrio surgiu para os dois!

O que resultou á pobre Virginia? Se ainda hoje vive, é mais uma martyr!

Passando um dia pelo largo da cathedral da cidade de *Amsterdam*, recordava-me que era ahi, n'uma casa que diziam ter sido de muito pouca apparencia, que expirára o maior almirante do seculo explendido de Luiz XIV, almirante que nunca temera os mais arrojados, nem o proprio almirante francez Du-Quesne, que pertendeu lutar contra elle; elle! o grande e corajoso Rutery, esse homem que levou o orgulho da coragem ao ponto excessivo de sacrificar-lhe seu filho!

Vendo-o na primeira batalha naval a que assistia o mancebo, a quem o animo fallecia cada vez mais, ouvindo o sibillar das balas e a explosão das granadas, mandou amarral-o a um mastro, onde a pobre creança se foi reanimando com o cheiro da polvora! Depois d'esta horrivel experiencia foi a fraca creança que encheu seu pae de um nobre orgulho, mostrando-lhe tambem a sua coragem, apresentando-se sempre como o primeiro em todos os combates.

E era este um pae, que arriscava a vida de seu filho expondo-o á mercê das balas, preso a um mastro, por causa do orgulho!

Ninguem melhor do que eu comprehende o sentimento do orgulho, mas o do eminente Rutery era barbarismo.

Como almirante admiro-o, como pae tenho-lhe odio.

Rutery apezar d'essa crueldade era bom, e foi talvez o unico verdadeiro amigo dos infelizes irmãos de Witt, assassinados por ordem de Guilherme de Orange, que não pôde reobter os seus direitos hereditarios senão reinando na Hollanda o partido francez, e mandando assassinar dois irmãos que toda a sua vida con-

Digitized by Google

sagraram á patria, successo este que deveram á confiança que depositaram na palavra d'esse homem, a quem a historia chama grande! As pessoas de consciencia só lhe poderão chamar um homem sem caracter, porque tanto se lhe dava de faltar a um juramento, como de mudar *de amigo!* Oh! Luiz XV! se tens o glorioso titulo de grande só o deves aos grandes homens do teu seculo.

Deixei Amsterdam com grande pesar, não pela cidade, porque gostando de Portugal como gostava, não podia affeiçoar-me a uma terra qualquer, ombora lhe conhecesse todas as bellezas.

Digo que tive pezar, por ter de separar-me de M.me Virginia D*** de quem eu era já sinceramente amiga. Ella merecia-o bem, porque ninguem pode imaginar uma amiga mais verdadeira, fazendo excepção da minha cara Frederica.

A nossa separação custou-nos muito, mas consolava-nos a promessa mutua que fizemos de não nos esquecermos jámais na ausencia.

Aqui provo que pela minha parte me não esqueci d'ella; tambem creio que não estou esquecida.

Se Virginia D*** ler estas memorias receba a saudade que aqui lhe deixo. Se antes da vida que nos espera no ceo nos não encontrarmos, estas linhas devem no entanto revelar o estreito abraço que teria desejo de lhe dar.

Amsterdam é uma cidade de grande barulho, (quero dizer de grande commercio), causado pelos milhares de estrangeiros que sempre estão chegando e partindo. E' esta uma das mais bellas capitaes da Europa, e que possue um vasto e magnifico porto.

Toda a cidade é cortada por immensidade de pontes, tendo a mais notavel 35 ou 40 arcos.

O bello palacio onde Luiz Bonaparte habitou é curiosissimo pelo extraordinario carrilhão que tem n'uma das suas torres.

Digitized by Google

Tambem pudemos examinar as casas das companhias das Indias.

As propriedades de Amsterdam são todas pintadas de côres diversas, e não se pode fazer idéa da riqueza que existe n'aquella cidade senão entrando nas casas, onde tudo é luxo e grandeza.

Os mendigos são ali desconhecidos.

Assistimos a alguns concertos que se deram no bello edificio da sociedade de *Felix Meritis*.

Esta bella capital tem de tudo o mais excellente. Um magnifico jardim botanico, a academia real das bellas artes, uma rica bibliotheca, etc , etc.

Os arredores de *Amsterdam* são lindos; tivemos immensa pena de os deixar para irmos para Hoorn, aonde nasceu o famoso viajante Schouton, que descobriu o cabo na extremidade da America meridional, ao qual, como bom patriota, deu o nome *Hoorn*, terra do seu nascimento.

Em Hoorn só achei bonito os seus bellos arredores, que são realmente encantadores pelas romanticas sombras, produzidas pelas arvores verdejantes e aromaticas, debaixo das quaes tantas horas levava a meditar. Oh ! feliz tempo em que eu tinha tão bellas e risonhas illusões . . . todas, todos empregava no futuro !

Já lá vaes, tempo ditoso em que eu não chorava o passado ! ! ! . . . . . .

D'esta cidade fomos para Alkemar, patria de Drebbel, que deu o seu nome ao thermometro que inventou.

Foi em Alkemar que em 1799 o marechal Brune derrotou os anglo-russos.

Deixando esta pequena cidade, chegámos a Haarlem, onde nasceu Lorcus Coster, um dos inventores da imprensa.

Quem vae a *Haarlem* não pode deixar de admirar o bello e magnifico orgão que existe na egreja de St. Baron.

Os jardins e as quintas são todas lindas, tendo immensidade de tanques com milhares de repuchos.

Digitized by Google

De *Haarlem* á nossa partida foi para *Leyden*, linda e bella cidade, que soffreu graves estragos causados pelos hespanhoes em 1574, pela peste em 1655 e pela explosão da polvora em 1807. *Leyden* é uma bonita e encantadora cidade, cheia de bosques e de passeios. Existe ahi um delicioso perfume de alegria e contentamento que seduz logo a quem chega de fóra.

Foi com pezar que deixei uma cidade, que pela sua alegria me fazia um pouco esquecer a minha tristeza, para seguirmos para La Haye, capital da Hollanda.

Esta capital, que se pode dizer uma das mais bonitas da Europa, foi onde nasceu George III de Inglaterra; tem lindissimos passeios e riquissimos palacios; um dos que mais me agradou foi o do principe Mauricio, por conter uma admiravel collecção de pinturas.

Ainda ahi se vêem as ruinas do antigo castello dos condes da Hollanda.

No meio de todos os objectos preciosos, e de uma belleza extrema que se admira nos museus chinezes, vê-se uma ou outra coisa tão caricata, que provoca infallivelmente o riso.

CAPITULO XXXIX

Gonda — Uma idealista tornada prosaica — Cinco palavras do immortal Camões — Faço uma novena — Suspiro por Lisboa — Rotterdam — Utrecht — Breda — Anvers, uma sua cathedral, e o tumulo de Rubens — Bernadotte prega peça aos inglezes — Gand — Arras — Amiens — Saint Denis e o convento da Legião de honra — Engano de M.elle Octavie.

Como a minha melancolia continuava, não tive muitas saudades de deixar todas as magnificencias d'esta capital, para partirmos para *Gonda*, onde fomos hos-

Digitized by Google

pédados em casa de uma boa senhora, que, vendo a minha tristeza, frequentemente me dizia:

—Heide contar-lhe uma historia para lhe provar que n'este mundo não é tudo romantico nem ideal.

Estas palavras deram-me a entender que essa creatura devia ter soffrido muito, e por isso obteve logo a minha estima.

Dias depois, estando M.me Qall e eu sentadas a ler cada uma o seu livro, veiu essa mulher tomar logar entre nós, e disse:

Aqui vem a pobre desilludida contar algumas passagens da sua vida; talvez esta confissão possa servir-lhe.

—Bem nova, começou ella, estando ainda em casa da minha familia, amei extraordinar amente! O ente que eu adorava, com o mesmo fervor com que se adora a Deus, morreu; eu fiquei quasi sem vida, orphã dos meus affectos, porque este golpe arrancava-me o coração! Annos depois, esse coração, que eu julgava morto, renasceu um dia ouvindo os mais sagrados protestos de um amor exaltado e vehemente. Assim embalada pela vida que resurgia de um sepulchro, julguei que dias de felicidade podiam reluzir para mim! Confiei... fui crente, franca e sincera!!... Esse homem que despertou o meu lethargo, em logar da felicidade que eu esperava, deu-me os mais amargurados sentimentos!

Fui atraiçoada como atraiçoa um infame e um villão! tudo para elle foi como um passatempo; servi-lhe de vangloria, fez-me seu degrau, soffri! soffri muito, mas com tudo não desesperava!

Eu ainda não tinha dezoito annos. Julguei meu coração morto para sempre, cuidei ver as minhas illusões perdidas, perdidas para nunca mais surgirem. Ai, quanto me enganava... No meio das minhas lagrimas, dos meus soffrimentos, uma creatura chorou comigo... amaldiçoou esse homem, estendeu-me a sua mão, jurando... jurando como os homens o costumam fazer quando nos querem illudir!

Digitized by Google

Esse homem jurou-me uma amizade eterna, e fez esse protesto enxugando as lagrimas que saltavam dos seus olhos!

Um dia estavamos sós, e confessando-me o que sentia, deu-me um beijo! O meu coração resfriou, julguei que ia morrer! As minhas lagrimas caíam em torrentes banhando as faces d'esse homem. N'um instante amava-o como nunca tinha amado, e amei-o com toda a paixão, com todo o affecto da minha alma!

Aos pés d'esse homem pedi-lhe em nome de sua mãe que me não illudisse, que me dissesse com franqueza se tudo n'elle não era mais do que uma distracção

Então fez-me o seu juramento sobre o tumulo de sua mãe. Como não havia de confiar n'essas palavras tão sagradas?!! Não me importei com o presentimento das minhas lagrimas, não me lembrei de mais nada, amava-o e entreguei-me a elle!

Tres mezes depois, esse homem, que eu julgava tão ideal, tão romantico, jurava a uma creatura perdida, a uma mulher desprezivel, o resto de todos aquelles que a tinham querido, jurava-lhe o seu amor!

Perdi o romanticismo, perdi todo o ideal! Minha alma ficou tão fria, como gelido o meu amor! Conheci então que os homens são por natureza afeitos a jurarem falso, a fazerem dos seus sentimentos uma mentira! Soube que até atraiçoavam um protesto feito sobre o tumulo d'uma pobre mãe!

Fiquei insensivel; e por isso quando meu padrasto me arranjou um casamento, dei o meu consentimento, porque já vivia na vida positiva.

Nunca amei meu marido, mas sempre lhe tive amizade. Perdendo o resto da nossa pequena fortuna, estabelecemo-nos aqui, recebendo hospedes em nossa casa.

De romantica tornei-me em prosaica.

Dos meus soffrimentos guardei uma boa lição; por

Digitized by Google

isso hoje que encontro uma alma ideal e exaltada, é do meu dever dar-lhe um conselho; e esse conselho achará ella na historia que acabei de narrar. Quando tiver um presentimento qualquer, nunca o calque aos pés, porque o anjo nol-o trouxe, retira-se com a nossa pouca credulidade, e o demonio cumpre o que falta a realisar.

Cuidado, nobre creança; disse ella abraçando-me e terminando sua triste historia.

Olhando para aquella mulher, admirei-me como uma pessoa tão enrugada, tão feia, e tão encolhida já, podia ainda conservar uma alma tão cheia de idealismo, porque apezar dos seus sessenta e cinco annos, e de dizer que dos dezoito aos vinte e cinco foi o periodo da historia romantica da sua vida, conheci, pela maneira de exprimir a sua narração, e pelos seus choros ardentes, que os annos tinham passado, mas que o coração e os sentimentos eram os mesmos da sua mocidade.

Por isso com verdade se pode dizer: «*Le coeur seul ne vieillit pas.*» Agradecemos a sua confidencia, e jurei á noite ao deitar-me e á reza elevada ao *Senhor*, que quando um dos seus anjos me trouxer um presentimento, de nunca o desprezar nem esquecer.

Sempre me recorda o que sobre este assumpto escreveu o immortal Camões:

«*O que o coração presagia nunca mente.*»

Passados alguns dias fui fazer uma promessa á bella egreja de S. João; e era tal a fé com que pedi, e a bondade com que Deus me ouviu, durante os nove dias consecutivos que fui fazer uma novena ao templo, que Deus realisou o meu pedido.

Apezar das instancias de M.me Qall, não fui ver senão uma fabrica de vidros, onde encontrei grandes curiosidades,

Parece que cheguei a *Genda*, e que fiz a promessa

Digitized by Google

para terminar as minhas viagens, porque apenas acabei de a cumprir, caí tão doente que estive de cama com tres medicos á cabeceira.

Assim que o meu estado permittiu levantar-me, formei plano de apenas chegasse a Bruxellas, partir logo para Lisboa, visto ser a terra que eu tanto amava, e aonde queria morrer.

Pareciam-me seculos os mezes que me tinha separado d'ella. Eu amava Lisboa, amava-a pelo seu docel azulado que não tem rival em toda a Europa; pelo seu bello céo esclarecido pelos raios brilhantes d'um sol resplandecente. Amava Lisboa pelo verdejante das suas arvores, pelo mimo das suas flores! amava-a pelo seu Tejo vasto e amplo, que nas noites de luar dá tão magicas inspirações! Oh! amava-a, amava-a com todo o delirio de uma alma ardente! Esta sympathia por Lisboa e por suas lucidas e scintilantes estrellas era phrenetica e apaixonada. Por ella suspirava, e suspirava porque o meu desejo era vir morrer debaixo d'este céo que seduz e encanta. Este amor dava-me coragem para poder esperar.

Como não foi possivel passarmos logo para Bruxellas, como era meu intento, fomos para *Rotterdam*, onde cheguei tão abatida que se passavam dias em que eu não dizia uma palavra.

A boa M.me Qall, que me comprehendia como ninguem, sabia que a minha alma não podia viver sempre n'um sonho, consolava-me mostrando-me no futuro o bello horisonte do meu Portugal.

Apezar do meu aborrecimento não quiz deixar esta cidade sem ver o palacio Schieland, que me pareceu não merecer a voga que tinha.

É n'esta cidade que existem os restos mortaes dos infelizes de Witt. De *Rotterdam* partimos logo para *Utrecht*, que deixámos no dia seguinte para nos encaminharmos a *Breda*, cidade que foi tomada em 1793 pelo marechal Dumourier, e que pode dizer-se bonita,

Digitized by Google

mas quem vive nos seus arredores está sempre em sustos pela possibilidade d'uma inundação.

A egreja reformada merece as honras de ser mencionada pelo magnifico tumulo de Engelbert de Nassau.

Em 1575 realisou se ahi a celebre paz entre as provincias unidas e a Hespanha. A outra concluida em 1667 entre a Hollanda e Inglaterra, ficou chamando-se *a paz de Breda.*

Seguimos para *Anvers*, que apezar de ter soffrido bastantes guerras, é ainda uma bella cidade. Foi em 1830 que a guarnição hollandeza dirigida pelo barão de Chassé se encerrou ali. As balas e as granadas destruiram grande numero de edificios.

Nada é mais bello, e mais magestoso do que a cathedral de *Anvers* pela sua altura, grandeza e magnificencia de architectura; esta bella egreja chamada de Nossa Senhora pode affirmar-se que é uma das mais sumptuosas do mundo.

O que faz esta cathedral ainda mais interessante e curiosa, é existirem ahi o sepulchro do insigne Rubens, e os melhores quadros d'este celebre e immortal pintor.

Junto á praça de *Mei*, vê-se o palacio real que Napoleão mandou preparar com tanta riqueza.

Estou persuadida que se a cidade de *Anvers* não tivesse soffrido tantos damnos, era hoje em dia o porto mais importante da Europa.

A bella praça de Nassau, tão concorrida e rodeada de tão lindos cafés, é magnifica.

Anvers soffreu um bombardeamento em 1832 que a estragou bastante.

A sua cidadella ou forte, restaurado em 1710, foi fortificado de novo pelos francezes durante o seu dominio ali.

Em 1809, o marechal Bernadotte frustrou o infame projecto que os inglezes tinham concebido para incendiar toda a esquadra.

Digitized by Google

Todos os arredores de *Anvers* são bonitos, e foi com algumas saudades que deixei esta cidade, para onde tinhamos levado muitas cartas de recommendação para algumas familias, que, pelo trato distincto que recebemos, me autorisam a certificar que é uma terra bastante civilisada. De *Anvers* foi a nossa partida para *Gand*, onde não visitei uma unica coisa, seguindo dois dias depois para *Arras*.

Assim que entrei n'esta cidade, admirei as suas bellas propriedades de cantaria; a celebre egreja de S. Waast attrahiu tanto a minha curiosidade, que sem entrar no hotel, e assim mesmo como vinha da viagem, apeei-me para admirar esta bella obra fundada por *Thierry* no 7.° seculo.

No dia seguinte fomos visitar a cidadella construida em 1670 por Vauban.

Arras viu em 1120 accenderem-se fogueiras para queimar os hereges. *Arras* foi a patria do arrojado Damiens, que em 1757 deu uma facada em Luiz XV. Foi tambem a patria dos Robespierres.

A cidade por si não é bonita, mas é notavel pelos acontecimentos que tanto enchem de orgulho os seus habitantes.

Passados alguns dias seguimos para *Amiens*, que deu a sua denominação á paz concluida em 1802 entre a França e a Inglaterra, e que foi a patria de alguns grandes poetas, assim como foi tambem a de *Pedro o Ermita*, primeiro prégador das cruzadas.

Entre os seus diversos passeios, o de la Hantoye é o mais lindo de todos

Amiens, que foi reconquistada em 1597 por Henrique IV, é notavel pelos bellos estabelecimentos que possue, e sobre tudo pelo seu magnifico jardim botanico.

Fallaram-nos muito de um bello castello de agua, mas não tivemos tempo de o ir visitar.

Deixando Amiens, fomos directamente para S. Diniz.

Digitized by Google

M.me Qall obteve um bilhete para irmos ver o convento da Legião d'honra, de que eu tinha muita curiosidade, por Mlle Octavie, ahi educada, ter dito a meu tio que era uma instituição *mil vezes* melhor do que o Sacré-Coeur. Não se admitta nenhuma comparação; o *Sacré Coeur* é um convento de educação séria e religiosa; e S. Diniz é um collegio *frivolo*, para o mundo.

Fiquei tão aborrecida de ver as maneiras d'aquellas meninas, que já queriam impor de mulheres, que decidi partirmos immediatamente para Paris.

CAPITULO XL

Torno a ver minha sogra—Firme resolução—Estou em Bruxellas—Tenho minha filha—Esqueço-me da Georgetta—Faço o juramento que um dia as mascaras hão de cair—Ultima palavra sobre a phantasma—Algumas palavras sobre Bruxellas—Um tanque celebre—O palacio dos principes de Orange—O palacio do rei—O parque comparado com as Tulherias—Algumas das macaquices do mundo—Casa da moeda—Largo rodeado de cafés—As demoiselles de comptoir—Passage de S. Aubert—Alameda verde—Egreja de Santa Gudula comparada com a do Loreto—Carta do sr. Alfredo Martin—Sr. João Lobo—Sr. conde de Azinhaga, irmão do illustre duque de Saldanha—Delicadeza d'este cavalheiro—Monsieur J. Van-Praet—Leopoldo, verdadeiro rei popular—Algumas palavras sobre as filhas de Thalia—Tornam a chamar-me um anjo—Para se acreditar o mal deve-se ser como S. Thomé—Pela morte de um pae perco uma amiga—Ultimo cuidado materno que recebo—Minha unica felicidade.

Quando ahi chegámos fomos logo para casa de minha sogra, que apenas abraçou seu filho, sem olhar para mim, nem para a minha querida M.me Qall.

Digitized by Google

No dia seguinte ao almoço, diante de seu marido, cunhado, irmão e sobrinhos, que vieram logo mal souberam da nossa chegada, disse ella:

—Não sabem que esta senhora *que aqui vem*, está separada de seu marido desde a sua paragem na cidade de Prague, onde ella lhe disse que não podia viver com elle?!

Eu fiquei tão atordoada por ver que meu marido tinha contado a sua mãe a nossa combinação e tratado, que não dizia uma palavra

—E puderam viver como irmão e irmã? Perguntou a tia.

—Era preciso que elle fosse tolo; accrescentou o marido d'esta.

Temendo que meu marido se arrependesse da sua resolução, vendo que o iam pôr em ridiculo, levantei-me sem dizer palavra e fui fechar-me no meu quarto com M.me Qall.

—Nunca mais appareço diante d'esta gente, lhe disse eu apenas nos encontrámos sós; ficarei aqui até que possamos partir para Bruxellas, e de lá para Lisboa.

—Hade mudar de resolução, respondeu M.me Qall.

—Conhece-me bastante para saber que não mudo, quando tenho decidido; respondi eu com firmeza.

N'este dialogo entrou meu marido.

—Peço-lhe perdão do disparate de minha tia, disse elle pegando-me na mão.

—Não tem que pedir perdão, respondi, das palavras de sua tia. Não lhe posso dar amor; a minha amizade hade tel-a sempre. Agora conheço que a nossa separação é inevitavel, e lembre-se da promessa que já lhe fiz. Se um dia puder amal-o, voltarei para a sua companhia; quando não, não. Se a minha pouca edade, ou o meu coração me fizer cair n'uma falta, escrever-lhe-hei dando-lhe um adeus eterno.

Ouviu tudo sem responder uma palavra, e saiu.

No dia inmediato, estando eu com M.me Qall a aca-

Digitized by Google

bar uns apontamentos, entrou meu marido prompto para a viagem, dizendo:

—Parto já para Berlin. Como não pode fazer a viagem para Lisboa sem dinheiro, aqui lhe trago sete mil francos.

—Não acceito, disse eu; ámanhã parto para Bruxellas, e até esperar que minha tia mande buscar-me, são sufficientes mil francos.

—Sei que não devo teimar, continuou elle guardando o resto do dinheiro; aqui está o meu retrato, guarde-o, e se por acaso não achar a sua familia volte; eu serei o mesmo.

—Agradeço, lhe respondi.

Apertando-me as mãos, disse depois de um minuto de silencio:

—Eu volto d'aqui a boccadinho para lhe dizer adeus.

D'ali a instantes sentimos rodar um trem.

—Elle partiu? Disse eu para M.me Qall.

Esta correu á janella, e elle fez-lhe aceno com o lenço. Quando M.me Qall se voltou para mim, encontrou-me banhada em lagrimas.

—Então é essa a sua coragem' perguntou-me ella; eu bem lhe digo que tem um coração que a hade desgraçar. Tomou um nobre expediente, que é separar-se de um homem que não amava, e está arrependida?!

—Não é isso, minha querida M.me Qall, disse eu, choro sobre elle, mas choro ainda mais sobre a pobre Fanny!

Era quasi um dever para mim escrever aqui a historia de M.elle Fanny***; porém gravando apenas o seu nome, não me esquecerei d'ella. Se lhe não dedico agora algumas paginas exclusivamente, é porque resolvi escrever para o futuro um volume só da sua historia, e para isso preciso reunir alguns manuscriptos.

Entretanto posso afiançar que se essa historia fosse contada a Alexandre Dumas, o rei dos romancistas faria mais um interessante livro para a sua illustre e vasta bibliotheca. Porém como só eu poso escrever este

Digitized by Google

drama, elle verá a luz, espero eu, no mesmo estylo familiar d'estas memorias, quero dizer simplesmente, sem bombasticas flores, e sem planetarios enfeites.

—Coitado! disse eu enxugando os olhos. Sei o que elle vae soffrendo.

—Então pensa que não soffria mais por ver a sua indifferença? perguntou-me M.me Qall com sua meiga voz.

Não respondi, mas pegando nas mãos da minha amiga, exclamei:

—Amanhã não quero ficar n'esta casa, e quero estar em Bruxellas

—Sim, sim; farei tudo que quizer; mas hade acabar aquelles apontamentos.

M.me Qall sabia perfeitamente que eu tendo uma coisa a fazer estava distrahida; porém d'esta vez enganou-se, porque me assentei perto da mesa, e fiquei encostada sem poder escrever.

M.me Qall saiu, e voltou tarde para casa, mas já trazia o passaporte prompto, e logo tratámos do arranjo da nossa bagagem

Passei aquella noite a escrever uma carta a meu sogro, na qual lhe explicava tudo.

Tambem dirigi duas linhas a minha sogra.

No dia seguinte, depois do criado ter feito carregar a bagagem, descemos a baixo, onde encontrámos meu sogro que me abraçou chorando e dizendo-me:

—E' uma nobre e grande mulher; não podia amar meu filho, e não o querendo atraiçoar, prefere a companhia de sua familia, é justo Se lá se julgar infeliz venha e terá um pae!

Agradeci, e abraçando-nos despedimo-nos.

Quando as rodas começaram a girar, encostei-me ao hombro da minha cara M.me Qall, soltando dos olhos aquellas lagrimas que são o allivio do coração.

Se aquella despedida de meu sogro tivesse durado mais cinco minutos, eu não teria partido, nem passado tantos desgostos.

Digitized by Google

O que pode ás vezes um instante no destino de uma creatura!

Entrámos no comboy dos caminhos de ferro, e quatorze horas depois estavamos em Bruxellas.

Não áchámos casa conforme queriamos, e fomos pára um segundo andar onde tinhamos cinco quartos.

M.me Qall, que dormia sempre no meu quarto, deu ordem para as duas camas ficarem no quarto forrado de encarnado que eu tinha escolhido.

No dia seguinte ella foi ajustar com um *restaurant*, para nos mandar todos os dias o necessario; e tambem alugou um piano, porque nas minhas horas de melancolia era com quem eu gostava de conversar.

No fim de tres dias já estavamos tão bem accommodadas, que parecia estarmos ali havia mezes.

Foi tres semanas depois de estarmos em Bruxellas que eu tive a minha filha, a quem dei o nome de sua madrinha, que foi por procuração minha tia Levaillant.

Era uma prova de gratidão que eu dava áquella que fôra para mim na minha infancia uma boa e extremosa mãe, e que infelizmente, poucos annos depois, se tornara para mim uma dura e cruel madrasta.

Se M.me Levaillant não tivesse tido um irmão como Mr. Lassance, essa phantasma que me jurou odio e vingança, certamente M.me Levaillant não se teria esquecido que eu era a filha da sua mana mais querida! Que eu era essa creança de cabellos loiros de quem ella e Mr. Levaillant juraram fazer a felicidade! .....

.....

.....

.....

Deus, concedendo-me a creança que eu concebi no meio dos soffrimentos e dissabores, quiz dar um enlevo á minha alma, um thesouro para o meu coração, e um consolo para todos os meus desgostos.

Quando eu vi a sua carinha redondinha, as suas

Digitized by Google

mãosinhas tão lindas, os seus pésinhos tão pequenos e bem feitos, ninguem, ninguem pode imaginar a alegria que tive, a felicidade que gozei.

Eu que tanto tinha amado minha boneca Gevizeta, quanto não ia amar a minha filha querida!

Sim, Deus era justo comigo: sabia os soffrimentos e desgostos porque eu tinha de passar, e na sua misericordia, quiz conceder-me um balsamo para tudo! Oh! quando eu beijei minha filha, quando de encontro ao meu apertei o seu peito. senti meu coração palpitar de um extrao dinario affecto de mãe; esse é o maior gozo que é possivel encontrar no mundo.

Chorava como louca! Já não ia viver sem familia: um ente existia já que me devia amar como eu queria! Eu sentia-me feliz, soberba e orgulhosa!

Não teria trocado a minha sorte pelo futuro d'uma princeza. Eu creei-a, lavando-a, vestindo-a, embalando-a e cantando lhe! Se a criada ou mesmo M.me Qall pegava n'ella, tinha ciumes! Levava dias com ella no collo, e á noite com ella nos braços e suas faces mimosas encostadas ao peito.

Ninguem póde imaginar o amor de M.me Qall por minha filhinha; parecia que a sua amizade se augmentava tambem por mim!

Meu marido assim que soube veiu abraçar sua filha. Mostrou me então cartas de sua mãe, que fizeram firmar ainda mais a minha resolução, que elle não procurou desvanecer porque conhecia o meu caracter, sabia que eu era irrevogavel nas minhas decisões.

Abençoando sua filha, torneu a partir.

Um mez antes de eu regressar para Lisboa, veiu despedir se definitivamente de mim, e d'ella, agradecendo a M.me Qall tudo quanto lhe devia.

A resolução em que eu estava de vir morrer em Lisboa, era em mim irrevogavel.

Digitized by Google

—Mas, querida filha, dizia-me M.me Qall, se sua familia a abandonar, que será de si?

—Não se, respondi eu, nem quero saber, porque estou certa que Deus não me hade abandonar. Enganada no meu fatal casamento, não quiz senão salvar-me das pancadas de uma tia desalmada. Eu lhe juro que quanto mais minha familia quizer rebaixar-me, mais eu me levantarei. A viuva Scarron, a mulher d'um *cul-jatte*, tambem foi bem rebaixada, bem martyrisada, bem vilipendiada; no entanto foi a esposa d'um dos mais eminentes reis que tem produzido a França, do glorioso Luiz XIV! Eu não ambiciono ser uma M.me de Maintenon, mas saberei erguer-me pelo meu orgulho e justificar-me-hei plenamente.

— Mas minha querida, replicava ella sem poder conter as lagrimas; o que fará? Qual hade ser essa justificação?

— Não sei senão que tenho a consciencia em paz, que confio em Deus e que um dia virá em que as mascaras hãode cair.

—Oh! aquella phantasma tem-se vingado bem, continuei eu chorando, mas não importa, por mim heide ter sempre Deus. Sim, é impossivel que elle abandone quem tem vivido sempre com tanta confiança n'elle.

Assim ficava terminada esta tão triste conversa, porque M.me Qall conhecia meu caracter, e sabendo que nunca amei meu marido, e que era impossivel viver com elle, uma amigavel separação era o unico partido a tomar se.

Assim foi.

Depois de elle se ter ido e de eu estar completamente restabelecida, principiámos a visitar a cidade.

Bruxellas é uma linda cidade, e pode-se chamar uma pequena Paris.

Digitized by Google

As suas ruas principaes e magnificas praças merecem especial menção pela regularidade dos edificios.

O que chamou a nossa curiosidade, na praça real, foi o tanque em que *Pedro-o-Grande*, imperador da Russia, se deixou cair um dia, estando embriagado.

O palacio dos principes d'Orange é notavel pela sua antiguidade e riquissimas decorações no interior. O palacio do rei, na cidade, não tem uma bonita architectura, mas está bem situado por ficar fronteiro ao grande *parque* que é lindo, principalmente pelo ornamento de magnificas estatuas.

E' ali que se encontra aos dias de semana *tout le grand monde*. E' um passeio, em ponto maior, como as Tuilherias de Paris.

Ali se vêem todas as modas e todas as macaquices do mundo. Senhoras a bordarem, outras a lerem, e algumas a namorarem.

Mães extremosas a comprarem *des plaisirs* (bolos) para seus filhos que correm como galgos atraz d'um arco; outros atirando com uma bala ou saltando uma corda.

Ali se vê representar todo o genero de papeis. Velhos a quererem achar a sua deusa, rapazes a quererem attrahir com seus olhares namorados alguma nympha timida e vaporosa.

A casa da moeda fica no centro de um bonito largo todo cercado de cafés, aonde estão duas ou tres *demoiselles de comptoir*, pagas para chamar a attenção dos freguezes, e por isso sempre as escolhem bonitas e irresistiveis que é para fazer perder o tino aos homens, e trazel os ali a todo o instante.

Aquellas mulheres, algumas ainda bem novas, já sabem todas as velhacarias e maneiras *des femmes galantes*.

Recostadas nos seus balcões, conversando com uns, rindo com outros, apertando a mão a todos, mas sem-

Digitized by Google

pre dando um certo ar d'olhos ao inglez, que dizem ser o mais rico dos frequentadores.

O feliz *gentlemen* cada vez que a sua Dulcinea lhe deita um olhar terno, pede mais um copo de rhum; quando se ergue para ir pagar, chega-se ao pé d'ella, estende as suas libras sobre o balcão, e a deliciosa caixeira, a quem o luzir de tanto oiro faz perder a cabeça, pede cincoenta ou setenta francos, dizendo com meiga voz: *Je vous verrai demain n'est-a pas?*

Esta doce interrogação derrete *o lion*, fazendo-lhe esquecer a enormidade da despeza. Paga, aperta a mão do seu amor, e sae todo orgulhoso atravessando a multidão dos seus rivaes, muitos dos quaes são como alguns peralvilhos de Lisboa, usando de luvas muito brancas, mas cuja algibeira nunca vê um pinto.

No outro dia o feliz inglez vem mais cedo e mais amoroso.

D'ahi a algumas semanas sabe-se que M.elle F***, ou M.elle P*** foi *enlevée* por algum excentrico.

D'ahi a tres ou quatro annos, depois de terem arruinado o seu seductor, apparecem n'outro café e chega um dia em que são conhecidas por algum dos seus antigos admiradores, que para se vingar da indifferença que ella outr'ora lhe mostrava, pergunta-lhe todas as tardes: *En bien, vous attendez un anglois?*

Não, lhe responde ella com todo o sangue frio, *mais j'attends un chinois.*

Effectivamente, quando o que ella espera não apparece, esse que lhe fez a pergunta é que e o seu primeiro *chinois;* segue-se, segue-se... e depois ninguem falla n'essa creatura, nem se sabe d'ella.

Bruxellas tem uns poucos de theatros, sendo o principal o theatro real, que já soffreu um incendio; mas tendo sido reedificado é actualmente um theatro lindo.

Na praça de *la monnaie*, *a passage de St. Aubert*, que dá para a rua mais frequentada da cidade, é a similhança da nossa do Chiado, aonde as se-

Digitized by Google

nhoras vão mostrar os seus enfeites, criticando os alheios.

Bruxellas é em toda a força do termo uma encantadora cidade, ou por comparação uma pequena Paris, mais agradavel e mais commoda. Toda a cidade está cercada de *boulevards*, que a fazem um completo passeio cheio de arvores e flores.

A alameda verde é como em Paris o bosque de Bolonha. Não se vê senão amazonas, cavalleiros, caleches, coupés, thyburys, distinguindo-se os extravagantes inglezes com as suas excentricas apostas.

Bruxellas, apezar de ser uma capital um pouco desmoralisada, possue um fundo para a religião catholica, que é muito louvavel; tem grande quantidade de egrejas, sendo a mais magnifica a de Santa Gudula, que é, em ponto grande e mais magestosa, comparada com a egreja do Loreto em Lisboa. Do meio dia para a uma hora é ahi que vão namorar, mostrar-se, criticar, dizer mal das amigas e passar cartas aos namorados; porém de reza nada ou pouco.

Eu via e observava tudo; ria me d'estes usos e liberdades que eram quasi sempre o thema das minhas discussões com M.me Qall, que tinha para mim os cuidados e extremos d'uma boa mãe. Eis ahi tambem porque a sua imagem ficou gravada no meu coração.

Escrevi para Lisboa a minha tia, contando-lhe tudo e testemunhando-lhe o meu desejo de vir para Portugal.

Não recebi resposta; o sr. Martin na sua ultima carta tinha-me escripto:

«Tua tia não te pode mandar auxilios; vem tu e «tua filhinha e cá se fará alguma coisa por ti.»

Em seguida lia-se este P. S. Bem sabes que sou «teu verdadeiro amigo, e que te considero minha filha, «por isso te digo: Vem que serás feliz.»

Depois que estive em Bruxellas não recebi mais uma linha.

Digitized by Google

Ignorava se as minhas cartas teriam sido entregues, por isso não sabia o que imaginar de um silencio tão profundo, depois de uma promessa tão formal.

Fui á embaixada de Portugal, onde tive o gosto de fallar ao sr. João Lobo, primeiro secretario, e distincto cavalheiro. Foi elle que me apresentou ao sr. conde de Azinhaga, ministro de Portugal n'aquella côrte. A bondade com que s. ex.ª me recebeu, fez que lhe contasse com toda a confiança as minhas decisões, pedindo-lhe a sua intervenção para minha tia, ao que se prestou com a maior vontade, promettendo-me fazer tudo que podesse, e escreveu immediatamente, julgo que ao sr. conde de Rio Maior, para este fallar em Lisboa com minha tia, e fazer-lhe tomar um partido a meu respeito.

Assim que o sr. conde de Azinhaga teve resposta de Lisboa, veiu a minha casa, e disse-me que podia partir.

A minha gratidão para este nobre fidalgo não deixa guardar o silencio sobre as suas bondades por mim.

O sr. conde de Azinhaga viu uma senhora sem protecção no mundo, e conhecedor dos desgostos que eu passava, porque visitando-me uma vez, e vendo-me chorar, perguntou me o motivo, e eu disse-lhe com franqueza os meus difficeis embaraços, em consequencia de ter já muitas coisas empenhadas, desfarçadamente perguntou-me quanto eu devia, e se estava segura da pessoa a quem tinha confiado aquelles objectos. Julgo que sim, respondi eu, pois que é uma pessoa estabelecida.

A's vezes não basta isso, respondeu o sr. conde; diga-me o nome e morada que eu indagarei se é pessoa de credito e confiança.

Como conheci n'estas palavras uma prova de bondade, para não abusarem da minha boa fé, disse a morada e o nome da pessoa.

N'esse mesmo dia recebi o meu bahu, com todos os

Digitized by Google

objectos que estavam empenhados, e dentro este simples bilhete;

«Como já não quer que se vendam esses objectos, «e que os mandou pagar, ahi lh'os restituo »

Estava este bilhete assignado por quem me havia emprestado o dinheiro.

Admirada, abri o balu, tirei as primeiras caixinhas das joias que iam sobre tudo, e encontrei-as como as tinha mandado Fui tirando, tirando, e o ultimo vestido pareceu-me tão pesado, que sacudindo-o, vi que tinha alguma coisa na algibeira. Metti a mão e encontrei um cartuxo de dinheiro e uma carta dizendo:

«Permitta-me que lhe faça este presente; dando-«lh'o pessoalmente, sei que o não acceitaria, assim não «m'o póde recusar.»

Effectivamente, um presente offerecido com tanta delicadeza, não podia ser recusado.

Escrevi immediatamente ao conde de Azinhaga, dizendo que lhe desejava fallar.

S. ex.ª veiu, mas usando de diplomacia até ao fim, negou que tivesse sido elle o autor d'aquella acção.

Negou com perseverança, e eu não quiz teimar.

Para provar-lhe o meu reconhecimento, bastou ver as lagrimas que banhavam as minhas faces, e que eram lagrimas de sincera gratidão.

Esse facto ficou para mim sempre em enigma.

O conde negava, e eu em Bruxellas não conhecia além de s. ex.ª senão ao sr. Lobo.

O pequeno conhecimento que tive de Monsieur J. Van-Praet, foi oito dias antes de deixar Bruxellas, para elle me obter uns papeis que me eram indispensaveis.

Este conhecimento de tres ou quatro dias foi sufficiente para me fazer conhecer o caracter d'este perfeito cavalheiro, que é o maior amigo de Sua Magestade o Rei Leopoldo.

Em Bruxellas o sr. Van-Praet é olhado como um

Digitized by Google

anjo, os ricos estimam-no, os pobres adoram-no, e os estrangeiros admiram-no.

El-Rei Leopoldo, monarcha de consciencia e de sentimentos de honra e de bravura, só poderia estimar quelle excesso um homem como M.r Van-Praet.

Leopoldo é um verdadeiro rei popular, e o ministro Van-Praet é um dos mais honrados caracteres da Belgica, e por isso ambos gozam das sympathias do respeito e da estima

Era claro que tinha sido o conde de Azinhaga o autor d'aquelle presente, que era quasi uma salvação. Do sr. Lobo não era tão provavel, porque se achava em grandes embaraços, em que o tinha posto o seu amor por uma filha de Thalia!

Oh! meu Deus, o pobre sr. Lobo acreditava no amor d'uma actriz! d'uma mulher que pinta o rosto para fingir de rainha, ao passo que logo se transforma para fazer de mulher perdida: que ora ri do amor, logo affecta uma paixão mentirosa, que illude a turba como pode falsear a amizade d um crente!

Ha algumas excepções, mas são poucas.

O sr. Lobo queria a ventura na feira dos sorrisos, queria extremo sincero e puro no leilão da impudicicia!

Considerando os embaraços em que a *deusa* do *palco* o tinha collocado, não podia suppor que me fizesse similhante offerta, e por isso acreditei logo que o obsequio partia do sr. conde de Azinhaga, que pelas suas virtudes era querido e respeitado por todos que o conheciam.

Este conceito do distincto diplomata, e irmão do nobre duque de Saldanha, sabia eu pelas senhoras da casa onde estavamos morando.

Quantas vezes M.me Qall e eu perdiamos noites inteiras, ora a copiar musica, ora escrevendo, ora bordando para no dia seguinte alcançarmos algum dinheiro. Quasi sempre el'a bordava e eu copiava, pois que sempre preferi a penna á agulha.

Digitized by Google

Um dia, eram quatro horas da manhã, o cançaço de ter perdido umas poucas de noites fez-me inclinar a cabeça sobre as costas do *fauteuil*: os cabellos tinham-se-me desprendido, e espalhavam-se sobre o meu vestido branco; pelas minhas faces tinham caido as lagrimas que pairavam nas minhas palpebras quando o somno me tinha surprehendido n'aquella longa e penosa vigilia.

Quando despertei, vi M.me Qall assentada ao meu lado, com as faces banhadas em lagrimas, e com as minhas mãos apertadas entre as suas.

—Que tem? perguntei eu.

— Que tenho! repetiu ella; soffre Josephina essa alma soffre! não é para viver como vive! Tão joven, tão ardente, tão exaltada, a copiar musica até ás quatro horas da manhã, supportando esta dura tarefa, e recusando aquellas vantajosas propostas que... .

—Silencio, a minha amiga; interrompi eu! Não sabe que não posso amar este cavalheiro, que desde que estamos em Bruxellas tem escripto todos os dias, e que encontrámos no parque; reconheço que é um bello cavalheiro, e digno de uma mulher ter por elle paixão; mas não se lembra, diga, continuei eu sorrindo, não se lembra da prophecia da sua amiga bohemia, quando ella me disse: Passe, passe o oceano, etc, etc.?

—Creança, murmurou ella, não lh'o disse para que se arrependa; fez o seu dever. Mas vendo-a aqui dormindo pela fadiga, dizia comigo: esta creatura é um anjo, porque tem coragem, resiste a tudo e sempre lhe resta uma esperança.

—E' verdade, respondi eu, esperança, sempre esperança em Deus.

—O dia em que conhecer o mundo hade ser muito infeliz, disse M.me Qall; se julga uma coisa, creia bem que é outra. Na terra tudo é mentira e corrupção. Verá maridos perversos abandonar senhoras virtuosas por mulheres perdidas, e estas atraiçoal-os a todo o instante. Verá mães coadjuvar a ruina das filhas; ma-

Digitized by Google

ridos vender e jogar as esposas; ladrões e falsarios na abundancia, cheios de titulos e nobrezas... Verá... verá... ia ella continuando, mas parou, vendo um movimento meu de indignação

—Eu verei tudo e desprezarei tudo tambem, mas por Deus, disse eu, nao fallemos mais d'isso, não destrua com essas palavras as illusões que tenho e a boa fé que me nasceu no *Sacré-Coeur* Para acreditar o mal, a infamia, serei como S. Thomé: ver e crer. Até lá, não combato este modo de pensar que anima as minhas illusões.

—Sim, porque é feliz com ellas, mas ai! quando as perder!!!

Era assim que muitas vezes nos deitavamos, e era quasi sempre d'esta fórma que tinhamos muitas conversações; ella apreciava as coisas conforme a sua edade querendo desinvolver o sudario do mundo; e eu com a minha pouca experiencia julgando que se podia encontrar idealismo n'um mundo onde quasi tudo é depravação.

Alguns dias depois do sr conde de Azinhaga me ter dito que podia partir para Lisboa, e que confiasse na bondade de minha tia, recebeu M.me Qall uma carta, em que lhe davam noticia da morte de seu pae, e que por esta fatalidade seu filho de doze annos estava entregue a estranhos

Explicar o desespero d'aquella infeliz senhora é impossivel.

—Vae partir em pouco para Lisboa, disse ella, e eu já ámanhã, para ao lado do meu filho, reunidos, rezarmos sobre a tumba de meu pae! Voltarei depois para a companhia de M.me Selly, que já me tinha promettido tomar conta do meu filho. Eis a occasião d'ella provar-me a sua amizade

Effectivamente no outro dia, depois de ter o seu passaporte, entregou-me tambem o meu.

Fiquei admirada ao ver que vinha n'elle com vinte

Digitized by Google

e tres ou vinte e quatro annos, quando eu só completei os dezoito dois mezes depois da minha chegada a Lisboa.

—Está admirada de ver ahi um engano, disse ella; essa differença de cinco ou seis annos, de nada vale, é verdade, mas para uma senhora que parte só com uma creancinha, é mais respeitoso.

Não pude deixar de rir ao ver o zelo materno que esta excellente senhora punha nas mais pequenas coisas. O seu amor para mim comprehendia tudo, e a sua dedicação estendia-se ao mais insignificante escrupulo.

Dois dias depois, partia a minha cara Helena Qall, no caminho de ferro das quatro horas, levando uma carta minha para a excellente M.me Selly.

Com todas as expressões do meu coração reconhecido, agradeci a esta senhora a bondade que teve de ser em todas as viagens que fiz uma tão boa mãe para mim.

De todos os desgostos que tinha soffrido até então, este foi o mais sensivel, porque eu perdia com M.me Qall toda a consolação para os meus dissabores; uma amiga intima, uma companheira fiel que adivinhava o meu coração antes de eu saber o que elle queria.

A dôr da ausencia, uma separação assim, era um tormento, eram dias inteiros de lagrimas nos meus dias futuros!

Achava-me só, e sem quem me avisasse os pezares; este doce abrigo do ceo!

Mas Deus para todos os meus soffrimentos me havia dado um conforto na minha querida filhinha, nos seus ternos e engraçados sorrisos, nos seus olhares de meiguice, ali mesmo do berço infantil dava ao meu coração um enlevo, uma doçura á minha existencia.

Tres dias depois de M.me Qall se ter ido parti eu com a minha filhinha pelo caminho de ferro de *Ostende*.

Digitized by Google

CAPITULO XLI

Ostende — Douvres — Londres — Southampton — Debaixo da opulencia, grande soffrimento — Pobre Jenny — Um relogio em troca de uma cruz — Recebo a benção de um cego — Perda e embaraços — Dão um penhor — Infanta D. Anna de Jesus Maria — Uma das tres hespanholas é uma belleza — Oceano.

Assim que cheguei a esta cidade, mandei o criado do hotel saber quando e a que horas partia o vapor para Londres. O criado voltou dizendo que n'essa mesma tarde, pelas quatro horas, largava. A's onze deitei-me, tendo recommendado primeiro que me acordassem, e que me tivessem o jantar prompto. Arranjei-me, preparei bem minha filha, e fui para bordo. Poucos instantes depois partimos.

Passadas algumas horas chegámos a *Douvres*. Lá tomei o caminho de ferro para Londres, cidade que eu já conhecia por lá ter estado varias vezes; fui para um hotel, indaguei a que horas partia comboy de caminho de ferro para *Southampton;* disseram me que havia um ás onze horas da noite, e outro ás sete da manhã. Resolvendo ir n'este ultimo, deitei minha filha, e em quanto ella estava adormecida, escrevi a todas as pessoas que eu tinha conhecido, e de quem talvez nunca mais ouviria fallar, nem ellas de mim.

A carta que concluira para M.me Virginia D*** foi a mais extensa possivel; n'ella explicava-lhe a minha incerta posição, e a pouca fé que tinha nas promessas de minha tia. Depois de ter fechado esta carta depositei-lhe mil beijos, sellando-a com as minhas lagrimas. Até ali tinha tido amigas sinceras; passando as aguas do

Digitized by Google

oceano, o que encontraria eu? Não sabia, e n'essa duvida é que tomei o caminho de ferro para *Southampton*.

Não pude deixar de admirar a extraordinaria velocidade d'esse caminho de ferro, que não foge, vôa.

Eu ia com minha filha e com uma familia que tambem ia para *Southampton*, e pela conversa que travámos, conheci que no mundo, debaixo da grande opulencia, ha grandes soffrimentos; o avô da joven que ia com seu pae e mãe tinha morrido havia dois mezes, e seu pae cegado havia tres semanas em consequencia dos desgostos que tinha soffrido, e pelas continuas lagrimas que seus olhos derramavam pela perda de seu filho, *herdeiro* da casa, que se tinha suicidado havia tres mezes, em consequencia da falsidade de uma mulher infame, que, depois de ver que o infeliz lhe sacrificara tudo, o atraiçoara pelo seu mais intimo amigo.

Os poucos dias que estive em *Southampton* fui constantemente visitar esta desditosa familia por quem me interessara devéras, e que pelos seus soffrimentos, merecia a veneração de todas as pessoas sensatas.

Como a joven menina me tinha contado a sua historia, eu usei de egual franqueza contando lhe a minha infelicidade, e o abandono em que me achava; os nossos mutuos soffrimentos formaram entre nós uma viva sympathia, e quando me despedi d'ella, não tendo nada que lhe deixar por lembrança, tirei uma pequena cruz de oiro que conservava sempre junto do meu escapulario, e offereci-a á pobre Jenny, que, apezar de só contar quinze annos, já havia supportado dôres bem profundas. Ella em compensação tirou o seu relogio e pediu-me para lh'o acceitar.

Sua mãe presenteou-me com um lindissimo annel com uma bella esmeralda e grandes brilhantes. O pobre cego, querendo tambem mimosear-me, offertou-me uma carteira que não tinha outro valor, dizia elle, senão a de conter alguns apontamentos philosophicos, que elle havia escripto antes de perder a vista.

Digitized by Google

Quando me despedi d'esta familia não tive força para reter o movimento de me collocar de joelhos aos pés do infeliz cego e de lhe pedir a sua benção.

Então aquelle homem, que me não podia ver, disse-me: « *Je vous benis, comme si vous étiez ma fille, et «je prirai Dieu de toujours vous proteger.* »

Fui com as filhas da dona do hotel, onde estava, despedir-me de umas senhoras que habitavam a tres leguas de *Southampton.*

Qual foi meu pezar, quando, de volta á noite, querendo tirar o que levava na algibeira, nada encontrei. Na carruagem nada se achou.

No dia seguinte mandámos um homem a casa da dita familia, mas nem na casa nem na quinta se achou coisa alguma, e os annuncios tambem coisa alguma fizeram apparecer.

Julgue-se o meu embaraço; eu sem dinheiro, devendo ao hotel, e tendo que partir para Portugal; porém por felicidade a minha passagem já estava paga.

No hotel logo se espalhou a noticia da perda que havia tido: immediatamente recebi offerecimentos de varias pessoas.

Agradeci a delicada attenção com que me tratavam, dizendo que prescindia de tal favor, visto que o paquete ia partir em dois dias.

Fiz conhecer aos donos do hotel o embaraço em que eu estava, pedindo-lhes que tivessem a bondade de pagar os alugueis dos trens que devia, juntando-os á conta das despezas do hotel, que eu mandaria pagar depois de ter chegado a Lisboa, deixando por garantia a esta divida o meu bahu com tudo que tinha dentro.

—Isso não queremos nós, replicaram elles; a senhora para nós não é uma simples estrangeira: conhecemol-a e depositamos toda a confiança na sua probidade.

—Agradeço-lhes, respondi, mas devo e quero deixar-lhes uma garantia.

Digitized by Google

—Não podemos acceitar objectos que tem duplicado ou triplicado o valor da divida; isto repugna-nos, visto o querer á força uma obrigação.

—Não posso acceitar uma tal condição, repliquei eu, porque poderia ser lhes prejudicial; posso morrer na viagem e quem lhe pagaria então?

Afinal annuiram.

Deixei-lhe ficar tudo quanto tinha.

Soube que se achava em *Southampton* a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, e como sabia que minha tia a adorava quasi, resolvi-me a ir fallar-lhe para pedir-lhe a sua protecção para com M.me Levaillant. Conhecia que M.me Levaillant o que promettia hoje, esquecia-se ou fazia por se esquecer no dia seguinte. Com similhante genio devia-se sempre estar *sur le qui vive*.

Sua Alteza recebeu-me com a sua costumada affabilidade, que é tão europeamente conhecida.

Expuz-lhe a minha posição e disse-lhe que vinha para Lisboa. O acanhamento só me deixou pronunciar estas palavras

Envergonhada e sem ter a resolução de pedir a sua alteza a sua protecção, retirei-me.

Já que citei aqui o nome illustre da senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, fallarei do leal caracter de seu marido, o sr. marquez de Loulé, um dos homens mais respeitaveis da sociedade portugueza.

O sr. marquez de Loulé, tanto na sua vida intima, como na carreira da sua vida publica, tem sabido sempre conservar-se digno da estima e consideração de todos, e da amizade do nosso joven rei D. Pedro v.

As filhas d'esta alliança do nobre marquez, foram todas educadas no convento das Sillesias, onde receberam a mais esmerada educação, que, reunida ás mais excellentes qualidades moraes, as torna tres anjos, adoradas na sociedade, e merecedoras de todas as venturas que Deus deve prodigalisar ás suas creaturas es-

Digitized by Google

colhidas e predilectas .....

.....

Dois dias depois da minha entrevista com a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, encontrámo-nos a bordo do vapor que devia entrar nas aguas do Tejo.

A bordo vinha uma senhora hespanhola acompanhada de suas tres filhas; uma d'ellas era uma perfeita belleza, não só na physionomia, como tambem na alma.

Ella comprehendeu a minha posição. Vendo como eu estava doente sempre estava comigo, e quando a *femme de chambre* com quem eu tinha feito o ajuste de tratar de minha filha, por algum motivo se via obrigada a estar fora do beliche, era ella, ella que com todo o carinho a entretinha.

Ellas foram para Cadiz.

Eu estava tão incommodada, que só uma ou duas vezes pude subir ao convez para ver o barco cortar as agitadas vagas, caminhando no meio d'aquelle mar, entre a immensidade do horisonte.

Viajar é uma das impressões mais fortes para uma alma que sente.

Sobre o oceano o coração abandona todas as coisas terrestres, esquece-se da agitação do mundo para viver só nas illusões de pensamentos sublimes.

A melhor consolação para quem sentir os transportes dolorosos, seja de uma paixão vehemente, seja de desgostos fortes, é viajar.

A natureza fulmina esses sentimentos ardentes, involvendo o peito que os nutria em doces meditações.

Digitized by Google

CAPITULO XLII

Vejo Portugal — Receios — Cruel abandono — Commandante — Perspicacia de uma femme de chambre — Segunda benção — Aonde é o Chiado? — Primeiro obsequio em Portugal — M.me Levaillant — Caixeiros em miniatura — Um macaco pelo caracol — Um padre no pulpito — Uma pendula viva — Uma escadinha — Amavel convite — Caricato pequeno exame — Uma boba — Quem me dá uma luz? Agostinha — Uma valsa faz revoltar — Malvina — Minha tia — Um bom consul — Arrombamento de um bahu — Creatura de marmore.

Quando chegámos ás costas de Portugal. principiei a entristecer, recordando-me do que havia succedido com M.me Levailant, na minha verde infancia, com meu primo Eduardo; disse comigo mesma: e se ella me receber mal? Senti minha coragem abandonar-me e tive receios!!! Mas que havia eu de fazer? Voltar para traz, era impossivel por todos os motivos.

Cheguei emfim a Lisboa, como uma pessoa que vae para a forca. Se me tivessem perguntado — soffre? teria respondido — não! E era verdade: eu estava completamente morta.

Vi chegar a visita da alfandega, vi todas as familias virem buscar os seus parentes e só eu estava isolada! ninguem para me receber! Não era isto soffrimento amargo?

O commandante do vapor comprehendeu talvez as minhas silenciosas lagrimas, porque, chegando-se perto de mim, me disse em inglez: «Vejo, minha senhora, que sua familia não a espera; se quer mando baixar um escaler, e um dos meus officiaes a acompanhará a casa de seus parentes.»

Digitized by Google

Agradeci muito esta delicada attenção; acceitei, e como não quiz incommodar nenhum dos officiaes, desci para o escaler com a *femme de chambre*: a sua familia a modo que se não importa muito com a senhora! disse esta; a resposta foram duas lagrimas!!

Cinco minutos depois de ter começado a caminhar pelo solo portuguez, não querendo que aquella mulher presenceasse o recebimento que me prophetisava o coração, dei-lhe quinze francos, unico dinheiro que me restava.

Essa pobre mulher, entregando-me minha filha e beijando-me as mãos, disse-me: «Oh vós sereis feliz porque sois boa.»

Elevei meus pensamentos a Deus e disse: «Escutae essa mulher, meu Deus! Podereis desattender a benção que me legou o pobre velho!

Poucos instantes depois de eu despedir a *femme de chambre* começou a chover, e eis-me caminhando nas ruas de Lisboa com minha filhinha nos braços, caindo a chuva sobre nós; via-me bem atrapalhada, porque não podia arregaçar-me, sendo-me um braço preciso para segurar a minha *Titine*, e o outro para sustentar um pequeno chapelinho, que lhe resguardava a cabeça. E eis-me cançada, molhada, enlameada, perdida nas ruas, não tendo outro remedio senão perguntar onde era o Chiado. Uma mulher de capote e lenço, que estava comprando um pão de ló, voltou-se, e, olhando para mim, disse-me:

—Se quer que a acompanhe?

Agradeci e acceitei o convite.

—Como chove, me tornou a boa mulher, dê-me a sua menina que eu a cobrirei com o meu chapeo de chuva.

Assim andando, disse comigo: Fizeram-me guerra por eu te amar, Portugal! a ti, que apenas pisei teu solo, logo encontrei quem me obsequiasse!!

Chegando a casa de M.me Levaillant, tomei minha filha e disse para a mulher:

Digitized by Google

Não lhe offereço que suba porque esta casa não é minha; nada tenho que lhe possa dar por lembrança, mas agradeço muitissimo o seu obsequio.

Quando já estava no alto da escada, reflecti e voltei para traz para entrar pela loja.

Os caixeiros em miniatura que eu ali vi puzeram-se logo a arreganhar os dentes e a abrir os olhos para mim, e como visse que nenhum se decidia a perguntar-me o que queria, disse a um d'elles:

—Desejo fallar a M.me Levaillant.

—M.me Levaillant não pode descer, responderam-me.

—Pois queira dizer-lhe, repliquei eu, que está aqui sua sobrinha Josephina, que chegou agora pelo paquete.

Assim que disse isto, o mais alto dos caixeirinhos trepou com a agilidade d'um macaco pela encaracoladinha escada da loja.

Senti grandes corridas no primeiro andar; depois o sr. Alfredo Martin chegou ao meio da escada e disse-me em alta voz e mexendo com os braços como um padre no pulpito:

—Quem te mandou vir? Porque vieste?!!

Similhante interrogação fez-me ficar estupefacta, olhando para o prégador, até que afinal meus labios puderam dizer: Eu devia esperar isto de M.me Levaillant.

Fiz uma reviravolta e perguntei a um dos caixeiros:

—Onde mora o sr. Carlos Neuville?

—Aqui para baixo á mão direita; respondeu elle.

Sai; então não chovia miudo como quando eu entrei; chovia a cantaros!!! Andei alguns passos, e quando ia a entrar a porta de meu irmão, ouvi uma voz gritar: «M.me Levaillant pede-lhe para voltar.» Tornei para traz, e conduziram-me ao escriptorio da loja. Depois de ali estar meia hora, vejo chegar M.me Levaillant, com o lenço feito n'uma bola, ora levando-o a um olho, ora levando-o ao outro.

—E's tu, Josephina? disse ella sumindo a voz com esforço para a fazer meiga.

Digitized by Google

—Sim, minha tia, olhe, disse eu chegando-me para a abraçar.

N'isto trocámos um beijo o mais frio, o mais gelido que é possivel imaginar-se; e o braço do lado em que ella tinha o lenço fazia incessantemente o giro d'uma pendula de relogio, d'um olho para o outro. Achei aquella scena comica em que dois personagens representam e que um d'elles ao mesmo tempo que diz ao outro: *bonheur de te revoir*, diz á parte: *chagrin de te revoir!!!*

Como nunca gostei do ridiculo, quiz acabar com aquella scena que era ridiculissima; por isso disse:

—O recebimento que tive, fazia-me ir pedir a meu irmão hospitalidade.

Os movimentos da pendula apressavam-se, mas eu não via uma só lagrima.

—Vim a Lisboa por ter recebido do sr. Alfredo Martin uma carta, que em seu nome elle me dirigiu e que me autorisava a vir, acreditando que acharia uma tia que me havia adoptado por sua filha .....

Os movimentos da pendula já se não podiam contar!

—E' verdade, começou ella, quando eu lhe mandei escrever aquella carta estava toda disposta em teu favor; mas depois meu irmão, o sr. Lassance, tomou a casa em seu nome e hoje não sou senhora de coisa alguma.

—Foi uma transacção concluida com brevidade, repliquei eu sorrindo maliciosamente; porque assim que recebi a carta do sr. Alfredo Martin puz-me logo em viagem.

—Sim, disse ella, terminou depressa; tu bem sabes o genio de teu tio.

E a pendula parecia querer despedaçar-se.

Tinha dó d'aquelle braço.

—Visto isso, disse eu, retira as palavras que eram para mim como uma promessa? Voltar á França depois d'isto é impossivel; sou orgulhosa de mais para me abaixar a tanto; minha tia fez com que eu viesse a Lisboa, vim cheia de confiança .. que quer que faça?

Digitized by Google

Estava tão suffocada, que não podendo reter os soluços comecei a chorar.

Minha tia vendo isto disse-me:

—Suba.

Subimos a escada da loja, seguimos um comprido corredor, e tomámos por uma escadinha da largura de dois palmos. Pareceu-me aquelle o caminho do ceo; fui seguindo-a, e no segundo andar fez-me entrar n'uma sala cujas janellas davam para a rua de S. Francisco dizendo-me:

—Assente se que eu já venho.

Vendo-me ali só, abracei minha filha contra meu peito, pedindo a Deus as forças que me eram necessarias, e esperei que M.me Levaillant voltasse.

Assim se passou um quarto de hora, meia hora, uma, duas, tres horas; vendo que era noite, que ninguem apparecia, tirei o meu chapeo, e adormeci com minha filha sobre uma larga marqueza.

D'ahi a muito tempo senti uns passos pelo corredor, ouvi mexer com pratos, e uma criada abriu a porta, e disse:

—Faz favor de vir jantar.

Aquelle amavel convite foi para mim uma alegria; desde o almoço estava sem tomar coisa alguma, e o appetite era immenso.

Vi um talher e uma cadeira perto do sr. Martin, para lá me encaminhei, não comprehendendo como me tinham reservado o logar da minha infancia.

Não me dirigiram uma só vez a palavra. Este silencio deu-me logar a fazer um breve exame do que eu via. Excepto dois homens, tudo mais eram mulheres.

Uma tinha cara chata como uma bolacha; outra era muito espevitadinha, verdadeiro typo da verdadeira grisette; outra estava sempre com os olhos baixos; que de velhacaria encerrava aquella sonsa!!! Eu sempre tive raiva ás mulheres que por systema estão com os olhos baixos; essas todas são hypocritas, sonsas ou velhacas;

Digitized by Google

d'essas mulheres tenho quasi tanto medo como tenho do diabo. Aquella physionomia deu-me arripios. Olhei para outra, e vi umas maneiras tão estupidas que cheguei a ter dó d'essa creatura, que servia de boba ás suas companheiras. Ella percebeu que meu coração se condoía da sua situação; por duas ou tres vezes olhou para mim como agradecendo-me o não ter sorrido aos estupidos gracejos que lhe lançavam.

Todos se levantaram da mesa, e eu fiquei ali só... Fui para a sala onde tinha deixado o meu chapeo; assentei-me e esperei... Vendo que ninguem vinha bati n'uma das portas, pedindo uma luz. M.^{m} não deu ordem, respondeu-me uma voz rouca. Voltei para a sala, e ainda esperei. D'ahi a poucos minutos, ouvi bater muito devagarinho; quem está ahi? perguntei eu Abra M.^{me}, que lhe trago uma luz. Abri e reconheci a pobre rapariga do jantar, que me disse: Coitada, deixaram-na sem luz! Provavelmente vão trazer-me uma, respondi eu. Não o acredite, não sabe a maldade que ha n'esta casa. Ha cinco mezes que vim de França; fizeram-me tantas maldades que vendo que não comprehendiam as minhas lagrimas, resolvi rir de tudo; agora dizem a todas as pessoas que sou tola e parva, mas que me importa isso? estou mais socegada, é o que desejo.

A pobre rapariga seguiu o seu queixoso dialogo, contando-me coisas... de que puz as mãos na cabeça exclamando: não, não, isso é impossivel, isso é mentira!!! O tempo lhe mostrará a verdade do que lhe digo; e agora fujo; se me vissem aqui coitada de mim....

D'ahi a boccado ouvi eccoar uns gritos que me fizeram estremecer; bateram á minha porta, assoprei depressa a luz, e abri; a criada que entrou perguntou-me: a senhora já tinha luz? Pensando que se eu dissesse a verdade podia promover desgostos a M.^{elle} Augustine, respondi que não. Ouvi agora um *foguete* por sua causa, disse-me a criada pallida ainda de colera; disse a

Digitized by Google

sua tia que era mal feito deixar um ente christão como se deixaria... nem eu sei o que, e pedi-lhe que me desse uma luz; mas sua tia fez tanto barulho que fui buscar a minha palmatoria que lhe deixo. Perguntei-lhe qual era o quarto que lhe destinava; respondeu-me que não tinha quartos, e que dormisse no chão. A' vista de similhante barbaridade nada repliquei, mas aqui lhe trago a minha roupa e vou fazer-lhe uma cama sobre o sophá.

Agradeci áquella pobre criada, que tinha mais dó de mim do que minha tia; mas sendo eu muito escrupulosa em roupas, não quiz acceitar. Tirei as minhas saias, dobrei-as, e pondo-as debaixo da cabeça de minha filha, cobri-a com a sua capa. Eu embrulhei-me no meu grande chale escossez, e encostei-me ao lado de minha filha sobre a marqueza.

O cançaço foi mais forte do que os meus cuidados: adormeci.

No dia seguinte ás onze horas vieram dizer-me que fosse almoçar. Cheguei-me perto de minha tia, dei-lhe os bons dias, mas nada me respondeu, e o sr. Martin egualmente. Agostinha fez-me um signal com os olhos, e esse olhar deu-me alguma coragem; ao menos havia ali uma creatura que comprehendia o meu soffrimento. Durante todo o dia não pude fallar com ninguem; ao jantar e á noite com a luz e a cama passaram-se as mesmas scenas da vespera, e assim decorreram alguns dias sem uma unica mudança melhorar a minha situação.

Dois dias depois da minha chegada, trouxeram-me o bahu que havia deixado ficar na alfandega. O sr. Martin entrou no meu quarto (chamo quarto á sala aonde eu estava) e perguntou-me seccamente: tu não trazes senão isto? Só, sr. Martin, lhe respondi, tive que deixar tudo em Southampton. Assim que elle ouviu isto, retirou-se logo.

Cinco dias estive sem que me dessem uma cama para repousar, sem que me dirigissem uma palavra!

Digitized by Google

apenas Agostinha vinha ás furtadellas conversar uns instantes comigo. No fim de cinco dias eu estava tão aborrecida, que não podendo supportar esse estado, assentei-me ao piano e toquei umas walsas.

—Fez hoje uma revolução com o piano, me disse á noite M.elle Augustine; sua tia deu uma bofetada no sr. Martin, por elle dizer que tocava bem; e armou uma scena á Malvina, por essa dar provas de que tinha inveja de a ouvir.

—Pois Malvina tem inveja de mim? perguntei eu; pobre rapariga! era melhor que se occupasse d'agulhas e d'alfinetes, e que tratasse de fazer melhor os vestidos.

— Ella estraga os vestidos de proposito, porque não quer que pessoa alguma seja bem feita, e ella se não fosse os franzidos e o algodão que espinha não seria!

E Agostinha teria continuado a sua analyse sobre Malvina, se a criada não tivesse vindo interrompel-a dizendo-me: Sua tia manda dizer que em quanto seu tio Lassance não vier de Paris, ella não poderá tomar resolução alguma, e que a não pode ter em sua casa.

Assim que acabou de me dizer isto, sem reflectir, puz o chale e o chapeo, peguei em minha filha e saí d'aquella casa, onde eu recebia tão caridosa hospitalidade.

Perguntando de rua em rua cheguei ao consulado francez, onde contei o recebimento que minha tia me havia feito e a situação em que me achava.

—De M.me Levaillant tudo se deve esperar, respondeu-me o consul; conheço-vos ha poucos instantes, mas vejo que não podereis viver oito dias em similhante casa. Admira-me porém que não tivesseis receio de vir a Lisboa!

—Amanhã vos trarei a carta que o sr. Martin me escreveu; n'ella é que tive confiança; e eu amo tanto Lisboa que aqui quereria morrer!

—*Mais mon enfant*, me disse o excellente homem, se vossa tia se comportar mal comvosco que fareis? Sois joven, sois bonita, e estareis exposta a muitos perigos.

Digitized by Google

—Agradeço-vos, sr. consul, esse lisonjeiro aviso; apezar de ser joven tenho a experiencia da infelicidade... se minha tia, apezar das suas promessas, esquecer que me tinha adoptado por sua filha, então darei lições de piano e canto, e quando eu puder abrirei um estabelecimento de educação, e Deus será meu protector.

O consul estava tão sensibilisado, que querendo consolar-me disse: Irei hoje a casa de M.me Levaillant; venha cá ámanhã, que lhe direi o que se tiver passado.

N'esse tempo tinha eu ainda o genio feliz; no meio mesmo da desesperação, uma palavra bastava para eu ter esperança.

—Oh! M.me, me disse a criada apenas entrei em casa de M.me Levaillant, que barulho houve aqui, santo Deus! sua tia arrombou o seu bahu, e tirou d'elle umas cartas; o sr. Martin não fazia senão dizer-lhe: fazeis mal; Josephina é vossa sobrinha, e se lhe tiraes esses papeis, ella ficará sem os documentos que provam que vós é que a mandastes vir.

—Calae-vos, replicou ella, não ouvistes o caixeiro dizer que ella perguntou a morada do consul francez? A esta hora está ella fallando-lhe e se lhe levar a ultima carta que lhe escrevemos... Não pude ouvir mais porque abriu a porta, e desceu para o seu quarto. Agora acabo de lhe ir abrir a cama, e o quarto ainda cheirava a papeis queimados.

—Tiraram-me as cartas, que maldade! exclamei eu.

N'esse dia M.me Levaillant queixou-se de dôres de cabeça, e não saiu do seu quarto. Algumas vezes o sr. Martin olhou para mim com ar de dó, e á pobre Agostinha cada vez que os nossos olhares se encontravam deslisavam-lhe duas lagrimas pelas faces.

Todas estavam tristes, só a costureira Malvina, toda emplumada, é que se ria, como *un mauvais génie*.

No outro dia ás dez horas estava eu perguntando ao consul o resultado da sua visita.

Digitized by Google

—Agora estou intimamente convencido que M.me Levaillant não tem sentimentos nem coração. Ella negou-me que vos tinha mandado buscar para sua casa, que nada promettera e que de nada queria saber. Vós não tendes dinheiro, aqui está uma moeda, passae-me um recibo. Eu d'aqui a alguns dias irei tentar fazer vossa tia mudar de resolução.

Passei o recibo, e agradecendo os incommodos que elle tinha tido, voltei para casa de M.me Levaillant.

M.elle Augustine mandou-me buscar o almoço fora dizendo que era para ella.

Quando acabei de tomar o chocolate, pedi á criada que me desse o rol do que tinha gasto comigo durante aquelles dias; no papel que me apresentou vi que até o frete do gallego, que me trouxe o bahú da alfandega, foi abonado em casa de minha tia por uma criada!!!

—Aonde vae a senhora? perguntou-me a criada vendo lagrimas silenciosas que se me deslisavam pelas faces,

Não pude responder, porque uma voz disse batendo na porta: M.me manda tirar o canapé. Um revolução se operou em mim, e disse: não quero que M.me Levaillant me ponha fora da sua casa. Metta tudo dentro do bahú, disse eu para a criada, e vou retirar-me já.

Toda eu estava n'uma convulsão, e a criada vendo o meu estado, receiou não sei o que.

Fui pelo corredor fóra, e guiada pelos gritos de M.me Levaillant, cheguei ao pé d'ella.

—Adeus, minha tia, disse eu com voz tremula, vim com confiança de França... não achei nem a mãe que me havia adoptado, nem a tia que me promettera a sua protecção... a criada disse-me que estava terminada a hospitalidade que me prodigalisou; assim me põe nas ruas de Lisboa sem familia... sem recursos... Se eu fôr desgraçada a Deus terá que dar conta, e eu n'elle é que confio. Adeus!

Quiz dar-lhe a mão, mas ella que ficára muda ás

Digitized by Google

minhas palavras, parecendo não comprehender coisa alguma do que eu lhe dissera, voltou-me as costas dizendo: M.elle Malvina, aonde poz o vestido da condessa de Farrobo?

As lagrimas que eu tinha nos olhos seccaram-se como por encanto, na presença d'aquella creatura de marmore!... Sai d'aquella casa onde não podiam existir senão grisettes... e mulheres sem sentimentos.

Eu estava no ultimo lance da escada, quando uma voz me disse: Se quizer, em quanto não volta para França, va ao hotel de M.me Radegond que eu pagarei as suas despezas. Esta voz era de M.me Levaillant

Dar conselho a uma sobrinha de ir para o hotel!!!

.....

Sai d'aquella casa sem saber o que ia ser de mim e de minha filha que tinha nos braços.

Havia um hotel defronte, encaminhei-me para lá em quanto Deus me não fizesse tomar uma resolução.

CAPITULO XLIII

Hotel de Italia — Oração a Deus — Maria Brèe — Bolos que renderam um marido — D. Emilia Pereira da Costa ainda é minha amiga — Tenho dinheiro — Vou para minha casa — Respiro um pouco — Sinto os primeiros movimentos de uma paixão — O retrato dos meus sonhos de Vienna, referido no capitulo XXVIII e feito em Hamelns no capitulo XXXVI, acho o original — O sr. barão*** — Minha boa Emilia — Felicidade n'uma carta — O sonho apparece — Amor.

Fui para o hotel de Italia. Subi as escadas d'este hotel tão suffocada que apenas pude dizer: quero um quarto.

Conduziram-me ao que tem janella para a rua de S. Francisco, sem ser o da esquina, mas sim o que

Digitized by Google

fica na outra extremidade. Quando me assentei no canapé com minha filha nos braços os soluços principiaram a suffocar-me, vi bem o estado solitario em que ia jazer, conheci a minha posição, comprehendi o meu abandono! Que devia eu fazer, meu Deus? Matar-me? isso teria sido um acto de pouca religião e coragem. Voltar pa a o Rio era impossivel; o motivo já está explicado. Minha vida era necessaria para o ente que ficaria só n'este mundo se eu lhe faltasse! Apertei minha filha contra meu coração, tirei meu *scapulaire*, ajoelhei dizendo contrictamente:

Meu Deus, vós que sois pae e protector de todos, tomae-nos debaixo da vossa divina protecção e guiae-nos!!! Sós n'uma terra estranha, sem parentes, sem amigos, sem fortuna, só vós, meu Deus, sois a unica esperança do meu coração; nunca calcularei um acto da minha vida, deixar-me-hei guiar sempre pelo destino, porque sobre elle espero firmemente o vosso olhar misericordioso.

No dia seguinte, estava acordada ás oito horas. Mandei logo procurar Maria Brée, filha d'aquelle espingardeiro alemão que se tinha suicidado, e de quem eu já fallei no principio d'estas minhas memorias.

Ella já não estava em casa do M.^{m_j} Levaillant, e sua irmã havia-se casado e estava estabelecida na rua Nova do Almada.

Foi grande o contentamento de Maria quando me viu. Contei-lhe o recebimento que havia tido de minha tia, e ella disse-me:

— Não se deve admirar, o que ella fez ao sr. Carlos mostra o que se pode esperar d'aquelle coração. Recorda-se da amizade que ella mostrava ter por elle? Pois tudo era fingimento. Quando M.^{elle} Aline voltou segunda vez de França, encontrou em casa de M^{me} Levaillant o sr. Carlos; essas duas creaturas que já se amavam não poderam ficar insensiveis uma á outra. Vendo isso, M.^{me} Levaillant principiou a fazer guerra,

Digitized by Google

ella que já havia feito perder a M.elle Aline um excellente casamento. O amor venceu tudo: o sr. Carlos casou se com a Aline, e recebeu por dote a maldição de M.me Levaillant. Dizia o sr. Martin, (que tinha dados para estar ao facto,) que não podia tolerar similhante casamento, apezar da Aline ser uma excellente pessoa, de quem só conhecia dois defeitos: a astucia, e a inveja. O tempo talvez lhe tenha emendado estes dois peccados, e que á vista do sacrificio que Carlos fez em *casar com ella*, queira recompensar-lhe fazendo-o feliz.

Ouvindo Maria contar este casamento, espanteime, pois que diziam que Aline tinha quatorze ou quinze annos mais do que Carlos, e recordava-me, quando elle estava no collegio em Paris, nas ferias, e mesmo ás vezes aos domingos quando saia e ia a casa do nosso tio Lassence, onde *então estava a Aline*, que o achava um *si gentil petit écolier*, que sempre tinha o cuidado de ter bolos e doces para o seu querido menino.

Já se vê que esses bolos foram felizes para ella, pois que lhe renderam para o futuro *um marido*.

Aline era uma mulher de expedientes, tinha muitos conhecimentos e arranjou os fundos necessarios para se estabelecer.

A bondade do coração da exm.ª sr.ª duqueza de*** fez tomar em affeição e debaixo da sua protecção estes dois entes

M.me Levaillant teve ciumes, e fez espalhar em toda a Lisboa, que elles se hav am casado depois de lhe terem roubado grandes sommas de dinheiro.

Dinheiro!!! era preciso que M.me Levaillant não tivesse um irmão chamado L. Lassence, e que esse não aproveitasse de M.me Levaillant como se fosse uma mina da California!!

Depois de Maria me ter posto ao facto de tudo, vi que me era impossivel dirigir-me ao meu mano quan-

Digitized by Google

do elle voltasse de França, e pedir lhe a protecção e o abrigo que um irmão de sentimentos deve a sua irmã desamparada.

Sim, era impossivel porque esse Carlos estava dominado por uma mulher que bem caro lhe tinha feito pagar uns bolos; uma mulher que nunca me poderia ver com bons olhos, por eu saber... quero dizer, por ella saber, que um bom dote que Deus me tinha dado era a minha excellente memoria, que nunca me deixaria nos apuros da incerteza, quando eu me quizesse recordar.

Conheci mais que era por esse casamento de meu irmão com similhante creatura, que eu havia de ter na minha familia uma inimiga mortal, que o proprio sr. Martin sendo homem, dizia—tenho medo das astucias d'essa mulher!

Eu não possuia esse receio, porque a minha confiança em Deus era illimitada; mas para evitar desgostos, farei de conta que meu irmão Carlos, que nunca soube apreciar a minha alma nem o meu coração, morreu para mim; ou se algum dia a infelicidade quizer que eu tenha relações com elle e sua mulher, serão *só* aquellas que as circunstancias do des ino óbrigarem, e nada mais.

Longe mesmo porém, e separados, farei votos a Deus por um irmão a quem perdôo tudo, e a quem desejo venturas, se elle as pode ter.

.....

.....

.....

O homem põe e Deus dispõe Para não ter que fallar de novo do sr. Carlos e de sua esposa, conto agora aqui alguns factos que se deram em 1851 a 1855.

Em 1854 estive quasi á morte, e esse irmão e sua mulher, que até ali não se importaram nunca de mim, quizeram vir a minha casa, porque eu era protegida

Digitized by Google

por um homem millionario, e suppunham, creio eu, que em minha casa encontrariam as minas do Perú! Os meus criados não os deixaram entrar, e elles, para não deixarem fugir da vista tão *inesgotaveis minas*, metteram empenhos á duqueza de*** para obter do meu medico assistente essa entrada tão anciosamente desejada.

Effectivamente assim aconteceu.

O primeiro trabalho d'essa boa e extremosa cunhada foi abrir as gavetas, e passar minuciosas revistas..... indagando aonde eu tinha as minhas joias, o meu fato, os meus papeis de credito, o meu dinheiro, os meus contos de réis!...

Tal era a esperança que tinham de me tornarem a ver levantar d'aquelle leito de longa e penosa enfermidade!

Não achando porém o de que esperavam tomar posse, exclamaram: E' impossivel que ella tenha sido tão tola!!!... é porque tem tudo depositado em alguma parte; mas como havemos de ser nós que tomaremos conta das meninas (de que Deus defenda), queremos saber a quem foi que ella confiou tudo.

Então a mulher de Carlos, sentada ao lado da minha cama, vendo que eu apenas podia respirar, disse-me com o seu ar *mielleux*, como ella o sabe tão bem empregar quando quer.

Ma chere Joséphine, por aqui etc. etc. Ma bonne Joséphine, por acolá etc. etc. etc emfim, *bonne et chere*, eu era uma santa, era um anjo!!!

Como visse que de mim não podia ter as informações que desejava, pois o meu estado o não permittia, porque nem me restavam forças para fallar, e muito menos para explicar os motivos que me impediam de abusar da bondade d'um protector como aquelle que Deus me tinha concedido, ella *não podia* comprehender os motivos do meu proceder para com o meu bemfeitor, e na minha reserva achava ella mais uma

Digitized by Google

razão para desconfiar que eu tinha milhões escondidos sob o sobrado da casa.

Entrei na convalescença, fui para o campo acabar de me restabelecer, voltei para Lisboa; mas irmão, tia, e cunhada, todo esse parentesco desapparecera, e não voltou a minha casa, porque tinham resolvido entre si, que eu era uma *tola que não sabia aproveitar*.

Morre o meu protector, e espalha-se o boato de que eu fiquei herdeira de milhões. Torno a ter parentes que me visitam cortezmente de chapeo na mão, e com a maior reverencia do mundo. Torno a ser elevada ao pedestal do bom conceito, e começam a chamar-me *sua che e, sua bonne*, emfim uma santa e um anjo!

Abre-se o testamento, e oh! espanto dos terrores panicos! Em logar dos milhões, são apenas algumas inscripções.

Desço os degráus do pedestal a que me tinham elevado nos mais obsequiosos comprimentos; e fico esquecida.

Mezes depois preciso de dinheiro para pagar os direitos de transmissão; um agiota promette emprestar-m'o se eu lhe der por fiador um individuo estabelecido. Recordo-me de meu irmão e de sua mulher, e peço-lhe este favor.

Não só annuiram, como tambem me emprestaram umas vinte ou trinta libras, e venderam-me alguns objectos do seu estabelecimento.

Recebo o meu legado, e immediatamente principiam a assaltar-me embargos, preparando com elles no futuro uma vida de desgosto e de martyrio.

Venceram-se umas lettras que tinha no banco, e não querendo pedir reforma, paguei-as.

Aqui-d'el-rei! grita meu irmão e sua mulher; pagar primeiro ao banco do que a nós! que pouca vergonha, que maroteira, que desaforo!

Digitized by Google

E tratam logo de vender a minha divida ao seu procurador, aconselhando-lhe que quanto antes a recebesse, *fosse porque meio fosse, que requeresse um embargo, mas que me fizesse pagar de prompto!*

Veiu a minha casa o sr. José Joaquim Duarte Cordeiro Junior e mostrou a divida augmentada com respeitosos juros, que tinha comprado, e fez com que eu assignasse.

Dei ao sr. Cordeiro as explicações sobre a demora que tinha havido no pagamento d'essa conta, das quaes elle comprehendeu a razão fazendo me justiça, e dizendo que ficasse descançada, porque como a divida lhe pertencia, eu não soffreria desfeita alguma.

E assim tem acontecido até hoje, que ainda me não foi possivel pagar. O sr. Cordeiro tem se conduzido o mais digna e cavalheirosamente possivel, tratando com o maior cuidado os meus objectos, que ficaram em seu poder, e nem consentindo que sua mulher os leve ao theatro como *** o fez.

Do resgate d'essas lettras do banco por diante, fiquei sendo novamente no conceito dos meus *extremosos* parentes tudo quanto é mau, pois que eu não tinha sabido aproveitar-me da fabulosa riqueza do meu protector, e por isso eu já não era *bonne*, nem *chère*, nem *santa*, nem *anjo!* Nada, nada fiquei sendo de tanto que era! E isto porque Deus dotara o meu coração de sentimentos desinteressados, o que me fez sempre desprezar as infamias.

Basta, sobre irmão etc., etc.. Voltemos ás circunstancias intimas da minha vida.

Queria estar independente de uma familia que nunca foi familia para mim, e não me queria tornar um peso para a minha querida D. Emilia Pereira da Costa, unica amiga que eu tinha em Lisboa, e por isso incumbi Maria de me alugar uma casa, e arranjar uma boa criada.

No dia seguinte eu tomaria uma decisão.

Digitized by Google

Toda a noite não dormi, e levei a pensar.

No outro dia estava resolvida a ficar em Lisboa, e a dar lições de piano e canto.

Maria incumbiu se tambem de me obter um emprestimo, e de comprar a credito alguns moveis.

Quando tudo esteve arranjado, fomos a Pedrouços fallar á ex.ma sr.a D Emilia Pereira da Costa.

Quando narrei os factos passados na minha infancia prometti dizer tudo que eu pensava d'esta senhora. Eis chegada a occasião.

Não ha palavras para se poderem descrever suas angelicas bondades.

Ella possuia todas as virtudes: era piedosa, não por ostentação; era boa, não por vangloria; era amiga, não pela apparencia; quem não a conheceu, que imagine a *madona* pintada por Raphael, e terá o retrato d'aquelle anjo!!!

Possuia um coração cheio de magnanimidade, tendo sempre uma palavra para desculpar o peccador, outra para consolar os afflictos, uma palavra, emfim, para dar esperança ao infeliz!!!...

Fui eu talvez a unica pessoa a quem ella revelasse os nobres sentimentos da sua alma tão pura e tão virtuosa!!!

Eu era joven, era romantica, então no meu peito achava ella um ecco que correspondia ao seu coração. Oh! eu comprehendi-a tão bem que nunca emquanto viver a poderei esquecer; no meu coração lhe guardarei sempre as saudades de uma terna e grata affeição. Já tem acontecido que em dias de grandes desesperações, tenho levantado os olhos para o ceo, exclamando: Emilia, anjo de bondade, tu que tanto me estimaste, pede misericordia a Deus para mim!!!...

E Deus tem-me soccorrido e protegido. Talvez imaginações impias digam que isto é uma exaltação exaggerada. Oh! calae-vos, calae-vos, creaturas sem fé, que não comprehendeis os mysterios do Creador!

Digitized by Google

Quando a sr.ª D. Emilia me viu, abraçou-me chorando, tomou minha filha no seu collo, e eu peguei n'um dos seus filhinhos, e como não podesse abraçar a mãe como uma creança, as lagrimas que eu vertia caíam sobre as rosadas faces de sua filha que eu cobria de ardentes beijos.

Maria que tambem chorava por assim nos ver foi quem primeiro pôde fallar. Contou então toda a minha posição áquella boa senhora, que ao acabar de ouvir a maneira porque minha tia me havia recebido, me disse com a sua meiga voz:

—Pobre amiga, como tem soffrido!

—Oh! sim, muito, lhe respondi; mas Deus deu-me uma filha e uma amiga para me consolarem

—Sempre o fui e serei, minha querida Josephina, me disse ella; e sob esse titulo peço que me diga qual é a resolução que deseja tomar.

—Voltar á França é-me impossivel, respondi eu; não quero subjeitar-me a que me lancem em rosto o pouco caso que minha familia fez de mim Ir para a companhia de meu pae para o Rio de Janeiro, não posso tambem de maneira alguma. Recorrer em Lisboa a minha familia, já se vê o que M.me Levaillant me faz, e que nada tenho a esperar d'ella; resta-me pois um ultimo recurso — é o de poder arranjar uma casa e dar lições de piano e canto até meu pae me mandar dinheiro. Nunca recebi coisa alguma da parte d'elle; vou mandar-lhe pedir que me entregue a legitima de minha mãe, e assim poderei estabelecer aqui em Lisboa um collegio com os regulamentos do *Sacré-Coeur*.

—Mas, querida amiga, me replicou ella, é impossivel o que diz, nunca se poderá subjeitar a isso.

—Permitta-me que lhe diga, interrompi eu, que sou inclinada ao dito de Napoleão, em que affirmava que a palavra impossivel não podia existir. N'este mundo deve fazer-se tudo que se quer.

Digitized by Google

Isto dizia eu ha seis annos!!! Hoje os desgostos porque tenho passado affrouxaram muito a energia e resolução que então tinha! Hoje já não tenho força para ter uma vontade.

Ella levantou-se, e levando o lenço aos olhos saiu d'aquella casa; mas poucos momentos depois voltou a abraçar-me dizendo-me:

—Josephina, quer dar uma prova de que é minha amiga?

—E' preciso perguntar-me isso? respondi eu, olhando fixamente para ella.

— Preciso, disse me ella de novo; conheço-a bem para saber que o que lhe vou pedir é a maior prova que pode dar-me da sua affeição, só ella lhe pode fazer dizer um sim; diga pois: farei o que me pedir.

— Essa resposta que exige é uma promessa, exclamei eu, e não sei se devo ligar-me a uma coisa que não conheço.

—No seu logar, me replicou ella, fazia essa promessa sem escrupulo; e teme ainda depois de lhe dizer isto?

—Não, não, farei tudo que quizer.

—Pois quero que seja sempre minha amiga, e que acceite isto como uma lembrança; disse ella collocando-me na mão o lenço em que tinha uma caixinha embrulhada.

Acceitei cuidando que era um mimo que me offerecia, como era sempre o seu costume de cada vez que eu a ia visitar.

Abracei aquelle anjo e disse-lhe com agradecimento:

—Sempre, sempre a mesma!

Fiquei ainda duas ou tres horas, toquei no piano umas valsas que ella me tinha dito havia dois annos que gostava immenso, e fosse essa recordação, ou por outro qualquer motivo, ella principiou a chorar, a chorar como uma pessoa infeliz e que soffre chora!!! Nada lhe pude dizer para a consolar, mas conheceu nos meus olhos que eu a tinha comprehendido.

Ella rica e soffria!!! eu pobre e soffria!!!

Antes queria a minha pobreza e o meu soffrimento

Digitized by Google

do que queria a riqueza d'ella e o seu soffrer, coitada ! !!...

. . . . . .

Ao despedir-nos, pediu-me que a fosse ver amiudadas vezes, dizendo-me que ia ser para mim a minha familia.

Depois de me achar na carruagem tive uma curiosidade muito facil de comprehender, e foi de saber o que D. Emilia Pereira da Costa me tinha offerecido. Desdobrei o lenço e dei volta á chave da caixinha, sendo grande a minha admiração ao vel-a cheia de libras. contendo tambem um riquissimo annel.

—Olhe, Maria, disse eu.

Depois de ter voltado os olhos respondeu :

—Não me admira, é do seu bolsinho; se mais tivesse agora, mais lhe teria dado.

No intimo da minha alma agradeci a Deus o primeiro soccorro que enviava a quem se via só n'uma terra estranha, pedindo-lhe no meu agradecimento que abençoasse a mão de quem eu recebera uma dadiva tão necessaria.

A sr.ª D. Emilia era uma senhora que comprehendia a religião como Deus quer que ella se entenda e comprehenda, soccorrendo nas afflicções mas praticando estes actos só para si e para com Deus, e não como tantas senhoras que por ahi ha, que se uma desgraçada lhe pede protecção occultamente lh'a negam, emquanto que sempre andam promptas a figurar nas subscripções aonde em resultado possam ver os seus nomes estampados nas columnas dos jornaes, denunciando essa caridade calculada e impostora.

Não posso exprimir a alegria com que subi as escadas do hotel. Eu respirava, já tinha dinheiro.

Ninguem sabe o que é ver-se uma pessoa n'uma patria que não é sua, e não ter familia, não ter um real, ou coisa que o valha. Eu estava n'este caso, pois tinha deixado os meus bahús em Southampton como garantia da minha divida, por isso para alguem comprehender o meu isolamento, era preciso que estivesse na minha posição.

Digitized by Google

Quando uma mulher passa pelos dissabores porque tenho atravessado e não morre de desgosto, é porque na verdade tem coragem para affrontar os transtornos da vida.

Nas falsas posições em que me hei achado, quando via o riso nos labios de uma certa senhora, soffria muito; mas abraçando um crucifixo comprehendia que devia ser superior a certas miserias. Effectivamente depois d'esse dia deixei de soffrer, e com a intima convicção de alcançar a protecção do Pae dos infelizes.

E como se deve olhar para todas as coisas d'este mundo senão com indifferença e desprezo?!

Poucos mezes depois, encontrando-me com essa mesma senhora do *riso sardonico*, encarei-a de cabeça levantada, e ella teve que baixar os olhos em presença da minha altivez, por que sabia que eu estava sciente das suas acções e da sua infame conducta para com seu marido.

Uma mulher que não se sente com força para ser virtuosa vivendo com seu marido, deve separar-se d'elle afim de o não ridicularisar.

Tirei o meu chapeo e contei o dinheiro; achava-me com quarenta e quatro libras. Oh! como então me considerei rica!!!

Immediatamente paguei algumas libras que devia a Maria, e principiei a fazer os meus planos. No dia seguinte veiu ella com um individuo, e depois de combinarmos o emprestimo e o seu pagamento, Maria foi com elle para escolher alguns moveis. Elle havia-me dito que o piano faria subir a conta a muito alto, e que viria um alugado.

Quando Maria voltou, fomos arrendar uma casa, a unica que achámos com escriptos na Patriarchal Queimada.

A linda vista que tinha esta casa de frente para o mar, e detraz para a cidade e seus arredores, tornava-a, apezar de ser pequena, encantadora.

Digitized by Google

Dois dias depois tudo estava arranjado e eu achava-me senhora da minha casa. Oh! como eu então respirava livre, e feliz tambem, pois que eu não tinha ainda passado pelos desgostos que fizeram quasi succumbir minha alma.

Eu via tudo d'este mundo em illusões, e o contentamento que resentia me fazia conservar nos labios um alegre sorriso.

N'essa epoca, n'este mundo indifferente, só via as rosas, mas não lhe conhecia ainda os traiçoeiros espinhos. Então tinha o genio meigo, amavel, e cheio de confiança; hoje... não sei como o tenho!.....

.....

.....

Com aquella quantia, que tão obsequiosamente me dera D. Emilia Pereira da Costa, fiquei um pouco descançada.

Maria disse-me um dia que havia alguem que me queria fazer o grande emprestimo, que eu tanto desejava para poder estabelecer a casa de educação no gosto do *Sacré-Coeur*, e que ás tres horas essa pessoa vinha com o seu procurador para se tratar do negocio.

Effectivamente appareceu me ella com um homem velho, que se intitulava procurador do sr.*** e que combinou comigo para no dia seguinte ás sete horas vir com o capitalista,

Com effeito, á hora ajustada veiu com o sr.*** e depois de o apresentar retirou se, dizendo que tinha um *rendez-vous* ao qual não podia faltar sem comprometter fortes capitaes.

Apenas se retirou, o sr. *** começou a fallar comigo ora em francez e em inglez, ora em historia e geographia etc. etc. etc., como querendo fazer experiencia ou exame dos meus estudos; e afinal disse que sem lisonja possuia uma bella educação. Em seguida perguntou por minha familia, e aonde eu tinha sido educada.

Digitized by Google

Contei-lhe tudo com aquella franqueza e confiança de quem não experimentou ainda o que são as dissoluções d'este mundo.

Fez-me algumas perguntas mais sobre o regulamento do *Sacré-Coeur* e concluindo com as minhas respostas, disse que o que eu desejava seria um grande plano, mas que nem quadruplicada a quantia que eu pedia seria sufficiente para um estabelecimento de tal ordem, e que eu na flor da minha edade não teria as forças necessarias para lutar com os embaraços d'uma empresa tão vantajosa á civilisação do paiz, tão atrazado d'um objecto de tanta importancia.

O sr. *** tirou então um livro da algibeira, e entregando-m'o, disse que por aquellas paginas eu poderia julgar da verdade que elle acabava de dizer.

Acceitei ficando de lhe mandar d'ahi a uns dias a resposta decisiva.

Quando o sr. *** saiu, abri o livro. Oh! meu Deus! foi a primeira desillusão que encontrei no arido caminho da vida.

Pela entrega d'esse livro conheci tudo... O sr.*** julgava-me... capaz de vender as crenças que deviam levantar uma empresa tão santa! Acceitando esse calix cheio de amargura, senti as minhas lagrimas dissolvendo o fel, tive animo... e achei-me forte!

O sr. *** não me conhecendo, e acostumado com as damas do theatro, pensou que eu queria representar, e prestou-se da sua parte ao desinvolvimento da comedia.

E' verdade que um certo sorriso tinha corrido nos labios do sr. *** quando pronunciei o nome de minha tia; porém na maior confiança e sinceridade, não fiz grande reparo.

Conheci que o sr. *** era um homem *blasé*, e por isso perdoei-lhe a offensa que me fazia.

No dia seguinte dei ordem para que a minha porta se não tornasse a abrir mais ao tal *procurador*.

Digitized by Google

Em quanto ao seu cliente, espero que o tempo lhe tenha mostrado a cruel injustiça que me fez. Se o tempo não foi porém sufficiente, estas memorias, aonde lhe lavro um completo perdão, devem demonstrar-lhe que nunca representei o papel de infame.

Desisti da idéa do emprestimo grande, e contentei-me em querer tomar algumas discipulas; porém Maria vinha quasi todos os dias ver-me, e sempre dzia que não tinha ainda sido possivel arranjar-m'as.

Passavam-se dias e principiavam cuidados, porque tinha uma divida, e o dinheiro que possuia ia-se-me acabando; por isso sem ver luzir o futuro, comecei a vel-o escurecer.

Recommendei a Mariaque me trouxesse objectos para bordar, e musica para copiar.

De dia estava sempre ao pé da janella, aonde no meu bastidor bordava uma linda almofada.

A minha unica distracção era brincar alguns momentos com minha fi hinha.

Quantas vezes terminava o dia, e eu ficava perto do bastidor meditando no meu isolamento, na minha infelicidade! Eu pobre mulher, quejá sentia os primeiros movimentos de uma paixão pelo ente que desde o dia em que me vira desembarcar, seguira todos os meus passos, e que todos os dias, passando pelas minhas janellas fazia reter o galope do negro cavallo. Este estrondo fazia-me levantar a cabeça, sentia um fogo subir-me ás faces, e o meu coraçao palpitava extraordinariamente. Oh! quanto eram doces as impressões que eu sentia!!!

O meu namoro de creança no Rio de Janeiro com Mr. Dupy*** não passou de doces conversações da janella abaixo. O homem que eu vira no meu desembarque, e que passava todos os dias pela minha habitação era o ente que sonhando havia imaginado.

Debaixo da sua côr morena, dos seus escuros ca-

Digitized by Google

bellos, de sua barba preta, mostrava ter no coração o amor mais terno e mais dedicado.

Muitas vezes tomava a resolução de não me achar no bastidor áquellas horas; mas quando essa hora chegava uma força irresistivel para lá me conduzia. Se eu tivesse fé no magnetismo acreditaria que elle me obrigava a estar ahi ás cinco horas. Foi-se tornando um costume, e quando percebi o perigo que poderia resultar, já meu coração me tinha vencido e eu não era senhora de mim, nem das minhas idéas, só me restou ao conhecer a minha fraqueza pedir perdão a Deus.

Oh! se eu tivesse tido um pae, uma mãe ao meu lado, as suas caricias me fariam esquecer os transportes do meu coração.

Se eu tivesse tido um irmão, um parente emfim, para em seus braços revelar-lhe os meus sentimentos, e pelos seus conselhos obter a força que me era tão necessaria, teria occultado no fundo d'alma o meu amor!

Todos os dias me sentia mais fraca, todos os dias pedia a Deus que me desse forças, todos os dias sentia augmentar o meu amor!

Ainda não contava dezenove annos. Poderá alguem accusar-me? mas quem o fizer de certo será de marmore, e não terá coração!

Todos os dias esse ente que tanto amava me enviava cartas; eu havia prohibido de as acceitarem. D'essa recusa soffria! mas era o meu dever, cumpria-o

Eu estava com a cabeça toda cheia das doutrinas do *Sacré-Coeur;* no meu amor via um peccado, porque não havia meio algum de poder pertencer legalmente ao homem que eu amava; vivia n'um verdadeiro martyrio, todas as noites nos meus sonhos figurava-se-me ver as chammas do inferno contra mim!

Era esta a minha vida, quando o sr. barão*** que eu conhecia de casa de minha tia, e que fazia emprestimos a juros exorbitantes, depois de receber uma carta minha, veiu a minha casa.

Digitized by Google

Expuz-lhe a minha posição e o desejo que tinha de obter um emprestimo grande, que me habilitasse a pagar a divida que eu tinha contrahido, e a poder fundar aqui, em Lisboa, um grande estabelecimento de educação.

—Pois quer tornar-se mestra de meninas? perguntou-me o barão *** admirado.

—E porque não? repliquei eu.

—E' porque sois bella de mais para vos encerrardes entre quatro paredes. Eu vou tratar de mandar preparar uma bella casa, continuou elle; tereis carruagens, camarote no theatro, eu vos promptificarei tudo o que desejardes, e se um dia a minha dedicação e o meu amor puderem tocar o vosso coração, dar-me-heis a esperança de me pertencerdes.

Ouvi tudo friamente; afinal as lagrimas corriam-me dos olhos, levantei-me e disse:

— Eu queria propôr a v. ex.ª o fazer-me um emprestimo; v. ex.ª propõe-me um mercado, já vejo que não nos podemos entender; desculpe que eu me retire.

Saí da sala e disse á criada que fosse acompanhar á porta o sr barão.

Quando a criada voltou para ao pé de mim, achou-me a chorar, mas esse pranto fez-me bem; e quando ouvi dar cinco horas, corri á janella. Aquelle amor tão dedicado era uma consolação á grosseria da declaração que eu recebera.

Elle olhou admirado para mim, e pouco depois mandou o seu criado saber pela Emilia se eu estava doente; a criada contou tudo e n'esse mesmo dia elle voltou com uma carta, que a Emilia apezar das minhas ordens acceitou, e que eu achei na minha cama ao deitar-me.

O meu dever teria sido guardar a carta, e tornar a envial-a intacta no dia seguinte; mas eu amava-o tanto! tinha soffrido tanto n'esse dia, que esperava achar n'essa carta um balsamo... abri-a!

Digitized by Google

Ao ler aquellas paginas cheias de tanto amor e de tanta resignação, agradeci a Deus a consolação que elle dava ás minhas lagrimas.

Passei uma noite agitadissima, e mais d'uma vez peguei na carta, que havia mettido debaixo da almofada, e cobri-a de ardentes beijos.

Emilia assim que me levantei pediu-me logo a resposta.

—Isso não faço eu, respondi-lhe; e voltando-lhe as costas dirigi-me á janella, esperando que a doce fresquidão da manhã viesse enfiltrar-me nas idéas a sua meiga suavidade.

Chovia, e *elle*, apezar d'isso, já estava no largo, escondido entre os montes de pedra com os olhos fixos na minha janella.

Não se pode descrever a impressão que eu senti! Tive pena de não ter mandado uma resposta á sua carta; queria para o consolar mostrar que o amava, e nada fiz senão deixar cair o cravo que tinha no peito.

Elle atravessou a rua, e eu retirei-me da janella.

N'esse dia vi-o mais uma vez que do costume; no principio apparecia só ás cinco horas da tarde; depois, tambem ás onze da manhã.

Vendo que o meu amor dominava tudo, resolvi voltar para França e ir viver com minha sogra.

Essa resolução era-me custosa, mas era a unica que devia tomar, e ella aconselhou-me a pôr escriptos, pensando que se eu arrendasse a casa, já isso seria uma ajuda ás despezas da minha viagem.

Sem mais reflectir, disse que se pozessem os escriptos.

A's quatro horas bateram á porta. Se a Emilia tivesse ido á porta, não a teria aberto, porque eu já lhe tinha recommendado que dissesse que a casa estava sob palavra; mas a cozinheira vendo uma pessoa que desejava ver a casa deixou-a entrar.

Digitized by Google

Eu estava ao piano cantando a romança *mon pays;* quando senti abrir a porta da sala, voltei-me, mas julgue-se qual seria a minha admiração! era elle! Não pude olhal-o nem dizer-lhe uma palavra, fiquei immovel como uma estatua; senti um frio no coração que me fez recear de cair desmaiada.

Elle pronunciou algumas palavras, que, no estado em que eu me achava, chegaram aos meus ouvidos como um som confuso! A sua voz fez palpitar violentamente o meu coração, e um calor ardente saiu-me ás faces.

Depois de um instante de morno silencio, com a voz ainda tremula, mal pude dizer-lhe:

—*Pourquoi êtes vous venu, Monsieur?!*

—Para a ver, para lhe poder fallar, respondeu elle; ha dois mezes que é este o meu unico desejo; nunca me concedeu uma esperança, uma só palavra em resposta ás minhas cartas. Hoje, vendo esses escriptos, e apontou para as janellas, senti perder a cabeça, temi que se fosse sem lhe poder exprimir o que meu coração sentia Oh! escute-me continuou elle, a um movimento que fiz para me retirar; tenho sido um extravagante, mudei desde o dia em que a vi.. . Se partir, abandonarei pae, familia, patria, tudo, tudo... mas seguil-a-hei e... se meu amor não fôr correspondido sei que morrerei... mas quero morrer onde se achar.

—E não sabe o senhor que eu sou cas...?

—Sei tudo, me replicou elle; desde o dia do séu desembarque tenho a seguido e tenho-me informado de tudo... amo-a como não é possivel amar-se mais que uma só vez na vida; e o dia em que eu desconfiasse não ser correspondido, morreria. Se um dia fôr viuva, juro pelo Deus que nos ouve de a receber por minha esposa; coisa alguma n'este mundo me fará faltar a esta sagrada promessa.

—Por piedade retirae-vos; amo-vos, mas retirae-vos.

Digitized by Google

—Sim, disse elle com voz firme.

E beijando-me a mão retirou-se.

Emilia, que tudo havia presenceado pelas vidraças de uma porta, entrou logo exclamando:

— Como sois amada, minha querida senhora!

—Não tenho forças para partir agora, lhe respondi; longe d'elle morreria! Eu amo-o, amo o comonão suppunha que se podesse amar.

Peguei na minha filhinha, cobri-a de beijos e durante todo o dia não a larguei um só instante.

No dia seguinte ao meio dia elle voltou e eu não tive força para o não receber!

Assim vinha todos os dias tão humilde e tão resignado, que eu me não sentia com a coragem de lhe prohibir essas innocentes visitas, e quando eram chegadas as horas meu coração desejava-as com anciedade.

Isto durou tres semanas! tres semanas, que aprendemos a conhecer reciprocamente os nossos genios, e que emfim, era impossivel viver um sem o outro.

CAPITULO XLIV

Um amigo de meu pae—Sr. Alfredo Martin—Abre! abre que é M.me Levaillant—Nova scena da coruja dos mysterios de Paris—Nos seus braços!!!—Laços indissoluveis—Duettos—Tenho a minha Mariquinhas— Procissão do Senhor dos Passos—Um lord em miniatura—Henrique—São Carlos—M.me Levaillant manda-me saudades—D. Julia—Sr. Eduardo—Cartas anonymas sem resultado—O jogo—A's dez horas chego a Cintra—Pequena reflexão—Encontro no hotel Victor—Sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca, (vulgo Monte-Christo.)

Tres semanas se passaram; tres semanas que ape-

Digitized by Google

zar da minha paixão não tinha faltado á nenhum dos meus deveres! parecia-me sempre que se eu commettesse uma falta, os castigos todos do ceo cairiam sobre a minha cabeça.

Um dia veiu o sr. F. P A. dizendo-me que tinha chegado do Rio, que era amigo do meu pae.

Apressadamente o mandei entrar; quando abri a porta da sala vi um individuo de pé, que examinava as musicas que estavam sobre o piano.

Elle voltou-se e disse-me logo:

—Estimo muito vel-a, minha senhora; eu sou compadre do senhor seu pae, chego do Rio incumbido por elle de a resolver a ir para lá... .

Foi tudo isto tão apressadamente, que o homem parecia um papagaio repetindo uma lição.

—Eu não conheço a v. s.ª, lhe disse eu.

—Isso é verdade, tornou elle, porque a menina deixou o Rio, e eu nunca a vi em casa de seu pae, mas sim algumas vezes em S. Domingos; nunca lhe fallei porque eu não ia a casa de sua mana em consequencia de estar indifferente com seu cunhado, mas tive bastantes occasiões de a admirar.

Este senhor pareceu me um tanto comprimenteiro e para acabar, disse-lhe:

—Peço que queira ter a bondade de mandar dizer a meu pae, que eu não estou resolvida a ir para o Rio de Janeiro, não só por ser uma terra contraria á minha saude, mas porque não devo ir áquelle paiz, e estou presa com dividas aqui em Lisboa.

Retirou-se depois de me prometter que assim que chegasse ao Rio faria decidir meu pae a combinar com os meus desejos.

A's cinco horas quando veiu o sr. Henrique Pires, (era este o nome da pessoa que havia obtido todo o meu affecto) contei-lhe essa extraordinaria visita. A's seis horas havia-se elle retirado. Eu fui ao pé da janella acabar de tirar a linda vista d'aquella parte do

Digitized by Google

Tejo, que me ficava fronteira, quando meia hora depois bateram á porta e a criada veiu dizer-me que o sr. Alfredo Martin desejava fallar-me

—Faça-o entrar, lhe disse eu muito admirada de similhante visita.

—Estás espantada, Josephina, da minha vinda a tua casa, não é assim? disse elle entrando na sala e chegando-se perto de mim.

—Não pouco, sr. Martin, lhe respondi; depois da maneira por que fui recebida em casa de M.me Levaillant.

—Mas tu não sabes, continuou elle, que sempre fui teu amiguinho, e quando eras pequenina me chamavas sempre papá? Do que se passou em casa de tua tia, não tenho eu culpa; tu não sabes que ella me martyrisava, se lhe não fizesse tudo quanto queria? Soffro e d'esses soffrimentos heide morrer!!... Sou muito infeliz, Josephina!...

E o pobre sr. Martin ao dizer-me isto, suffocou-se, e duas lagrimas brilharam nos seus olhos.

Disse-lhe algumas palavras de consolação afim de infundir alguma coragem n'aquella alma tão abatida, e n'aquelle coração tão despedaçado.

—E's a unica pessoa que podes comprehender-me. Deixa-te tratar como quando eras pequena, sê minha filha e eu ao pé de ti virei ás vezes buscar a coragem que me é tão necessaria.

—Eu tambem sou infeliz, sr. Martin, lhe respondi; mas acredite que quando cá vier esquecerei os meus pezares para lhe dizer que no meu coração sempre lhe reservarei uma grata amizade, porque se não fosse o sr. Martin, minha tia não me teria conduzido ao *Sacré-Coeur*.

—Tu eras uma flor que devia ser cultivada com muito cuidado, e por isso é que resolvi tua tia. Mas pelo que me contaste deves estar em grandes apuros de dinheiro; guarda pois isto.

Digitized by Google

E deu-me um embrulho de papel.

—Não devo acceitar, sr. Martin, se minha tia soubesse...

—Mas tu não te lembras, me replicou elle, que tua tia se apoderou de tudo que trouxeste do Rio de Janeiro, d'uma escrevaninha que tanto estimavas, e de algumas joias que tu amavas loucamente por terem sido de tua mãe?... pensando n'isso acceita.

Não recusei emfim, ficando sinceramente agradecida, porque eu estava quasi sem dinheiro.

Quando elle se retirou, abri o papel e achei tres notas de vinte mil réis.

Fiquei tão contente com este dinheiro que jantei com satisfação; uma hora depois deitei a minha filhinha, e fui para o piano Não estava porém ainda no meio da peça *Traviata*, quando sinto abrir com força a porta da rua; assustada disse para a costureira que havia ficado aquella noite em minha casa:

—Que será este barulho .. ouviu, Emilia? perguntei voltando a cabeça para a alcova onde ella se achava

—Provavelmente foi cá em baixo no primeiro andar, respondeu-me ella.

Vendo que se não repetia o estrondo continuei a tocar; mas bem não tinha posto os ded s sobre as teclas quando se sentiu bater na porta de cima; e em seguida uns murros que parecia quererem arrombar a porta, e uns gritos de

—Abra... abra... quando não deitamos tudo abaixo.

A costureira que era muito corajosa perguntou:

—Quem é?

—Abra que é M.me Levaillant, disse uma voz fraca e desentoada.

Ainda bem Emilia não tinha aberto a porta, que M me Levaillant, entrando pela casa dentro esbaforida, se chegou para mim com os braços alçados, e os olhos

Digitized by Google

parecendo saltarem de suas orbitas, e espumando de raiva bradar furiosa:

—*Vous êtes une canaille, vous êtes...*

Por decencia não posso repetir as baixas e infames expressões com que M.me Levaillant mimoseou sua sobrinha.

Fiquei impassivel, porque não estando acostumada com grosserias, parecia-me que todas as baixezas que acabava de ouvir não me podiam ser dirigidas.

—Assente-se, minha tia, disse eu para ella, explique-se que eu lhe responderei.

—Infame!... tornou ella.

—Oh! minha tia, interrompi eu, se não considera que está na *minha casa*, tenha decencia ao menos para a vizinhança, que não estando acostumada a ouvir barulho em minha casa, julgará que se está assassinando alguem.

Porém ella continuou gritando de tal modo que nada pude perceber ficando atordoada de similhante berraria. A costureira agarrou-a pelos braços, por detraz, para me livrar das pancadas que ella se dispunha graciosamente a offertar-me. Apezar do estado convulso em que me achava, ainda pude dizer-lhe:

—A sua conducta para comigo é inqualificavel!

—Cale se cale-se, infame, repetiu ella; negue, negue se é capaz, que o sr. Alfredo Martin não esteve cá hoje.

—Não nego a verdade, lhe respondi.

—Pois negue, negue, continuou ella, que elle não é seu amante!

—Pois poderá suppor que eu tenha tão poucos sentimentos?!...

—Porque? me interrogou ella.

—Porque não preciso dos seus restos; respondi eu já fóra de mim, e sem mais paciencia para continuar tão ridicula scena.

—Ella confessa, ella confessa, bradou M.me Levaillant allucinadamente perdendo toda a similhança de uma

Digitized by Google

creatura humana, tornando-se uma furia saida dos abysmos, que o fogo maldito faz saltar e gritar.

Parecia-me estar debaixo de um *cauchemar*, e que era impossivel aquella scena ter realidade. A costureira e Emilia pegaram em M.me Levaillant, conduziram-a para o patamar da escada e fecharam-lhe a porta. Quando se chegaram ao pé de mim, estava já presa de horriveis convulsões, que todas as impressões d'aquelle dia e a escandalosa scena da noite haviam motivado. Todos perderam a cabeça; a costureira foi chamar-me um medico, ella receava ter uma tão grande responsabilidade, pediu ás vizinhas do primeiro andar que haviam subido depois de M.me Levaillant descer, que me não desamparassem, e saiu correndo.

O que se passou durante o meu desmaio não sei.

O certo é que tornando a mim achei me nos braços de um homem; affirmando-me n'elle reconheci o sr. Pires, e vi as criadas banhadas em lagrimas.

Contaram-me depois que emquanto foram chamar o medico, Emilia receando que M.me Levaillant voltasse a fazer-me nova scena, fôra á pressa a casa do sr. Pires contar-lhe o que se havia passado.

Oh! eu tinha soffrido impressões bem fortes durante todo aquelle dia, mas nenhuma como a que acabava de experimentar. Achar-me assim nos braços de um homem que me amava e que eu adorava! Fui fraca!! mas a quem me julgar culpada, direi, como na sagrada Escriptura, que me atire a primeira pedra.

No dia seguinte eu já não pertencia a mim, elle é que governava, elle é que era tudo para a minha alma.

Quando se retirou, fechei-me no meu quarto, e fiz um profundo exame de consciencia; *ella* de nada me accusou, e foi com immenso prazer que abracei minha filha.

Quando elle voltou ás tres horas achou-me sentada sobre um sophá com minha filha nos braços.

—Tenho ciumes de tua filha; mas tu amas-me? me perguntou elle com indizivel amor.

Digitized by Google

—Não o conheces, não o sabes tu? lhe respondi escondendo o meu rosto nos seus braços.

Conversámos sobre o prazer de se amar verdadeiramente, até ás quatro horas. Fomos jantar, no fim do qual me prometteu de voltar ás sete horas.

Pouco antes d'essa hora, grande foi a minha admiração de ver entrar uma caixa com diversos objectos que Emilia me tinha ido empenhar.

— Que é isto, Emilia? perguntei.

— Foi o sr. Pires, que me pediu de lhe dizer aonde estavam os penhores de M.me

A's horas do costume appareceu elle por entre os montões de pedra, onde eu o via todos os dias; comprimentou-me rindo-se e subiu.

Quando me abraçou conheceu que eu tinha chorado, e percebendo o motivo disse-me:

—Tu és uma creança e não me amas, Josephina; não estamos nós casados pelos laços mais indissoluveis? Sendo teu marido não devo olhar para tudo da tua casa? E não prometteste ser-me obediente? Se te vejo ainda chorar, pensarei que me não amas como desejo. Eu pertenço-te como tu me pertences; promettes-me que não te verei nunca mais triste por similhantes motivos?

Eu amava-o, e elle cada dia parecia amar-me mais. Oh! como eu era feliz, meu Deus! como eu era feliz!

Assim se passaram os primeiros dias do nosso amor, cheios de encantos, de felicidade, e de amizade.

Eu que tinha calcado aos pés todos os meus deveres, eu que tinha feito calar a voz dos escrupulos, eu era feliz! Elle amava-me tanto!!! e porque havia de eu ter remorsos? trahia porventura alguem? Não. Remorsos... e porque os havia de eu ter?

Por escura noite tinhamos ido ambos ao largo da egreja das Chagas; davam onze horas no relogio da torre. O ceo de um azul ennegrecido, bordado de scintillantes estrellas, cobria as nossas cabeças.

Digitized by Google

A viração ligeira e suave baloiçava a rama das arvores que rodeam o adro da egreja, fóra do transito publico. Os montes d'além, divididos pelas aguas do soberbo Tejo, que lhe fica aos pés, viam-se ao longe em negros vultos, como sombrias visões.

Ali n'aquella liberdade ampla, fóra das vistas do mundo, isolados, ajoelhámos á porta da egreja, e dando a mão um ao outro, não fizemos o mais solemne dos juramentos?

Não fomos ali, com as nossas consciencias verdadeiramente puras, receber a mais sagrada das bençãos — a de Deus! A do Creador sómente?!!

Os nossos dois anjos da guarda, quando ali ajoelhados dirigiamos a Deus a mais fervorosa das orações, não subiram elles ao ceo, não foram curvar-se aos pés do throno do Omnipotente, e entregar-lhe a nossa petição? A de nos abençoar e proteger?!!

Assim erguemo-nos juntamente, e no abraço extremoso que então demos na effervescencia do nosso amor, estavamos casados aos olhos de Deus, e por Deus!

Este era um casamento indissoluvel, pois tinhamos tido por sacerdote o proprio Deus, e os anjos da guarda por unicos padrinhos.

O mundo ia criticar-me, e eu achava-me mais soberba do que esses reis d'algum pequeno canto da Italia, que se julgam tão soberbos quando o Santo Padre lhes abençoa o matrimonio

Sim, Henrique amava me, e eu adorava-o!

Por isso eramos felizes, e estavamos orgulhosos do nosso amor!

Um mez depois d'este acontecimento, recebi o bahú que tinha ficado por garantia em Southampton.

Dirão talvez: essa mulher vivia criminosamente; e é esta uma arguição tão infame ou tão sublime!..... Infame quando uma mulher faz preço para se entregar a um homem. Sublime, quando dois entes se amam e se ligam pelo coração.

Digitized by Google

Quanto não é mais admiravel duas creaturas que vivem assim, que alguns d'esses casamentos que se fazem por vil interesse, e vis ambições. Oh! esses casamentos é que são umas vendas infames.....

Eu amava Henrique! eu idolatrava-o, e na presença de Deus haviamos feito uma promessa. A minha consciencia de nada me accusava.

A opinião do mundo, que me importava, não era eu superior a ella?!...

Oh! sim, e por isso desde o momento em que eu me entregava a um homem e que o meu amor por elle acabaria só com a minha vida, entendi que tendo eu morrido para meu marido, devia deixar o meu nome de esposa, e tomar aquelle de quando era solteira, pois com elle tinha nascido e com elle devia morrer.

São pequenos escrupulos esses, em que já se não repara n'este seculo em que vivemos, mas que todas as pessoas de consciencia devem respeitar, pois esse é o dever.

Passados alguns mezes, mudámo-nos para o largo de S. Roque n.º 49, uma linda casa de azulejos.

Henrique não queria que eu me importasse de nada; e era-me tão doce deixar-me guiar por elle!! Passavamos as tardes, eu a cantar e elle acompanhando-me ao piano; outras vezes eu tocava e elle acompanhava-me com a rebeca, que tocava divinamente. Oh! como eramos felizes! e pensar eu que tudo se acabou, e que eu não estou morta!!! E' porque não ha soffrimento moral que possa matar.

Henrique teve que ir ao Alemtejo em consequencia de uns negocios de seu pae; poucas semanas depois do seu regresso tive uma menina, que nós mandámos baptisar com o nome de Maria Henriqueta. E' esta creança que eu adoro tanto e que muita gente me tem accusado de não estimar. Estas pessoas é que não comprehendem o verdadeiro amor de uma mãe.

Digitized by Google

A creança que não sabe, que não tem ainda a intelligencia precisa de conhecer um perigo, chora, e quer que lhe deixem brincar com um vidro em que as suas mãosinhas se podem ferir, e o corpo mutilar. Muitos dizem que é uma falta de amizade negar-se-lhe este brinquedo; eu nunca o pensei assim, e negava-o á minha Mariquinhas, embora se desfizesse n'um pranto que me affligisse a alma, sem ter forças de o minorar, condescendendo com os absurdos desejos que a ignorancia dá ás creancinhas.

Estupidas censuras essas, que se julgam habeis a ajuizar do extremo que vae do peito d'uma mãe ao coração de uma filha!

O amor materno pode ser o mais dedicado, o mais extremoso, sem por esse motivo deixar de ser o mais humano e benefico aos proprios defeitos das creanças.

Oh! quanto do fundo d'alma eu agradeci a Deus por me dar essa filhinha que veiu ser mais um sentimento para meu coração, um novo amor e consolo para a minha existencia, uma meiga companheira para sua irmã!

Henrique sabia c mo eu era extremosa mãe; mas como elle me amava extremosamente, receiando que a creança me fizesse perder noites, decidiu que a pozessemos em casa de uma ama, de uma excellente creatura que nos jurou que teria por ella toda a dedicação e todos os carinhos possiveis Iamos vel-a quasi todos os dias, e eu suspirava por que ella estivesse já desmamada para a poder ter constantemente nos meus braços e na companhia da minha Titine (Clementina).

Depois d'essa epoca é que começámos os nossos passeios a cav llo, e que eu principiei a conhecer bem os lindos e pittorescos arredores de Lisboa.

Algumas semanas depois passava defronte das nossas janellas a procissão do Senhor dos Passos, d'essa admiravel imagem que inspira tão profundo respeito. Debaixo do andor iam algumas fidalgas descalças, e

Digitized by Google

acompanhando iam alguns fidalgos mostrando as suas bellas calvas.

Um dia seria uma hora da tarde, quando uma das minhas criadas veiu dizer-me que estava á porta um senhor que desejava fallar-me.

Quando entrou o dito senhor na sala, vi quasi um *lord*, perguntei-lhe o motivo da sua visita, elle depois de muitos rodeios, e de muitas palavras sem fim. fez-me uma ardente e apaixonada declaração.

Era a segunda declaração a *brule pourpoint* que eu recebia; mas confesso que fiquei pasmada, pois um homem que se atreve, sem mais nem menos, a entrar em casa de uma senhora dando por unica desculpa que não tinha outro expediente visto ella nunca responder ás suas cartas, é na verdade pasmoso atrevimento!

Levantei-me logo, mas elle agarrou-me pelo braço pedindo que o desculpasse. Um vivo rubor me subiu ás faces dizendo com voz firme: *voyez*, e mostrando o meu braço, querendo que elle visse a sua brutalidade. Elle não percebeu, ou fez por isso, e respondeu como se eu-lhe tivesse mostrado as rendas despedaçadas da manga do meu vestido de moiré preto:

—Que importa um vestido? seja minha e metterá inveja a todas as senhoras de Lisboa.

Apertei minhas mãos uma contra a outra convulsivamente, dizendo comigo: Julgam te *une femme galante*, Josephina Este pensamento fez-me chegar as lagrimas aos olhos.

Provavelmente a minha physionomia deu a conhecer os meus pensamentos, porque o sr. J. J. G., chegando-se para mim. disse:

—Eu não a conhecia, minha senhora; essa deve ser a minha desculpa; se um dia se achar em lagrimas, tudo quanto estiver na minha mão farei para enxugal-as.

Assim que elle saiu vejo abrir-se a porta do meu gabinete, e apparecer no seu vão a figura do sr. Pi-

Digitized by Google

res. Corri para elle deitando-lhe os braços em volta do pescoço; elle deu-me um beijo na testa dizendo-me:

—Tu és um anjo, Josephina! estive n'este gabinete, tudo ouvi; nem riqueza, nem grandèza te fizeram annuir a abandonar-me.

Meu Deus! elle agradecia-me o meu dever e o meu amor!!

Dias depois, fomos ao theatro de S. Carlos, camarote n.º 29. Vi na segunda ordem (em frente) um camarote tão cheio de senhoras que a curiosidade me fez para lá deitar o oculo... o que vi eu? em logar de senhoras, quatro ou cinco grisettes. Eram as costureiras e modistas de M.me Levaillant. *Chasser le natural, il revient au galop*... E' um ditado bem verdadeiro, por que essas senhoras, que estavam muito direitas a quererem *linger* quem viam, assim que fizeram alguns movimentos, mostraram logo que em logar dos laços e enfeites que tinham na cabeça, não usavam em França senão a touquinha branca de grisette.

No dia seguinte veiu dizer-me um caixeiro, que M.me Levaillant me mandava saudades e saber porque não ia eu a sua casa.

Depois do recebimento que M.me Levaillant me fizera, era esse mandado a minha casa uma excentricidade da sua parte.

Como me viam muitas vezes entrar em casa de Lombré, provavelmente era um pé, de que se servia M.me Levaillant para ver se me apanhava por fregueza da sua casa.

Mudámo-nos para a calçada do Combro n.º 13. Dizia-me Henrique que tinha muito gosto que eu morasse perto da sua familia, e que um dia eu devia ir de caleche com minhas filhas ao Campo Grande, e que elle iria lá ter com sua irmã Julia, porque queria que nós nos conhecessemos. Mas eu logo lhe disse que não. Apezar do desejo que eu tinha de abraçar uma irmã

Digitized by Google

que elle tanto amava, não queria nunca que ella suppozesse que me fazia n'isso um favor.

De todas as suas irmãs, o sr. Pires conservava quasi uma adoração por aquella; não só porque tinha talento, mas por possuir um excellente coração, cheio dos mais delicados e nobres sentimentos; e eu sem a conhecer tinha-lhe uma sincera amizade.

Quasi sempre quem saía comnosco a cavallo era o primo de Henrique, o sr. Joaquim Pires. Raras vezes o seu irmão o sr. Emygdio nos acompanhava; quando iamos no cal·che vinha muitas vezes o seu irmão Eduardo, tão desgraçado porque a natureza o desfavoreceu, formando o tão desairoso (quasi) como a figura de Quasimodo de *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo; em compensação deu-lhe os mais admiraveis talentos.

Parece incrivel que sendo tão aleijado, desenhe e pinte tão lindas paizagens, fazendo tanta honra ao seu mestre Annunciação, um dos artistas mais distinctos d'este genero de pintura em Portugal.

O caracter do sr. Eduardo Pires é extremoso e consagra a suas irmãs a mais louca admiração.

Este affecto do amor fraternal é justo, porque ellas o merecem em todo o sentido.

N'essa epoca é que principiaram as cartas anonymas a cairem em casa. Eu não as mostrava todas ao meu Henrique, e elle fazia o mesmo, de maneira que os autores perdiam o tempo

Um sabbado foi o sr. Pires a Cintra, como costumava, para voltar na segunda feira; n'este dia não o vejo regressar e recebo apenas uma carta na qual me dizia que não podia vir n'aquelle dia, porque tinha perdido muito ao jogo, e que em quanto não arranjasse dinheiro se veria em grandes embaraços.

Assim que acabei a leitura d'aquella carta, que me trazia a declaração das tristezas que o sr. Pires tinha, o que ás vezes era quasi uma desesperação, que elle nunca me quizera explicar... comprehendi tudo... O

Digitized by Google

sr. Pires jogava!! não que elle gostasse d'esse infernal divertimento; começava para se entreter, e acabava perdendo fortes sommas.

Oh! esse maldito jogo tem sido a ruina de muita gente, a desgraça de muitas familias!!! E estarmos n'uma terra civilisada que não tenha uma lei que faça applicar um castigo rigoroso ás pessoas que seduzem filhos de familia para jogarem, e usurparem-lhe tudo! que os fazem encher-se de dividas, sem meios de salvar-se, e morrerem de desesperação, porque um pae em extremo severo ficou surdo á sua confissão, ao seu pedido, ao seu arrependimento!!!

O sr. Pires morreu em consequencia do jogo; se a minha voz podesse ser attendida, com toda a força gritaria: vingança, vingança, contra os autores d'esse jogo.

Acabando de ler aquella carta que me restava fazer? Ir leval-a a seu pae? Não, que elle era inexoravel e insensivel. Meditei um instante e tomei uma resolução, que era a de arranjar o dinheiro que podesse e levar-lh'o a Cintra.

Immediatamente comecei a encher bahus e caixas com os meus vestidos, chales e outras diversas roupas, e tudo que eu tinha de bijoutarias, e em quanto cada uma das criadas ía a differentes lados arranjar-me dinheiro, mandava o criado buscar um trem para ir a Cintra. Disse á ama que estava em casa n'esse dia, que se preparasse para vir com minhas filhas e comigo.

Quando me chegou o dinheiro eram sete horas da tarde; immediatamente nos mettemos no trem, que partiu a toda a pressa.

Quando chegámos a Cintra eram dez horas da noite; fiz prevenir o sr. Pires, que ficou espantado de me ver.

—Não jogues, não jogues, que isso hade ser a tua perdição; bradei eu logo deitando-me nos seus braços.

Digitized by Google

Creança!... já ganhei, me respondeu elle.

— Tu dizes isso para me consolares repliquei eu; não podes voltar a Lisboa porque deves, ahi está dinheiro, paga e voltaremos juntos para a cidade.

Dizendo estas palavras deitei sobre a mesa uns cartuchos que tinha na algibeira, que ao cairem romperam o papel, ficando as libras espalhadas sobre a banca; eram 360$000 réis.

—D'onde te veiu tanto dinheiro? perguntou elle tremulo e meio suffocado.

—Vamos, vamos, em Lisboa tudo contarei.

— Oh! Josephina, replicou elle, pondo as mãos sobre o coração; e assentou-se.

Fiquei admirada... mas depois de pensar um instante, percebi... e para o aliviar, disse-lhe:

— Tudo de casa está fora, empenhado.

Ao ouvir isto levantou-se e apertou-me com tanta força contra o coração que pensei ficar suffocada.

Depois de chorarmos e abraçar-nos, resolvemos que só dois dias depois voltariamos para a cidade.

No outro dia, estava eu tão contente pensando que elle nunca mais jogaria, que cheia de alegria visitei, ao seu lado, as principaes quintas de Cintra.

Foi d'esse modo que pude bem examinar essa encantadora e pittoresca villa.

Alguns dias depois de voltarmos a Lisboa pôde elle arranjar dinheiro; immediatamente m'o entregou para eu mandar buscar o que por amor mandara empenhar.

O nosso amor parecia augmentar de dia em dia, e isso não era de admirar porque a sua base era a nossa reciproca amizade e estima.

Não acredite ninguem que possa existir um verdadeiro amor no coração de um homem se elle não tiver consideração para o ente que diz amar.

Ha homens que buscam o hymineo para acharem uma posição; esses homens procuram uma mulher que pela sua familia e relações lhe possa melhor favore-

Digitized by Google

cer o adiantamento; se teem ambição de chegarem ao poder procuram ás vezes que não tenha fortuna..... Esperteza! porque d'esse modo todos... que não sabem da historia dizem: que homem tão desinteressado... que nobre caracter!!! E assim se dá um grande passo... Ha homens, que pelas suas loucas extravagancias teem mais que trabalhado que outros, e então o que fazem? Ligam-se com familias, das quaes pae... mãe... filhas .. filhos .. Estas reticencias supprimem o que por decencia não posso, nem devo dizer... Então o que acontece? É que essa familia que está perdida de reputação... de quem ninguem faz caso, porque póde o mundo perdoar a uma mulher que se vê só no mundo, sem amparo, sem abrigo, sem parentes, o acceitar uma protecção; mas o mundo não pode nem deve perdoar a uma familia aonde só *reina* o vicio, a uma familia que para satisfazer os seus caprichos, o chefe esgota todos os rendimentos com *bailarinas* e *quadros-vivos!* a mãe, com os lacaios que sempre prefere aos seus mais caros admiradores! as filhas com priminhos e certos... velhos, que promettem a sua fortuna, e offerecem sua casa para o dia do noivado!!! Oh! oh! oh!

Essas *donzella*: gastam o que recebem de sympathicos *baõres* com mulheres que lhe deitam cartas, e que lhe ensinam quantas coisas immundas se podem inventar para fazer cair algum passaro que sirva para capa.

Essas honradas familias querem figurar, tomam relações com velhas marquezas de caracter como o de *La Bourbe*, de um deboche e devassidão sem limites. Juntam-se todas a jogar o cassino ou outros jogos innocentes, aonde mãe e filhas sabem uns certos e determinados signaesinhos, e a um celebre movimento, as virtuosas meninas começam a olhar amorosamente para os rapazes e filhos de familia, que se ajuntam n'essas casas para jogarem, e para conseguirem n'uns *ga-*

Digitized by Google

binetes, ou na escada... o que fóra lhe custaria mais, e que ali por um annel, uma pulseira... lhes era uma facil conquista.

Os rapazes que um d'aquelles olhares, uma d'aquellas tocadellas de pés por baixo da mesa, faz subir o sangue á cabeça e extasiar a vista, já não sabem o que jogam... com a pressa de sairem. Uma das donzellas em quanto elle se está despedindo do honroso papasinho, saíu pela porta de um gabinete, e vae encontrar-se no patamar com aquelle que é o seu favorito.

Todos ficam satisfeitos. Um por que pensa ter comido o fructo prohibido; a menina porque o seu apaixonado d'aquella noite prometteu trazer-lhe uns bolos e uma pulseira; o papá e a mamã, egualmente satisfeitos, acabam por contar as libras que aquelles pobres incautos passaros deixaram ahi como se fossem pennas. Deitam contas... chega para muitas coisas... e até para irem no verão para Cintra.

Não ha coisa melhor. O pae figura com as suas bailarinas, a mamã com os seus soirées... e as *innocentes* meninas com os seus luxos; mas quando vão ao passeio baixam os olhos andando muito direitas para passarem por santinhas.

Chega então uma epoca em que os passaros erguem seus vôos para longe porque ficaram sentidos da enormidade de pennas que lhe arrancaram.

A' vista d'esta deserção diz a mamãsinha: é tempo de agarrarmos um para casar com a nossa M. G. ou B...

Sim, replica o papá, porque se a menina chegar aos trinta annos, será então muito difficil. Eu lancei meus planos sobre J... diz o papá, porque é ambicioso. Não podemos dar grande coisa, mas promettendo de lhe alcançar brilhantes empregos... de o fazer chegar a... elle casa! elle casa!

Sim, affirma a mamã; e trata-se logo de convidar J... a jantares. A menina deita-lhe olhos ternos e sentimentaes; elle pede o que os favoritos lhe pediram.

Digitized by Google

Oh! a innocente creatura esconde o rosto envergonhado; apenas dá ternamente um beijinho.

O passaro vê-se luctando com difficuldades (que outros não acharam) e diz por fim—casarei.

Pede... é acceito com grande contentamento. Casa... e todos ficam satisfeitos com a capa!

A's vezes pode ser que sejam alguns passaros ja velhos e mestrões, e para que elle não escape, dão-lhe o fructo que, pelos cuidados, e agua especial que lhe ensinou certa *marqueza Ratinha*, está verde, cada vez que se quer.

A todos os favoritos diz a donzella com as faces encarnadas e os olhos baixos: Estou perdida... comeste o fructo verde!

Um que não era tolo, e que não precisava para as suas conveniencias fazer julgar que tinha dado o salto primeiro, respondeu á virgem: quantos terão comido o fructo antes de eu sequer o cheirar!... Palavras fataes! D'esse dia em diante ficou desarriscado do rol dos favoritos, e deixaram de o convidar aos interessantes soirées!

Mas quando um homem que para as suas conveniencias tem que fechar os olhos, pede a donzella em casamento, é recebido, festejado, accariciado... não ha um soirée, uma noite de theatro, uma ida a Cintra, ou um passeio qualquer para que o não roguem.

Sabe-se na cidade a noticia d'esse casamento.

Descem o Chiado; entram no passeio. Lá senta-se ao pé da santa donzella, pondo o braço estendido pelas costas da cadeira onde está aquella virgem assentada, piza-se amiudadas vezes o pésinho, ella falla meigamente, cora a cada instante. Elle pensa que é o effeito da sensação do pésinho... e é por ver passar um dos antigos favoritos...

O *especulador* que vê aquelle rubor, diz logo comsigo: ella será minha mulher, e eu serei talvez commendador... deputado... barão... e até mesmo marquez ou

Digitized by Google

ministro d'estado... o pae pode fazer-me chegar a tudo!

No genero d'esta ha muitas caricaturas miseraveis!!!...

Muitas pessoas teriam desejado que o sr. Pires se casasse; offereceram-lhe mesmo partidos vantajosos, mas elle que se achava sufficientemente feliz, nada acceitou.

Posso dizer que poucas senhoras terão sido amadas tão dedicadamente como eu o fui.

Hoje não me resta d'esse amor senão saudades e recordações; mas d'essas recordações vive feliz meu coração.

Nada ambiciono no mundo senão poder deixar antes da minha morte minhas filhas amparadas; depois quando Deus me chamar, irei, senão com alegria, ao menos com a esperança de lá perto do seu throno encontrar o ente que tão verdadeiramente amei, e que tão bem soube comprehender-me e amar-me!

Os casamentos que appareciam ao sr. Pires, e que elle rejeitára, a esses offerecimentos que teriam illudido qualquer orgulhoso, não o fizeram mudar; pelo contrario, longe de diminuir o nosso amor, tornaram-se mais indissoluveis as nossas sympathias.

Uma occasião, estavamos em Cintra, seriam talvez *Ave-marias*, eu estava n'uma sala que dava para o jardim. Quem conhece o hotel Victor sabe a sala que é. Entrou o sr. J M. F. F.; começou a fallar em varias coisas e acabou por dizer-me: deve recordar-se de quando era pequenina, que estava em casa de sua tia, que eu lá ia e brincava muito com os seus bonitos, e dizia-lhe sempre ser muito seu amiguinho, lembra-se?

Um instante estive a ver se me podia recordar; porém como a casa de minha tia iam muitas pessoas que me faziam festa, e gostavam de mim por ser uma creança de cabellos louros e estar sempre contente; não me veiu logo á idéa quem era, algumas palavras

Digitized by Google

do sr. Pires, que entrava n'aquelle instante, fizerám-me conhecer quem era essa pessoa, que então me fez tantos offerecimentos, e que me mostrou depois quando eu me achei em desgostos e em lagrimas, que nunca se deve contar com o obsequio de ninguem.

Amava o sr. Pires, oh! amava-o com toda a força da minha alma! dizer que o nosso amor foi como um céo que nunca escureceu, era mentir.

Forte e verdadeira, como era a nossa paixão, jamais poderia existir n'uma tranquillidade monotona.

Eu não posso comprehender esses sentimentos de *lua de mel* entre duas creaturas que dizem estar ligadas por amor, e que vivem sempre muito amiguinhas, sem discussão e sem desconfiança.

Isto nunca pode existir sem que uma engane a outra.

A mulher que supporta tudo do homem, sem lhe dizer palavra, é porque o não ama, ou porque o atraiçoa; porque a mulher que ama sinceramente e que é toda dedicada a um homem, se ella não fôr inteiramente estupida, encontrará no seu amor a energia necessaria para dizer a esse homem as verdades que lhe inspirar o coração; ainda que elle faça o que fizer, ella terá a força da sua franqueza.

O nosso amor era tempestuoso, porque era forte, sincero e verdadeiro, por isso que durante tres annos vivemos um para o outro, passavamos dias em que nunca sentimos o que se chama *um refroidissement*.

Muitas vezes nas noites de luar saiamos quasi sempre sós, assim nossas almas confundiam-se n'um só pensamento.

Que differença do nosso amor tão puro, tão sublime, em comparação de alguns que existem!!! N'esta epoca desprezivel, em que ha homens que dizendo amar uma mulher, lhe dão conselhos de acceitar um protector *rico*, e elles ficarem o amante do coração... o substituto!!!

Não se julgue isto uma exaggeração minha. Pode-se

Digitized by Google

acreditar. Ha homens bastante vis, e que fazem estas propostas infames!

Eu teria desejado achar-me n'uma posição independente para não ver Henrique desgostoso dos nossos soffrimentos financeiros; mas não havia recebido de meu pae senão respostas evasivas, mostrando-me grandes desejos de que voltasse para o Rio, mas a respeito de me mandar dinheiro, não me dizia nem sim, nem não.

Julguei que o melhor meio de obter o que desejava era dirigir-me a terceira pessoa que me obtivesse de meu pae o que me pertencia da minha mãe.

Aconselharam-me de me dirigir ao sr. A. J. d'O. Henrique fez uma leve indagação e disse-me que eu fazia mal, porque lhe haviam dito que esse senhor era de um caracter egoista, e incapaz de fazer um serviço, que lhe não rendesse moedas.

Poucos dias depois disseram-me que havia chegado do Rio uma pessoa que merecia a consideração de todos pela quantidade de seus milhões; e que meu pae não deixaria de attender a uma carta que elle lhe dirigisse.

Essa pessoa era o sr. Manuel Pinto da Fonseca.

Escrevi-lhe uma carta, remettendo dentro d'essa uma para meu pae.

Dois dias depois veiu o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca a minha casa, dizendo-me que tendo conhecido meu pae no Rio de Janeiro, tinha immenso gosto de me obsequiar. Que minha carta já estava em viagem.

—Mas eu julgava, me replicou elle, que a minha vizinha não precisava de coisa alguma, e que o sr. Pires cumpria todos os seus desejos.

—E' verdade, disse eu, mas o sr. Pires é filho de familia, e eu não quero que elle se sacrifique por mim.

—Mas elle tem obrigação de olhar para tudo, replicou o sr. Fonseca.

Digitized by Google

—Elle diz o mesmo, exclamei eu; mas desejo achar-me n'uma posição independente para lhe poder mostrar quanto a minha amizade é desinteresada, e para poder chegar a essa posição é que eu escrevi a meu pae.

Entrou o sr. Pires de fora, conversámos então do Rio de Janeiro e de varias familias que eu lá conhecia.

O sr. Fonseca deu-me a noticia de que a familia Guido tinha deixado o Rio e estava em Montevideo.

Quando o sr. Fonseca se levantou, offereceu-lhe o sr. Pires a nossa casa, e trocaram-se os seus adreços.

Quando nos achámos sós, disse-me o sr. Pires:

—Todos procuram ter relações com o sr. *Monte Christo*, porém eu procurarei sempre fugir d'ellas.

—E porque razão? perguntei eu.

—Nada, idéas que nada significam.

E foi sentar-se ao piano depois de me abraçar.

Alguns dias depois, estava eu cantando ao piano, e Henrique acompanhando-me com a rebeca, quando entrou o sr. Fonseca.

—Estimo muito vir n'esta occasião, nos disse elle, para ter o gosto de ouvir uma pouca de musica.

Mas foi-me impossivel cantar, e apenas toquei algumas variações do *Roberto do Diabo*, que o sr. Pires acompanhava divinamente.

O sr. Fonseca gostou tanto de nos ver tão bem unidos, e da harmonia que existia no nosso amor, que d'esse dia em diante datou a nossa amizade.

Durante a narração de Henrique, contando-lhe o abandono de minha familia, o meu isolamento, e a minha constante coragem, vi os olhos do sr. Fonseca mais de uma vez banhados em lagrimas e fitos em mim.

Quando elle se levantou para se ir disse-nos:

—Esperemos a resposta do sr. Neuville, e veremos, veremos... no entanto contem que de hoje em diante serei o seu mais sincero amigo.

Digitized by Google

Henrique apertou a mão que elle lhe apresentou, e eu offereci-lhe a minha em signal da mais sincera gratidão.

Assim continuou a vir visitar-nos o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca (vulgo *Monte Christo*)

Uma occasião veiu elle; Henrique não estava em casa, eu estava escrevendo e chorando! ao vel-o, levantei-me, fechei a escrevaninha, e enxuguei as minhas lagrimas; mas elle tudo viu, chegou-se para mim, e com a voz cheia de interesse disse-me:

— Então que tem, porque chora?

—Nada, respondi eu; não podendo conter as minhas lagrimas.

—Prometteu tratar-me com a mesma franqueza como se eu fosse seu pae sob esse titulo lhe peço que me confie o motivo d'essas lagrimas, tenha confiança em mim, diga-me tudo.

Então no meio dos meus choros, lhe contei os nossos embaraços e os vexames que principiavamos a receber.

—Mas, em que irá dar tudo isto? disse elle, se seu pae não lhe mandar dinheiro, que fará? O sr. Pires é filho de familia; se o pae d'elle lhe não der mais nada, que será de ambos?

A esta interrogação nada pude responder.

Henrique entrou n'este instante, viu-me chorar, e julgando que o sr. Fonseca me havia feito alguma declaração, principiou a tratar-me por vós em logar do querido *tu*; isto foi sufficiente para eu me suffocar em choro.

—Continuando a chorar d'esse modo ficará doente, disse-me o sr. Fonseca.

—E que importa ao senhor que lhe faça ou deixe de lhe fazer mal? respondeu aspera e duramente o sr Pires.

—Oh! se é isso eu me retiro, disse o sr. Manuel Pinto, levantando-se.

—Não, disse eu, não; diga tudo a Henrique para

Digitized by Google

não me trotar mais por *vós*; essa frieza da parte d'elle faz soffrer meu coração: v. ex.ª sabe quanto eu o amo.

O sr. Fonseca, usando da maior condescendencia, tornou a sentar-se, pedindo ao sr Pires pôr-se ao seu lado

Henrique sem olhar para mim, sentou-se á minha esquerda.

—Devo fallar-lhe com muita franqueza, disse o sr. Fonseca. M.me Josephina é uma das senhoras por quem tenho a maior consideração em Lisboa; é uma pessoa por quem professo mais estima, porque rara seria aquella que havia de ter a sua constancia, e posso dizer-lhe que nunca encontrei quem fosse capaz de mais dedicação. Eu já lhe disse a ultima vez que lhe fallei, que o verdadeiro n'estas circunstancias seria uma separação; faça a vontade a seu pae, elle lhe pagará as suas dividas; depois eu estabelecerei uma mezada a M.me Josephina, que a habilite a viver independente; posso proteger uma senhora que vive só com as suas duas filhinhas...

O sr. Pires ia a fallar, mas o sr. Fonseca continuou:

—Não diga nada... Outro dia quando lhe disse isto em minha casa recorda-se do que me prometteu?

O sr. Pires baixou a cabeça, e nada mais respondeu.

Eu estava como embaçada do que via e ouvia; queria antes de responder ler nos olhos do meu Henrique este mysterio, mas elle desviava-os de mim.

Não vacilleil meu coração não podia deixar de tomar uma só resolução; por isso pois estendi a minha mão ao sr. Fonseca dizendo-lhe:

—Eu já sabia que v. ex.ª tinha um bom e generoso coração; o que acaba de me propor é nobre, e não posso deixar de lhe ser sinceramente agradecida; porém, *eu* não acceito, ainda que me offerecessem o mundo inteiro para me separar de Henrique. tudo recu-

Digitized by Google

sava, e se Henrique não puder dar-me pão alvo, contentar-me-hei com elle de munição.

—Oh! Josephina, meu anjo! disse Henrique abraçando-me e apertando-me sobre o seu coração.

Segurando-me assim, voltou a cabeça e disse para o sr. Fonseca:

—Quando me fez em sua casa dar-lhe a minha palavra de não o interromper e de deixar Josephina decidir, oh! é porque eu bem sabia que ella não falsearia a confiança que eu tinha no seu coração; oh! esta mulher terá toda a minha dedicação, e quando isto não baste... a minha vida!!!

—A duas creanças não se pode fazer comprehender a razão; disse o sr. Fonseca despedindo-se de nós.

Quando ficámos sós, as nossas confidencias, as nossas exaltações, os nossos projectos, tudo era de dois loucos que não se amavam, idolatravam-se!!! E' preciso passar pelo que passei para se poder comprehender as doces sensações que meu coração sentia. Um amor tão forte, dois corações tão exaltados não podem viver juntos, não; Deus não deu essa felicidade senão para pouca duração! quando se chega a juntarem-se dois corações como os nossos, forçosamente um dos dois deixa o mundo para ir perto de Deus pedir-lhe protecção para quem fica isolado n'uma esphera onde não ha senão soffrimentos.

Digitized by Google

CAPITULO XLV

Passeios—Cavallo sem freio—Os saloios—Sr. Fonseca na quinta de Belem—Sr. Fonseca parte para Paris—Henrique parte para a ilha da Madeira—De quem será a carta? —Os catraeiros—Lazareto—E' elle!!!—Quero ser independente—Sr.ª Sousa—Morte da princeza Amelia de Bragança—Tenho novamente a amizade de minha tia—Sr. Augusto T***—Minha criada Conceição, e o sr. Manuel B*** —Sr. Armand D***—As grisettes á caça do prime millionario—Sr. Joaquim Pires—Pobre sr. Alfredo Martin.

A nossa maior felicidade era irmos fóra da terra, longe do barulho da cidade. Iamos muitas vezes passar tardes inteiras na quinta da Tapada, perto d'Ajuda. E' esse o unico sitio que nunca pude visitar, depois do fatal acontecimento!!! Ahi... se eu pozesse o pé sentiria minha coragem desfallecer; ahi sentiria meu coração quebrar-se; ahi, poderia accusar Deus!!

Uma occasião, voltavamos de *Nova-Cintra*, (n'esse tempo ainda se podia visitar esse lindo sitio) e como já fosse tarde e tivessemos pressa de chegar á cidade, esqueceu-nos de examinar o freio dos cavallos. Assim que nos puzemos a caminho, conheci logo que o meu cavallo não se deixava bem governar, mas não dei maior attenção; antes de chegarmos ao Lumiar, elle quiz tomar por uma ruasinha que ia dar a umas terras de lavoura; por mais que eu puxasse o freio, nada; dava-lhe com a espora e o chicote, nada; vi no animal uma teima junto á manha.

—Não sei o que tem hoje o cavallo, disse eu a Henrique.

—Dá-lhe com força, respondeu elle.

Mas eu que já tinha o braço cançado e estava impaciente d'aquella teima, estendi-me sobre o pescoço do

Digitized by Google

cavallo, agarrei-lhe uma orelhá que puxei, com quanta força tinha, para o lado onde queria ir; n'isto, sem ter tempo de me endireitar, deu um pulo e deitou a fugir a todo o galope; assim que eu pude apanhar o meu equilibrio, recordando-me do que me havia acontecido na Alemanha, um dia que ia passear com a minha cara Frederica, meu cavallo havia tomado o freio nos dentes; armei-me de toda a coragem e deixei-o ir como elle quizesse. Não foi possivel a Henrique poder seguir-me.

Vendo o meu cavallo que já o não obrigavam socegou, e começou a andar a passo. Aproveitei esta occasião pedindo a um saloio que estava sentado no poial da sua porta, para me segurar o cavallo. Elle pegou logo nas redeas e eu saltei para o chão e tomei o logar que o saloio descançadamente occupava á sua porta, não tendo forças para me levantar quando a mulher do bom saloio me trouxe uma cadeira.

Quando Henrique chegou, tivemos uma verdadeira alegria. Descançámos um bom pedaço. Henrique recompensou o pobre saloio que ficou muito satisfeito, e nos voltámos para a cidade, rindo como duas creanças da nossa pequena aventura.

Bem não tinhamos avançado duzentos passos, quando vimos tres homens com grandes cajados gritarem para que parassemos. Recordei-me logo do que havia acontecido na minha infancia a meu primo Eduardo e temi. Henrique não temia nada, mas como ia comigo, disse-me: *a toute bride.*

Comprehendi, larguei toda a redea ao cavallo, dando-lhe uma boa chicotada.

Partimos a grande galope, e assim chegámos á cidade.

Dois dias depois, trouxe-me o sr. Fonseca uma carta de meu pae, que elle entregou a Henrique, porque em cinco dias não me pude levantar por causa do passeio a cavallo.

Passado dias recebi uma carta do sr. Fonseca, na

Digitized by Google

qual elle me dizia que desejava fallar-me sem que o sr. Pires o soubesse, pedindo-me que lhe indicasse uma quinta, aonde nos podessemos encontrar.

Mostrei a carta a Henrique que me disse: responde-lhe como se não me tivesses mostrado esse escripto, e marca-lhe a quinta de Belem.

Assim fiz, e dois dias depois achava-me na quinta de Belem, onde encontrei o sr. Fonseca, que logo me disse: fez mal em trazer sua filha, criada e criado, porque desejo que nada do que vou dizer-lhe seja repetido.

Assentámo nos n'um banco d'onde podia ver minha filha, que mandei com a criada para ao pé d'uns homens que estavam apanhando laranjas

—Então não vê que a amizade que lhe tenho, começou o sr. Fonseca, me faz dar um passo que se o soubessem era para todos escarnecerem de mim? '... Vejo que está perdendo o seu futuro; o sr. Pires egualmente se perde; e quando tiverem esgotado todos os recursos, que farão então?

Eu guardava um triste silencio, comprehendia a razão d'aquellas palavras, mas meu coração era mais forte que quantas razões houvesse.

Elle vendo meu silencio, continuou:

—O que já lhe propuz por mais de uma vez, repito-lhe hoje. Deixe o sr. Pires; eu pagarei as dividas que ha, assegurar-lhe-hei um futuro. Tenho presenceado a sua dedicação e a sua coragem, respeito-a. Não pense que lhe dou conselhos por querer possuil-a. Não. Posso ter uma paixão de amizade, amor não posso inspirar; e escute Josephina, deixe-me tratal-a assim. eu sempre fui muito infeliz! preciso de uma amizade sincera, de uma affeição verdadeira, na qual eu possa confiar toda a minha vida para assim ter as consolações de que tanto preciso. Todos me julgam feliz pelos meus milhões, vêem a apparencia, mas não me conhecem o coração!! Pois eu dava toda a minha

Digitized by Google

fortuna para ser um pescador, gozar saude e apertar a mão de amigos verdadeiros!!!

—Pois não tem tantos amigos? lhe perguntei.

—Tenho... respondeu elle com um sorriso triste e amargo. Se eu ámanhã caisse n'um infortunio, todos me voltariam as costas; mesmo esses que desejam que eu entre no numero de sua familia me desprezariam! E' joven de mais para conhecer o mundo. Sei que é uma senhora de assás comprehensão e por isso quero que a sua existencia seja feliz e independente, pedindo-lhe só que nos meus dias de tristeza me deixe vir buscar consolação, ouvindo-a cantar, ouvindo a sua meiga voz.

—Mas o mundo, sr. Fonseca, o mundo nunca acreditará n'essa amizade, e logo se haviam de levantar calumnias.

—O mundo é uma miseria; e importa-lhe com o mundo? me perguntou o sr. Manuel Pinto.

—Não', respondi; e por isso pode acreditar que nunca terá mais sincera amiga do que eu. Vou para casa reflectir, e se faço o descanço de Henrique, farei como diz a sua consolação. Se depois de ámanhã não receber uma carta minha, é porque me será impossivel separar-me de Henrique; tenho-lhe dito a paixão que tenho por elle, essa paixão só cessará quando eu deixar de existir! mas para a felicidade d'elle terei força sobre minha alma; mas se elle me não ajudar, oh! então, não.

Elle despediu-se, dando um beijo em minha filha. Apertei lhe a mão e cairam pelas minhas faces duas lagrimas da mais sincera gratidão.

Até a casa vim encostada n'um canto do trem, pensando: Ahi está o homem a quem muita gente chama barbaro, e diz não ter alma! Elle tem melhor coração, e mais elevados sentimentos do que os proprios que a calumniam. Elle não pode mostrar sua alma a todos, e co-

Digitized by Google

mo não vêem senão a apparencia, julgam que é uma arvore sem raiz.

Oh! mundo, mundo, quanto desconheces o interior das creaturas! julgas este homem feliz, porque possue muitos milhões... e elle diz que se trocaria por um simples pescador! Eis ahi como tu avalias muitas vezes os sentimentos! julgas que a posse de muito dinheiro dá tudo, julgas que a riqueza dá a felicidade! Oh! quanto é enganosa essa illusão! mas tu não vês, não sabes, não julgas senão pelas apparencias! quantas desgraças, quantos soffrimentos profundos não ha ás vezes debaixo das mais finas rendas, e dos mais bellos brilhantes, suffocados na agitação de um baile, na profusão do theatro, debaixo de um sorriso que faz palpitar mais d'um coração?!!! E quanta felicidade, quanto prazer d'alma e de encantos quasi celestes estão involvidos n'um peito coberto de um simples vestido de chita?!!

Contei tudo a Henrique que nunca teria julgado tal. Elle perguntou-me:

—Qual é a tua decisão?

—Ingrato! tu bem o sabes, sou tua, Henrique, tua até ámorte! mas se a nossa separação é a tua felicidade, por ti, Henrique, por ti, eu saberei sacrificar-me.

—Eu não devo ser egoista, Josephina . .

—Oh! cala-te, cala-te, disse eu, chorando; tu já não gostas de mim.

—Tu não vês, Josephina, que te amo mais que a minha vida, tu não sabes que eu tenho por ti a mais louca adoração? não devo impedir a tua felicidade; se te resolveres, eu acabarei immediatamente a existencia, que se não fosses tu, Josephina, me seria insupportavel.

—A minha felicidade é a tua, Henrique; e como não posso fazer a de outra creatura sem quebrar a tua, por isso te digo: — partamos ámanhã para Cintra.

Digitized by Google

No dia seguinte estavamos n'aquella linda villa.

Pouco tempo depois partia o commendador Manuel Pinto da Fonseca para França, recebendo eu no dia da sua ida uma carta com estas simples palavras:

«Não tenho animo de me ir despedir, e sirva-me isto de desculpa.

Manuel Pinto de Fonseca.»

Quando Henrique veiu, mostrei-lhe o bilhete; elle tirou uma carta que me mostrou, na qual o sr. Fonseca lhe repetia o mesmo que já lhe havia dito na sua casa, terminando com estas palavras:

«Deve amal-a, porque capaz de mais dedicação e de mais amor não ha ninguem.»

Fizemos um *auto de fé* d'essas duas cartas, e quando ficaram consumidas, demos um abraço reciproco que me fez julgar o ter deixado este mundo de penas e de lagrimas, e que estando perto do Creador, por tudo que haviamos soffrido, nos concedia a mais celestial felicidade.

Com um idealismo tão completo como era o do nosso amor porque haviamos soffrer tantas miserias como nós experimentavamos?

Porque não ha felicidade completa no mundo; e pouco tempo depois bem o comprehendi, não vendo apparecer Henrique todo um dia

Mando a sua casa, e o criado, que costumava vir á minha, disse ao portador que o sr. Pires não podia apparecer porque seu pae o havia fechado no seu quarto, e elle partia d'ahi a tres dias no *Galgo* para a ilha da Madeira com sua mãe, a quem os medicos tinham receitado aquelles ares.

Pensei que o criado não teria bem comprehendido o recado, e esperei, julgando que Henrique teria perdido ao jogo, e que não queria dar-me essa noticia senão depois de ter tudo pago; mas no outro dia não o vejo tambem, e então... principiei a chorar.

Digitized by Google

Veiu a minha casa o sr. Emigdio Pires, dizendo que desejava fallar-me.

Quando entrei na sala, levantou-se, chegou-se para mim, e disse entregando me um masso:

—Aqui estão as suas cartas que meu irmão lhe manda entregar; elle vê-se *obrigado* a romper de todo com v. ex.ª, e parte ámanhã para a Madeira.

Ouvi tudo com o maior sangue frio possivel; não quiz chorar diante de uma pessoa que muito era do seu desejo observar as minhas lagrimas, e ver terminada a amizade que me ligava a seu irmão; não querendo dar-lhe o gosto do meu desespero, disse-lhe:

—Queira ter a bondade de esperar um instante, que vou entregar-lhe as cartas de Henrique.

Quando voltei á sala disse lhe:

—Eis aqui todas as cartas do seu mano, mas não lh'as entrego, porque, se elle me manda as minhas é porque o obrigaram; se elle parte é porque o forçam a isto; tenho bastante confiança no seu amor para poder dizer que Henrique é meu, como eu sou d'elle; è que o estão obrigando a fazer coisas contra sua vontade. Eu sei tudo, sr. Emigdio, e por isso digo-lhe com franqueza: o senhor é um jesuita!

—Henrique vae casar-se, respondeu elle.

—Henrique não é capaz de um perjurio, exclamei; casados como somos diante de Deus, nada nos pode separar.

—Então as cartas?

—Não lh'as dou; adeus.

Elle saiu com aquelle ar sardonico que lhe era tão natural.

Quando senti fechar a porta, ainda pude tremendo proferir: Jesuita! mas tive logo um ataque nervoso.

Tornando aos meus sentidos, e recordando-me de tudo, o choro suffocou-me a tal ponto, que julguei morrer.

Digitized by Google

Oh! não, não é acreditavel; se Henrique fizesse isso era porque já não me amava, e elle deixar de me amar é impossivel. N'isto tudo ha um mysterio que eu terei coragem para descobrir.

Dois mezes não soube o que foi viver! dois mezes não pude verter uma só lagrima! dois mezes soffri com a maior dôr que um coração pode sentir!

Não dizia nada porque meu soffrimento era profundo de mais para ouvir falsas palavras de consolação. Passava dias e noites com os olhos fixos, e n'uma firmeza de estatua que a criada da minha filha chegava a assustar-se.

Essa pobre mulher não me desamparou um minuto, perdendo todas as noites ao meu lado, e dizendo sempre para me reanimar:

—Coragem, minha senhora, o sr. Pires é incapaz de uma traição porque elle a ama devéras; tenha fé em Deus porque elle a protege: o mais dê tempo ao tempo.

Uma noite tinha eu tido um ataque mais forte, e quando tornei a mim, ouvi a pobre Rosa dizer a outra criada:

—O João que vá chamar um medico; esta senhora está quasi phtysica, e não quero se ella morrer ter esta responsabilidade.

Tive força bastante para dizer:

—Eu não quero medico, não o mande chamar, porque não quero. Se estou phtysica, melhor; bem sabe que o que eu soffro não são os medicos que me podem curar, porque elles nada entendem do coraçaõ, só Deus tem esse poder, e n'elle confio.

Quinze dias ainda soffri os martyrios de um coração que amava, e que se julgava separado para sempre do seu thesouro! quinze dias tive as maiores torturas d'alma, até que, finalmente, Deus teve compaixão de mim.

Recebi pelo correio uma carta, que só dizia:

Digitized by Google

«No paquete do Rio, chegou uma pessoa que lhe deseja fallar. Ella está no Lazareto de quarentena.»

«Em nome de Deus, não tarde e venha.»

Voltei a carta de todos os lados, mas foi-me impossivel conhecer a lettra.

Rosa disse-me:

—E' o sr. Pires que escreveu.

Meu coração já m'o havia dito. Porém não querendo mostrar uma esperança infundada, respondi lhe:

—E' talvez alguem do Rio que me traz cartas do meu pae.

—Então não se deve incommodar, ellas aqui virão ter; disse Rosa com um sorriso.

—Vou ámanhã, respondi eu. Mande dizer á cocheira, que quero um caleche para as dez horas.

—Sair com este tempo! exclamou Rosa; está-se formando uma grande tempestade! e de mais, é uma carta sem assignatura; tome sentido, minha senhora, que lhe podem armar alguma trama!

A pobre mulher não se contentou com estas palavras; disse tudo que lhe veiu á cabeça para me fazer mudar de tenção, mas encontrou-me inflexivel e a tudo lhe respondi:

—Não tenho medo; irei.

N'essa noite, ou fosse o meu anjo da guarda, que pedira com mais instancia a Deus para me dar descanço, ou fosse a esperança que interiormente meu coração *conservava*, tive um somno tranquillo.

No outro dia ás onze horas, chegavamos a Belem, e em quanto o criado foi fallar com os catraeiros; eu, minhas duas filhinhas, e a nossa boa Rosa, entrámos no *quasi hotel*, que havia no mesmo largo. Ahi, depois de as abraçar mil vezes, confiei as minhas filhas aos cuidados das duas velhas donas da casa, e ao amor de Rosa.

O criado chegou dizendo que nenhum dos barqueiros queria ir ao Lazareto com aquelle tempo.

Digitized by Google

—Se tem medo não venha, João, lhe disse eu.

—Medo, não tenho, minha senhora.

—Então vamos, disse eu; e saimos ambos.

Quando os catraeiros nos viram, disseram com admiração:

—Pois é uma senhora que quer atravessar o mar com este tempo?!

—Sim, disse eu, e vocês teem medo! Vamos, aquelle que fôr mais corajoso, desamarre um bote e disponha-se a partir.

Como via que nenhum se mexia, continuei:

—Eu sou estrangeira; vou agora pensar que me enganei quando julgava que o povo portuguez era bravo o resoluto, mas vejo ahi vinte ou trinta homens e todos covardes.

—Vamos lá; disseram dois, abrindo caminho.

Os outros que tiveram ciumes da valentia d'aquelles dois homens, principiaram a lançar-lhes quantos epithetos, dizendo por fim:

—Elles são capazes de se enforcarem por dinheiro, e como esperam boa recompensa, por isso se vão arriscar ao vendaval.

Partimos: os barqueiros começaram a remar, e em breve vendo aquelles rostos queimados, banhados pelo suor, aquelles peitos arquejantes de esforços e cançaço, e as vagas que começavam a entrar dentro do bote, confesso — *tive medo*.

O criado nada dizia, mas estava palido e tremulo.

Recuar, era covardia; e o meu amor era mais forte que o medo.

Depois de tres horas de luta com as ondas, que esbravejavam com a furia do tufão, chegámos emfim.

Um dos homens que estavam na praia prestou-se a guiar-nos ao Lazareto; subimos, subimos, subimos, até que afinal entrámos n'uma especie de castello a que chamam *Lazareto*.

Aquelle bilhete não podia ser senão de Henrique,

Digitized by Google

por isso sem hesitação disse ao porteiro que desejava fallar ao sr. Henrique Pires.

Elle fitou-nos, disse-nos que o seguissemos, e fez-nos andar por immensos corredores, até que parámos defronte de uma grade.

—Então?! disse eu para o homem que nos conduzia.

—O sr. Pires e todos os passageiros estão de quarentena, e não se lhes pode fallar senão atravez de grades; disse aquelle homem apontando para uma especie de janella que ficava fronteira, e que me pareceu uma gaiola para tigre.

Poucos instantes depois de ahi estarmos, sinto abrir uma porta, e vejo apparecer Henrique; estendemos os braços, mas foi-nos impossivel apertar as mãos.

—Tu adivinhaste que era eu, e não temeste vir com similhante tempo?! Sempre és boa, porque vejo que me perdôas o ter acompanhado minha mãe.

—Uma mãe está primeiro que tudo, Henrique, e nada tenho que te perdoar visto que me amas.

—Mais que a minha vida, meu anjo! . . A minha partida, e tudo que tem acontecido foi obrigado, Josephina, tu bem o sabes.

—A prova de que te não accuso é que estou aqui; disse eu.

Fallámos das nossas saudades, dos nossos projectos, do nosso amor, da nossa futura felicidade, de tudo, de tudo que consolava dois corações que se amavam tão profundamente.

Ouvimos atirar no mar; eram horas de eu partir. A esperança de que Henrique desembarcava tres dias depois, é que me deu a coragem de eu novamente me separar d'elle; de deixar aquelles altos muros, onde, atraz d'aquellas negras grades, deixava uma parte da minha alma!!

O tempo tinha abrandado, e pude bem distinguir até muito longe a figura de Henrique, que tinha su-

Digitized by Google

bido á mais alta muralha, dizendo-me adeus com o lenço, correspondendo-lhe eu do mesmo modo.

Quando cheguei junto de Rosa, abraçando minhas filhas que estavam dormindo nos seus braços, só lhe pude dizer.

—É elle.

Duas lagrimas saltaram dos olhos da pobre mulher, que exclamou:

—Não lhe dizia eu sempre, minha senhora, que Deus é grande?!

Esses tres dias foram para mim tres seculos; apenas passaram alguns minutos d'essas setenta e duas horas, que vejo entrar Henrique; lançámo-nos nos braços um do outro, oh! meu Deus que felicidade!!! Desejei assim morrer; é penoso acabar com a vida, quando se está na flor d'ella, é verdade. Mas morrer com a idéa de que somos verdadeiramente amados, que sinceras lagrimas se verterão regando o nosso sepulchro; não é isso um prazer para a alma? Não serão os suspiros dos que nos lamentam no derradeiro instante uma consolação que nos dá forças e resignação para deixarmos a existencia?!!!

Ninguem ha que ame, que creia no contrario.

Henrique contou-me tudo; seu pae era o autor dos nossos soffrimentos.

Nos braços do meu Henrique eu era tão feliz, que tudo perdoei ao homem que tinha o coração geládo.

Tres dias esteve Henrique em Lisboa; durante esse tempo formámos os planos mais extravagantes que são possiveis a duas cabeças exaltadas, e a dois corações apaixonados.

Quando Henrique partiu, paguei quasi tudo que devia, e em breve achei-me sem dinheiro.

Tomei uma resolução.

A familia de Henrique que já antes da minha chegada a Lisboa estava indisposta com elle, agora estava inteiramente mal, porque julgava que a minha casa o fazia

Digitized by Google

gastar muito, ignorando que elle jogava, e que o jogo o hade perder. Pois bem, eu me tornarei independente, e mostrarei a essa familia e ao mundo que amo Henrique, e que só quero o seu affecto

No dia seguinte a essa resolução, mandei chamar uma usuraria.

Expuz-lhe o meu plano. Ella não tinha n'aquella occasião dinheiro disponivel; mas dois dias depois apresentou-me um seu compadre, o sr. J. F. de Sousa.

Contei tudo a este individuo; mostrei-lhe cartas de meu pae, em que elle fazia para o futuro grandes e bellas promessas, e disse-lhe o desejo que eu tinha de me tornar independente.

Este senhor, depois de me ouvir fallar, depois de correr o vocabulario dos agiotas, de estarmos a batalhar sobre juros e pagamentos, deu-me a sua palavra de honra que me emprestaria todo o dinheiro que fosse necessario para abrir um estabelecimento de educação.

Nos arranjos d'estes projectos passei com mais paciencia os dois mezes que durou ainda a ausencia de Henrique.

Um mysterio se passou n'essa occasião; esse mysterio está involto no meu coração e não me sinto com forças para divulgal-o aqui. Ha sonhos que nos ficam eternamente gravados na memoria, sonhos que dariamos a nossa vida para os ver realisados. E quando elles são um verdadeiro mysterio, e que só a nossa alma é a depositaria, divulgal os é uma profanação, é um crime!

Só lord Byron, esse meu querido poeta, teria podido definir esse bello sonho, por que a sua alma tinha vôos, que deixava a terra para se elevar ás regiões das nuvens, dando azas á sua ardente imaginação! Lord Byron teria comprehendido o sonho, e verteria lagrimas sentidas ao pensar que era sómente um sonho, uma triste illusão!

Ainda hoje seria o mais bello ideal da minha vida,

Digitized by Google

se Deus me deixasse considerar por um momento que podia ser ainda uma realidade.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Como eu ia dizendo, a ausencia de Henrique durou ainda dois mezes.

Não ha expressões para definir a nossa felicidade quando elle voltou, e o solemne juramento que fizemos; juramento que as fatalidades da vida não me fizeram faltar a elle.

Revelei a Henrique a resolução que eu havia tomado para me tornar independente, e mostrei-lhe a escriptura que só faltava assignar; mas elle disse-me energicamente que não que ia. Que elle era meu esposo aos olhos de Deus, e que só elle tinha obrigação de olhar para os meus interesses.

Seu amor quiz que eu tudo annullasse, e eu cedi ao meu amor.

Henrique dizia-me constantemente: se minha mãe soubesse ao que tu te querias sujeitar, ella de certo te amaria.

Ouvindo estas palavras, um triste sorriso vinha aos meus labios, porque eu já principiava a conhecer o mundo.

Foi pouco tempo depois de Henrique ter voltado da ilha da Madeira, que chegou a Lisboa a noticia da infausta morte da princeza imperial, a sr.ª D Amelia de Bragança, esse anjo que baixou do ceo para atravessar de momento este mundo como lucida estrella que em linda e meiga noite scintilla no horisonte, e desapparece deixando seus raios luminosos e cheios de saudades no coração dos que a admiraram.

A gentil princeza voava ao ceo, d'onde tinha dimanado, na primavera da vida. A sua alma pura, como é purissima a alma de um cherubim, subiu ao throno do Senhor com as bençãos unanimes de um povo. To-

Digitized by Google

dos lhe queriam muito pelo seu coração generoso, pelas suas virtudes exemplares, e pelo seu modo affavel e cheio de candura. A sua morte causou uma grande sensação, e foi mais chorada de que um rei, que mais ou menos sempre desce ao tumulo com odios. O fallecimento da augusta princeza foi coberto de lagrimas, seguidas de uma tristeza geral e pungente.

O funeral da princeza Amelia foi um luto pesado para a côrte e para o povo portuguez.

Foi pouco tempo depois de Henrique ter chegado da Madeira que desejei obter algumas noções sobre um negocio que Henrique tinha feito, que lhe era um grande e pesado sacrificio, e que eu com uma palavra podia annullar.

Julguei poder dirigir-me a uma pessoa que diziam ser toda influente para o tal capitalista do negocio, porque procurando saber alguma coisa por Henrique, elle desconfiando que eu me queria oppor a este novo sacrificio, guardou o mais absoluto silencio.

Infelizmente essa pessoa por quem eu queria saber tudo passava todos os dias defronte das minhas janellas, porque morava no fim da rua.

Eu tinha o costume de estar sentada por dentro da vidraça trabalhando nas curiosidades do meu bastidor; assim via tudo que se passava lá fóra.

Henrique dizia-me ás vezes que se me não conhecesse tão bem, poderia ter ciumes, mas via uma creancisse, e ria-se.

Quando me disseram o nome do sr. Augusto T*** hesitei em me dirigir a elle; porém o caso era urgente, a medida devia ser prompta, e não hesiei.

O sr. Augusto T*** é, como todos sabem, um bonito homem, e seguramente deve fazer impressão no peito de uma mulher que se eleva na boniteza de uma creatura. Porém uma outra que olha para mais alto, que palpita as qualidades moraes, tem bastante influencia sobre si, e não pode portanto deixar-se encantar de

Digitized by Google

um ente pretencioso, e este defeito de quasi todos que a natureza aformoseou é contra a minha opinião.

O sr. Augusto T*** não me deixando exprimir o motivo pelo qual eu tinha desejado fallar-lhe, principiou com banalidades que um homem delicado teria logo acabado, ou para bem dizer, não teria principiado.

Guardei pois silencio, e não pedi ao sr. Augusto T*** o obsequio que lhe queria dever, porque entendi que nada se devia sollicitar de um homem que me fazia recear que no futuro se tornasse exigente.

Para me esquivar, disse-lhe que visto elle dispôr-se a fazer o que eu desejava, eu lh'o mandaria dizer d'ahi a alguns dias.

Então levantou-se, torceu com certa elegancia affectada as guias do bigodinho, e mordendo os beiços, disse que estaria ás minhas ordens.

Puxei a campainha, e disse á criada que o acompanhasse.

Essa criada chamava-se Conceição; era, apezar do seu porte um tanto grosseiro, uma linda rapariga, e tinha os mais vivos e rasgados olhos que se teem visto. O fogo e o brilho de suas pupillas eram tão attrahentes que enleiaram o sr. Augusto T*** e deram-lhe a compensação d'aquella pequena desfeita por que elle tinha acabado de passar; pois passados tres ou quatro mezes, vendo alargar progressivamente o coz do vestido da Conceição, a ponto de me ser inconveniente em casa, mandei chamar sua mãe, e com as duas fechadas n'um quarto, fiz confessar á rapariga toda a verdade, promettendo-lhe que faria todo o possivel para o seductor casar com ella. Qual foi a minha admiração ao nome que ella pronunciou, mostrando-me a impossibilidade de poder satisfazer esse meu promettimento, visto que ella era uma pobre e humilde criada, e elle, o sr. Augusto T*** um rapaz da sociedade, e n'essa posição em que se julgam com direito de poder abusar da boa fé d'uma innocente rapariga, que por falta

Digitized by Google

de educação, ou por tolice, acredita em promessas que não tem probabilidade de ver cumprir.

Soube muito tempo depois que a Conceição me havia mentido em algumas circunstancias, confessando que se encontrava com elle aos domingos e dias santos quando saía para ir á missa, quando estes encontros se davam na escada.

Alguns amigos do sr. Augusto T***, vendo-o sair assiduamente de minha casa, faziam-lhe como dizem comprimentos da sua conquista; e o sr. Augusto T*** por basofia ou por qualquer outro motivo caprichoso, nunca teve o cavalheirismo de os desenganar, tendo mais saboreada gloria em deixar passar estas suspeitas bem fundadas na realidade, porque elle não esclarecia os seus colloquios com a minha criada, deixando recair antes uma acção vergonhosa sobre uma pessoa que lh'a fizera comprehender.

Se eu tivesse sido capaz de atraiçoar Henrique, desde esse dia ter-me-hia separado para sempre d'elle; porém, tendo a minha consciencia limpa dos remorsos da traição, deixei o sr. Augusto T ** vangloriar-se aos seus amigos, e como de ha muito me acostumei a perdoar aos que me fazem mal, fiquei tambem sem rancor ao sr. Augusto T***.

Tendo acabado de escrever este facto, devo mencionar outro para provar que se ha homens d'este jaez, ha outros que apezar de se terem achado em quasi identicas circunstancias, souberam conservar-se como perfeitos e distinctos cavalheiros. N'este caso se acha o sr. Manuel B*** que comprehendendo quanto era compromettida a minha situação n'uma sociedade em que tudo se julga pelas apparencias, a sua educação lhe fez ver toda a realidade, e por isso tenho a retribuir-lhe gratidão pela maneira delicada porque se comportou comigo.

Quando minha tia soube da chegada de Henrique,

Digitized by Google

da ilha da Madeira, tornou-se logo minha amiga intima, e sempre nos convidava para irmos a sua casa.

Nós iamos quasi todos os dias, mas faziamos isto na idéa de consolarmos com a nossa presença o pobre doente.

Encontravamos muitas vezes o sr Armand D*** que dizia ir visitar o sr. Alfredo Martin pelo parentesco e outros sentimentos.

Esta desculpa era inutil, porque se sabia muito bem que namorava então uma das francezas do estabelecimento, e como elle era conhecido como rei dos avarentos, achava mais commodo ver os seus amores ás fugidas, do que pagar a ampla liberdade do domingo que tão cara sae aos apaixonados d'aquellas mimosas flores.

Travou logo conhecimento com Henrique; amizade era impossivel porque Henrique e Armand D*** eram dois caracteres inteiramente diversos.

Henrique dizia-me ás vezes: parece-me que Armand D*** quer namorar-te, e tudo o que se passa com M*** creio que é para esconder essas intenções, como a fingida amizade pelo Martin, um pretexto para te ver, e para te fallar.

Isto podia ser verdade, mas eu não o acreditava, até que um dia o sr. Armand D***, a quem Henrique nunca offerecera a nossa casa, veiu procural o, e dizendo-lhe a criada que Henrique tinha saido mandou me pedir para o esperar.

Entrou, e conversava comigo na sala quando instantes depois veiu Henrique; porém elle não chegou tão breve que o sr. D*** não tivesse tempo para me declarar a sua paixão, como elle expressava.

—Dizendo-se amigo de Henrique, respondi eu, admiram-me essas palavras.

Elle julgou que eu me queria fazer *prude*, e continuou pintando o seu amor como a lava do Etna, capaz de derreter todo o gelo do monte S. Bernardo.

Digitized by Google

—Eu direi a Henrique que o veiu procurar, disse eu levantando-me; prometto-lhe que guardarei o segredo que não devia confiar me, e que seria para o seu amigo uma offensa.

— Ora qual, replicou elle; não lhe diga nada, elle não o saberá, mas seja minha.....

—Bem se vê que o sr. Armand D*** esteve sempre costumado com grisettes, interrompi eu com certo ar de ironia.

Como n'estas palavras percebeu certa allusão ao que elle desejava tanto que se não soubesse, mordeu os beiços, e com modo raivoso, exclamou:

—Em eu saindo d'aqui, posso dizer que a tive, que foi minha!

—E' verdade, redargui eu; porém, isso era uma infamia, e não o creio um homem infame, faço-lhe mais justiça, do que a sua consciencia que o illude.

—E' certo, disse então elle com ar envergonhado, mas posso dizer que a não tive, porque não quiz.. .. .

Soltando uma gargalhada a similhante disparate, pude exclamar:

—Estou persuadida que não fará o que diz, pois se assim praticasse, arriscava-se a que lhe chamassem na cara—grande tolo.

Ainda estava rindo quando Henrique entrou, e por tal signal não pareceu muito satisfeito de ver em casa um homem que nunca tinha convidado.

O rosto de Henrique logo mostrou o que elle sentia, e a cara do sr. D*** mostrava... o seu despeito!

Trocaram se algumas palavras equivocas, outras n'um sentido aspero, porém o sr. D*** desculpou-se e começou a elogiar a Henrique a formosura de sua irmã que tinha encontrado na vesperá.

Tempos depois disseram-me que o sr. D*** apezar do meu conselho, expoz-se a que lhe dissessem o epitheto que eu em conversação tive a prudencia de lhe annunciar.

Digitized by Google

Tiradas estas caturrices da vaidade humana, o sr. D*** é uma excellente pessoa, e desde que se casou tem-se tornado um verdadeiro modelo dos maridos. O certo é que acreditar se-hia impossivel se não fosse assim, tendo escolhido por consorte uma menina que além de ser bonita e muito sympathica, reune as mais eminentes qualidades, o que a faz ser adorada de todos que teem a felicidade de a conhecer.

N'estas visitas a casa de M.me Levaillant é que soube bastantes historietas; porém como não teem relação com o que me diz respeito, julgo inutil descrevel-as.

Henrique para se divertir com aquelle rebanho, tinha dito que um dos seus primos era immensamente rico, e que desejava encontrar uma senhora franceza que lhe fizesse novamente palpitar o coração, que estava amortecido com as caricias macacaes e sem espirito de algumas monotonas portuguezas.

Assim que aquella ninhada de formosas ouvira isto, não faziam já senão dizer para Henrique: *Soyez aimable*, traga-nos seu primo.

Um sabbado, em uma noite bella e serena, apresentámos n'esse palacio o sr. Joaquim Pires; e M.me Levaillant que nos recebeu como se nós fossemos tres anjos, convidou-nos para no dia seguinte jantar em sua casa.

No domingo ás tres horas, a nossa chegada fez os encantos d'aquellas meninas.

Uma, assassinava o priminho com os seus ora languidos, ora fogosos olhares; outra pisava-lhe o pé com o saltosinho da sua botinha; outra sobrecarregava-o de offerecimentos de mau gosto. A que estava á sua esquerda não lhe fallava senão baixinho em ar de segredo; esses fingidos mysterios fizeram com que as outras lançassem áquella que tinha tido a dita de estar sentada ao lado do coração do mancebo, furibundas e ameaçadoras olhadellas.

Digitized by Google

Ou fosse pelos olhares assassinos, ou por estar mais perto do fogo do coração da joven, certo é que elle se inclinou para a sua esquerda; talvez conhecesse que as outras não mereciam preferencia, e por isso escolheu a que era o verdadeiro typo da *grisette endimanchée*.

Tudo correu por tão bellos caminhos de ferro, que convencionaram logo que na quinta-feira, dia santo e de saida para aquellas mimosas flores, elle a viria buscar n'uma carruagem para irem jantar fóra da terra.

Quando Henrique me contou isto, ri me muito porque vi que julgavam o priminho um *Crésus*.

Alguns dias depois nos veiu elle visitar; Henrique perguntou-lhe como iam os seus amores

—Quem a M***? disse o sr. Joaquim, não a tornei mais a ver.

—Quando a convidas a jantar e a beber Champagne? disse Henrique.

Isso importa em mais do que ella vale; respondeu o sr. Joaquim, primo de Henrique, e mancebo que possuia alguns dotes de alma, e por isso era querido e estimado de todos que o conheciam.

Diziam algumas pessoas que pena era que elle estivesse tão ligado com certo jesuita, que de certo mais cedo ou mais tarde, lhe havia de infundir o seu modo de pensar, reservado e perigoso. Mas n'esse tempo o sr. Joaquim Pires tinha melhor caracter, e era a pessoa mais bondosa possivel; o que eu sei, é que, aconteça o que acontecer no mundo, o sr. Joaquim pode dizer que tem em mim a mais sincera affeição, pois que nunca me hade esquecer o quanto Henrique o estimava.

. . . . . .

. . . . . .

Isso importa em mais do que ella vale, disse o sr. Joaquim Pires, pondo-se em pé, e pedindo a Hen-

Digitized by Google

rique um charuto, que elle accendia para mudar de conversa, em quanto eu tocava com mais força sobre as teclas do piano, para disfarçar a vergonha que sentia por aquella mulher, que talvez não tivesse bastante reflexão para conhecer a indecencia do seu procedimento.

Ia um ministro estrangeiro n'um sabbado escolher gravatas, ella lh'as provava; elle agradava-se d'aquella cintura de abelha, e dizia-lhe que fosse no dia seguinte a sua casa No domingo ella atravessava com todo o descaramento a fileira dos criados do sr. ministro.

Acontece quasi sempre assim. Quando uma mulher perde a decencia que déve ao seu sexo, atirando-se á cara dos homens, nada mais n este mundo a envergonha.

E' preciso que uma mulher não tenha o menor instincto de pudor para ir a casa de um homem, ás visitas que essa creatura lá la fazer, para depois sem vergonha sair no meio das mofas, e das gargalhadas dos lacaios, com a cabeça erguida sem se denegrir e tornar-se o ente mais vil.

Basta sobre uma grisette.

O pobre sr. Martin, que cada dia estava peior, começou a dar (diziam) indicios de loucura.

Muitas vezes a força de desgostos faz com que uma pessoa fique idiota.

A loucura d'este bom homem comprehendiamol-a Henrique e eu: eram os martyrios em que vivia. Algumas vezes, quando nos achavamos todos tres reunidos, dizia-o sr. Alfredo Martin:

—Toquem piano, porque se o não ouvem vão julgar que eu lhes confio os meus segredos, e vão aborrecer-me de falsas caricias e fingidos sentimentos. Eu bem comprehendo que me querem fazer passar por doido, e á força de m'o repetirem de certo o ficarei.

Henrique dizia-lhe:

—Porque não se allivia d'esse jugo?

Digitized by Google

—Estou doente, respondia elle; perdi toda a minha fortuna, e uma mulher que m'a tomou debaixo da sua mão de ferro, nunca m'a deixou de novo levantar, porque temia que lhe fugisse a sua victima. Esta mulher foi infeliz, e não quer que ninguem seja o contrario. Doente, não posso procurar emprego, nem ella m'o consentiria Recorrer a minha familia... tenho só um irmão, e esse está desgraçado por causa da sua mulher. Tenho uma prima, é verdade, e é milionaria; mas essa mulher que atraiçoou o meu coração, que eu lhe tinha dedicado cheio do mais sincero amor, é hoje esposa de um dos mais ricos capitalistas de Lisboa! essa mulher, apezar dos juramentos mais sagrados, apezar das promessas das nossas familias, apezar do tempo de infancia que passámos juntos, calcou tudo aos pés! esqueceu tudo para ser esposa de um banqueiro, para ter entrada nos grandes bailes, para poder mostrar os seus brilhantes, os seus extravagantes toucados, e vestidos de veludo! ! Falseou-me primeiro com o conde de***; mas esse homem era um perdulario, e preferia a tudo as mulheres que subiam ao palco... Oh! essa creatura, essa prima minha, foi a causa de todo o mal que me tem succedido, porque eu a amei puramente e queria um dia chamar-lhe minha esposa! e ella, só tinha n'aquelle peito, corrupto e desnaturalisado, a ambição, é o egoismo!!! Recorrer agora ao dinheiro, ao dó, á piedade d'essa creatura que eu detesto, não. Prefiro estar martyrisado, e morrer assim. Josephina que se recorde da sua infancia, e lembrar-se-ha de quanto eu era bom, e confiente; agora soffro; dizem que estou doido, deixo dizer. Assim tenho mais socego, e é o que eu quero antes de morrer. Pires, tu és homem, continuava elle, apertando a mão de Henrique; tu comprehendes quanto tenho soffrido; não chores, Josephina, dizia-me elle; não chores, tenho pouco a soffrer; é o que me consola. Ouço

Digitized by Google

que vem subindo a escada, é *ella*... Tenho a tua palavra Pires, e a tua tambem, Josephina; segredo.

Henrique corria para o piano, e punha-se a tocar vivamente; eu abria um album, ou um livro qualquer, e o sr. Martin encostava-se n'um sophá. Entrava M.me Levaillant, e sentava-se perto d'elle.

—Então que faz? lhe dizia ella.

—Estou ouvindo Henrique tocar, respondia o pobre homem.

—Gosta de piano? perguntava de novo.

—Gosto muito, bem sabe que sempre gostei de musica. A musica não faz soffrer, pelo contrario é tão agradavel...

Quando elle dizia estas palavras, as lagrimas vinham aos olhos de Henrique, e eu como mais fraca chorava.

Tinhamos a constancia de irmos todos os dias, fosse por que tempo fosse, a casa de M.me Levaillant; ahi havia um ente que soffria, e a quem a nossa presença e as nossas palavras consolavam; eis o motivo porque não faltavamos. Quem ama é caridoso.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Digitized by Google

INDICE

EXPLICAÇÃO SOBRE UMAS MEMORIAS. IV
INTRODUCÇÃO X

CAPITULO I. Meu pae—Minha mãe—A escrava — O meu nascimento — Meus manos e irmãs—Morte de minha mãe — Madrasta sem autorisação da egreja —Principia a apparecer minha tia—Tenho a sorte —Primeira viagem—Recordação de uma queda—Minha boneca afoga-se—Chegada a Lisboa—Meu tio o sr. Levaillant—Primeira entrevista com minha tia Clementina Levaillant—Substituição da minha boneca afogada—Decisão e resposta de Salomão —Immortal Malbrouck—Principio a ir ao theatro—Recordação do explendor dos brilhantes de minha tia. 1

CAP. II. S. Magestade a senhora D. Maria II — Tenho a grande honra que ella me chame sua patricia, e de me dar muitos beijos—Sem ceremonia deixo cair o licor sobre o vestido de S. Magestade — Famosa quinta de Camarate—N'um tanque meu primo e eu, tornamo-nos lavadeiras—Os saloios fazem respeitar o Santissimo Sacramento—Vejo Cintra, Mafra etc. etc. etc.—M.elle Isaure—Georgetta tem um conde por padrinho—Desapparecimento de meu tio—Apparecimento do sr. Alfredo Martin—Maria, Joanna, e S. Magestade Imperial Duqueza de Bragança—Sou rainha—Admiro Lucrecia Borgia, Roberto do Diabo etc. etc. etc.—Diademas que não podem ter dramaticos resultados—A rainha chora, mas dá beija-mão —A rainha, cantoras, e dançarinas, tudo chora — Principal Potencia—A rainha é qualificada diabo— —O sr. Martin toma a rainha nos seus braços — Terrivel *cabeça de burro*—Principio a ter resolução —Fujo á cabeça de burro—As francezas espantam-se—Resultados de ser rainha—Segunda viagem. . . 6

CAP III. Inglaterra—Calais—Paris—Meu tio J. L. Lassence—Minhas primas Noémie e Clémence e a sua institutrice M.elle Eugénie—Sou cantora—Entro para o *Sacré-Cœur de Conflans*—Carta de minha tia—As

Digitized by Google

religiosas e pensionistas gostam de mim—M.mes de Bremon, de Valois, e de Broin—Regulamentos do Sacré-Cœur—Uma cruz por causa de um tinteiro—Juramento por causa das memorias de M.me Lafarge—Solemnidade da minha primeira communhão—Confirmação recebida pelo arcebispo no Sacré-Cœur da rua de Varennes—Passeios—Trasladação das cinzas de Napoléon—A senhora Condessa—Mr. Joly—Apparece a fantasma—Em dia claro a fantasma ameaça—A superiora torna-se minha mãe, e não consente que eu saia. 14

CAP IV. Desejo fazer-me freira — Ciumes de minha prima—Os resultados d'esses ciumes fazem-nos entrar na instituição de M.me Morel — Premios ganhos n'esta instituição—Novo ataque de ciumes—Minha prima sae do convento—Acabo a minha educação—Tenho que deixar a França como uma ingrata. . . 30

CAP V. Havre de Grace—Bonito brigue Liberdade — Capitão Passos—Primeira tempestade no mar — Sr. Martin—Fatal mudança — Chamam-me princeza — Boa conselheira—Procissão do Senhor dos Passos—Primeiro amor platonico—Primeira carta de amor—Amor declarado n'um cemiterio, debaixo d'um cypreste—Irei, ou não irei para o Rio de Janeiro—Amigas que deixam de ter amizade quando teem caleche—Soffro por ver injustiças—Parto para o Rio de Janeiro 34

CAP VI. A linha—Festas ao sr. Neptuno—Chegada ao Rio de Janeiro—Meu pae—Alegria que todos me manifestaram—Sr. Botelho—Sr. senador***—Guinchos dos macacos—Vozes das escravas—Admiração que causam umas botinhas—Sou nomeada anjo tutelar—Minha irmã e meu cunhado—Resolvem que eu vá morar com elles 39

CAP. VII. Vou para S. Domingos—Chamam-me a romantica—A familia Constant—O almirante e os officiaes da fragata La Gloire—O almirante á similhança de meu tio agrada-se da minha voz—Resposta de creança á primeira proposta de casamento. . . . 41

CAP VIII. Meu cunhado decide os passeios a cavallo—Sr. Chi*** M*** sr. W***—Serios arrufos n'um baile—

Digitized by Google

D. Maria R*** S***—Familia Guido, embaixador de Bonoyarès—Pilarcita Guido—Segunda resposta de creança a segunda proposta de casamento..... 44

CAP. IX. Vou com a familia Guido para o campo—Divertimentos pastoris, e innocentes corôas—Verdadeira felicidade—*Chateaux en Espagne*—Volto para casa de minha irmã—Principio a ver nevoeiros—Minha mana chama-me romantica—Meu cunhado chama-me créole exaltada..... 48

CAP X. Uma filhinha de D. Maria R*** S*** tem a febre escarlatina—Provo a minha amizade—Meu cunhado louva-me; minha mana zanga-se—Sou enfermeira—Emilinha está salva!—No meio de uma walsa fico atacada—Daniel Guido—Dr. Fou...—Meu pae—Perigo de vida—Salvamento..... 50

CAP. XI. Partida de caça em que o sr. Chi*** M*** passa de dandy a pato—Das rizadas d'esse acontecimento, ganhei um par para todas as walsas—Das gargalhadas d'essa catastrophe, ganhei uma declaração—Conselhos de meu cunhado—A rua fica bem calçada—Impressão da palavra morrer, no meio de um baile—Uma rosa branca sim, uma violeta não—No Rio de Janeiro, a ultima vez que vou *dans le mond*—Meu ultimo passeio a cavallo no Rio..... 54

CAP. XII. Carlota—Sou rival de uma escrava—Uma carta n'um livro—Meu pae zeloso—Engulo uma carta—Uma carteira em perspectiva é a reconciliação—Vence-se mais pela doçura que pela autoridade. 57

CAP XIII. Casamento do imperador—Casa-se a princeza D. Januaria—Casamento por amor da princeza D. Francisca com o principe de Joinville—Espanto de um homem sair a pé—Espantam-se de um charuto—Espantam-se de umas calças sem prezilhas—Capitulo em que se diz que um homem pode ser principe e democrata—Vou ficar com D. Maria B***—Um marido comparado ás furias do tufão—Un peu de raisonnement—Illusões e desejos..... 59

CAP. XIV. Quando nasce cupido, as cartas desejam passar a expressões verbaes—Poeticas conversas ao luar—A's vezes os relampagos e a chuva obrigam a fechar a janella—Tenho cuidado na minha escrava—Um homem

Digitized by Google

com amor n'alma e honra ne coração—Meia palavra —Meu mano Carlos—Justa indisposição de meu pae— Dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales—M.me Carlota continua a ser boa mãe para meu irmão— Trabalho para uma reconciliação—Dote que é necessario a uma mulher de orgulho 63

CAP. XV. Cedo o meu quarto—As pedrinhas acordam o casal—O portador das violetas vae-se embora triste—As violetas estão repartidas—Confissão resultada d'essa repartição—Meu cunhado admira a energia—Minha mana chora—D. Maria abraça-me—Verdade sobre minha irmã—Um alfinete de peito—Sympathia fraternal por conveniencia—O portador das violetas apresentado por meu cunhado—Planos— Desejos de viagens—Despedidas—Ultima visita á familia Guido—Inuteis cartas de recommendação — Meu defeito dominante é um peccado mortal..... 67

CAP. XVI. Deixo outra vez a minha patria—*Que Dieu te conduise a ton bonheur*—Ao ver uma pallidez, foge-me a palavra; ao apertar uma mão fria estremeço—A medalha da minha primeira communhão é um penhor..... 71

CAP. XVII. Acostumo me aos baloiços—A familia Kingloffer—Uma ingleza formosissima—Contravento na altura de Cabo-Verde—Tempestade—Admiravel movimento dramatico que tem M.me Ramos—Mysterio —Bandeira bordada..... 72

CAP. XVIII. Chegada a Lisboa—Sr. Alfredo Martin— Promessas de amizade—Lagrimas de minha tia— Bondade paternal—Agradeço a minha tia—Annette —Fecho a minha alma—Toco piano, o sr. Martin toca rebeca—Comprehendemos mais do que tesouras e agulhas—Fazem de mim uma figurinha—Declaram-me que minha tia tem ciumes—E' uma difficuldade para mim admirar as bellezas e as caricaturas.... 74

CAP. XIX. D. Emilia Pereira da Costa é minha amiga —Scenas que me affligem sem as poder remediar— Minha alma afogada—Quero descobril-a a meu irmão —Esperança—Ter fé, e esperar—Minha posição está mudada—Dou as minhas corôas—Principio a ter philosophia—Quero ser freira—Viagem— Desastre

Digitized by Google

sem maus resultados—Minha resignação aborrece minha tia—Sr.ª O*** alma poetica—Uvas verdes, e a raposa sem vontade de as devorar..... 77

CAP. XX. Chegamos ao Havre—Uma senhora á procura de seu marido—Meu tio conserva rancor—Uma pensionista de S. Deniz, transformada em *petite maitresse*—Uma condessa rival de uma institutrice — Provo que a minha vontade pode mais que um passeio—Meu tio recusa-me uma licença—Intervenção de minha prima—Principio a desconfiar que não posso viver com minha familia—M.elle Octavie comparada a uma mosca..... 81

CAP. XXI. A *femme de chambre* de minhas primas—Vou abraçar as minhas queridas *Damas do Sacré-Cœur*—A superiora ainda é minha amiga—E' mais agradavel aos olhos de Deus uma boa mãe de familia, que uma freira—Confesso-me ao padre d'Abady —Fé e esperança—Fico tão satisfeita, como se me nomeassem rainha de França..... 85

CAP. XXII. A familia já está em casa—Botanica no meio da tempestade—Da tempestade surgem trovões e raios —A phantasma carrega a atmosphera —A *femme de chambre* não tem coragem de resistir á tempestade —Viajo n'um caracol—Minha coragem não resiste a um rato—A ordem tem mais força, do que o pedido—Suspiro por um fiacre—A porteira recebe-me nos seus braços, e as freiras levam-me á superiora —No horisonte escuro descubro o ceo azulado.... 88

CAP. XXIII. Promessa de minha tia á superiora—M.elle Louise*** é mais um anjo no ceo—M.elle Octavie é embaixatriz — Recebo a benção das religiosas e do meu confessor—Saio do Sacré-Cœur—Noémi espion —Clemence anjo—Despedida de minha familia—Havre de Grace—Mr. e M.me Vi.....y—Tempestade e naufragio visto de um rochedo—Capitão Passos—Embarcamos para Portugal—Uma infeliz—Uma exaltação qualificada de loucura..... 93

CAP. XXIV. Chegamos á barra—Doce manifestação de amizade—*Tenha paciencia!*—D. Emilia Pereira da Costa é sempre minha amiga—Annette—Tomo um logar vago—Esperamos Mr. Dupey***—Condessa de

Digitized by Google

L***—Sobrinha da baroneza da Ré***—Resultados do vestido de uma condessa—Minha tia quebra a promessa feita á superiora—Segunda coruja dos Mysterios de Paris—Sr. Martin quer que eu não tenha energia—Soffrer tudo.... humilhar-me não—Bom irmão—Cabelleireiros e barbeiros em afflicção—Papel queimado é quasi um remedio—Minha tia é a sentinella..... 98

CAP. XXV. O governador civil está informado—Justiça—Interrogação—Combate entre a religião e os laços do sangue—Eu accusada de envenenadora—Tiram-me de casa de minha tia—Familia Armand—Um casamento salva-me da coruja—Caro vestuario—Folhas caidas—Estou casada—Desespero—Entro na minha casa—Franca explicação—Aos quinze annos um cãosinho e uma boneca fazem esquecer tudo—Sr. Alfredo Martin pede-me perdão..... 106

CAP. XXVI. Deixamos Lisboa—Oito dias em Londres—Estamos em Paris—Minha sogra—De que nação serei eu?—Já não sou rainha, nem princeza, nem diabo, sou *un bijou*—O nariz retorcido, e o queixo arribitado de minha sogra, faz me lembrar a coruja—Meu sogro—Mr. Joly dá-me um conselho—Meu marido parte para a Austria—Mr. e M.me Rodin—M.elle Julia—Annos da irmã de minha sogra—Aos oito annos fugi de uma cabeça de burro, aos dez fujo de um phantasma, aos quinze quero fugir do desespero—O que eu vi quando cheguei á *Pont de Henri IV*—Meu sogro e seu cunhado á minha procura—Carta d'Austria..... 118

CAP. XXVII. Partimos—Passamos por Meaux, Chateau-Thierry, Châlons, Barle-Duc, Luneville, Strasbourg, Charlsruck, Stuttegard, Vienna—Meu sogro regressa a Paris—M.me Vilsk, primeiro conhecimento da Alemanha—Ao descer o Danubio o coração palpita—Pesth—Bellas mulheres—Conhecimento de Mr. e M.me Selly—Minha voz torna a entrar no capitulo—Pesth..... 126

CAP. XXVIII. Beckes—As abelhas—Comorn—Voltamos para Vienna—O Prater—Casa romantica—Os veados sabem agradecer—Prefiro os veados ao amigo

Digitized by Google

de meu marido—Uma romança vale-me uma declaração—Principia a apparecer M.me Qall—Um amigo que se despede de seu amigo—Pedem-me um souvenir—Illusões de um retrato—Converso com elle. 128
CAP. XXIX. Algumas palavras sobre a cidade de Vienna—Artilheria serve para um sino—Olmutz—Wenceslau III—Lafayette—Brunn serve de quartel a Napoleão—Palacio dos principes de Dietrichstein—Munich—Prague—A senhora bohemia—A lingua ingleza não me serve, a franceza prega-me a mesma peça—Dou as minhas mãos, e guardam-me a esquerda—Desmaio no meio da verdadeira prophecia—M.me Qall principia a ser minha mãe—O pé escorrega-me no gelo—Prague pittoresca—Palacio do conde Czernin—Tumulo de S. João Nepomuceno..... 134
CAP. XXX. Breslau—Primeiras e ultimas palavras asperas—Amo devéras Portugal—Grande resolução—Pequeno documento—Choro ao ver umas laranjas—Como condição, não—Egreja aonde abunda a prata—Egreja de Santa Isabel—Palacio de Schamborn—Bella praça—Oder—Minha alma vive—Kalitz e Plock insignificantes—M.me Qall é um livro—Ostroleka vingativa—Kolno..... 145
CAP. XXXI. Principio a aborrecer-me devéras—Johannisbourg, aonde entrei e que não vi—Em Quika principia a melancolia—Arys, insignificante—Schimouken—Sou tola—Rastenbourg e Augerbourg passam desapercebidas — Lago de Maner do qual não fallo—Gumbinnen—Tapiau—Em Konigsberg não vamos para o hotel—Admiro as magnificencias construidas pela ordem teutonica—Leiam este capitulo, que saberão por quem esta cidade foi fundada... 150
CAP. XXXII. Pillau e o golfo de Dantzick com suas aguas milagrosas—Brandenbourg a instruida—Bransberg a philosophica—Elbing—Marienbourg, e o seu fomoso castello—Dirchau patria de Reinald Forster—Receio de uma ponte de botes—Dantzick—Bella egreja de Santa Maria—Não fallo de Mewe—Marienwader—Grandeuz — Strasbourg—Bromberg a horrenda—Desenhamos—Posen—Custrin..... 152
CAP. XXXIII. O espirito continua na semsaboria—Não

Digitized by Google

quero ficar em Francfort---Berlin---Prefiro a rua de Leipzick á bella rua de Unter-den-Linden. 155
CAP. XXXIV. Tributo só reservado a Frederica, mas aonde digo mais algumas coisas. 156
CAP. XXXV. Revolta em Berlin. 170
CAP. XXXVI. Brandebourg---Potsdam---Ponte de ferro e o passeio Sans-Souci---Magdebourg---Brunswich no Hanover---Celebre Lola Montes---Hamelens — Dos meus sonhos faço um retrato---Holzminden com os seus moinhos---Lippstadt com seu convento fidalgo 173
CAP. XXXVII. Tumulos dos duques de Berg---Aix-la-Chapelle e algumas das suas curiosidades---Alegria da imperatriz Josephina Bonaparte --- O diabo de volta com os senadores---O diabo desesperado por causa de um lobo, deixa um signal—Objectos santos 177
CAP. XXXVIII. Em que apenas menciono Maestricht, Ruremond, Cleves, Nimeone, e Arnheim---M.me Virgine D*** e pequenas noções sobre o casamento---Amsterdam---Rutery, o glorioso rival de Du-Quesne---Rutery arrisca seu filho—Infelizes irmãos de Witt— Pequena mas justa censura de Luiz xiv—Algumas palavras sobre Amsterdam---Hoorn---Alkemar ---Haarlem---Leyden---La-Haye. 180
CAP. XXXIX. Gonda--- Uma idealista tornada prosaica---Cinco palavras do immortal Camões---Faço uma novena---Suspiro por Lisboa---Rotterdam---Utrecht ---Breda--- Anvers, sua cathedral, e o tumulo de Rubens---Bernadotte prega peça aos inglezes---Gand ---Arras---Amiens---Saint Denis e o convento da Legião de honra---Engano de M.elle Octavie. 186
CAP. XL. Torno a ver minha sogra---Firme resolução---Estou em Bruxellas---Tenho minha filha ---Esqueço-me da Georgetta---Faço o juramento que um dia as mascaras hãode cair---Ultima palavra sobre a phantasma ---Algumas palavras sobre Bruxellas --- Um tanque celebre --- O palacio dos principes de Orange — O palacio do rei — O parque comparado com as Tulherias—Algumas das macaquices do mundo—Casa da moeda — Largo rodeado de cafés—As demoiselles de comptoir —Passage de S.. Aubert— Alameda verde—Egreja de Santa Gudula comparada

Digitized by Google

com a do Loreto — Carta do sr. Alfredo Martin—Sr. João Lobo — Sr. conde de Azinhaga, irmão do illustre duque de Saldanha—Delicadeza d'este cavalheiro —Monsieur J. Van-Praet—Leopoldo, verdadeiro rei popular — Algumas palavras sobre as filhas de Thalia — Tornam a chamar-me um anjo—Para se acreditar o mal deve-se ser como S. Thomé—Pela morte de um pae perco uma amiga — Ultimo cuidado materno que recebo — Minha unica felicidade..... 193

CAP. XLI—Ostende—Douvres—Londres---Southampton --- Debaixo da opulencia, grande soffrimento ---Pobre Jenny---Um relogio em troca de uma cruz— Recebo a benção de um cego---Perda e embaraços— ---Dão um penhor --- Infanta—D. Anna de Jesus Maria e o nobre marquez de Loulé --- Uma das tres hespanholas é uma belleza---Oceano..... 209

CAP. XLII. Vejo Portugal --- Receios --- Cruel abandono --- Commandante --- Perspicacia de uma femme de chambre --- Segunda benção --- Aonde é o Chiado? --- Primeiro obsequio em Portugal --- M.me Levaillant --- Caixeiros em miniatura --- Um macaco pelo caracol --- Um padre no pulpito --- Uma pendula viva --- Uma escadinha --- Amavel convite --- Caricato pequeno exame — Uma boba — Quem me dá uma luz? Agostinha --- Uma valsa faz revoltar --- Malvina---Minha tia --- Um bom consul ---Arrombamento de um bahu---Creatura de marmore..... 214

CAP. XLIII. Hotel de Italia --- Oração a Deus --- Maria Brée---Bolos que renderam um marido---D. Emilia Pereira da Costa ainda é minha amiga --- Tenho dinheiro---Vou para minha casa---Respiro um pouco ---Sinto os primeiros movimentos de uma paixão --- O retrato dos meus sonhos de Vienna, referido no capitulo xxviii e feito em Hamelns no capitulo xxxvi, acho o original --- O sr. barão*** --- Minha boa Emilia---Felicidade h'uma carta --- O sonho apparece --- Amor!..... 224

CAP. XLIV. Um amigo de meu pae — Sr. Alfredo Martin —Abre! abre que é M.me Levaillant — Nova scena da coruja dos Mysterios de Paris—Nos seus braços!!! — Laços indissoluveis — Duettos — Tenho a

Digitized by Google

minha Mariquinhas — Procissão do Senhor dos Passos—Um lord em miniatura — Henrique — São Carlos — M.me Levaillant manda-me saudades—D. Julia —Sr. Eduardo — Cartas anonymas sem resultado — O jogo — A's dez horas chego a Cintra — Pequena reflexão — Encontro no hotel Victor —Sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca, (vulgo Monte-Christo.) 243

CAP. XLV. Passeios — Cavallo sem freio — Os saloios — Sr. Fonseca na quinta de Belem — Sr. Fonseca parte para Paris — Henrique parte para a ilha da Madeira — De quem será a carta? — Os catraeiros — Lazareto — E' elle!!! — Quero ser independente — Sr. Sousa — Morte da princeza Amelia de Bragança — Tenho novamente a amizade de minha tia — Sr. Augusto T*** — Minha criada Conceição, e o sr. Manuel B*** — Sr. Armand D.*** — As grisettes á caça do primo millionario — Sr. Joaquim Pires — Pobre sr. Alfredo Martin 268

Digitized by Google

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,.. ..... 22:000
Encadernada..... 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel..... 11:600
Encadernados..... 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... 200

M. M. B. DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol 4:320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2:880

LIMA LEITÃO

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... 800

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr..... 1:200

REBELLO DA SILVA

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr..... 960

A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... 480

Othello ou o Mouro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. 300

MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360

O Homem de Oiro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr..... 300

A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400

Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr..... 300

A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480

Canticos. 1 vol. 8.º fr..... 720

Alva Estrella, d. em 5 actos.... 300

F. SOARES FRANCO

Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 24 Sermões..... 960

ANTONIO DE SERPA

Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr..... 400

Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio... 6:750

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720

Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr..... 400

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr..... 600

Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.... 360

Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400

O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... 160

A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr..... 160

A. CEZAR DE LACERDA

Um Risco, c. em 2 actos..... 160

Scenas de familia, c. em 2 actos. 320

A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240

A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed..... 300

Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... 360

Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos..... 180

Trabalho e honra, c. em 3 actos 300

A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... 300

Digitized by Google

Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos..... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... 120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... 160
As joias de familia c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, 1 vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma Victima, d. original em 3 actos..... 160
Dôr e Amor, c. d. em 3 actos... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto..... 80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... 160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... 100

I. M. FEIJOO

Camões do Rocio, c. em 3 actos. 300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos..... 240
Pedro Cem, c. em 5 actos 300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... 300

E. BIESTER

Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... 480
A Redempção, c. d. em 3 actos. 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea..... 200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... 120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos..... 160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... 200

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras, c. d. em 3 actos. 300
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos..... 360
Os Dissipadores, c. em 4 actos.. 400
É melhor não experimentar, c. em 1 acto..... 200
Memorias do Coração..... 240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo..... 240
O Marido no Prégo, c. em um acto..... 160
Já não ha tolos!.. c. em um acto..... 80
Não desprese sem saber, c. em um acto..... 120
O Colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... 200
O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos..... 240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... 200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. 200
A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos..... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... 200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN

A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos..... 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza... 1:800

J. C. DOS SANTOS

O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... 240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... 200
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... 180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... 180
Uma chavena de chá, c. em um acto..... 120
Convido o coronel!!... c. em um acto..... 100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, 1 vol..... 360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... 160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto 100
Não envenenes tu, a mulher quiproquo em 1 acto..... 120
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto..... 100

Digitized by Google

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda= Les quatre fils Aymon..... 320
A Costureira, c. em um acto.... 100
Erros da Mocidade, c. em 3 actos. 160

MANUEL ODORICO MENDES

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.° fr. (com estampas lytographadas)..... 3:000

JULIO CESAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... 110
O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... 200
Como se descobrem... mazollas, c. em 1 acto..... 120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto 160
Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte, drama em 3 actos. 220
O Arrependimento salva, drama em um acto..... 100
Fernando, comedia-drama em 4 actos..... 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um Bico em Verso, scena comica..... 60
O Principe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... 100
Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... 80

JOSÉ BENTO D'ARAUJO ASSIS

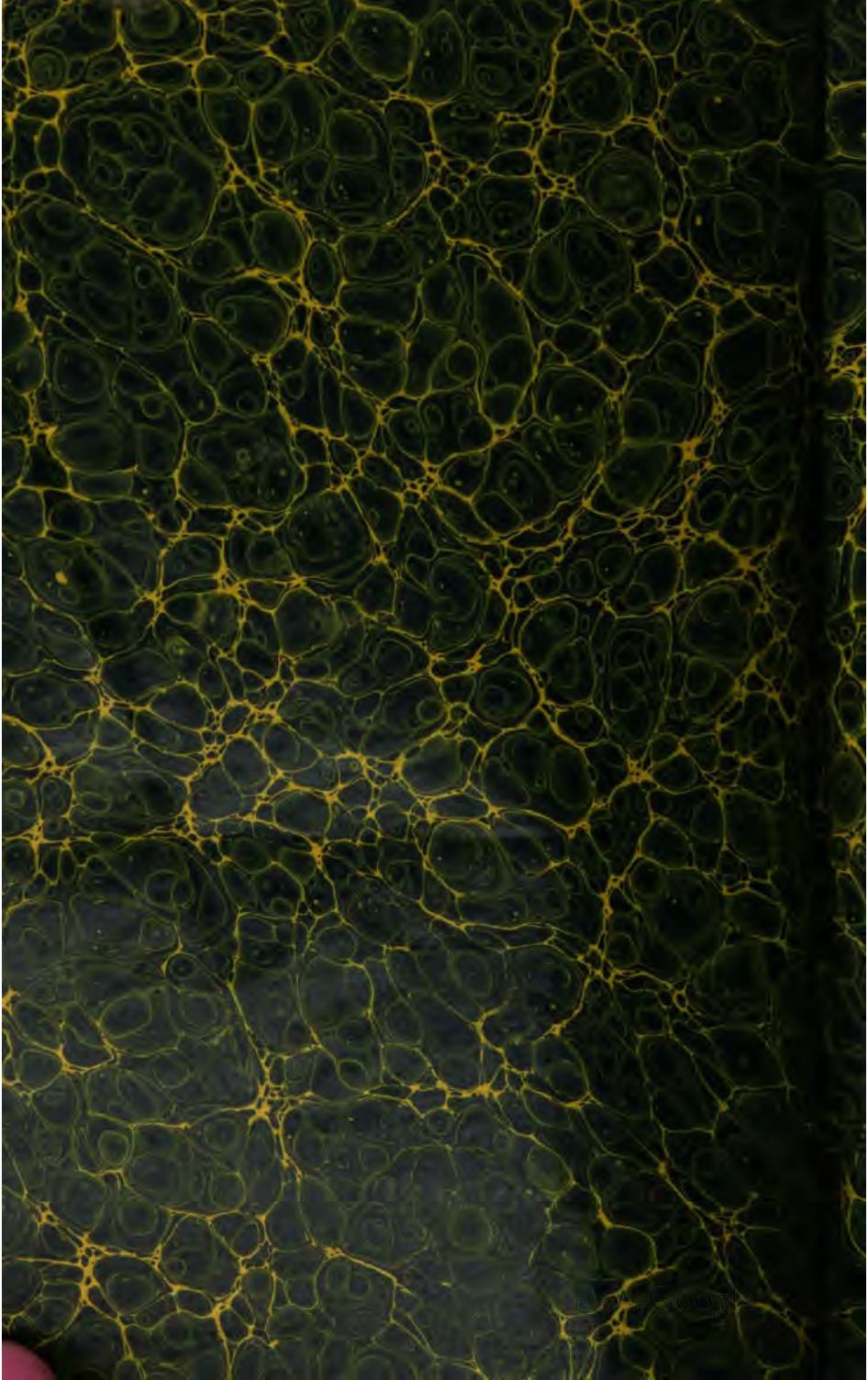
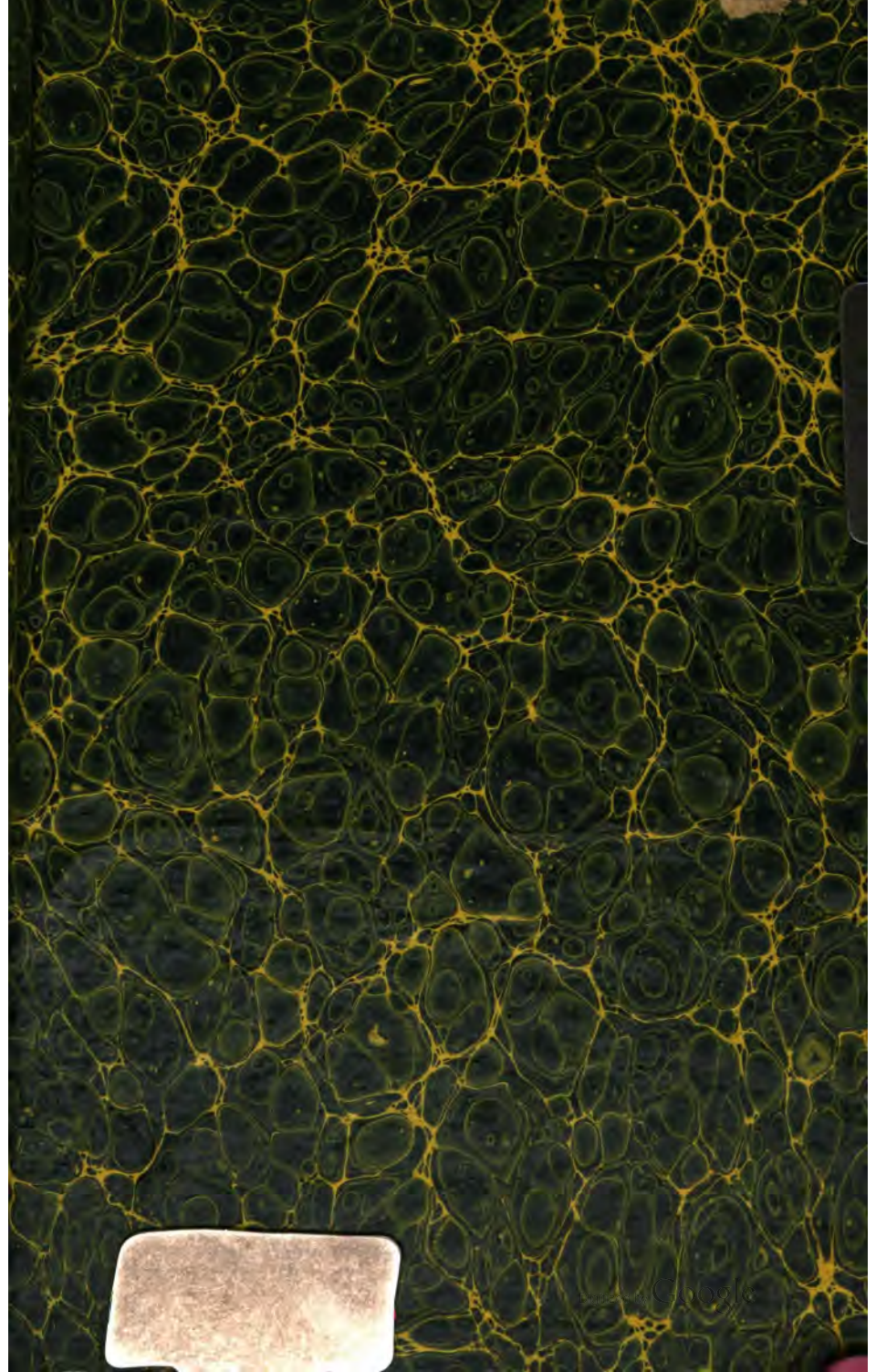
O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos..... 180
As duas paixões, c. em 1 acto.. 120

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed..... 720
Cirurgia e medicina 1 vol 360
Camões, o Jáo, scena dramatica. 100
Addições ao Manual do Tabellião..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas..... 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus..... 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio..... 80
O Mentor da mocidade..... 120
Ensaios poeticos..... 60
Um viagem á Inglaterra, Belgica e Franca..... 120
Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos..... 200
Amor e Amizade, c. em um acto. 80
O amor e o Dever, c. em 3 actos. 240
Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto..... 160
A Cruz, drama em 5 actos..... 320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos..... 300
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos..... 200
A Conversão d'um Ágiota, c. em 2 actos..... 160
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... 300
Graziella, drama em um acto.. 100
Os dois irmãos drama em 4 actos. 200
Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol 8.° fr..... 400
As Primaveras—Poesias por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol... 500
Brios Militares, c. d em 1 acto, por J. A. A. Machado..... 100
Origem, e ortographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Liaõ Nova ed. em 1864. 1vol.·· 500

NO PRELO

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em 2 actos.
Dois contos por dia, comedia em 3 actos.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefina Neuville.

Digitized by Google

Digitized by Google